UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ANA CAROLINA SANTOS PAIVA

Ativismo no Instagram: Como Mulheres Brasileiras Imigrantes constroem caminhos para resistência às violências diaspóricas

São Cristóvão - SE
Setembro de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ANA CAROLINA SANTOS PAIVA

Ativismo no Instagram: como Mulheres Brasileiras Imigrantes constroem caminhos para resistência às violências diaspóricas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda.
Orientadora: Profª. Drª. Renata Barreto Malta

São Cristóvão - SE
Setembro de 2023

AGRADECIMENTOS

Começo meus agradecimentos pelas pessoas que atravessaram a minha existência da forma mais potente e verdadeira. Dedico essa conquista aos meus avós paternos, Marcelina e José, e à minha avó materna, Eurides. A falta de vocês se faz presente todos os dias na minha vida, brilhem e olhem por mim aí de cima. Ao meu avô materno, Domingos, que carinhosamente chamo de Pai. Agradeço por todo amor, carinho e cuidado que o senhor tem comigo, pela preocupação e pelo interesse em saber sobre o meu curso, mesmo achando que eu seria apresentadora de TV.

Agradeço à minha família. Meus pais, Adriana e Joaquim, e meu irmão, Fellip. Pela compreensão, cuidado, paciência e apoio. Por diminuírem os obstáculos e permitirem que meu sonho se realizasse mesmo estando distante fisicamente de vocês.

À Janine. Acompanhamos o crescimento e as conquistas uma da outra desde sempre e compartilhar a minha vida com você é um dos maiores presentes que o universo me deu. Amiga, obrigada por ter estado comigo em todos os momentos, por ter sido a minha primeira referência de amizade e a minha parceira dos rolês (agora não tão mais) secretos de bike.

Aos presentes que a UFS me deu. Cecília, Jamille, Honnan e Lariane, obrigada por toda recepção e companheirismo, tenho muita sorte por ter vocês e agradeço sempre pelos nossos caminhos terem se cruzado. Erick, obrigada por ter aberto as portas da sua casa para me receber, dividir esse momento e um apartamento com você é bom demais. Mais do que amigos, *flatmates*. Em especial, agradeço a Igor e Bia, meus achadinhos baianos em Aracaju, por terem sido meu conforto e acalento longe de casa e por terem transformado essa jornada em uma das mais especiais da minha vida.

À minha amiga Giulia. Obrigada por ter sido toda ouvidos e coração para mim, sempre. Pelos nossos finais de semana sagrados que me ajudaram a aliviar toda a preocupação, medo e ansiedade com esse projeto. Por ter acompanhado minha trajetória desde antes da graduação até agora, no encerramento dela. Os 2.589,7km que nos separam não diminuem a nossa conexão de almas.

Meu grande agradecimento às produtoras de conteúdo entrevistadas que mesmo com toda a dificuldade de agenda e fuso horário toparam colaborar com essa pesquisa. O trabalho de vocês me emociona e me inspira. Admiro cada uma por transformarem, dentro de cada realidade, o caminho de outras brasileiras que deixam o país em busca de uma vida melhor no exterior.

Não posso deixar de agradecer à Universidade Federal de Sergipe, o lugar que me permitiu viver e realizar um dos meus maiores sonhos com um ensino público e de qualidade. Aos meus professores da graduação, por terem deixado um pedacinho de cada um na minha formação acadêmica e profissional. Agradeço especialmente à minha orientadora Renata Malta. Prof, obrigada por ter acreditado tanto no potencial do meu trabalho e ter colaborado de forma esplêndida para o desenvolvimento dele. Por ter guiado, com suas vivências pessoais, comentários e contribuições certeiras, o caminho que ainda parecia confuso para mim. Te

admiro como mulher e como profissional e tenho a certeza de que não poderia ter escolhido uma orientadora melhor.

Finalizo agradecendo à Carol de 14, 17 e 23 anos. À primeira, por se permitir apreciar o mundo com um olhar ingênuo e sonhador. À segunda por ter confiado e insistido nos seus desejos e planos. E na última eu só dou um tapinha nas costas e um abraço apertado. Nós conseguimos.

RESUMO

A presente monografia objetivou refletir acerca do caráter de ativismo digital que se desenhou no Instagram por alguns perfis nos últimos anos, e de que maneira a produção de conteúdo nessa plataforma ajuda a construir uma rede segura para mulheres brasileiras imigrantes. Propomo-nos a compreender os caminhos utilizados pelas criadoras de conteúdo em suas páginas como forma de jogar luz às problemáticas diaspóricas, como racismo, xenofobia e sexismo vivenciados por elas e pelas suas seguidoras. Para atingir esse objetivo, optamos por realizar entrevistas em profundidade semi-estruturadas com oito mulheres brasileiras imigrantes, residentes em países desenvolvidos da Europa, América do Norte e Oceania, administradoras de perfis no Instagram voltados a essa problemática. Toda a pesquisa é embasada pela perspectiva dos Estudos Culturais, que nos ajuda a compreender como as diferenças culturais, a expressão da xenofobia, sexismo e racismo, derivados do processo histórico de colonização, impactam na forma como essas mulheres experienciam suas relações sociais fora do Brasil e constroem sua identidade diaspórica. Os resultados obtidos com as entrevistas nos revelam que o Instagram se estabelece como um ambiente oportuno para a explanação de situações de violência e o debate sobre as mesmas devido ao potencial de alcance e capacidade para "estourar a bolha", expandindo os diálogos para fora das redes sociais. Dessa maneira, as criadoras conseguem construir uma rede nichada e segura, promovendo o apoio de suas compatriotas que residem no exterior e resistindo de forma combativa ao estereótipo associado à imagem da mulher brasileira imigrante.

Palavras-chave: Mulheres Brasileiras Imigrantes; Estudos Culturais; Instagram; Entrevista em Profundidade.

ABSTRACT

The present study aimed to discuss the digital activism outlined on Instagram in recent years, and how this characteristic contributes to build a safe network for Brazilian immigrant women on the platform. We propose to understand the paths used by content creators on their pages as a way to shed light on the issues of racism, xenophobia, and sexism experienced by them and their followers. To achieve this goal, we chose to conduct in-depth semi-structured interviews with eight Brazilian immigrant women residing in developed countries in Europe, North America, and Oceania, who manage Instagram profiles focused on these issues. The entire research is grounded in the perspective of Cultural Studies, which leads us to understand how cultural differences, the expression of xenophobia, sexism, and racism, stemming from the historical process of colonization, impact how these women experience their social relationships outside of Brazil and construct their diasporic identity. The results obtained from the interviews reveal that Instagram means an opportune environment for the exposition of different forms of violence and the debate surrounding them due to its potential range and capacity to "burst the bubble", expanding dialogues beyond social media. Therefore, creators are able to build a niched and secure network, promoting support for their fellow countrywomen living abroad and actively resisting the stereotypes associated with the image of Brazilian immigrant women.

Keywords: Brazilian Immigrant Women; Cultural Studies; Network; Instagram; In-depth interview.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Guias da Embratur de 1977 e 1978 com fotos de mulheres na praia. 16
Figura 2- Notícia sobre documentação portuguesa para imigrantes brasileiros..... 40
Figura 3- Relato de uma seguidora de uma das páginas analisadas..... 41
Figura 4- Troca de experiências dos seguidores em uma das publicações 41
Figura 5- Material de divulgação da Embratur de 1988 47
Figura 6- Material de divulgação da Embratur de 1983 48
Figura 7- Material de divulgação da Embratur como convite para a praia de Copacabana..... 48
Figura 8- Campanha de marketing realizada pelo estado da Paraíba..... 50
Figura 9- Campanha de marketing realizada pelo estado do Maranhão 50
Figura 10- Campanha de marketing realizada pelo estado de Pernambuco..... 51
Figura 11- Publicação sobre mães que vivem em relacionamentos abusivos..... 70
Figura 12- Destaques da página BRAVE no Instagram..... 74
Figura 13- Guias da página BRAVE no Instagram..... 75

Gráfico 1- Principais dificuldades elencadas pelas respondentes 84
Gráfico 2- Pontos positivos de administrar as páginas 86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Categorias temáticas da dimensão Perfil da respondente 27
Tabela 2- Categorias temáticas da dimensão Vivência migratória 28
Tabela 3- Categorias temáticas da dimensão Produção de conteúdo 29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10
1.1. Sobre a imigração feminina 11
1.2. Sobre as TICs 18
1.3. Objeto e objetivo do projeto 20
2. METODOLOGIA 22
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO 32
1) Diferenças culturais e xenofobia 33
2) Expressões do sexismo para mulheres brasileiras 45
3) Inseguranças e silenciamentos 54
4) Relações afetivas 64
5) O Instagram enquanto rede de apoio 71
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 88
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 91
APÊNDICES 96
APÊNDICE A - CONVITE PARA ENTREVISTA 96
APÊNDICE B - OFÍCIO PARA ENTREVISTA 97
APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1 98
APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2 107
APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 3 123
APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 4 135
APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 5 143
APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 6 157
APÊNDICE I - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 7 171
APÊNDICE J - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 8 186
APÊNDICE K - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ E IMAGEM 199

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre imigração feminina significa entrar em um universo particular e pouco explorado, principalmente pelo campo comunicacional. Através da formação de uma rede para o compartilhamento de objetivos, medos, dificuldades e sonhos em comum, essas mulheres se conectam, independentemente da distância, e encontram umas nas outras o suporte necessário para seguirem a caminhada.

Antes de se tornar um objeto de estudo, o interesse por conteúdos de viagens era um passatempo, que posteriormente se transformou em uma forma de conhecer novos lugares sem necessariamente existir o deslocamento físico, devido às inúmeras dificuldades intrínsecas ao ato de viajar propriamente dito. Novas culturas, idiomas e estilos de vida se apresentavam a cada conteúdo consumido, e, à medida que adquiria uma visão mais crítica, esse *hobby* ganhou caráter científico. Ver mulheres brasileiras compartilhando suas histórias e experiências no exterior através de suas redes sociais foi uma oportunidade para olhar de forma mais atenta para esse fenômeno e estudá-lo profundamente, buscando entender as particularidades desse grupo e de que maneira elas se manifestavam. Afinal, debater a migração, e especialmente a migração feminina no âmbito digital, é entender características da sociedade e a maneira como ela se transforma em um mundo globalizado e repleto de desafios impostos de forma particular às mulheres que atravessam determinadas fronteiras geográficas e culturais.

Assim, debruçamo-nos em compreender ao menos parte do fenômeno que se apresenta nas redes sociais de perfis voltados à divulgação, compartilhamento e conexão (online com possíveis desdobramentos offline) de mulheres imigrantes brasileiras vivendo em outros países do mundo, especialmente aqueles considerados desenvolvidos. Para tanto, buscamos um aprofundamento teórico em pesquisas e publicações acadêmicas de autores e autoras que discutem a imigração feminina, dando especial atenção às mulheres brasileiras e como esse fenômeno se relaciona com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) numa era onde grande parte das pessoas estão conectadas em redes. Para a trajetória empírica, optamos por entrevistas em profundidade com administradoras de perfis no Instagram que discutem a imigração das mulheres brasileiras, seja através do compartilhamento de relatos e denúncias, construção de um grupo de apoio ou divulgando iniciativas direcionadas para esse público.

De forma introdutória, para discutir a imigração baseamo-nos nos estudos de Oliveira *et al.* (2017), Oliveira *et al.* (2020), Lamartine e Silva (2012), Novaes e Rossi (2018), Dias e

Ramos (2019), Sales (2006), Saraiva (2013), Escudero (2016), e Da Silva (2021). Lamartine e Silva (2012), Novaes e Rossi (2018), Oliveira *et al*. (2017) e Escudero (2016) retomam, juntamente com Silva e Moraes (2021) e De Sousa (2007), para discutirem a problemática considerando as características singulares da imigração feminina. A diferenciação de tratamento e diferentes faces da violência permeada pelo colonialismo são trabalhados por Hall (2003), Malta e Gordillo (2021), Beserra (2007), França e Oliveira (2021) e Do Carmo e Rodrigues (2021).

No que diz respeito à imigração feminina, os trabalhos mencionados levantam pontos muito importantes para a discussão, principalmente sobre as particularidades enfrentadas pelas mulheres que diferem da experiência masculina. A solidão da mulher brasileira, a falta de uma rede de apoio, a síndrome da impostora, o sentimento de incapacidade devido à dependência de um provedor (em geral um companheiro), no entanto, foram tópicos pouco trabalhados nos estudos mapeados e que serão cruciais para o entendimento da necessidade do Instagram como rede de apoio e, portanto, serão pauta de discussão neste trabalho.

Mais além, para discorrer sobre a relevância das redes sociais e seu impacto na divulgação de conteúdos relacionados à imigração de mulheres brasileiras e a criação de uma rede de apoio, foram consideradas as ideias de Oliveira, Neto e Lima (2018), Manuel Castells (1999), Lévy (2010), Lamartine e Silva (2022), Padilla e Gomes (2016), Silva e Moraes (2021), Oliveira *et al.* (2020), Fontenele *et al.* (2021), Silva e Moraes (2021), Escudero (2016), Rodrigues, Gadenz e De La Rue (2014), Langner, Zuliani e Mendonça (2015) e Oliveira, Silva e Silveira (2020).

Os conteúdos resultantes das entrevistas foram categorizados de modo a facilitar a leitura dos resultados de acordo com cada bloco de conteúdo delimitado. Essas categorias foram analisadas com o auxílio dos estudos levantados na pesquisa bibliográfica, buscando estabelecer uma relação da imigração de mulheres brasileiras e do papel do Instagram enquanto uma rede de apoio para elas, com o objetivo de entender também as narrativas ali presentes e seus potenciais impactos sociais.

1.1. Sobre a imigração feminina

A história é marcada pelo desenvolvimento dos fluxos migratórios. Os povos se moviam através dos processos de dominação e das explorações e colonização de terras ao redor do globo. Sendo assim, o processo migratório pode ser apreendido como um fenômeno global

e multidimensional (Oliveira *et al.*, 2017). Sendo um movimento diaspórico, ou seja, caracterizado pelo deslocamento da terra de origem para um novo país ou continente (Cancian, 2007), a migração frequentemente denota a sensação de "não estar em casa", nem mesmo quando existe o retorno para o que antes era chamado de lar. Esse fenômeno é descrito por Ian Chambers:

> Não podemos jamais ir para casa, voltar a cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e "autenticidade", pois há sempre algo no meio [*between*]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem (Chambers *apud* Hall, 2003, p. 27).

É impossível falar de diáspora sem fazer menção a um dos maiores nomes dos Estudos Culturais, Stuart Hall. O autor jamaicano viveu longos anos de sua vida na Inglaterra e em sua principal obra, "Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais", buscou entender de que maneira a experiência da diáspora afetava a identidade cultural caribenha, partindo de sua própria vivência como pesquisador orgânico.

Independente do motivo pelo qual o indivíduo decide deixar o seu país, sua cultura é mantida viva através das tradições, língua, religião e modos de ver e pensar o mundo. De acordo com Hall (2003), isso se dá porque a identidade cultural nos é atribuída desde o nosso nascimento. O autor afirma que ela "é impermeável a algo tão "mundano", secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência" (Hall, 2003, p. 28). Como tradição, o autor não parte de um olhar estático, imutável e intocável de hábitos e expressões culturais, mas de um constante releitura e ressignificação de suas práticas.

De modo a compreender as desigualdades que permeiam as relações de interculturalidade das migrantes, é pertinente considerarmos as marcas deixadas pelo colonialismo (Malta; Gordillo, 2021), especialmente quando essas relações são estabelecidas entre países colonizados e colonizadores. Os estereótipos atribuídos aos povos latinos são advindos das nações da Europa ocidental, dos Estados Unidos e do Canadá, que historicamente detêm os atributos necessários para categorizar todo o globo de acordo com os seus próprios ideais de certo/errado, bom/ruim. A exotização revela uma face que para os povos colonizados sempre foi muito clara: ela funciona "como uma manobra do colonizador para manter o colonizado no seu lugar" (Beserra, 2007, p. 327), ou seja, uma representação que favorece e legitima a dominação. Não podemos nos esquecer que se hoje estamos alcançando a modernidade, foi por conta de uma longa disputa contra a dependência colonial (Hall, 2003).

A imagem de uma Europa branca, detentora de todo conhecimento, poder, ciência e religião é transmitida desde que nossas terras foram encontradas e, portanto, não há dúvidas que a questão histórica desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da identidade cultural dos povos latinos, principalmente porque, como afirma Hall (2003), "nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas" (Hall, 2003, p. 30). É necessário lembrar que o apagamento da história construída no nosso país através dos povos originários foi pautado pela violência dos portugueses que aqui chegaram por meio de uma miscigenação forçada e da imposição de novos costumes.

Com o avanço da globalização dos processos de produção, facilidade para a circulação de bens materiais e aprimoramento das Tecnologias da Informação e Comunicação, esses movimentos foram se ampliando (Mazza, 2015 *apud* Oliveira *et al.*, 2020) e presentemente difundem-se adquirindo novas facetas e complexidades devido à diversificação dos perfis dos imigrantes, destinos e significância de caráter demográfico, econômico, cultural e social nos países de saída e de chegada (Dias; Ramos 2019).

A adaptação aos novos códigos culturais, materiais e legais são comumente identificados como grandes barreiras para a adaptação das minorias étnicas que buscam por uma melhor qualidade de vida em um novo país (Oliveira *et al.*, 2017). A dificuldade com a adaptação está atrelada à vontade de manter intacto o saber cultural do indivíduo e com o medo de perder o sentido de si e promover o que Hall (2006) chama de "descentração dos indivíduos". De acordo com Giddens (1990), isso acontece porque:

> Nas culturas tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1990, p. 37, *apud* Saraiva, 2013, p. 26).

Tendo em vista que novos países podem apresentar um cenário sociocultural por vezes completamente diferente do seu, são necessários sacrifícios e uma flexibilidade considerável para adequar-se à nova realidade (Oliveira *et al*., 2020). No contexto da diáspora, a cultura nunca é fixa, ela está em constante transformação e se move junto aos imigrantes que chegam em um novo país agregando suas bagagens históricas e políticas nesse hibridismo cultural:

> (...) É importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas

> novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o "lugar" (Hall, 2003, p. 36).

Considerando que todas as culturas existem através das relações de trocas entre indivíduos, apesar dos esforços dos migrantes de primeira geração em preservar seu capital cultural intacto, buscando recursos para não serem afetados pelo meio em que estão inseridos (Saraiva, 2013), o convívio social acontece através de "um processo de integração que ocorre na forma de uma negociação, em via de mão dupla, com trocas culturais intensas" (Carreira, 2012 *apud* Saraiva, 2013, p. 29). Portanto, a identidade do colonizador e do colonizado são construídas mutuamente por meio de códigos e significados em contínua transmutação (Cancian, 2007), ainda que nesse movimento as forças para a manutenção da cultura hegemônica se sobressaiam.

Ao decidir buscar algo melhor fora do seu país de origem, os imigrantes se deparam com a necessidade de se reinventar de maneira a ter um suporte para a sua vida de expatriado. Os brasileiros que vivem longe de casa vêm, ao longo do tempo, construindo uma imagem de povo trabalhador, por vezes assumindo posições em trabalhos julgados como "subempregos" pela população local, como garçons/garçonetes, diaristas, motoristas de aplicativos e profissões similares. Para além do retorno financeiro necessário, essa é também uma estratégia para solidificar seus vínculos e buscar reconhecimento na sociedade de acolhida (Sales, 2006).

No entanto, apesar dessa procura por melhores condições de vida, os imigrantes estão suscetíveis também ao lado negativo da exposição e vulnerabilidade que se encontram logo após a sua chegada, apenas por serem estrangeiros. Algumas vezes essa falta de proteção é agravada pelos diferentes tipos de preconceitos que constrangem, discriminam e violentam esses indivíduos, sobretudo quando elaboramos uma visão acerca da diferença de tratamento considerando o recorte de gênero (Lamartine; Silva, 2022).

Enquanto processo social, a migração, segundo Campos (2015, p. 284):

> Ocorre sob forte influência do sistema de gênero. As relações de gênero determinam a posição das pessoas na família, nos processos decisórios e, por isso, as oportunidades disponíveis e os constrangimentos que mulheres e homens devem considerar em suas migrações (Campos, 2015, p. 284 *apud* Oliveira *et al.*, 2020, p. 29).

Não faz muito tempo que o processo migratório feminino começou a ser percebido e explorado no universo da pesquisa científica. No Brasil, o primeiro estudo com relatos de mulheres viajantes foi desenvolvido em 2015 (Silva; Moraes, 2021). Um dos motivos para isso

ter acontecido é que por muito tempo foi levantado e sustentado através do senso comum que a migração feminina acontece em conformidade da masculina. Por ser um campo em ascensão, existem, ainda, inúmeras pendências teóricas a serem resolvidas.

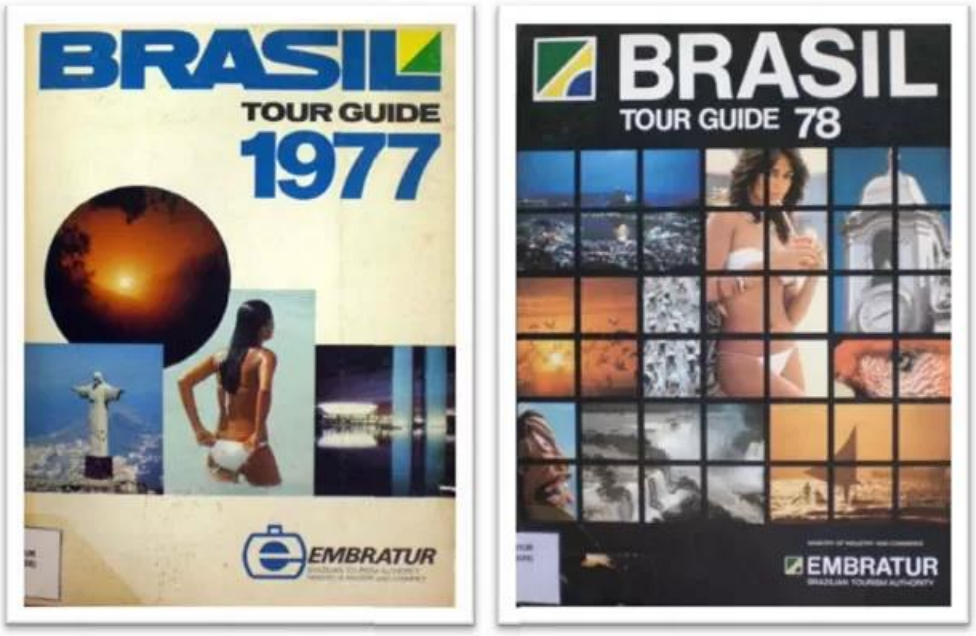
Contudo, têm crescido cada vez mais o número de mulheres que imigram sozinhas, buscando seus próprios interesses, seja de trabalho, estudo ou apenas estilo de vida. Muitas delas desempenham um papel protagonista na decisão de serem expatriadas em países mais igualitários em termos de gênero (De Sousa, 2007), buscando sua independência e liberdade pessoal e econômica. Esse processo é denominado, por muitos pesquisadores da área, como feminização da imigração.

Os estudos de gênero surgem para dar luz ao papel da mulher, não só na decisão de migrar, mas, também, na decisão de permanecer no país de acolhida e, consequentemente, nas formas de inserção econômica e nas suas particularidades enquanto mulheres plurais, visto que cada uma provém de lugares diferentes, com distintos cenários sociais, financeiros, culturais, educacionais, profissionais e raciais que precisam ser levados em consideração ao estudar um grupo tão amplo. Enquanto protagonistas do seu processo de imigração, essas mulheres reforçam a emancipação feminina alcançada ao longo das últimas décadas, podendo ser reflexo da imigração enquanto instrumento de empoderamento.

A vida das imigrantes é marcada pelo rompimento das lógicas tradicionais de compreensão e pela definição de barreiras identitárias. O cruzamento de fronteiras, geográficas e sociais, resulta em uma construção discursiva que compacta a sua subjetividade em um estereótipo (Novaes; Rossi, 2018). Como apontado, essas construções de identidade de um povo implicam na generalização das imagens atribuídas e não contemplam a singularidade de cada indivíduo. Quando associamos os estereótipos à imagem da mulher, nos deparamos com barreiras conjunturais que as restringem em suas oportunidades e vivências no novo país (Oliveira *et al.*, 2017).

Sobretudo com as mulheres latinas, com especial atenção à mulher brasileira, é possível percebermos o teor sexualizado que é direcionado à sua imagem. Essa figura foi reforçada pelo próprio governo brasileiro durante as décadas de 1960 a 1980, através de campanhas publicitárias turísticas que colocavam a mulher brasileira como um "atrativo" (figura 1), limitando-as a um lugar de objetificação e disponibilidade sexual para os homens estrangeiros. Essa imagem erotizada foi espalhada pelo mundo afora, o que gerou uma associação da mulher brasileira ao mercado da prostituição.

Figura 1- Guias da Embratur de 1977 e 1978 com fotos de mulheres na praia.



Fonte: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>. Acesso em 25/04/23

A ideia da mulher enquanto um ser inferior, que possui um corpo público e disponível para os homens não foi construída especificamente para ser vendida para países estrangeiros. Essa é uma concepção que é impelida socialmente, quase que de forma intrínseca à vivência feminina. Novaes e Rossi (2018) apontam que:

> Alguns destes jugos são (re)inventados no país que as acolhe, apenas em outro molde, uma vez que no Brasil este é o modelo que elas se apropriam em diferentes espaços: midiáticos, educacionais, sociais, culturais, políticos e econômicos (Novaes; Rossi, 2018, n.p).

Após os anos 80, o feminismo, ou parte dele, que era majoritariamente eurocentrista e norte-americano, apoiou-se no movimento pós-colonialista, responsável por gerar resultados teóricos e práticos para as mulheres sob o impacto do colonialismo, tanto do passado quanto do presente, e incitou o debate sobre as ideias dominantes da representação feminina, onde a linguagem se apresenta como uma poderosa ferramenta de dominação dos povos oprimidos (Malta; Gordillo, 2021).

O colonialismo associou os corpos dos povos colonizados a uma identidade racial composta por atributos hipersexualizados e considerados discrepantes dos corpos brancos. Por conta disso, e da imagem vendida para o exterior, os corpos das mulheres brasileiras vêm sendo relacionados como corpos exóticos, públicos e de domínio a outrem e, a estes, foram criadas

categorizações de excesso (sensualidade, sexualidade) e ausência (disciplina, autocontrole) (Fanon 2008 *apud* França; Oliveira, 2021).

No entanto, é importante ressaltar que apesar do constructo social da imagem da mulher brasileira para o estrangeiro, questões que delimitam identidade, como raça, etnicidade e sexualidade denotam diferentes camadas de opressão. Por conta da lógica escravista, as mulheres racializadas são as maiores vítimas da hipersexualização e a representação de seus corpos como produtos sexuais permaneceram até o pós-abolição (Oliveira, 2016 *apud* Do Carmo; Rodrigues, 2021).

Em países não-latinos, com um maior destaque para os Estados Unidos, pessoas brasileiras são lidas como latinas em uma perspectiva generalista, mesmo que hoje em dia em nosso país ainda exista a dificuldade de nos associarmos socioculturalmente aos nossos vizinhos, principalmente por conta do idioma nativo, agregando todo o estereótipo negativo atrelado à imagem da pessoa latina imigrante. Enquanto mulheres latinas e racializadas, o problema se intensifica por conta dessa hipersexualização que "posiciona o colonizador e as colonizadas em esferas de disputa e relações de poder" (Malta; Gordillo, 2021, p. 10):

> Os perigos que enfrentamos como mulheres de cor não são os mesmos que os das mulheres brancas, embora tenhamos muito em comum. Não temos muito a perder, nunca tivemos privilégios. Eu gostaria de chamar os perigos de "obstáculos", mas isso seria mentira. Não podemos transcender os perigos, não podemos superá-los. Devemos passar por isso e não esperar uma repetição (Anzaldúa, 2000, p. 229 *apud* Malta; Gordillo, 2021, p. 8, tradução própria).

Assim, a interseccionalidade surge para tecer uma relação na maneira como as demandas de gênero são conciliadas com outras questões minoritárias e como elas interferem no cotidiano das imigrantes brasileiras.

Comumente, logo na chegada em um novo país, o imigrante busca por aspectos conhecidos à sua própria cultura, algo que estimule a sensação de pertencimento, identificação, segurança e até mesmo familiar para amenizar as dificuldades do processo de deslocamento. Essas características geralmente são encontradas em outros expatriados, principalmente advindos de sua terra natal, que compartilham a mesma sensação de solidão, confusão, e dificuldades inerentes ao processo migratório.

Esse sentimento de fraternidade gera laços e conexões que dificilmente seriam estabelecidos caso essas pessoas estivessem no seu país de origem, levando em conta que esses

indivíduos dificilmente teriam se encontrado fora desse contexto. Em vista disso, por mais que não exista uma afinidade social/cultural, a nacionalidade é o fator de aproximação entre eles. Falar a mesma língua e ser entendido em sua plenitude ao compartilhar suas dificuldades no novo país se torna algo extremamente valioso. É nesse contexto que surgem as comunidades de acolhida. Com os afastamentos, ao menos físicos, dos vínculos familiares, afetivos, linguísticos e simbólicos do ser (Oliveira *et al*., 2020), a condição imigrante permite o reconhecimento no outro daquilo que se busca e as trocas recíprocas se sobrepõem às diferenças (Escudero, 2016).

O avanço internacional do ativismo digital feminista, desde o surgimento do movimento #niunamenos, em 2015, e #metoo, em 2017, foi o estopim para que as mulheres brasileiras começassem a se manifestar e denunciar as suas experiências de discriminação e preconceito vivenciadas no exterior. O papel desempenhado pelas redes sociais para amplificar esses discursos foi substancialmente importante para o surgimento de uma intervenção feminista digital e, consequentemente, a construção de redes sociais migratórias considerando a ideia de identidade nacional (Escudero, 2016).

1.2. Sobre as TICs

Com a necessidade de estreitar relações, novos processos virtuais emergiram para facilitar as trocas de informações, influenciando a maneira como os indivíduos e os coletivos se comportam (Oliveira; Neto; Lima, 2018). Manuel Castells (1999), no início deste milênio, fez uma relação entre as Tecnologias da Informação e Comunicação com a construção de uma sociedade em rede, que se estabeleceu como uma nova forma de organização social buscando a diminuição das barreiras geográficas entre os sujeitos.

Esse ambiente virtual dialoga com a nova forma de construir a cultura é definida por Lévy (1999) como “ciberespaço”:

> O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Lévy, 1999, p. 17 *apud* Simões, 2009, n.p).

O surgimento do ciberespaço permitiu que as comunidades em rede fossem criadas a partir da identificação e do reconhecimento de um ponto em comum para diversas minorias, como as mulheres imigrantes, e dessa forma seus discursos, relatos e denúncias fossem acessados pelo maior número de pessoas possível. Os debates também encontraram espaço para serem desenvolvidos, facilitando a troca de opiniões e até mesmo propiciando a desestabilização de discursos previamente instituídos.

Movimentos e coletivos eclodiram, e as lutas feministas, com seu caráter plural e interseccional, foram tomando forma e se expandido ao longo dos anos, conferindo um caráter de ciberativismo, aquele que ocorre através da mediação das mídias digitais e que surge quase de forma automática atrelado à cibercultura (Lévy, 2010). Essa mudança na forma de se comunicar e protestar por pautas sociais permitiu uma comunicação mais horizontalizada, onde as partes envolvidas exercem o papel de interlocutores protagonistas na narrativa, além da pluralidade dos sujeitos envolvidos, de forma que a construção da realidade se dá através de manifestações pautadas em diferentes pilares.

O ativismo digital surge como alternativa às limitações comunicacionais encontradas pelos meios de comunicação de massa tradicionais, de modo que outros tipos de informações e olhares sobre a sociedade circulem, e, consequentemente, estimulem as mobilizações digitais a ultrapassar o ciberespaço, reconfigurando a maneira como esses movimentos sociais se relacionam entre si e entre com a comunidade (Rodrigues; Gadenz; De La Rue, 2014). Essa relação é retroalimentada, uma vez que ao explodir a bolha da comunicação de massa tradicional e jogar luz a debates pouco abordados, a rede virtual ganha força fora desse ambiente e tem a capacidade de interferir em manifestações públicas e políticas (Lamartine; Silva, 2022) também produzindo pautas para os meios tradicionais de comunicação (Padilla; Gomes, 2016). Nesse sentido, o ciberespaço se torna uma extensão da realidade, potencializando os diálogos e pautas culturais da esfera pública (Langner; Zuliani; Mendonça, 2015).

Comunicar e formar um grupo convergem no mesmo ato de troca, compartilhamento, cooperação, contribuição, aproximação e criação de vínculos. Uma comunidade é, portanto, o lócus (físico ou imaginário) onde os códigos comuns ao grupo são construídos, decodificados, veiculados e divididos. Esse é o objetivo de uma comunidade: se sentir pertencente a algo e encontrar pessoas que viveram algo semelhante e identificar que a experiência de um membro pode não ser algo isolado (Oliveira; Neto; Lima, 2018).

A função das tecnologias no processo de socialização se torna fundamental na construção de um senso de fraternidade brasileira, por meio do Instagram, para mulheres que estão migrando para diferentes países do globo. Dessa forma, embora haja um afastamento físico da cultura de origem, a plataforma facilita a criação de uma atmosfera online mais uníssona, constituída por pessoas que compartilham valores similares e falam o mesmo idioma (Da Silva, 2021). Assim, essas comunidades favorecem o sentimento de empoderamento das mulheres participantes, onde desempenham um papel ativo na construção das perspectivas de gênero e discutem seus papéis na sociedade atual. Portanto, é fundamental:

> Incentivar as redes de comunicação de mulheres, entre elas as redes eletrônicas e outras novas tecnologias aplicadas à comunicação e reconhecer seu valor como meio para a difusão de informação e o intercâmbio de ideias, inclusive em nível internacional, e apoiar os grupos de mulheres que atuam em todos os setores da mídia e dos sistemas de comunicação (Viotti, 1995, p. 232 *apud* Oliveira; Silva; Silveira, 2020, p. 452).

Diversas são as estratégias de uso das mídias sociais pelas mulheres. No combate à violência, por exemplo, destaca-se o vigilantismo digital, ou digilantismo, que ocorre quando as redes sociais digitais são mobilizadas para denúncias de crimes cometidos contra mulheres. O uso do espaço midiático para o compartilhamento de histórias e relatos também é muito frequente em comunidades no Instagram com esse objetivo (Fontenelle *et al.*, 2021) e a sessão de comentários dessas páginas são tomadas por dúvidas, frases motivacionais e relatos similares (Silva; Moraes, 2021). O crescimento desses perfis permitiu que outras mulheres brasileiras imigrantes conseguissem identificar e nomear a violência vivida através da vivência de suas compatriotas.

1.3. Objeto e objetivo do projeto

Apesar do crescimento do debate de pautas femininas em diversos âmbitos da sociedade, as particularidades das mulheres brasileiras imigrantes ainda são pouco debatidas. Sua vivência destoa de outros imigrantes, e de outras mulheres imigrantes, devido ao contexto de sua imigração, suas motivações, o cenário de turismo sexual construído e atrelado à mulher brasileira e o impacto que esses fenômenos exercem no dia a dia das expatriadas.

Na sociedade machista e patriarcal em que vivemos, onde mulheres enfrentam, diariamente, diversas formas de opressão, independente do país onde vivem, é notório o esforço que elas precisam fazer para provar - para a sociedade e para elas mesmas, seu valor. Desde a aptidão para desempenhar a mesma função de um homem no seu trabalho, a habilidade de

gerenciar diversas atividades ao mesmo tempo, o domínio de um idioma e a sua capacidade de conquistar grandes feitos sozinha. A constante dúvida sobre o seu potencial e a sua capacidade é o que faz muitas mulheres se questionarem se estão no caminho certo ou se merecem as suas conquistas - o conhecido fenômeno da impostora[1]. Ademais, aspectos sociais e culturais, estruturados por políticas migratórias muitas vezes pouco acessíveis e excludentes, tornam a vida dessas mulheres brasileiras em terras estrangeiras no mínimo desafiadora.

O cenário problemático pôde ser amenizado com o surgimento de comunidades de mulheres imigrantes brasileiras que vivem no exterior e que ocupam as redes sociais, fazendo um recorte para o objeto desse estudo, principalmente o Instagram. O incômodo de algumas mulheres com essa conjuntura foi o pontapé inicial para a mobilização em mudar essa realidade e introduzir o debate e a troca de experiências com outras mulheres brasileiras do seu círculo social, possibilitando a percepção de que dificuldades e violências não eram casos isolados. Essa foi uma porta para se questionarem "quantas outras mulheres brasileiras nesse país ou ao redor do mundo podem estar vivendo a mesma situação sem se darem conta ou sem saber como cortar esse ciclo?".

Considerando que o Instagram hoje em dia é uma das redes sociais mais utilizadas no mundo, com mais de 1,45bi de usuários, a rede social exerce um papel fundamental na exposição de mensagens muitas vezes ignoradas pelos grandes veículos de comunicação de massa, como rádio e televisão, e seu potencial de alcance cresce exponencialmente a cada dia. Por conta disso, este estudo tem como objeto o uso do Instagram como uma plataforma de apoio para as mulheres brasileiras imigrantes e tem seu objetivo pautado em identificar quais são as estratégias utilizadas pelas produtoras de conteúdos de imigração feminina da rede para que esse propósito seja alcançado. O estudo também se justifica dado a escassez de publicações que investigam as particularidades das mulheres brasileiras imigrantes, principalmente no universo das redes sociais.

Como trajetória empírica, foram selecionados oito perfis no Instagram que discutem a imigração brasileira com recorte de gênero e realizadas entrevistas semi-estruturadas em profundidade com as mulheres administradoras desses perfis, buscando responder à seguinte questão: o Instagram facilita a troca de informações entre mulheres e cria uma rede de apoio

[1] O fenômeno da impostora é o sentimento de não merecimento muito compartilhado entre as mulheres e que as induzem a duvidar de suas conquistas, habilidades e do próprio sucesso. Mesmo tendo evidências de suas realizações, a impostora acredita que será "desmascarada", revelando ser uma farsa.

para essas brasileiras imigrantes? Mais além, como são expressos sentimentos concernentes à imigração feminina a países desenvolvidos nesses ambientes digitais?

2. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos e responder as perguntas que norteiam este trabalho, optamos por um estudo de abordagem qualitativa das experiências de mulheres brasileiras residentes em diferentes países, especialmente os desenvolvidos, englobando questões como raça, fluência no idioma, motivação da imigração e fatores mais pessoais, como violências vividas e solidão, buscando entender, sobretudo, como se apossam da rede digital como uma alternativa para encontrar uma rede de apoio entre suas compatriotas. Ressaltamos a importância de um olhar que não buscasse generalizações e que entendesse essas mulheres abarcando sua pluralidade.

Antes de analisar o objeto de estudo por meio da trajetória empírica, buscando respostas através de entrevistas em profundidade com essas imigrantes, centramo-nos em uma revisão de literatura, reunindo artigos de pesquisadores e pesquisadoras que dialogassem com o tema desta pesquisa, seja se referindo às mulheres brasileiras e imigração ou ao uso das tecnologias da informação. Foram levantadas 25 produções como pontapé inicial, identificadas através do Google Acadêmico e do Portal de Periódicos da CAPES.

A análise de conteúdo com uma abordagem qualitativa, método utilizado para guiar este estudo, é definida como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 2002, p. 31), que permite a descrição de diferentes documentos, de maneira a intermediar e facilitar a interpretação de mensagens e decodificar seus significados, expandindo o olhar para além da leitura regular. Derivada dela, a análise temática consiste na fragmentação e categorização dos temas por intermédio de um elemento de codificação previamente definido, buscando alcançar, de forma objetiva e precisa, as respostas as quais buscamos. O modelo de organização seguido é o mesmo indicado pela autora, classificando o que ela chama de “três pólos cronológicos" (Bardin, 2002, p. 95): 1) a pré-análise, 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

1) A pré-análise

Para compor o *corpus* da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres brasileiras que vivem e discutem o fenômeno da imigração no Instagram. Para

encontrar essas páginas, o ponto de partida foi a identificação de um perfil principal, o "Brasileiras Não Se Calam", devido à sua grande repercussão não apenas no Instagram mas também nas mídias tradicionais. A partir dele, foram identificados outros perfis através da ferramenta de sugestão do próprio Instagram.

Seguindo a regra da homogeneidade proposta por Bardin (2002), os critérios de seleção estipulados exigiam que fosse um perfil ativo até o mês de outubro de 2022, quando foram agendadas as entrevistas e que, necessariamente, fosse um perfil que trabalhasse a questão da imigração com recorte de gênero, que interagisse diretamente com as mulheres brasileiras. Para catalogar esses perfis, foi feita uma relação de contas com os nomes e os contatos das administradoras, juntamente com uma breve descrição do projeto. No total, foram identificadas 11 contas que se encaixavam nos critérios estabelecidos para a pesquisa. O contato foi feito com 10 dessas administradoras, visto que foram encontradas denúncias nas redes sociais acusando de fraude um dos perfis mapeados. Buscando a integridade e considerando o caráter científico do trabalho, optou-se por eliminar esse perfil das próximas etapas.

Como cada uma das convidadas vive em países diferentes, a melhor alternativa encontrada para as entrevistas foi via videochamada. O convite (Apêndice A) foi feito através do e-mail, onde foi detalhado o objetivo da pesquisa, destacado a sua relevância acadêmica e social e respaldado sua legitimidade através de um ofício (Apêndice B) redigido pela orientadora do projeto.

Uma das gestoras alegou impossibilidade de participar da entrevista por meio de videochamada e por isso o convite foi recusado. Durante as trocas de e-mail para organizar as entrevistas, uma administradora acabou levando mais tempo para retornar a comunicação do que o previsto no cronograma e, portanto, não foi possível realizar a entrevista com a mesma. Todos os outros convites foram aceitos, totalizando oito entrevistas e demarcando o *corpus* desta pesquisa.

O objetivo do projeto já havia sido determinado: *entender de que forma o uso do Instagram atua como uma plataforma de apoio para as mulheres brasileiras imigrantes*, e a escolha de conversar diretamente com as criadoras de conteúdo que atuam diariamente nesse ambiente nos pareceu o caminho mais acertado.

A partir da leitura prévia dos artigos selecionados, foi possível levantar algumas hipóteses que seriam comprovadas ou refutadas a partir dessas entrevistas. As primeiras

hipóteses consideradas a partir da leitura flutuante das respostas dadas pelas respondentes foram: *os diferentes contextos e condições em que a imigrante se encontra ao se mudar para um outro país podem ser fatores que causam, ou não, uma dificuldade no processo de integração a uma nova sociedade, impactando no tratamento que ela irá receber*; *a criação de uma rede de mulheres brasileiras que vivem no exterior é motivada, principalmente, pela percepção da recorrência dos fatos com outras mulheres da sua convivência*; e *o uso do Instagram nesse trabalho facilita a entrega da informação e também na recepção da mensagem por parte do público, sendo um meio facilitador para a ajuda mútua.*

Foram realizadas entrevistas em profundidade, semiestruturadas com oito administradoras, para isso, foi necessário agendar um horário considerando os diferentes fusos horários das respondentes: duas vivem em Portugal, três nos Estados Unidos, uma no Canadá, uma na França e uma na Austrália, onde a diferença do fuso horário Brasília (GMT-3) - Camberra (GMT+10) é de 11 horas. As reuniões foram feitas na plataforma Zoom, tendo a duração média de 1h15, gravadas e transcritas em sua integralidade para posterior análise. A transcrição das entrevistas encontra-se nos Apêndices de C a J.

Sobre a entrevista individual em profundidade, em uma perspectiva qualitativa, Aaker (2004), afirma que

> Os dados qualitativos são coletados para se conhecer melhor aspectos que não podem ser observados e medidos diretamente. Sentimentos, pensamentos, intenções e comportamentos passados são alguns exemplos de coisas que só podem ser conhecidas por meio dos dados qualitativos (Aaker, 2004, p. 206).

Desse modo, partimos da premissa que essas entrevistas possuem o potencial de extrair do receptor uma variedade maior de informações e percepções. Ademais, “neste tipo de entrevista, o pesquisador procura cobrir uma lista específica de assuntos ou subáreas. O momento, as palavras exatas e o tempo alocado para cada uma das questões ficam a critério do pesquisador” (Aaker, 2004, p. 209).

A quantidade de entrevistadas, apesar de não aparentar um número expressivo, se mostra bastante significativa devido à especificidade e variedade (concomitantemente) que esse conjunto promove, em uma pesquisa rica que abarca um recorte bastante específico de opiniões variadas. Portanto, os resultados apresentados não serão generalizáveis ou representativos, como garantem outros métodos, de forma mais acentuada os quantitativos, no entanto, seu caráter proporciona aprofundamento e complexidade e o entendimento de um fenômeno a partir de múltiplas perspectivas. Bauer e Gaskell (2002) asseveram que a entrevista

em profundidade é um convite ao entrevistado para se alongar, para expressar-se de modo coloquial e com maior liberdade, explorando diversas percepções. Para os autores, ao entrevistar um grupo muito específico, como o que é o caso dessa pesquisa, potencialmente se obtém dados relevantes com menos de 10 entrevistas. A variedade de pontos de vista acerca do mesmo tema é, segundo os autores, essencial. Para garantir essa variedade, prezaremos por uma pluralidade de perspectivas dentro do grupo de interesse. Os projetos conduzidos pelas mulheres entrevistadas, apesar de tratarem da mesma temática, possuem distintas formas de abordagem.

Brasileiras Não Se Calam - O projeto foi criado em 2020 com o objetivo de dar voz às mulheres brasileiras imigrantes, para que elas possam compartilhar relatos das experiências de preconceito e violência vividas no exterior. Além do Instagram, o projeto também está em outras redes sociais, como o Facebook e o Twitter e também possui um site.

Brave - É uma plataforma de impacto social criada em 2011 para conectar, informar e apoiar mulheres que decidiram se aventurar em um novo lugar e tem como missão promover e integrar a mulher imigrante e fortalecer a comunidade brasileira no exterior. O projeto surgiu da necessidade de existir um lugar para trocar experiências, conectar as mulheres brasileiras imigrantes e minimizar os desafios enfrentados. Está presente no Instagram, LinkedIn, Facebook e site próprio.

Mulheres Imigrantes - O Podcast surgiu em 2020 e atua como um espaço para contar as histórias de mulheres brasileiras que decidiram desbravar o mundo, longe de casa. Por se tratar de um podcast, está presente nas plataformas de áudio (Spotify, Apple Podcast, Deezer), no Instagram, Youtube e Facebook e Twitter.

Garra - É uma organização sem fins lucrativos que surgiu em 2011 e é focada na construção de comunidade buscando aumentar o poder econômico e político de mulheres brasileiras que estão imigrando em NYC. Atua digitalmente no Instagram, Facebook, LinkedIn, Twitter e site próprio.

Plataforma Geni - É uma plataforma das mulheres brasileiras migrantes em Portugal criada em 2017. Fala sobre direitos das mulheres, desigualdade de gênero, igualdade de oportunidades e justiça social, além de combater o estereótipo e a violência de gênero. Possui Instagram, Twitter, Facebook, Youtube, Instagram e site próprio.

Com Sotaque Podcast - É um espaço onde mulheres brasileiras que vivem/viveram no exterior compartilham as suas histórias. O primeiro episódio foi ao ar em 2020 e está em plataformas de áudio (Apple Podcast, Spotify, Google Podcasts, Stitcher e etc), Instagram, Facebook, Twitter e site próprio.

Femigrantes BR Podcast - O podcast, idealizado em 2021, busca amplificar as vozes de mulheres migrantes e descolonizar o feminismo. Falam de temas sobre mito do príncipe gringo enantado, inserção de mulheres migrantes do mercado de trabalho e assimetrias nas relações interculturais. Além das plataformas de áudio (Spotify, Apple Podcasts, Deezer e Anchor), está presente também no Instagram, Facebook e Twitter.

CASA - A Casa Mulher foi fundada devido à necessidade de compartilhar uma situação de relacionamento abusivo vivida e por ter encontrado outras mulheres brasileiras que viviam a mesma situação. O projeto possui, desde 2020, o objetivo ser um ponto de encontro das mulheres falantes de português para que elas possam ter um espaço seguro para compartilhar as suas vivências. Digitalmente, as imigrantes se conectam por meio do Instagram, Facebook e Telegram.

Para preservar a identidade das administradoras entrevistadas e seguindo o estabelecido no Termo de Autorização de uso de Voz e Imagem (Apêndice K), o anonimato será garantido e, portanto, a ordem numérica será utilizada para identificá-las nas próximas etapas do trabalho e em algumas menções nos apêndices.

2) A exploração do material

Para a fase exploratória do material, a metodologia foi baseada nas categorizações propostas por Bardin (2002). O tratamento dos materiais coletados passou por uma etapa de codificação, considerando algumas regras previamente delimitadas. Esse estágio da análise transforma os dados brutos das entrevistas, permitindo que esse conteúdo se torne, de fato, informações claras para serem utilizadas na discussão posterior. Para organizar essa categorização, foi preciso definir as unidades de análise, as regras de contagem e a escolha das categorias.

As unidades de análise foram escolhidas a partir do tema. A autora afirma que construir uma análise temática "consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido" (Bardin, 2002, p. 105). Neste caso, de modo a compor a análise

temática, foram definidas três dimensões: *Perfil da respondente*, *Vivência migratória* e *Produção de conteúdo* para agrupar as 28 categorias temáticas criadas.

A frequência de aparição dos termos na pré-análise foi o atributo utilizado para delimitar as regras de contagem e, dessa maneira, construir ramificações das categorias temáticas de acordo com as respostas encontradas. Neste caso, todas as respostas possuem o mesmo peso e indicam a mesma importância e significância para a análise.

Esta pesquisa se define como qualitativa por recorrer a "indicadores não frequenciais susceptíveis de permitir inferências", ou seja, "a *presença* (ou a *ausência*), pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição" (Bardin, 2002, p. 114, grifo da autora) e se caracteriza por depender de um olhar mais subjetivo do pesquisador, sendo mais versátil e adaptável a índices que não estavam previamente definidos e para a evolução das hipóteses levantadas anteriormente. Nesse tipo de abordagem, é necessária uma atenção especial para o sentido e contexto atribuídos à sentença de maneira a não ocorrer erros nas codificações e levando em consideração também a regra de exclusão mútua e pertinência, guias da análise de conteúdo.

O resultado dessas categorizações e ramificações pode ser compreendido nas tabelas 1, 2 e 3:

Tabela 1- Categorias temáticas da dimensão *Perfil da respondente*

Dimensão	**Categoria temática**	**Ramificação**
Perfil da respondente	Região do Brasil	Sudeste
		Nordeste
	Tempo de imigração	-
	Motivo de imigração	Estudo
		Família
		Parceiro
	Processo de adaptação	Positivo

		Negativo
	Dificuldades	Administrativa/Burocrática
		Clima
		Cultura
		Idioma
		Preconceito
		Solidão
		Trabalho
	Silenciamento	Não pertencimento
		Perda de identidade
	Discriminação	Velado
		Sexismo
		Xenofobia

Fonte: Autoria própria (2023).

Tabela 2- Categorias temáticas da dimensão *Vivência migratória*

Dimensão	**Categoria temática**	**Ramificações**
Vivência migratória	Amizade	-
	Aspectos da cultura que mantém	Amigos brasileiros
		Comida
		Companheiro
		Estilo/Vestimentas

		Idioma
		Música
		Senso de comunidade
		Socialização
	Aspectos da cultura que mesclaram	Alimentação
		Cuidados com beleza
		Estilo de vida
		Estilo/Vestimentas
		Linguagem
	Pontos positivos do novo país	-
	Pontos negativos do novo país	-
	Diferenças culturais identificadas	-
	Inseguranças	-

Fonte: Autoria própria (2023).

Tabela 3- Categorias temáticas da dimensão *Produção de conteúdo*

Dimensão	**Categoria temática**	**Ramificações**
Produção de conteúdo	Como resolvem o problema	-
	Objetivo do projeto	-
	Criação de comunidade	-
	Equipe	Sim
		Não

	Estudo sobre direitos humanos	Sim
		Não
	Experiência prévia com comunidades	-
	Frentes de atuação	-
	Interesse por criar uma rede de mulheres	Denúncia
		Identificação
		Documentação
		Situação similar
	Motivação para criar a conta	-
	Papel da internet	-
	Planos para o futuro	-
	Pontos positivos de administrar a conta	Conexão
		Crescimento pessoal
		Interação
		Satisfação
	Pontos negativos de administrar a conta	Demanda
		Exposição
		Falta de recursos e tempo
		Gerenciamento
	Queixas repetidas	-
	Ataques	Sim

		Não

Fonte: Autoria própria (2023).

O processo de categorização, de ordem semântica, foi complexo e árduo, visto que foi necessário seguir a estrutura delimitada por Bardin (2002) para uma boa codificação na análise de conteúdo, mencionada anteriormente. A autora sugere que as boas categorias sigam a exclusão mútua (cada elemento só pode estar dentro de uma categoria), homogeneidade (estabelecer o mesmo padrão para as categorizações), pertinência (as categorias devem responder ao problema de pesquisa), objetividade e fidelidade (os critérios precisam ser claros, de modo que outros codificadores cheguem na mesma divisão de categorias) e produtividade (as categorias fornecem índices de inferências, novas hipóteses e dados exatos).

3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação

Nessa etapa de tratamento dos resultados, é importante ressaltar que todo o processo de categorização e criação das ramificações dispostas na seção anterior foi facilitado com o uso do software de análise de conteúdo MAXQDA 2022 Plus. Aqui, o objetivo é “estabelecer uma correspondência entre o nível empírico e o teórico, de modo a assegurar-nos [...] que o corpo de hipóteses é verificado pelos dados do texto” (Bardin, 2002, p. 101).

A análise e a interpretação dos dados a serem feitas no capítulo a seguir se baseia na mensagem constituinte das entrevistas realizadas e em sua significação de acordo com o contexto em que estão inseridas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado da etapa empírica da pesquisa, as entrevistas individuais em profundidade, sob uma perspectiva qualitativa, forneceram conteúdo necessário para discutir a problemática proposta e responder às perguntas de pesquisa, ainda que a partir das especificidades do grupo estudado.

Partindo para os resultados, como definido na etapa anterior, a primeira dimensão diz respeito ao *Perfil das respondentes*. Essas mulheres estão localizadas em diferentes países do mundo: três entrevistadas residem nos Estados Unidos; duas moram em Portugal; uma na Austrália; outra na França e uma das produtoras de conteúdo está no Canadá.

A tabela comparativa com essas informações pode ser analisada abaixo:

Tabela 4- Perfil das respondentes

Identificação da Entrevistada	Tempo de Imigração	Região do Brasil	Motivo de Imigração	País atual
Entrevistada 8	26 anos	Nordeste - BA	Família + Parceiro	EUA
Entrevistada 3	16 anos	Sudeste - SP	Estudo	Austrália
Entrevistada 2	13 anos	Sudeste - SP	Parceiro	EUA
Entrevistada 7	10 anos	Sudeste - SP	Parceiro	EUA
Entrevistada 5	9 anos	Sudeste - RJ	Estudo	França
Entrevistada 5	6 anos	Sudeste - SP	Parceiro	Canadá
Entrevistada 1	6 anos	Sudeste - ES	Estudo	Portugal
Entrevistada 6	5 anos	Nordeste - AL	Estudo	Portugal

Fonte: Autoria própria (2023).

O tempo de imigração e a motivação por trás dessa decisão também variaram. Das quatro entrevistadas que estão há mais de 10 anos imigrando, três se mudaram/ permaneceram no novo país para acompanhar seus parceiros, sendo esse país os Estados Unidos. A única entrevistada desse grupo que se mudou para um país diferente - Austrália -, foi motivada pelos estudos. Antes de imigrar, três dessas respondentes viviam na região sudeste do Brasil, especificamente no estado de São Paulo, e apenas uma no nordeste brasileiro, proveniente da Bahia.

Das respondentes que imigram há menos de 10 anos, três foram motivadas pelos estudos, sendo que duas residem atualmente em Portugal, uma proveniente de Alagoas e a outra do Espírito Santo. Uma delas vive na França, chegada do Rio de Janeiro. Apenas uma das entrevistadas imigrou acompanhando o seu parceiro, nesse caso, deixando São Paulo para residir no Canadá.

A partir das dimensões estabelecidas na seção anterior, refletiremos como o processo migratório impactou na experiência individual das mulheres entrevistadas e de que maneira essa vivência influenciou para a criação de uma rede digital com o objetivo de conectar outras brasileiras imigrantes. Como descrito, serão analisados fatores relacionados à vivência migratória e da produção de conteúdo dessas influenciadoras, explorando aspectos como o impacto das diferenças culturais e xenofobia, expressão do sexismo, inseguranças e silenciamentos, relações afetivas e, por fim, o Instagram como promotor de rede de apoio.

1) Diferenças culturais e xenofobia

Ao sair do seu país de origem e desbravar novas terras, é comum que se busque pelo conhecido, por algo que faça a viajante se sentir segura. A bagagem pessoal adquirida por meio de experiências, trocas com a sua família, grupos e comunidades com as quais se identifica, faz com que o indivíduo esteja inclinado a observar o mundo ao seu redor com as lentes dessas vivências, isso é o que constrói a sua cultura e identidade, que, de acordo com Habermas (1994):

> Está entrelaçada às identidades coletivas e pode ser estabilizada apenas em uma rede cultural que, tal como a língua materna, não pode ser apropriada como propriedade privada. Consequentemente, o indivíduo permanece na qualidade de portador de "direitos à participação cultural" (Habermas, 1994 *apud* Hall, 2003, p. 81).

A cultura é definida por Edward Burnett Tylor (1832-1917) como “este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Tylor, *apud* Laraia, 2001, p. 25).

Assim, entendemos cultura a partir de uma perspectiva pautada nas crenças, nas práticas e atividades humanas, nunca de forma estática e arqueológica, mas sim como produção e movimento. “Esse processo produtivo conta com o passado, com a tradição, mas com formas

mutantes que criam novos sujeitos. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar" (Hall, 2003, p. 44).

As culturas de cada região são formadas com base no repertório de conhecimentos e comportamentos comuns que são atualizados pela história e por experiências coletivas. O imigrante, aqui, desempenha um papel fundamental, uma vez que não apenas absorve a cultura do país que o recebe, mas também adiciona características da sua própria vivência particular e coletiva nesse novo cenário social. Lévi-Strauss (1952) em Saraiva (2013) afirma que "nenhuma cultura se encontra isolada", o que significa que, ao iniciar a sua vida em outro país, é necessário flexibilizar o desejo de manter sua herança cultural intacta, visto que a interação social exige trocas entre grupos sociais.

> Agora a gente também já se adaptou um pouco de "ah, vamos fazer um lanche no almoço" que aqui é muito comum, ou então "vou comer só uma salada no almoço". (Entrevistada 2 - Estados Unidos)
>
> Uma questão que, para mim, acho que adquiri bem da cultura francesa é a separação de vida pessoal e vida do trabalho. (Entrevistada 5 - França)

Entendemos a partir de Hall (2003) e dos relatos obtidos por meio das entrevistas que aqueles/as que vivenciam a diáspora e que, desse modo, pertenciam originalmente a outro lugar, não constroem uma continuidade de seus passados, de sua história nesse outro espaço geográfico e cultural. Trata-se, assim, de um hibridismo cultural, "resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais (...)" os quais não se apresentam de forma igualitária, considerando as relações de poder em jogo alicerçadas na própria colonialidade (Hall, 2003, p. 31).

Para algumas pessoas essa "troca cultural" pode causar menos desestabilização de sua zona de conforto do que para outras.

> Eu estou num lugar da Califórnia, né, então, eu já estou num estado que é mais aberto, mais social, mais diverso, mas além de tudo, eu tô no Vale do Silício, que é onde vem gente de todos os lugares, né? (Entrevistada 2 - Estados Unidos)
>
> Eu vim para um país que fala inglês e, o que eu acho muito importante, para um estado dos Estados Unidos que é diverso, que é liberal e que é aberto a quem não é daqui. (Entrevistada 7 - Estados Unidos)

É importante ressaltar que o nível de exposição e abertura de cada pessoa para absorver as novas referências culturais podem ditar a maneira com a qual o indivíduo reagirá às

novidades e a forma com a qual o choque cultural acontece, uma vez que ele se reflete na desordenação dos seus parâmetros do que é seguro e confortável.

> (...) Não olhava pra cara de ninguém para ninguém vir falar comigo porque eu travava 100%, assim. (Entrevistada 4 - Canadá)

> Eu me expus menos do que eu poderia ter me exposto, então por conta disso, eu não evoluí tão bem quanto eu poderia ter evoluído na minha forma de me comunicar e aumentar a qualidade do meu vocabulário, da minha capacidade de compreensão, dos termos mais específicos das áreas nas quais eu trabalhei. (Entrevistada 7 - Estados Unidos)

Isso faz com que, ao chegar em um novo ambiente e não conseguir identificar nada que seja minimamente parecido com o que já se conhece, como uma rede de apoio, o indivíduo se sinta perdido e passe a compor um coletivo reduzido que não se reconhece no outro. Um dos maiores choques relatados pelas entrevistadas foi a receptividade dos povos locais e a falta de esforço em fazer o outro sentir-se bem-vindo.

> Os portugueses são mais… não é fechado… é um povo mais "para dentro", assim. Nós brasileiros somos mais pra fora, tudo isso respeitando o espaço do outro. (Entrevistada 1 - Portugal)

> A gente está acostumado com relações próximas, assim, né? Então a gente faz amizade mais fácil, a gente se ajuda mais. Aqui eles são muito distantes, assim, então a gente não tem uma aproximação. (...) Acho que é um senso de comunidade que eles não têm aqui. (Entrevistada 4 - Canadá)

> Outra coisa que eu senti dificuldades foi também a recepção das pessoas na sala de aula. No Brasil acho que a gente recebe muito bem quando é um estrangeiro, principalmente se é um estrangeiro europeu, americano. E aqui eu não me senti acolhida, as pessoas na turma não falavam comigo, eu tinha dificuldades de conseguir grupo para fazer trabalho. (Entrevistada 6 - Portugal)

Diversos relatos ao longo das entrevistas são consonantes ao que afirma Hall (2003) acerca das pessoas que imigram de países marcados pela colonização para regiões consideradas desenvolvidas, a maioria delas colonizadoras, especialmente porque normalmente a experiência dos 'diaspóricos' é marcada pelas "rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas" (p. 30).

Faz-se necessário destacar a relação entre Brasil e Portugal nesse contexto. Países latino-americanos passaram por longos períodos de exploração durante o período colonial, por nações como França e Portugal, o que exerce influência na maneira como essas imigrantes são tratadas nesses países. Os dados fornecidos pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2021) apontam que em Portugal vivem cerca de 111.986 mil mulheres brasileiras legalizadas

(esse número aumenta com as que se encontram em situação irregular e as que possuem dupla cidadania, já que não são contabilizadas no relatório), as quais representam a maioria entre os imigrantes brasileiros no país lusitano (cerca de 54,70%).

O idioma é um fator que aproxima as duas nacionalidades e potencializa o número de brasileiros que migram para Portugal, que aumenta ano após ano. Entretanto, ao mesmo tempo, esse também é um elemento que promove ruídos e resulta em falas de teor xenofóbico por parte de nossos colonizadores. Para Hall (2003), é visível a tentativa de manutenção de uma cultura intacta, ou seja, rumo à lógica da distinção em detrimento da lógica da semelhança, sendo preciso observar como formas diferentes de incorporação dessas relações de poder levam ao surgimento de práticas racistas e xenófobas.

> Acho que a primeira dificuldade que eu tive foi logo em relação ao idioma, porque embora seja a mesma língua mas eu lembro que na primeira semana, quando eu estava na universidade, nas primeiras aulas os professores falavam e eu não conseguia entender nada mesmo porque aqui eles falam com a boca mais fechada e tem essa questão do sotaque que é diferente, então não conseguia mesmo entender. (Entrevistada 6 - Portugal)

> (...) Eu presenciei algumas situações de xenofobia, assim, na sala de aula. (...) Eu lembro que teve um que perguntou à menina se ela falava português porque ela não sabia o que era reprografia, uma palavra que a gente não usa no Brasil, e que é tipo xerox, de tirar cópia. E aí ela não sabia, né, porque não é uma palavra que se usa e ela foi perguntar a professora o que era e a professora falou "ah, mas eu não tenho que ensinar tudo, e você fala português". (...) Outra vez ela usou "você" diretamente pra professora, a professora se ofendeu, parou a aula toda, assim, pra dizer que não era para chamar ela assim. E aí todo mundo ficou, também, constrangido, e a menina ainda foi se justificar e falar "não, professora, mas é que eu sou brasileira e no Brasil a gente fala assim" e tal. E aí a professora ainda queria saber mais do que ela, que é brasileira, que nasceu lá, e começou a corrigir e falar "não, porque eu já fui no Brasil e vocês não falam assim" e ficou um tempão nisso, assim, ela tentando constranger a menina. (Entrevistada 6 - Portugal)

> Uma vez uma senhora ligou pra lá porque precisava de ajuda, ela se recusou a ser atendida por mim, queria ser atendida por uma portuguesa primeiro. (...). Perguntei do que ela precisava, como eu poderia ajudar e ela disse "ah, eu quero falar com uma técnica", como se, porque eu sou brasileira eu não pudesse ter a formação. Aí eu falei pra ela "ah sim, pois não, eu sou a técnica aqui" aí ela falou "ah não, mas eu quero falar com uma colega sua que seja portuguesa, não quero ser atendida por uma brasileira". Na hora eu fiquei assim… em choque. (Entrevistada 6 - Portugal)

A xenofobia pode se manifestar de diferentes formas, desde a mais exposta, com expressões como "volta para o seu país", até por meio de atitudes veladas, como olhares julgadores e comentários depreciativos que surgem de forma despretensiosa. Essas condutas

fazem parte da rotina das pessoas que vivem em outros países, como pudemos observar nos comentários acima e em outras situações narradas pelas respondentes:

> Eu já ouvi de uma gerente minha que ela tinha muito orgulho da família dela, porque ela era sei lá qual geração de canadense "puro" e ninguém se misturava, ninguém da família dela casava com imigrante e ela falou, assim, para mim. Mas eu acho que a gente fica tão… tipo, em choque, que eu não tive reação nenhuma, só, tipo… eu fiquei, assim, 100% sem saber o que falar. (...) Já vi acontecer com outras pessoas também de tipo, tá na fila do mercado e "volta pro seu país", maior bizarrice. Já ouvi "não… é muito bom, eu sou super a favor dos imigrantes e tal… acho que tem que vir mesmo. O país tem que abrir as portas, até porque quem ia trabalhar no Starbucks?". Meu último emprego eu estava só com canadense, me dava uma ansiedade, assim, bizarra, porque é uma [fala xenofóbica] atrás da outra, assim. Tipo, mesmo que sejam coisinhas pequenas, é uma atrás da outra. (Entrevistada 4 - Canadá)

> Aqui [na Califórnia] ele não teve problema de encontrar trabalho, tanto que ele tá super bem onde ele está trabalhando, mas lá no Texas… e ele trabalha com automóveis, essa área. Ele foi para uma entrevista e o entrevistador dele falou "pode parar de falar, eu não aguento mais o seu sotaque chinês". E ele me contou, então você vê, assim, a tristeza, sabe, com a qual ele conta isso e o motivo dele não querer mais nem procurar emprego. (Entrevistada 7 - Estados Unidos)

> Já escutei uns casos, já teve gente que sofreu xenofobia, ainda aqui na Bay Area. Então, apesar de ser um lugar diverso, existem ainda casos que você pode sofrer. Foi com uma brasileira no nosso grupo, ela estava na fila do supermercado na época da eleição, né? Do presidente, do ex-presidente, e [a pessoa] falou, tipo, "volte para o seu país", né? E eu lembro que ela falou "eu fiquei sem reação". (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

No que diz respeito à "purificação" de uma identidade nacional, Bhabha (1998) afirma que:

> A própria ideia de uma identidade nacional pura, "etnicamente purificada", só pode ser atingida por meio da morte, literal e figurativa, dos complexos entrelaçamentos da história e por meio das fronteiras culturalmente contingentes da nacionalidade [*nationhood*] moderna (Bhabha, 1998, p. 24).

Desse modo, a manutenção de uma suposta etnicidade purificada enaltecida em comentários xenófobos anteriormente apresentados possui um significado social maior, uma tentativa de ocultar ou rechaçar o multiculturalismo, matando os "entrelaçamentos da história", como afirma Bhabha. Para a imigrante alvo do preconceito, ele possui uma materialidade recrudescida e notadamente excludente.

Observamos que quando a represália acontece de uma forma velada, não existem atitudes concretas da violência e essas mulheres enfrentam dificuldades em reconhecer e reportar os ocorridos, muitas vezes se questionam quanto a veracidade da situação,

considerando também que, por serem mulheres, latinas e imigrantes, muitas vezes elas acabam sendo preteridas em relação a um nativo daquele país. Apesar da França e de Portugal serem países com características culturais muito distintas, a raiz da xenofobia parece ser a mesma, advinda de uma posição de país colonizador, portanto, superior aos países colonizados.

Embora supostamente trate-se de um período pós-colonial, Hall (2003) afirma que não se trata de uma sucessão cronológica (antes/depois), já que os problemas do colonialismo não estão solucionados e sucedidos por um período sem conflitos dessa natureza. Os problemas de dependência, subordinação, subdesenvolvimento e marginalização, característicos da fase colonial, ainda persistem, articulados como relações desiguais de poder e exploração entre as sociedades colonizadoras e as colonizadas e se materializam em diversas expressões da xenofobia.

Na França, além da influência do colonialismo, existe um impacto direto da corrente do nacionalismo, que cresce exponencialmente desde o ano de 2017 no país, por meio da ascensão do partido Frente Nacional. Esse grupo de extrema-direita apoia-se no nacionalismo, principalmente de ordem econômica e cultural, que buscam, respectivamente, aumentar a fortuna da nação contrariamente aos interesses dos demais e conceber uma cultura única e exclusiva que represente toda a Nação, desenvolvendo internamente uma apreciação de todos os cidadãos por ela (Novaes, 2018), disputando o título de detentores de todo o capital cultural do mundo globalizado.

Esses julgamentos podem ser percebidos nas falas de algumas entrevistadas:

> E outra coisa que acontece também de uma forma um pouco… um pouco não, bastante, velada aqui são os olhares que você percebe no supermercado quando você está falando outra língua que não seja o francês. Quando eu vou ao mercado com um amigo, com meu marido, a gente fala português que é a nossa língua e aí, às vezes, você percebe alguns olhares, dependendo do supermercado que você tiver, do tipo “nossa, eles tão aqui, não falam nem francês”. (Entrevistada 5 - França)

> São coisas do tipo “nossa, mas você fala tão bem essa língua para uma pessoa que veio de tal país” ou então “nossa, mas você conhece tal autor, tal autora?” (Entrevistada 5 - França)

> Em alguns espaços, da forma como eu sou olhada, a forma como eu sou considerada é sim uma expressão de racismo, de xenofobia. Muito embora seja mais difícil de comprovar, porque acaba sendo mais um sentimento, uma coisa mais individual, que eu estou vendo um tratamento diferente. (...) Eu me sinto mais presa, assim, pra poder falar porque é uma coisa, assim, do olhar mesmo, é uma coisa da sensação, é esse racismo velado, é essa forma de tratamento que você sabe que é diferente, é aquele comentário que você

> sabe que é discriminatório mas é tão naturalizado que como é que você vai falar, sabe? (Entrevistada 1 - Portugal)

> Tem outras situações que vão acontecendo que são mais sutis, então a gente não tem como ter certeza de que é porque eu sou brasileira embora eu tenha a sensação de que aconteceu por eu ser brasileira e pela maneira que aconteceu. (...) Você vê que é por causa da sua nacionalidade porque a sua nacionalidade, no imaginário das pessoas, está associada a outras questões, (...) de começarem a perguntar se eu tinha vindo pra cá sozinha, o que era que eu fazia, se eu era casada… (Entrevistada 6 - Portugal)

A insistência em não reconhecer as violências produzidas estruturalmente interfere no debate entre a sociedade e na promoção de ações resolutivas pelo Estado:

> Eu vim e a visão que era passada para mim era que aqui o pessoal era acolhedor, que era primeiro mundo, era Europa… E depois eu fui vendo que não era bem assim (...). No Brasil eu sei que obviamente, também tem esses dois problemas [racismo e xenofobia], mas acho que no Brasil a gente já está (...) mais avançado em relação aos debates, sabe? Conseguir enxergar que a sociedade é racista e conseguir debater isso. Racista e xenófobo, machista, misógino… E aqui em Portugal eu não vejo muito isso, eu acho que ainda é um tabu muito grande de se falar, de se discutir. O que também impede que exista avanços no sentido de combater essas violências. (Entrevistada 6 - Portugal)

> O racismo e a xenofobia aqui em Portugal são tão naturalizados, é tão normalizado, a gente ainda tá discutindo se existe racismo, uma coisa muito, ainda, básica, as atitudes com relação ao outro, o olhar ele é muito normalizado. (Entrevistada 1 - Portugal)

Esse pensamento do português como não racista atravessa transversalmente o povo português, incluindo as pesquisas científicas, e interfere nas denúncias de racismo, xenofobia e outras discriminações, uma vez que essas pautas estão majoritariamente ausentes na academia e, quando são tratadas, não são vinculadas ao pensamento luso-tropical e só podem ser consideradas legítimas quando produzidas por portugueses. No geral, a sociedade portuguesa não acredita que possa ser discriminatória e se nega a reconhecer a existência do fenômeno (Padilla; Gomes, 2016).

Uma das faces materiais da xenofobia é a dificuldade de acesso à documentação exigida e às informações corretas sobre os trâmites burocráticos. As próprias instituições responsáveis por disseminar esses dados e acompanhar os imigrantes em sua situação legal no país, que podem até mesmo desconhecer os benefícios que os são resguardados, acabam por vezes ocultando ou ignorando os direitos dessa população:

> Os funcionários não sabem quais são os direitos das pessoas imigrantes, por exemplo. Aí às vezes você vai num serviço, a pessoa te nega, porque você é imigrante, porque ela não sabe o que você tem direito. Aí é uma briga, você

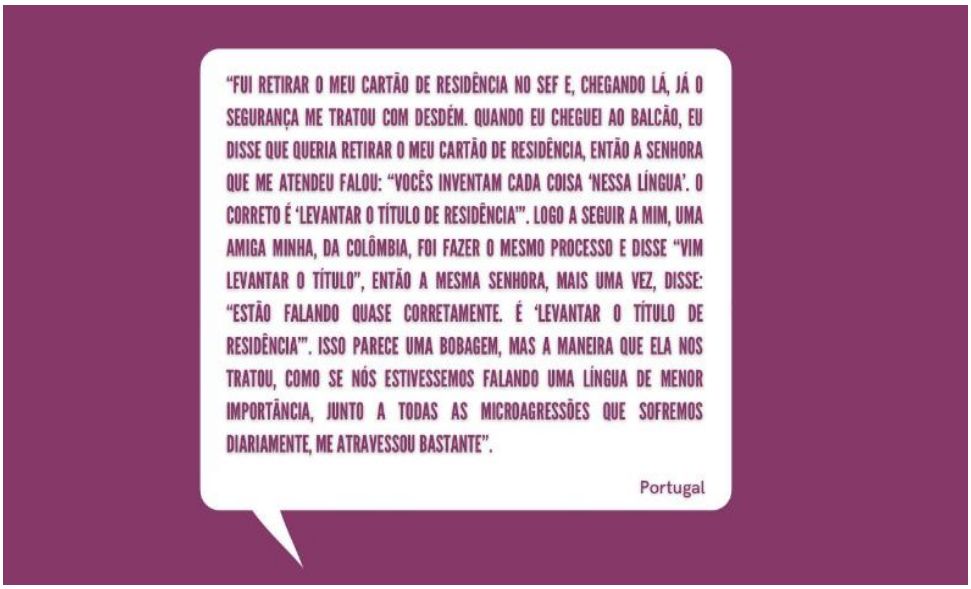
> tem que chamar alguém, tem que fazer uma queixa, isso tudo, esse trâmite da vida ele é muito difícil. (Entrevistada 1 - Portugal)
>
> No começo não entendi nada, se precisa ir ao médico, como é que faz? Como é que funciona? Aqui o sistema de saúde é bem diferente do Brasil, existe uma seguridade social, mas existe também um plano privado que complementa a seguridade social. Então, até entender tudo isso foi uma maratona e receber os documentos também é uma maratona, porque você precisa aguardar uma carteirinha, que tem que chegar, essa carteirinha depende de um órgão que é super incompetente, que perde seu dossiê e você tem que enviar os documentos não sei quantas vezes. (Entrevistada 5 - França)
>
> Todo dia é uma guerra, é uma guerra institucional, é uma guerra de recursos, é uma guerra com a economia. (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

Nesse sentido, as páginas estudadas se mostram um ambiente de trocas de informações necessárias para a permanência dessas mulheres nos países estrangeiros, auxiliando essas migrantes em relação aos processos burocráticos intrínsecos à experiência migratória (figura 2), permitindo que elas compartilhem situações vividas (figura 3), e construindo um espaço para a troca de experiências (figura 4).

Figura 2- Notícia sobre documentação portuguesa para imigrantes brasileiros

Fonte: Página da Plataforma Geni no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/plataformageni/>. Acesso em 10/07/23

Figura 3- Relato de uma seguidora de uma das páginas analisadas



Fonte: Página da Brasileiras Não Se Calam no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/brasileirasnaosecalam/>. Acesso em 10/07/23

Figura 4- Troca de experiências dos seguidores em uma das publicações

Fonte: Página da Brasileiras Não Se Calam no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/brasileirasnaosecalam/>. Acesso em 10/07/23

O papel do Estado na acolhida do migrante é de assegurar o seu bem-estar, inclusão social, laboral e produtiva mediante políticas públicas, bem como garantir o acesso justo e livre a serviços, programas e benefícios sociais, educação, assistência jurídica íntegra e pública,

trabalho, moradia, serviços financeiros e seguridade social, sendo, assim, a maior referência para a pessoa que decide morar em outro país. No entanto, a realidade é diferente do que o estipulado nas leis e por vezes esses direitos não chegam nas pessoas que necessitam. Hall (2003) afirma que a posição do Estado na articulação de discursos políticos e práticas sociais o confere uma posição de poder, e, na prática, seu acesso pode ser extremamente dificultoso e exclusivo, principalmente se tratando de situação de vulnerabilidade, como relatado por algumas entrevistadas:

> Ontem mesmo uma amiga falando que tiveram enchentes em Sydney e algumas subprefeituras são elegíveis a você pedir um auxílio do governo se o seu local de moradia foi impactado, de certa forma, por isso. E ela tem um parceiro australiano e ela é brasileira. Eles escreveram a aplicação juntos, é uma aplicação individual, mas eles escreveram exatamente as mesmas palavras, basicamente foi Control C/Control V, copia e cola. A dele foi aprovada, a dela não. É um nome completamente não australiano, o nome dela. (Entrevistada 3 - Austrália)

> Quando a polícia se envolveu, quando virou uma coisa séria o suficiente para ter envolvimento policial, a polícia indicou certos recursos e daí adiante, nós seguimos os recursos, mas se comunicando em inglês consistentemente, né? Se virando para se comunicar em inglês. Todo mundo trabalhando nesses setores de providenciar serviço em ONG só falava inglês ou falava espanhol, mas assim, tipo, espanhol? Com respeito, é uma terceira língua, sabe? Não é um meio termo entre português e inglês, é uma terceira língua, sabe? (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

> As pessoas brasileiras não estavam chegando aos recursos que existiam para elas, e a realidade é que a pessoa brasileira é altamente desconectada das políticas públicas que os governam, a pessoa brasileira não tem um entendimento que se você não tomar seu espaço na mesa onde as decisões estão sendo feitas, as decisões vão ser feitas sem você, vão se aplicar a você, você vai viver sob a pressão daquelas decisões, mas você não vai ter uma voz porque você não está se expondo. (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

> Quando você vai ver no papel, tipo assim, são eu acho que umas cinco folhas, mais ou menos, com todos os direitos que você tem, mas quando você vê na prática, não funciona. (Entrevistada 6 - Portugal)

A instância de atuação do Estado confere uma prática de regulação e normalização dentro do corpo social baseando-se nas práticas coletivas e distintas. Hall (2003) aponta que a modificação das práticas sociais “as transforma em operações de controle e domínio sobre classes específicas e outros grupos sociais” (p. 163). Dessa forma, grupos minoritários, como as mulheres brasileiras imigrantes, restringem-se em suas limitações ao não alcançar as políticas públicas que as governam e buscam por auxílios paralelos, como grupos de apoio e projetos como as páginas que estamos estudando, na tentativa de derrubar as barreiras burocráticas e idiomáticas enfrentadas por essa classe.

Hall (2003) pontua que alguns códigos sociais podem ser transmitidos em uma comunidade que compartilha uma linguagem específica, e compreendidos desde tão cedo, que por vezes parecem já ser intrínsecos daquele coletivo. O Brasil é um país de dimensões continentais e, apesar de alguns símbolos culturais serem compartilhados, a "cultura brasileira" é formada e transformada através da representação e dos significados (Hall, 2006) que cada região dispõe de costumes, comportamentos e hábitos próprios, dificultando a existência de uma cultura nacional unificada. Estreitando ainda mais, mesmo fazendo parte da mesma região, as tradições de um estado podem não ser compartilhadas entre os demais, limitando-se àquela localidade específica. Atentando a isso, é imperativo afirmar que as vivências dessas mulheres são pautadas também, ou principalmente, pela bagagem que constroem por meio de suas experiências individuais desde o local onde viviam. De acordo com Bhabha (1998),

> As diferenças sociais não são simplesmente dadas à experiência através de uma tradição cultural já autenticada; elas são os signos da emergência da comunidade concebida como projeto - ao mesmo tempo uma visão e uma construção - que leva alguém para "além" de si para poder retornar, com um espírito de revisão e reconstrução, as condições políticas do presente (Bhabha, 1998, p. 21).

Assim, se por um lado as experiências compartilhadas e relatadas ao longo das entrevistas são significativas para a compreensão do fenômeno estudado de forma generalista, elas também se desenham com base nas vivências individuais, as quais estão implicadas nas origens dessas mulheres. Das entrevistadas, apenas duas afirmaram ser oriundas do nordeste do país, enquanto a maioria residia na região sudeste. Ao analisar a experiência migratória do grupo estudado, é necessário que olhemos mais atentamente ao recorte geográfico, visto que, mesmo no próprio país de origem, os migrantes nordestinos possuem particularidades e dificuldades concernentes às relações de disputa de uma cultura subalterna e uma cultura hegemônica - ao pensarmos, por exemplo, no movimento migratório dos retirantes nordestinos para o sudeste brasileiro. Nesse caso específico, existem iniciativas criadas para diminuir o choque cultural dessa população, como o Centro de Tradições Nordestinas (CTN), localizado em São Paulo, e a Feira de Caxias, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Ao expandirmos o espaço geográfico, a experiência da pessoa nordestina vivendo no exterior pode ser ainda mais penosa.

Para ilustrar, a comunidade brasileira no exterior é responsável pela promoção de eventos culturais como feiras, shows e exposições que objetivam aproximar os expatriados e valorizar a cultura do seu país, reforçando a "identidade brasileira" ao produzir sentidos com

os quais os participantes conseguem se identificar por meio de "memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas" (Hall, 2006, p. 51). Apesar de ser uma iniciativa válida para aproximar seus compatriotas e diminuir a saudade de casa (*homesickness*), a problemática dessa generalização surge quando não é possível garantir que todos/as os/as brasileiros/as que participam dessas atividades compartilhem do sentimento de identificação:

> A gente tem essa coisa de falar assim "ai, se não fosse aqui, eu não seria amigo dessa pessoa", entendeu? Porque não é bem assim, só que como você não quer ficar sozinho, você acaba relevando algumas outras coisas, porque aquela pessoa está te recebendo, né? (...) E acaba sendo assim, você vai construindo sua rede bastante com brasileiros. (Entrevistada 7 - Estados Unidos)

> Você conhece brasileiros e essa é a única coisa em comum que você tem com aquela pessoa, é a sua nacionalidade. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

A falta de identificação assume uma nova face quando se trata de pessoas que vivem fora das grandes estruturas hegemônicas, como nas regiões norte e nordeste do Brasil, que já se sentem deslocadas ao serem migrantes no seu país, quando não se veem na "cultura brasileira" que é disseminada, muito influenciada pelo que é criado e distribuído para o exterior através dos grandes centros do país, comumente vistos como o reflexo de traços culturais prefixados. Nesse sentido, podemos dizer que há um apagamento ou uma tentativa de se minimizar as diferenças culturais entre os migrantes, ainda que no final das contas elas se mantenham relevantes. A prevalência de uma celebração do sentimento de nacionalidade como estratégia de resistência se torna visível no *corpus* estudado. É necessária a compreensão da diferença cultural que torna a identidade desses sujeitos pertencentes ao "entre-lugar", que não sentem que vivem uma experiência brasileira no exterior, tampouco uma experiência estrangeira, ainda mais minoritária, "como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas" (Hall, 2003, p. 27).

Vivências como as relatadas a seguir, são compartilhadas entre as imigrantes que se sentem excluídas até mesmo entre um grupo de brasileiros.

> Tem uma comunidade que faz forró, tem uma comunidade que faz samba, mas não… eu detesto dizer isso, porque muitos deles, na comunidade de samba e forró, também são meus amigos, então, assim, eu não quero tirar o crédito de uma comunidade que luta tanto por sua voz, sabe? Mas eu me sinto tipo peixe fora d'água lá também, sabe? Eu não sinto que o forró que toca aqui é como o forró que toca em Salvador, sabe? (...) Eu sinto que o pagode que toca aqui não é o pagode que toca em Salvador, sabe? Eu vou, eu curto e me divirto, mas não é a mesma coisa em termos de realmente tirar a saudade, em

> termos de ter uma experiência como uma brasileira… não é a realidade. É uma terceira experiência. É uma experiência que não é uma experiência americana, não é a experiência brasileira, é a experiência imigrante brasileira, porque é diferente. É uma terceira categoria. (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

O questionamento posto a partir do relato pode ser expresso em "o que está sendo dito, por quem e para quem?". Existe uma posição hierárquica, culturalmente falando, dentro dessas comunidades de brasileiros? Bhabha (1998) diz haver uma passagem intersticial entre identificações fixas que permite a perspectiva de construção de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta. Essa discussão é sustentada por Hall (2003) que acredita que as comunidades de minorias étnicas não são coletivos integrados que representam oficialmente os direitos comunitários integrais. Homi Bhabha (1998) argumenta também que o pertencimento deve ser entendido como um espaço de negociação e transformação contínua entre diferentes culturas e posições e que pensar nesses "entre-lugares" permite a criação de novos signos de identidade e alternativas de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. Ao retomar o último relato, observamos que o incômodo ao não pertencimento integral àquela comunidade de brasileiros/as, explicitado como uma terceira experiência, também está imerso em uma espécie de sentimento de culpa por não se sentir integrada, pautada no reconhecimento da importância desses grupos e espaços de troca para quem experimenta tantos desafios e preconceitos em terras estrangeiras.

2) Expressões do sexismo para mulheres brasileiras

O estigma da hipersexualidade feminina tem seu surgimento nos imaginários coloniais que idealizaram as mulheres das colônias como corpos disponíveis sexualmente. O impacto do colonialismo delimitou as assimetrias entre homens e mulheres nas colônias e na hierarquização da feminilidade de mulheres de grandes centros e mulheres de colônias. Esse fator contribui diretamente na criação e manutenção de estereótipos a partir de um imaginário colonial que relaciona esses corpos ao erótico e exótico (Gomes, 2013) e na corroboração da violência contra as mulheres coloniais. Outrossim, é preciso também olharmos para o racismo como prática social de modo a compreendermos o processo de racialização ao qual as mulheres brasileiras são submetidas diariamente (Gomes, 2013), especialmente no cenário migratório.

Esse imaginário reforça o vínculo constante das imigrantes brasileiras à disponibilidade sexual e à imigração relacionada com atividades no mercado do sexo e prostituição (França, 2012). Como detalhado na seção anterior, relacionado aos casos de xenofobia, é perceptível

que quando se trata de sexismo esse imaginário também é estabelecido como uma forma não tão sutil de violência simbólica, que se materializa através de olhares maliciosos, comentários de cunho sexual, e em alguns casos, essa situação ganha proporções físicas mediante o toque não consentido e abuso sexual. Essas situações são frequentemente vivenciadas por mulheres brasileiras que moram no exterior.

> Quando um homem pergunta de que país você é e você fala Brasil e você percebe, e quem é mulher sabe quando o sorriso ali tem aquela malícia por trás, e era sempre "ah… Brasil" já com um interesse, não tipo "ah, Brasil, que legal, nossa, me conta mais" não, já é com o interesse de cunho sexual e você já se sente, sabe, invadida e só quem é mulher consegue entender ou imaginar o que é esse sentimento, mesmo sem ter saído do Brasil, porque a gente passa por lugares e a gente sente os olhares. Essa coisa de falar "ah, eu sou do Brasil" e você sentir o olhar malicioso, inúmeras convidadas de muitos países já reportaram a mesma coisa. (Entrevistada 3 - Austrália)

> Tem essa questão do estereótipo da mulher brasileira que está muito ligado à disponibilidade sexual, né, ao corpo e à sexualidade, de uma forma geral. Então as mulheres são assediadas, são discriminadas só por serem brasileiras, por acharem que o fato de você estar ali o seu corpo está disponível para os mais diversos tipos de violência, tanto ao toque inconsentido, quanto de fato a violência verbal, a violência sexual, ao assédio… Isso todos os dias. Todos os dias a gente tem relato disso. (Entrevistada 1 - Portugal)

> Aconteceu uma vez de eu estar com amigas, assim, saindo de uma boate e sermos seguidas por um grupo de homens depois de escutarem o sotaque e virem que nós éramos brasileiras de seguirem, assim, começar a gritar "brasileiras, brasileiras". (Entrevistada 6 - Portugal)

Analisando as respostas das entrevistadas, o estereótipo atrelado à imagem da mulher brasileira não parece ser algo limitado a um país em específico. Essas mulheres disponibilizam o espaço em suas páginas e podcasts para que suas compatriotas ao redor do globo compartilhem suas vivências, que, como mencionado pelas respondentes, estão muito relacionadas à importunação sexual. Esses projetos atuam como um espaço seguro e de acolhimento que em muitas situações pode ser difícil de ser encontrado fora das redes. Em algumas dessas páginas, a denúncia ocorre de forma anônima, garantindo a segurança da depoente. Um ponto a ser levantado também é quando essas denúncias são feitas fora do ambiente digital. Pelo fato do imigrante ser visto como inferior em relação a um local, relatos explicitando a dificuldade de acessar autoridades e de ter a sua denúncia levada em consideração são muito frequentes. Quando tratamos de mulheres imigrantes, esse cenário é ainda mais delicado devido à vulnerabilidade em que essas mulheres se encontram e de situações que as ridicularizam e diminuem a sua experiência:

> Eu sinto e eu vejo, que não existem muitos dados por isso, porque as pessoas não se sentem seguras, mesmo, para denunciar, e as que se sentem e vão eu também eu escuto relatos que foram vitimizadas na delegacia, que foram culpabilizadas e, às vezes até que os policiais se recusaram a registrar queixa que a pessoa acabou desistindo nesse processo de "revitimização". E aí acho que por isso também acaba não existindo muitos dados e passando essa imagem de que é um país super seguro e tranquilo pra se viver, para a mulher também e não é bem assim. (Entrevistada 6 - Portugal)

A construção da imagem da "mulher brasileira tropical" foi desenvolvida durante os anos de 1970 a 1990 pelo próprio governo brasileiro para posicionar o país como um destino de turismo internacional, estabelecendo o corpo da mulher brasileira como um "atrativo turístico" (Gomes, 2009) para os homens estrangeiros. Estas peças engrandeciam as belezas naturais do país e a sensualidade da brasileira, na maior parte das vezes utilizando apenas biquínis, explorando a sexualidade como um "produto" a ser consumido, como exposto nas figuras 5, 6 e 7 a seguir:

Figura 5- Material de divulgação da Embratur de 1988

Fonte: G1. Disponível em: < https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>. Acesso em 13/07/23

Figura 6- Material de divulgação da Embratur de 1983

Fonte: G1. Disponível em: < https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>. Acesso em 13/07/23

Figura 7- Material de divulgação da Embratur como convite para a praia de Copacabana

Fonte: G1. Disponível em: < https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>. Acesso em 13/07/23

Outro elemento apropriado pela mídia estrangeira diz respeito às festas e celebrações culturais brasileiras, e a principal delas foi o carnaval. Essa se tornou uma oportunidade para

sustentar a brasileira como sensual e exótica, sendo o principal ícone do evento. Nas campanhas nacionais, as mulheres eram postas em horário nobre da maior emissora televisiva do país, a Rede Globo, bem maquiadas e seminuas, cobertas apenas por pinturas corporais enquanto sambavam. Somadas, essas duas estratégias para atrair pessoas estrangeiras para o país, principalmente o público masculino, criou e manteve o estereótipo de hiperotização das mulheres brasileiras (França, 2012). Diariamente esses imaginários sociais e estruturas de poder (racismo e sexismo) (Gomes, 2013) são reforçados pela mídia por meio de seus discursos midiáticos. De acordo com Lamartine e Silva (2022), a imagem da imigrante brasileira nos meios de comunicação está também associada à imigrante pertencer a um grupo nacional periférico, logo, inferior. Esse discurso de hiperssexualização e inferiorização é muito reforçado quando comparado às mulheres europeias, por exemplo.

A distinção entre Europa e América Latina é pautada na premissa de uma Europa higienizada, berço da civilização e cultura, de turismo histórico-cultural (Gomes, 2013) enquanto a América Latina é procurada pelos seus paraísos naturais, suas festas, permissividades e hedonismo. Por conta disso, Hall (2003) aponta que o tipo rígido, etnicizado e inegociável europeu traçou a base do preconceito e discriminação em relação ao "Outro", pautados na "diferença cultural" hipostasiada. Padilla e Gomes (2016) reiteram esse pensamento ao dizer que “as mulheres brancas europeias são as marias/mães/esposas; enquanto que as indígenas, negras ou mestiças das ex-colônias são as evas/pecadoras/prostitutas” (p. 185).

> Porque se eu fosse mulher europeia, não é bem assim, sabe? Com mulheres australianas, não é bem assim. Mas por ser latina é todo um outro processo. (Entrevistada 4 - Canadá)

> Eu busco evitar mesmo mostrar mais o meu corpo, embora aqui eu vejo que as mulheres, principalmente europeias, tipo alemãs e de outros países, assim, mais do Norte da Europa, usam roupa curta e principalmente no verão você vê mulheres com com shorts muito curtos, com tops e andam, assim, no transporte público tranquilamente ninguém diz nada, mas também porque são magras, então acho que a sociedade confere isso: se você tem mais curvas, você não pode usar certas roupas porque você chama atenção, se você é super magra, você pode usar um short mais curto e que mostre a “polpa da sua bunda” e um top e tudo bem, ninguém diz nada. O que não é problemático no sentido de “mulher tem direito de andar como ela quiser”, mas o problema está nessa diferenciação que se faz: mulheres com corpo de um jeito não podem usar tais roupas e mulheres com corpo de outro podem usar. (Entrevistada 6 - Portugal)

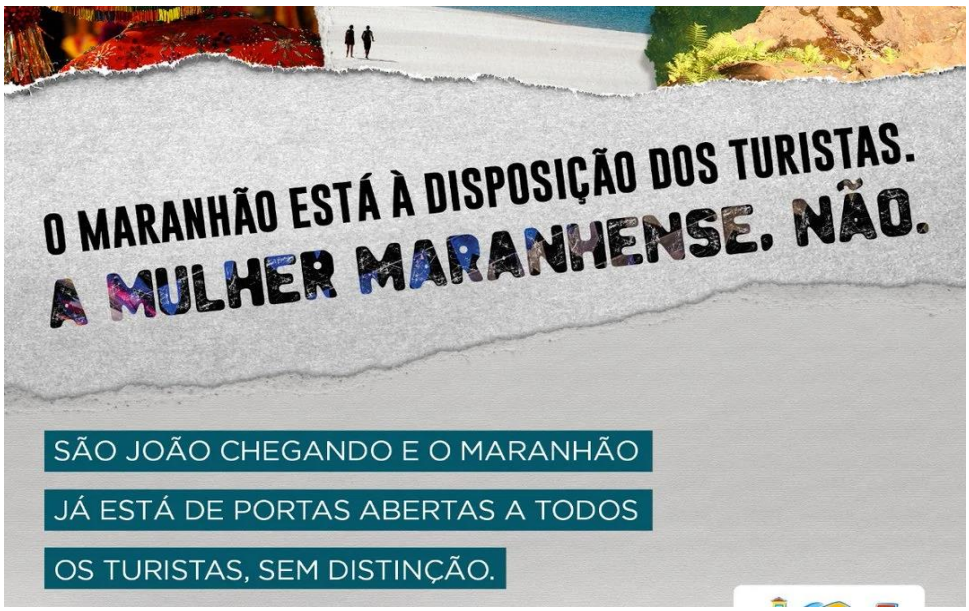
Uma tentativa de combater esse estereótipo atrelado à imagem da mulher brasileira foi realizada em 2019 por vários estados, principalmente nordestinos, com exceção de Sergipe,

após uma declaração do então presidente da República, Jair Bolsonaro, ao sugerir que “quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade.”. A campanha divulgadaincentivava o turismo ao litoral dos estados e repudiava a exploração sexual, incentivando as vítimas a denunciarem, como detalhado nas figuras abaixo:

Figura 8- Campanha de marketing realizada pelo estado da Paraíba

Fonte: Página do Governo da Paraíba no Instagram. Disponível em <https://www.instagram.com/govparaiba/>. Acesso em 13/07/23

Figura 9- Campanha de marketing realizada pelo estado do Maranhão



Fonte: Página do Governo do Maranhão no Twitter. Disponível em: < https://twitter.com/governoma>. Acesso em 13/07/23

Figura 10- Campanha de marketing realizada pelo estado de Pernambuco

Fonte: Página do Governo de Pernambuco no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/governope>. Acesso em 13/07/23

Retomando a discussão sobre a identidade latina, mencionada por algumas respondentes, embora a brasileira seja lida como latina em países do exterior, dentro do Brasil existe uma negação ou dificuldade em se reconhecer as semelhanças sociais, políticas e culturais em relação aos demais países latino-americanos. Prova disso é a pesquisa de opinião pública "The Americas and The World", realizada em 2015, onde apenas 4% dos entrevistados brasileiros se identificavam como latino-americanos (Guimarães, 2015 *apud* Tancredi, 2016). A construção da identidade do Brasil e dos países hispânicos da América Latina exerce uma influência nessa percepção. As diferentes formas de colonização dos países latinos, resultantes de uma rivalidade entre Portugal e Espanha, e a imposição das diferentes culturas, fez com que o Brasil se desenvolvesse de "costas para a outra América" (Carvalho, 1998 *apud* Dorella, 2010). Acerca disso, Tancredi (2016) reforça que:

> O processo de independência brasileiro deu-se de forma pacífica - sendo consentido pela metrópole, realizado pelo herdeiro do rei português (com apoio da burguesia brasileira) e mantendo-se o país unido sob a coroa, consolidando o Brasil como uma monarquia. Salvo peculiaridades inerentes a alguns países/regiões, os processos de independência da américa espanhola

> ocorreram de maneira diferente, tendo sido marcados por grande instabilidade, guerras contra a metrópole e posterior fragmentação territorial (Tancredi, 2016, p. 14).

Nesse sentido, considerando as suas particularidades, o Brasil se assemelhava às monarquias europeias, mais estável e "civilizado", enquanto os nossos vizinhos hispânicos estavam marcados pela instabilidade e violência como efeitos da resistência. Essa categorização reflete até hoje na percepção do brasileiro quanto à sua latinidade, visto por muitos como algo negativo, degradante e vergonhoso, especialmente no discurso da elite brasileira, que, por vezes, prefere relações políticas, econômicas e sociais com os tidos países desenvolvidos - países europeus, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia -.

À vista disso, parece haver um isolamento cultural do Brasil na América Latina, desconsiderando as características semelhantes aos demais países da região, e reforçando o chamado "complexo de vira-lata"[2]. Essa percepção é descrita na fala de uma das entrevistadas.

> Eu não era latina no Brasil, certo? A gente não era latina no Brasil. No Brasil você é brasileira, "virar latina" é só quando eu me mudo como imigrante, aí as pessoas começam a me ler como latina. Até então, eu era 'Entrevistada 2', uma mulher branca de classe média no Brasil. Tipo, o meu privilégio estava ali. E aí hoje eu chego como latina e as pessoas às vezes não me leem como latina, mas eu sou latina e muitas brasileiras não querem ser latinas porque não se veem como latinas, mas você é, a partir do momento que você cruzou a fronteira viramos todos latinos (...) e isso também causa uma barreira para a mulher brasileira. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

O depoimento da respondente é extremamente significativo para se pensar as relações de poder aqui discutidas, especialmente como ela descreve a mudança de status social ao se tornar imigrante latina. Trata-se claramente da perda de privilégios de classe e raça mantidos no Brasil às custas de uma suposta "europeização" da classe média branca.

Dessa maneira, é necessário pensarmos na interseccionalidade de raça, classe, e, obviamente, gênero, quando analisamos os relatos das entrevistadas, uma vez que essas particularidades podem configurar diferentes camadas de opressão vivenciadas. Essas mulheres são escolarizadas, de classe média e, em sua maioria, branca, havendo apenas duas mulheres que se autodeclaram racializadas. Essas categorias permitem acessos e, em certo nível, impactam na violência sofrida e na forma como essas mulheres lidam com o preconceito. Estruturalmente, mulheres negras precisam realizar um esforço excessivo para provarem a sua capacidade e ocupar lugares que lhes são negados. Do Carmo e Rodrigues (2021) relembram

[2] Crença que coloca a cultura brasileira como inferior quando comparada às de países do exterior, principalmente da América do Norte, Europa e Oceania, tidos como "países de primeiro mundo".

ainda que existe uma categorização dos saberes, em que o conhecimento do branco é predominante em relação ao do negro. A busca pela anulação do sentimento de se provar suficiente apesar dos obstáculos impostos pelo racismo, sexismo e xenofobia é exposto por uma das respondentes:

> Era como se eu acreditasse que eu estava acima "ah, eu sei que existe sexismo, eu sei que existe racismo, mas se eu trabalhar bem duro, eu vou ficar acima, acima do sexismo, do racismo", sabe? E a realidade é que não é. Não tem jeito. (...) Até esse ponto da minha vida eu pensava que se eu fosse a melhor de todas, se eu fosse a pessoa que ganhava todos os casos, se eu fosse a pessoa que se comunicava da melhor maneira com todos os clientes, se eu fosse a pessoa mais dedicada ao trabalho, se chegasse no trabalho primeiro e saísse por último, que o meu trabalho seria reconhecido. Eu ia ser a melhor e esse status de ser a melhor ia dar esse reconhecimento ao meu trabalho espontaneamente e eu não ia precisar lutar tanto quanto eu tenho que lutar, sabe? (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

O que essas produtoras de conteúdo fazem em suas páginas é discutir e, em alguma medida, quebrar essa barreira do estereótipo que lhes foi conferido por conta do seu país de origem e buscar a subversão desses títulos limitantes por meio do empoderamento e incentivo às outras mulheres. Ao fazer isso, elas ressignificam a sua história e introduzem "a invenção criativa dentro da existência" (Bhabha, 1998, p. 29), resistindo, de maneira combativa, ao discurso hegemônico e o classificando um problema social de fato, o que possibilita o estabelecimento de novos métodos de resistência entre as suas seguidoras e favorece a "produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural" (Hall, 2003, p. 338).

Por fim, é importante evidenciar que esses espaços no Instagram criam pontes entre mulheres brasileiras que vivem no exterior através de parcerias com projetos relevantes, alguns deles possuindo estreita colaboração com os consulados brasileiros em países estrangeiros para atender as vítimas de discriminação antimigrante, como a Rede de Apoio às Vítimas Brasileiras de Violência Doméstica (REVIBRA), uma rede europeia de profissionais que "atua ajudando gratuitamente e de forma sigilosa mulheres migrantes que precisam enfrentar violências diversas fora do Brasil e se sentem deslocadas na busca por apoio local especializado. A organização tem cinco eixos de atuação: atendimento, pesquisa, treinamento, campanhas públicas de conscientização e *advocacy*" (REVIBRA, 2023).

> A gente tem uma parceria com a REVIBRA, que é uma rede europeia de apoio a vítimas brasileiras de violências de gênero. Ouvintes nossos puderam conhecer a REVIBRA e membros da REVIBRA puderam conhecer o podcast.

> Então, essa ponte também entre redes que já existem, já estão mais ou menos estruturadas. (Entrevistada 5 - França)

Nesse cenário, o ativismo extrapola os limites do digital e "o "pessoal" tornou-se "político"" (Hall, 2003, p. 80).

3) Inseguranças e silenciamentos

Durante o processo de análise das entrevistas, um tópico que aparentemente se tratava de uma experiência individual se mostrou recorrente e sua forma de expressão foi muito similar entre as respondentes. Diz respeito aos gatilhos de insegurança e sua manifestação intrínseca à experiência migratória feminina. Para contextualizar, Grasso (1994) em De Sousa (2007), aponta a distinção entre duas formas de migração feminina: a instrumental, em que se busca apenas uma estabilidade momentânea, com expectativas claras de retorno para o seu país natal, assim, limitada temporariamente, e a promocional, em que as mulheres enxergam uma oportunidade mais igualitária no que concerne ao gênero, tornando-se mais independentes e buscando se ajustar nessa nova sociedade de acolhida, com expectativas de permanência no novo território.

Durante muito tempo, a categoria gênero foi omitida dos estudos migratórios, o que reflete a dominação dos homens na área, indicando que a trajetória masculina prevalecia em relação à feminina como migrantes, posicionando as mulheres como coadjuvantes que, em tese abdicariam de sua vida social, profissional e pessoal para serem suas acompanhantes. Esse movimento ainda é recorrente entre as imigrantes e é reiterado em algumas falas das entrevistadas.

> Por muito tempo eu negava qual era o motivo real, mas hoje já tá sempre muito claro que é por amor, eu vim por causa do meu namorado na época. (...) Você pensa assim "poxa, a pessoa tem que realizar o sonho dela". Ele veio e eu fiquei no Brasil. A gente ficou assim por um ano, antes de eu me mudar para cá. (Entrevistada 7 - Estados Unidos)

> Eu não escolhi muito imigrar, eu na época tava namorando com meu atual marido e ele tinha planos de fazer um MBA no exterior, e no exterior era bem abrangente quando a gente estava namorando. Então eu participei desse processo com ele ainda no Brasil e aí ele passou numa faculdade na Costa Leste dos Estados Unidos, em Dartmouth, e ele veio, e eu fiquei no Brasil por um ano. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

> Na época não era uma vontade minha, era uma vontade do meu ex-marido e meio que fui indo, sabe? Fui com o fluxo, assim. E o Canadá foi basicamente

> porque era o que dava a opção mais fácil pra imigrar mesmo, pra virar residente permanente. (...) Eu vim por causa dele, não queria vir para cá não, na verdade. (Entrevistada 4 - Canadá)

Considerando esses depoimentos, é notório o sacrifício feito por essas mulheres ao sair do Brasil e iniciar uma nova vida em outro país, estabelecer novos vínculos afetivos e construir um ciclo social apartado do de seu companheiro. Retomar à sua individualidade, que pode ser comprometida nesse processo, é complexo, como destaca Hall (2006) ao afirmar que a identidade é "formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (p. 13). Assim, essas mulheres perdem em alguma medida a sociabilidade e, ao mesmo tempo, a independência.

A função desempenhada por essas criadoras de conteúdo para a inclusão de outras imigrantes que se deslocam do seu país para acompanhar seus parceiros prova ser, mais uma vez, de extrema importância para diminuir o isolamento social instaurado no momento de chegada e nos meses de adaptação:

> É mais mulher que passa por isso no processo de imigração, é ela que sente mais, ela que fica mais sozinha porque é ela que fica em casa, é ela que talvez tenha deixado tudo e todos para trás por um… na verdade, no início, é por uma crença, né? Por acreditar que aquilo que vai ser melhor para ela. (Entrevistada 7 - Estados Unidos)

A dependência, financeira e/ou emocional, de outra pessoa nesse primeiro momento de chegada ao novo país é um fator limitante na vivência dessas mulheres. A perda de autonomia é um dos fatores que as deixa suscetíveis às situações de violência e impacta diretamente na maneira como as migrantes experienciarão o seu processo migratório.

> No Brasil eu me sentia mais forte, e quando eu me mudei para os Estados Unidos eu me senti bem vulnerável por muito tempo, até eu conseguir me mudar para a universidade, conseguir a minha bolsa e realmente estar numa situação de estabilidade lá, né, lá na Califórnia, eu não me sentia segura, eu não sabia do dia de amanhã. (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

A questão legal também estabelece um papel muito relevante ao pensarmos na solidão e inseguranças dessas mulheres que dependem de seus companheiros para se estabelecerem em um novo país. Como discutido anteriormente, antes de se mudarem as imigrantes exerciam uma atividade remunerada que foi perdida no processo de imigração. O abandono desse vínculo empregatício implica na dependência dessas mulheres de seus companheiros, provocando um sentimento de incapacidade e impotência:

> Eu não queria vir com o vínculo com ele, eu queria fazer minhas próprias conquistas, isso era muito importante para mim. (...) Existe esse visto específico que é de pessoas extraordinárias, é até um nome muito… exagerado, mas é porque você realmente precisa de prêmios e de cartas de recomendação, então é um visto muito difícil de conseguir e a esposa não tem direito a trabalhar com esse visto, a acompanhante, porque teoricamente é um visto que você vem, faz seu trabalho e volta para o seu país. Só que muita gente utiliza esse visto para estar aqui, principalmente os artistas. Então a esposa acaba sendo prejudicada nesse tipo de situação. (Entrevistada 7 - Estados Unidos)

> Eu não podia trabalhar e essa decisão não ser minha acaba atrapalhando muito, porque no Brasil você é muito, tipo, o que você faz, o "cara crachá" que todo mundo fala, e aí você chega aqui num ambiente da Califórnia com muitos eventos de networking, ainda mais no começo que a gente não conhecia muita gente, meu marido queria muito ir em evento de networking e a primeira pergunta que as pessoas falam pra você é "o que você faz?" e eu não tinha essa resposta, sabe? Isso fazia eu ficar muito insegura e tira uma parte da sua identidade, isso, então mexe muito com você, você não poder trabalhar. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

> Eu fiz a escola de direito aqui em Nova Iorque, né, e a trajetória da carreira dele em Nova Iorque foi uma carreira de muito sucesso, sempre, enquanto a minha, toda vez que eu ia trabalhar, eu tentava trabalhar (...) eu realmente me deparei com milhões de entrevistas onde as pessoas sempre falam "nossa, você é muito qualificada, seria muito boa para esse trabalho", mas aí não me contratam. (...) Ter um entendimento que algumas coisas não vão ser tão fáceis quanto eu vejo ser pro meu marido, porque eu também tenho o camarote vip da carreira dele, sabe? (risos). (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

Tomando como exemplo a fala da entrevistada sobre no Brasil você ser reconhecido pelo que faz, Chies (2010) destaca que a identidade é volátil e não se define pelo o que o indivíduo é, mas pelo o que faz. Dessa maneira, se faz necessário que a mulher esteja inserida em um grupo social pautado pelo trabalho produtivo, passível de categorização, mas que extrapole a função desempenhada e signifique a responsabilidade por produzir um material simbólico que defina "quem ela é", uma vez que o sujeito se transforma mediante as condições sociais em que está inserido e, simultaneamente, é um agente transformador dos espaços que ocupa (Salvagni, 2020). Ao romper as barreiras que lhes eram impostas, limitadoras de sua atividade laboral aos cuidados do lar e dos filhos, essas mulheres começaram a subverter os modelos de subordinação que despontavam, que não afetavam apenas o grupo social como um todo, mas também a sua individualidade e seu futuro pessoal (Chies, 2010). Sobre esse movimento de inserção profissional e desprendimento de instâncias limitantes, Salvagni ressalta que

> As novas formas de ser e estar que produzem outros modos de socialização não deixam de pertencer aos e reinserir-se nos já sabidos modos estruturantes

> e hierarquizados de produção; agora, contudo, outra vez passam a ser ressignificados sob outros véus do poder (Salvagni, 2020, p. 579).

Portanto, além de elemento constituinte da identidade dessas mulheres, o trabalho surge também como uma ferramenta de emancipação, já que enquanto uma mulher está empregada, ela possui seus próprios recursos financeiros que a permita encontrar alternativas para, por exemplo, libertar-se de uma situação que possa lhe oferecer riscos emocionais ou físicos. Ao perder a sua carreira profissional, parte da sua expressão identitária, esse grupo se torna mais vulnerável ao surgimento de questionamentos e dúvidas a respeito da sua própria capacidade como pessoa e profissional. Constata-se, a partir dos relatos, que algumas mulheres entrevistadas declararam não conseguir reconhecer que as suas habilidades são suficientes para desempenhar as atividades necessárias e que a qualquer momento serão descobertas como sendo uma "farsa". Com isso, observa-se a sensação de estarem sempre precisando provar a sua competência:

> Eu acabei não fazendo faculdade, mas eu tenho um trabalho, uma carreira muito bem-sucedida, ganho muito bem e eu fico pensando "cara…". E, tipo, aí fica um pouco daquela síndrome da impostora, assim, "como é que eu consegui tudo isso?", sabe, fico até um momento, assim, tipo "que horas que vai chegar aqui alguém falando assim, "não, acabou, acabou, pegadinha do malandro, já deu pra você". (Entrevistada 3 - Austrália)

> Por um bom tempo eu adiei de começar a Casa porque eu falava "gente, mas eu não sou ninguém, como é que eu vou me apresentar? Eu não sou nada, não sou psicóloga, não sou nada, como é que eu vou começar um negócio desse?" (Entrevistada 4 - Canadá)

Nesse ínterim, vemos relatos de mulheres que sentem que não têm voz, que não são seguras o suficiente para expressar o que sentem ou pensam. Muitas são dependentes de seus maridos e sentem ter menos valor por não terem um trabalho. Os sentimentos mais comuns são de vergonha, sensação de inferioridade, inclusive com a manifestação clara do que se denomina "síndrome da impostora" quando a imigrante consegue ser bem-sucedida profissionalmente no país.

Podemos relacionar a síndrome da impostora às opressões e desigualdades de gênero que imperam no mercado de trabalho. À medida em que as mulheres foram se inserindo no ambiente profissional, tornou-se perceptível a discrepância no tratamento e na valorização dessas profissionais. Jornadas de trabalho excessivas, a necessidade de provar a sua capacidade em ocupar determinado cargo para se equiparar a um colega, a baixa remuneração e o assédio no ambiente corporativo foram responsáveis pelo esgotamento físico e mental e pela distorção

da percepção sobre si e das suas capacidades profissionais (Souza, 2022), sendo essas as principais características da síndrome da impostora. Outrossim, a impostora diminui o seu sucesso e se sente uma fraude, duvida de sua capacidade intelectual e, temendo o fracasso, não busca novos desafios e realizações (Slank, 2019, *apud* Barbosa; Oliveira, 2021).

Em algumas situações, essas mulheres atribuem o seu sucesso a outros fatores que não sejam a sua própria competência, como um acaso, sorte, ou estar no lugar certo na hora certa, o que promove, substancialmente, a desvalorização das competências profissionais femininas em detrimento às masculinas. Quando elogiadas, as impostoras possuem a tendência de desconsiderar o reconhecimento por acreditarem que serão desmascaradas a qualquer momento e que as pessoas criam uma expectativa que ela não será capaz de alcançar. Esse tipo de pensamento é firmado diariamente por meio das interações socioculturais (Souza, 2022) e pode ser um impeditivo para o crescimento profissional dessas mulheres (Barbosa; Oliveira, 2021).

A sensação de insegurança também é oriunda da instabilidade por estar em um país que não é o seu, relacionada à vulnerabilidade. Todos esses processos resultam na solidão dessas mulheres que, recém-chegadas no país, ainda não conseguiram construir outros vínculos. De Sousa (2007) enfatiza que uma das saídas para superar essa solidão parece ser ocasionada pelos benefícios concretos oferecidos pela sociedade que as recebe.

> A vida aqui acontece muito também fora. Então consigo apreciar muito essa coisa de ter espaços públicos para as pessoas passearem, então, tipo, parques… As pessoas precisam desses espaços para poder ter um pouco de contato com natureza e aqui a gente vê muito disso, o quanto esse contato com a natureza faz parte do estilo de vida, eu acho isso incrível. E você poder ter esses espaços tão perto de você, ajuda muito. (...) Essa parte de culturas diferentes tem sempre, né, o lado positivo que você aprende… é como se você pudesse visitar aqueles tantos países sem sair do lugar, né? Então você conhece muitas pessoas diferentes, entende um pouco mais como aquelas culturas funcionam. (Entrevistada 3 - Austrália)

> Uma coisa que me choca positivamente aqui é a questão do custo de vida para coisas do dia a dia. Por exemplo, no mercado você com 20 euros, 30 euros, consegue comprar bastante coisa. (...) A cultura aqui é bem acessível. (Entrevistada 5 - França)

> Uma vantagem de Toronto que eu vejo, comparado com outras grandes capitais, assim, de língua inglesa, é que aqui 50% da população é imigrante. Então, mesmo que seja difícil ainda, eu acho que é menos difícil do que em outras grandes cidades ou do interior, por exemplo, que tem bem menos imigrante, então eles estão muito acostumados a contratar imigrantes, a ouvir sotaques diferentes… Você anda na rua, você vê muita gente falando outros idiomas, então você sabe que tá ok pra você também. Então eu acho que é uma vantagem, eu diria, tem muito imigrante. (Entrevistada 4 - Canadá)

O idioma toma uma perspectiva interessante na experiência migratória. De maneira a se integrar plenamente na nova cultura, “elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (Hall, 2006, p. 88-89). Equilibrar o aprendizado de um novo idioma sem deixar de lado a sua cultura, através da língua, é um desafio que muitas mulheres enfrentam, visto que elas são o resultado de múltiplas histórias e culturas interconectadas e estão nesse “*in between*”, pertencendo, simultaneamente, a várias “casas”. Ao transitarem no entrelugar, mesmo em ambientes mais abertos à imigração, é visível que a dificuldade em se comunicar em um novo idioma é um entrave para a emancipação dessas mulheres, tornando-as subalternas de seus companheiros:

> Pras coisas mais burocráticas, assim, eu dependia 100% dele. Se eu fosse abrir conta no banco, comprar um chip de celular, fechar o contrato do apartamento, assim, sabe? Essas coisas básicas do dia a dia… contratar a internet. Então eu fiquei por muito tempo dependente 100% dele. (Entrevistada 4 - Canadá)

A depender do nível de opressão carregado nesse processo, das repreensões em público por parte dos seus companheiros, pode acarretar até mesmo em um bloqueio do aprendizado do idioma e uma escolha pela reclusão, prejudicando o processo de socialização, intensificando a solidão dessas mulheres e dificultando, inclusive, o pedido de ajuda. Muitas das entrevistadas que migraram para um país de língua inglesa ou francesa mencionaram já ter estudado o idioma antes da sua mudança em cursos preparatórios e ter um bom domínio da língua. Contudo, ao desembarcarem e iniciarem a sua nova jornada, essas mulheres relataram dificuldades em compreender o que estava sendo dito pelos nativos e até mesmo um desinteresse dessa população em entender o processo do imigrante de se acostumar e dominar o idioma. Por conseguinte, atividades rotineiras como fazer compras, visitar um lugar, tirar dúvidas, pedir ajuda, se tornaram imensamente penosas de serem realizadas.

> O pior processo, acho que foi o idioma porque eu já falava francês, tinha um nível C1, acho que eu fiz a prova no Brasil e eu consegui o nível C1, aquele TCF, que é um exame de francês oficial. Mas quando eu cheguei aqui eu descobri que meu francês era um francês de sala de aula, porque o francês do dia a dia não era bem aquilo que eu tinha aprendido nas aulas de francês do cursinho. (...) Essa dificuldade de entender principalmente o que os meus colegas na sala de aula falavam, as expressões, as gírias. Os professores eu entendia bem porque eles usavam uma linguagem mais formal. Mas saindo num supermercado já era difícil às vezes, entendeu? (Entrevistada 5 - França)

> Mesmo eu falando inglês, chegar aqui… o ensino de inglês no Brasil, de escolas de inglês mesmo, é muito focado no inglês americano, né? Com sotaque americano e algumas um pouco com sotaque britânico. E aí você

> chega aqui e é longe disso e não só é longe disso, como aqui é um país muito multicultural, então tem muita gente e cada pessoa tem o seu sotaque. (Entrevistada 3 - Austrália)

> Muita dificuldade de adaptação, muita dificuldade com a língua. Na época, eu já vinha fazendo aulas de inglês no Brasil desde os dez anos. Minha mãe também é professora de inglês no Brasil, então ela me ensinou bastante desde a primeira série, desde que eu tinha seis anos, uma coisa assim. (...) Eu tinha essa ideia de que quando eu chegasse nos Estados Unidos, eu ia saber falar inglês porque eu sabia muito bem estrutura da frase, eu sabia várias palavras e eu não fazia a mínima ideia que a pronúncia é completamente diferente, que a destreza com que pessoal fala e a rapidez é completamente diferente, de que certas regiões dos Estados Unidos têm certos sotaques diferentes e quando você vem daquela região não é esse inglês que se ensina na escola, o inglês do sul dos Estados Unidos não é inglês que se ensina nas escolas, o inglês das áreas urbanas e periféricas não é o inglês que se ensina nas escolas. (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

> Acho que a barreira para mim, maior, foi a língua e olha que eu estudei em escola particular no Brasil, fiz inglês em escola particular no Brasil, então você acha que você tem aquele conhecimento de inglês. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

> Eu vim com um inglês meio que intermediário, mas é outra história quando a gente chega aqui mesmo para resolver, sei lá, abrir conta em banco, uma coisa que a gente não tem vocabulário, né? O idioma com certeza é muito difícil. (Entrevistada 4 - Canadá)

No que diz respeito à soberania dessas mulheres em seus processos migratórios através do domínio da língua, Hall (2006) alega que para além da possibilidade de expressar nossos sentimentos sem "se perder na tradução", falar um idioma "significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais" (p. 40). Logo, o idioma exerce um papel central na construção dessas identidades diaspóricas, tanto pelo aprendizado como forma de se incluir na sociedade de acolhimento, como também na manutenção do seu idioma nativo como forma de manter viva a sua cultura e sua identidade. Algumas respondentes afirmam manter o português em sua vida privada, com família e círculos sociais com brasileiros:

> Eu falo mais português do que francês na minha vida privada. (Entrevistada 5 - França)

> Eu acho que o meu modo de falar, eu me recuso [mudar], assim. Tem umas palavras aqui que eles pronunciam [diferente], tem palavras que muda um pouquinho a pronúncia, mas é uma coisa que não faço questão. (Entrevistada 6 - Portugal)

> A gente fala português em casa, né, eu e meu marido, a gente tem dois filhos hoje, né, uma de seis e um menino de quatro e a língua principal em casa é o português ainda. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

> Não mudei o sotaque, eu falo do mesmo jeito, com o sotaque como eu falava no Brasil. (Entrevistada 1 - Portugal)

O entendimento da existência de uma língua padrão parece já estar entranhada na nossa sociedade, mesmo sendo, na verdade, uma construção, como todos os indicadores culturais, sendo consequência do mito de uma língua que padronize todas as comunicações (Souza, 2014). Acerca disso, Hall (2006) afirma que as distinções culturais, delimitadoras da identidade, foram enquadradas no consumismo global por um tipo de língua franca internacional, o inglês, como se todos os marcos identitários de diferentes línguas, incluindo termos regionais e gírias, fossem capazes de ser englobados nessa tradução, fenômeno definido pelo autor como "homogeneização cultural". Ter domínio de um idioma é um fator apartado da manifestação de um sotaque acentuado do país do qual a imigrante é oriunda. Algumas falas das entrevistadas apontam que, independentemente da língua falada, a presença de sotaque é um fator que intensifica a dificuldade na comunicação, impacta a inserção profissional e impede a resolução de situações envolvendo as violências vividas por essas mulheres, sendo também um motivo para atitudes xenófobas por parte dos nativos.

> Só que por mais fluente, e isso é uma coisa que a gente consegue aprender muito aqui na Austrália, fluência em uma língua não significa não ter sotaque. Todo mundo tem sotaque, inclusive os australianos, que cada parte do país, e às vezes até de cidade diferente, tem sotaque. (...) Eu não tenho um sotaque tão forte de brasileira quanto outras pessoas e apenas um fato que relaciona a história aqui. E eu troquei de emprego, né, troquei de cidade e aí eu me vi nesse novo ambiente de trabalho tendo que repetir muitas vezes o que eu falava, porque as pessoas não estavam entendendo, pessoas australianas. Eu falei "(...) gente, mas eu nunca passei por isso". (Entrevistada 3 - Austrália)

> Eu falo francês bem, avançado, mas eu tenho um sotaque e eu acho que eu vou ter sotaque a minha vida inteira (risos) e é normal ter sotaque, isso também é uma coisa que eu aprendi aqui, que todo mundo tem um sotaque, a questão é que alguns tem um sotaque de Paris outros têm um sotaque do sul da França outros têm o sotaque do norte da França e algumas empresas infelizmente não tem essa concepção, essa compreensão e julgam que pelo sotaque a gente não vai poder desempenhar uma certa função, então tem essa barreira. (Entrevistada 5 - França)

> Minha mãe falava inglês muito bem mas o sotaque dela, né, é muito pesado e existe uma dificuldade muito grande em se comunicar sobre uma situação tão delicada, né, tão séria, de alta relevância não somente para você e para sua segurança, mas de sua filha menor, né, mas você está tentando se comunicar exclusivamente em inglês, uma língua nova, sabe? (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

A dificuldade de se comunicar e de ser entendida em sua plenitude reflete na autoestima e confiança das imigrantes. Apresentar uma dificuldade em se expressar completamente em

um segundo ou terceiro idioma aparenta estar relacionado com uma dificuldade cognitiva e atrelado à capacidade profissional limitada, por exemplo, como se essas mulheres fossem inferiores por cometer alguns erros gramaticais ou por ter um sotaque considerado forte.

> Eu não sei se era mais as outras pessoas ou eu, né, com essa insegurança deles acharem que eu não era esperta o suficiente por conta do meu sotaque. (...) Por muito tempo eu tinha medo de falar, eu tinha medo quando as pessoas não entendiam, eu achava que era minha culpa que ela não estava entendendo. (...) Eu acho que uma coisa como mulher brasileira, que eu tento hoje, que no começo eu não tinha, é confiança no meu sotaque em tipo, abraçar o meu sotaque. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

> As pessoas têm uma presunção que porque você tem uma dificuldade de falar inglês, então você tem alguma outra dificuldade, possivelmente uma dificuldade mental, que você não tem uma habilidade de se comunicar ou você não tem uma habilidade de aprender só porque você não está falando inglês. E isso realmente não é verdade. (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

Com base nesses relatos, é importante refletir que há uma suposta presunção do nativo em posicionar-se como superior por ser detentor do idioma e, do outro lado do espectro, posicionar a imigrante como inferior, especialmente quando sua fala possui fortes marcas dessa imigração. O que poderia ser lido como uma atitude individual, se mostra social quando observamos que as experiências se repetem. Entendemos que são marcas vocalizadas de uma imigração terceiro-mundista, carregada de outros elementos que dão forma à xenofobia por elas relatadas. Segundo Hall (2003, p. 322), a língua é um dos pilares de sustentação da identidade e da cultura nacional, alicerçada "na defesa do absolutismo étnico, de um racismo cultural (...)" e que, portanto, se mostra uma espécie de muro que separa especialmente aqueles/as que mais se distanciam do padrão hegemônico.

Por conta das manifestações de atitudes preconceituosas, discutidas também no tópico de *Diferenças culturais e xenofobia*, muitas dessas imigrantes buscam esconder e modificar sua forma de falar como alternativa para minimizar o sofrimento e se integralizarem nesses países. Em Portugal, por exemplo, existe uma tendência crescente pelos imigrantes brasileiros conhecida como *passing*, que consiste em adaptar a maneira de falar, minimizar o sotaque e utilizar palavras que não são comuns no português do Brasil para sobreviver ao preconceito, manifestando, assim, uma resistência passiva, em que busca-se resistir individualmente, aproximar-se daquela cultura sem estabelecer uma grande mudança estrutural (Padilla; Gomes, 2016). Algumas vezes, essa resistência faz com que a imigrante rejeite veementemente a sua brasilidade, afastando-se totalmente da cultura brasileira e compartilhando dos discursos dos portugueses de que "não são como as outras brasileiras", e aqui retomando também aos

estereótipos do que é ser uma mulher brasileira. Desse modo, a resistência é uma maneira de defender-se do preconceito e tornar a sua jornada migratória menos dolorosa.

> Esse processo de integração, para algumas pessoas, pode ser muito doloroso. E isso pode ser um mecanismo de defesa, né? Imagina uma pessoa que fala como eu falo, tem sotaque totalmente no Brasil e vai trabalhar num lugar que a todo momento é feito piada com aquele sotaque, a pessoa é discriminada, a pessoa é envergonhada… É claro que de alguma forma, ela vai acabar tentando ser diferente para não sentir tanta dor, não sentir tanto sofrimento. Às vezes a pessoa muda os jeitos de ser, o jeito de estar não é porque ela quer, é até doloroso, é dolorosa essa mudança também, mas é porque ela sofre tanto preconceito, tanta discriminação e esse processo pode ser tão difícil, que às vezes isso é um mecanismo de proteção. (Entrevistada 1 - Portugal)

Especificamente sobre o recorte de entrevistadas que moram em países que possuem o inglês como língua materna, a aproximação da língua portuguesa com o espanhol foi utilizada como uma alternativa de minimizar o impasse comunicacional. Ainda assim, por ser uma terceira língua, as imigrantes relatam ter enfrentado limitações da mesma forma na busca pela integralização. Como detalhado na seção de *Expressões do sexismo para mulheres brasileiras*, essa relação do Brasil e dos outros países da América Latina ainda pode ser um pouco conturbada, devido ao fato de o Brasil ser o único país latino não hispânico, e, portanto, os eventos realizados com foco no público latino-americano, muitas vezes, são conduzidos em espanhol, havendo pouco espaço para a representação brasileira. Uma das respondentes menciona, ainda, a inexistência de um serviço de atendimento em português para pessoas em situações de vulnerabilidade na década de 90, cenário esse que vem sendo mudado, inclusive, com a atuação dessas mesmas mulheres brasileiras imigrantes líderes e administradoras das páginas analisadas.

> Tem também um aspecto cultural de confiança, quando a gente consegue falar com uma outra pessoa brasileira, que realmente não tinha possibilidade de ocorrer na época porque todo mundo trabalhando nesses setores de providenciar serviço em ONG só falava inglês ou falava espanhol. (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

> As organizações e os eventos que são para latinos, ou eles são inglês ou eles mudam para o espanhol. Então você, como brasileira, acabando de chegar, você não consegue. Por mais que você entenda um pouco espanhol, você acompanhar o espanhol, se não é uma língua que você tem familiaridade, você vai se sentir perdida. (...) Eu lembro de chegar uma vez e tentar o espanhol, porque eu tinha muitas amigas latinas, eu fui num evento, um *happy hour* com elas e elas falando todo o tempo em espanhol e eu falava "gente, eu não vou fazer amigos, vou passar um ano aqui sem conversar com ninguém porque eu não consigo falar inglês, não consigo falar espanhol, como eu vou fazer?" (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

Fora da esfera digital, alguns desses projetos disponibilizam serviços de tradução de documentações e currículos, atividades jurídicas em português, além de grupos de trocas entre as suas seguidoras, como rodas de leitura, por exemplo, estabelecendo um local seguro onde elas poderão falar sua língua materna e trocar experiências sobre as suas vivências no novo país sem medo. Dessa maneira, embora distante da sua cultura originária, essas plataformas contribuem para a promoção de um ambiente integrado de sororidade, permitindo interações seguras entre as participantes que serão capazes de criar novos vínculos sociais. Mais além, a troca de experiências comuns a várias dessas mulheres permite um novo olhar sobre a realidade, tornando social um problema que poderia ser interpretado como individual, ou pessoal. Um dos efeitos dessa rede promovida pelas páginas estudadas é aumentar sua autoconfiança e a autoestima quando percebem que as supostas limitações são de fato opressões inerentes a uma série de marcadores sociais e culturais.

4) Relações afetivas

O movimento de deslocamento territorial é audacioso e rompe barreiras geográficas e simbólicas, mas também pode significar isolamento e solidão para muitas migrantes. A sociabilidade é um dos maiores atributos do ser humano e destaca o seu modo de vida cultural, caracterizando-se pela propagação de experiências ao longo das gerações através do uso da linguagem e de outras manifestações simbólicas (De Oliveira, 2017). As rupturas familiares, linguísticas, representativas e nos círculos de amizade podem, futuramente, significar um sofrimento no contexto de vida particular de cada mulher imigrante (Oliveira *et al.*, 2020) e resultar na redução da sua qualidade de vida e saúde mental. Uma das categorias da dimensão *Vivência migratória* diz respeito a amizades e aspectos mantidos na migração. Antes mesmo de contextualizar o desenvolvimento de um grupo sólido de amizades no contexto migratório, é preciso pontuar que conhecer novas pessoas na fase adulta já pode ser, por si só, um tanto dificultoso para muitas pessoas. A repetição de atividades cotidianas, principalmente quando se trata de atividades em casa, limita a socialização externa e faz com que muitos indivíduos tenham dificuldades em expandir o seu ciclo social e se restrinjam à manutenção de suas amizades mais antigas, provenientes de ambientes com maior propensão para o desenvolvimento desses relacionamentos, como escola/faculdade e trabalho.

> A gente fala assim “como que a gente faz amizade depois dos 30? Quando a gente não estuda mais, quando você só trabalha?”. Agora a gente vive numa época que quando a gente vai para academia, tá todo mundo com seu fone, eu, inclusive. Que está cada um no seu mundo, que você não se abre também

> para conhecer pessoas, que relacionamentos acabam se formando e criando através de aplicativos, né? A gente não conhece mais as pessoas lá fora no mundo. E tenho sentido isso no campo da amizade também. (Entrevistada 3 - Austrália)

> (...) É mais difícil você fazer amigo na vida adulta, né, do que aqueles amigos de escola, os amigos do seu trabalho, aqueles amigos que te conhecem a vida inteira. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

Com o afastamento físico resultante da migração, diferentes fusos horários e a mudança psicossocial adquirida com a imersão em uma nova cultura, é comum que esses vínculos afetivos ganhem um certo distanciamento, o que intensifica a sensação de não ter ninguém com quem contar. Imigrar também significa conhecer partes de si que não se manifestaram antes em seu país natal. Provar novas comidas, desbravar novos lugares, descobrir sensações, e vivenciar algumas contrariedades são acontecimentos que dificilmente serão entendidos por um amigo que vive no Brasil e não teve nenhum tipo de experiência internacional, por se tratar da vivência de um grupo muito singular. Pela proximidade do que é vivido, existe uma maior probabilidade de amizade entre imigrantes, visto que estes são mais propensos a compreenderem os dilemas vividos, podendo ter passado pela mesma situação ou, ao menos, entenderem o sentimento.

Apesar disso, é importante ressaltar que as amizades internacionais são permeadas pelas diferenças culturais de cada indivíduo, fazendo-se necessário realinhar comportamentos (De Oliveira, 2017) e descobrir uma nova forma de minimizar os possíveis choques provenientes dessas trocas. Alguns elementos culturais podem não ser entendidos completamente, como níveis idiomáticos, piadas e expressões, e dificultar a manutenção e aprofundamento da amizade. Mudanças e situações legais, a exemplo do visto para estar no país, também são limitantes do vínculo afetivo, devido à volatilidade de chegadas e partidas.

> Seus amigos passam a ser num curso que você vai fazer, seja de inglês, seja de outro lugar, eles passam a ser seus amigos, só o que acontece? Eles vão embora. (...) A maioria dos meus amigos iam embora, eles acabavam o curso e iam embora, assim, de novo. Quantos e quantos ‘tchaus’, eu tive que dar, sabe? É muito difícil dar tchau porque você se apega, a gente é ser humano e principalmente, se você for mais afetivo, né, você vai se apegar e vai sentir falta daquela pessoa. (Entrevistada 7 - Estados Unidos)

Esse apego mencionado pela entrevistada é resultante de uma identificação com aquele indivíduo, pela oportunidade de finalmente ser compreendida e ter encontrado pessoas com quem dividir as conquistas e desafios concernentes à realidade de imigrantes que deixaram a sua pátria para buscar melhores condições de vida no exterior, e a perda desse vínculo implica

em, novamente, passar pela situação exaustiva de conhecer outras pessoas com quem se identifica. De acordo com Souza (2006), amizades entre duas ou mais mulheres são mais íntimas e próximas e são permeadas por uma carga emocional compartilhada. De fato, em variados contextos, apenas uma mulher é capaz de entender e acolher as dores e os sucessos de outra mulher com toda a complexidade inerente a esses processos, portanto as redes criadas pelas produtoras de conteúdo se mostram uma alternativa necessária para que essas mulheres possam desabafar, debater, fazer novas amigas e encontrar o suporte necessário para reduzir os atritos na sua jornada migratória. Em muitos casos, amizades construídas por intermédio dos perfis estudados extrapolam o ambiente online, conforme relatado pelas respondentes.

A dificuldade de se incluir em um grupo, de sentir que pertence a um espaço e estabelecer relações afetivas sólidas é uma das maiores queixas das mulheres que deixam o Brasil para viver em outro país e prejudica não só a adaptação da imigrante brasileira como também o acolhimento e direcionamento em situações de violência. Ao se distanciar do seu grupo social em sua terra natal, a imigrante se vê em uma situação que precisa lidar sozinha com dificuldades burocráticas, sociais e linguísticas praticamente intrínsecas ao processo migratório e também com as dificuldades emocionais que surgem nesse período. Algumas dessas mulheres optam por não comunicar os seus familiares no Brasil sobre as adversidades enfrentadas, especialmente acerca de relacionamentos afetivos, o que pode estar associado à necessidade de reforçar seu êxito em um país do exterior e não preocupar as pessoas que ficaram.

> Quando eu consegui me separar, né, do relacionamento que eu estava, eu percebi… primeiro que eu demorei muito tempo porque eu estava aqui recente, não tinha amigos, assim, que eu confiava suficiente para falar uma situação dessa, então eu demorei muito, sofri muito sozinha, não queria falar pra ninguém do Brasil porque não queria preocupar ninguém porque não tinha muito o que fazer. (Entrevistada 4 - Canadá)

> A dificuldade também emocional, de estar longe num país que eu não conhecia ninguém, que eu não tinha amigos, que eu tinha uma pessoa que eu conhecia, mas que estava assim no outro ritmo de vida, não tinha muito tempo para dedicar a mim. (Entrevistada 5 - França)

> Para mim, foi a solidão, não tem ninguém, eu não tenho ninguém com quem conversar, com quem me apegar. E aí você fala “poxa, mas eu tenho que chegar aqui e imergir nessa cultura e viver o que está aqui, então não vou conversar tanto com as pessoas do Brasil” aí eu me isolei, me isolei do Brasil e me isolei daqui porque por mais que você tente, você não vai fazer amigos com qualquer um na rua, não é possível, não é assim que acontece. (Entrevistada 7 - Estados Unidos)

No momento de chegada, uma das maneiras de conhecer novas pessoas, seja imigrando sozinha ou com a família, é participando de comunidades das quais a imigrante se identifica, seja um grupo de leitura, um curso, grupos de esportes ou, na maioria das vezes, grupos de socialização com outros brasileiros nas redes sociais, como os promovidos pelas mulheres entrevistadas para essa pesquisa. Existe, no entanto, uma certa resistência por parte dos recém-chegados em estabelecer vínculos com brasileiros devido à crença de que para desenvolver a fluência em uma língua com maior velocidade deve-se imergir nela e afastar-se tanto quanto possível do seu idioma materno. Há, ainda, um certo preconceito de alguns brasileiros com a sua própria comunidade no exterior por conta da propagação de estereótipos como a "trapaça", "esperteza" e "desrespeito" dos brasileiros, que são responsáveis por criar uma desconfiança nos seus compatriotas que já estão há mais tempo vivendo na sociedade de acolhida. Em suas páginas e grupos, as criadoras de conteúdo entrevistadas estimulam a aproximação e a troca de experiências entre as brasileiras que as seguem:

> Existe um pouco desse estigma de brasileiros que chegam, porque não querem falar com brasileiros, que não confiam em brasileiros e às vezes tem uns comentários desses, a gente tenta educar, responde esses comentários tipo "não são todos brasileiros, dê chances para brasileiro", sabe? Se você está aqui no longo prazo, tenha brasileiros, né, da sua cultura, pessoas que você confia, porque são eles que vão te ajudar. Se acontecer uma emergência, é um brasileiro que você vai ligar, né? Tipo, até porque está todo mundo no mesmo barco, tipo, você não tem família aqui, então na hora do aperto, é um brasileiro que ajuda, né? (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

Existe também uma parcela da população brasileira imigrante que tende a afastar das comunidades de brasileiros, evitam participar de eventos voltados para latinos/brasileiros, reproduzindo comentários xenófobos estruturais, mencionados anteriormente, como ao exemplo de "não sou como esses outros brasileiros", colocando-se numa posição de superioridade em relação aos seus conterrâneos, distanciando-se do seu título de imigrante e de todos os desafios enfrentados por esse grupo. Ao associarmos gênero, nacionalidade e classe, é possível percebermos que esse distanciamento é um comportamento comum entre mulheres brasileiras imigrantes com maior poder aquisitivo, geralmente de classe média alta. Utilizar o seu capital cultural é uma maneira de demonstrar que não estão associadas à migração econômica (Gomes, 2013). Por outro lado, como destacado na fala da entrevistada acima, nos momentos de maior necessidade, são outros brasileiros que se mobilizam para ajudar quando surge alguma necessidade. Isso acontece muito motivado pela empatia com o recém-chegado, visto que muitas dessas pessoas que vivem há mais tempo no país já enfrentaram obstáculos similares com a dificuldade de adaptação e integração social.

Por conta disso, muitas entrevistadas afirmam possuir um ciclo social composto majoritariamente por brasileiros no país de acolhida e reforçaram a importância dos seus compatriotas na chegada e estabelecimento no exterior. A prática de conhecer uma pessoa e, a partir dela, encontrar outras que estão alinhadas com seus valores e visão de mundo até montar o seu próprio ciclo social também parece ser muito frequente entre as imigrantes, visto que, em algumas situações, as únicas similaridades entre os brasileiros imigrantes são a nacionalidade e o desejo de integração, como mencionado no primeiro tópico dessa discussão e reafirmado pelas entrevistadas:

> Pelo meu meio aqui ser mais de brasileiros também, eu tenho algumas amigas portuguesas, mas a maioria são brasileiros, (...) o resto são todos brasileiros e que eu conheci também no contexto da universidade, só que de outros cursos. Mas aí depois nós ficamos amigos, assim, somos amigos até hoje. Tem um grupo grande de pessoas e aí um foi conhecendo outro e foi apresentando outro e o grupo foi crescendo e são os amigos que eu considero, assim, mais próximos, que se eu precisar de alguma coisa eu sei que eu posso contar. (Entrevistada 6 - Portugal)
>
> Eu gostaria muito de não andar só com brasileiros. Mas a realidade não tem sido essa (risos). (Entrevistada 3 - Austrália)
>
> A minha rede de apoio aqui é brasileira, majoritariamente, assim, sei lá, acho que é 90% brasileiro. (Entrevistada 5 - França)
>
> A maioria dos meus amigos aqui hoje são brasileiros, a grande maioria. (Entrevistada 4 - Canadá)
>
> Eu só me adaptei nos Estados Unidos pelos brasileiros que eu conheço, porque eu tenho a minha bolha de brasileiros num lugar dos Estados Unidos (...), onde eu me sinto em casa, são com os meus amigos brasileiros e foi através de outros brasileiros que eu conheci. (...) Uma coisa que eu tive [que aprender] é ser aberta a conhecer os amigos desses amigos, até você conhecer o seu amigo e aquela pessoa que, além dela ser brasileira, ela tem os mesmos valores ou os mesmos costumes ou os mesmos pensamentos que você. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

O movimento de aproximação com pessoas do mesmo país também pode ser motivado pela necessidade oculta de manter um vínculo com o país de origem (De Sousa, 2007), visto que todos compartilham, em diferentes graus, uma cultura nacional, bem como as dificuldades de ser brasileiro em países do exterior considerados desenvolvidos que, como discutido anteriormente, possuem costumes diferentes no que tange ao acolhimento e receptividade brasileira, muito conhecidos internacionalmente. Por meio da preservação dos vínculos com outros imigrantes brasileiros, os “elos de continuidade com seus locais de origem continuam a existir” (Hall, 2003, p. 65).

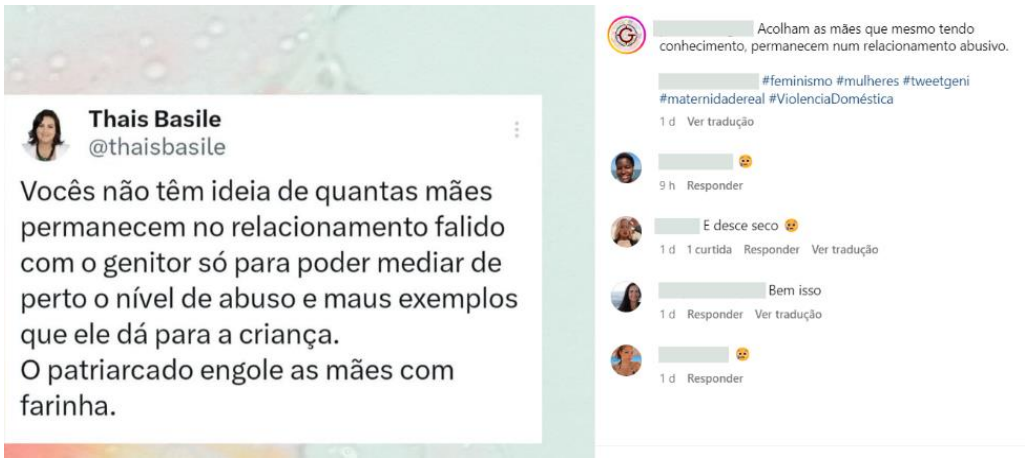
Além das relações de amizade, os cenários podem se agravar quando tratamos da separação de um parceiro abusivo, principalmente se esse cônjuge for nativo do país de acolhida. No âmbito jurídico, as autoridades consulares brasileiras são as responsáveis por celebrar a separação e o divórcio consensuais de brasileiros que vivem no exterior, sendo possível, também, dar continuidade com o seu pedido de separação aqui no Brasil caso o consorte estrangeiro não concorde com a solicitação. Nas situações que envolvem crianças, os filhos do casal, é estabelecido que a guarda poderá ser unilateral ou compartilhada caso os genitores vivam no mesmo país (Reinke; De Menezes; Simioni, 2015) e entrem em acordo (Geara, 2016). Mesmo quando se trata de uma viagem a passeio, no que se concerne ao retorno da mulher brasileira ao seu país com o(s) filho(s), a situação tende a piorar. A Convenção de Haia[3], da qual o Brasil é signatário, estabelece que, quando uma criança é levada para outro país sem que um dos pais autorize, ela deve voltar para o país que residia anteriormente, já que o deslocamento não autorizado por uma das partes configura sequestro internacional de crianças. Como o recorte desse estudo se limita às mulheres brasileiras imigrantes, o país de residência anterior da criança é o país para onde ela decidiu imigrar, logo a criança passará a ser tutelada pelo seu genitor nativo. A brecha e falha na Convenção está quando ela não considera as situações de abuso doméstico, dificuldades financeiras e/ou emocionais vividas por mães brasileiras, cuidadoras primárias, e também pela(s) criança(s), que motivaram essa genitora a mudar de cidade, estado, e até mesmo país, para fugir da violência, carregando consigo seu(s) dependente(s), e retorna a(s) criança(s) para os perpetradores do abuso.

> A guarda do filho quando o pai é canadense também é recorrente. Tipo, o pai não quer deixar a mãe levar o filho pro Brasil, ou pra passear mesmo. Briga judicial por causa do filho, quando o pai é canadense, tem bastante. (Entrevistada 4 - Canadá)

Essa é uma situação muito frequente relatada pelas imigrantes e muito discutida pelas páginas estudadas, como mostrado na Figura 11.

[3] "A presente Convenção tem por objetivo: a) assegurar o retorno imediato de crianças ilicitamente transferidas para qualquer Estado Contratante ou nele retidas indevidamente; b) fazer respeitar de maneira efetiva nos outros Estados Contratantes os direitos de guarda e de visita existentes num Estado Contratante" (BRASIL, 2000).

Figura 11- Publicação sobre mães que vivem em relacionamentos abusivos



Fonte: Página da Plataforma Geni no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/plataformageni/>. Acesso em 04/08/23

Um relatório da Conferência de Haia sobre Direito Internacional Privado (HCCH) aponta que, para cada dez casos de sequestro internacional de crianças, no mínimo sete são contra mães imigrantes cuidadoras primárias de seus filhos. Na prática, essas estatísticas somam mais de duas mil mulheres expatriadas acusadas de serem as sequestradoras dos seus próprios filhos por ano nos últimos dez anos (Bandeira, 2023).

O desconhecimento da existência da Convenção promove a dificuldade dessas mulheres se desvencilhar da dependência do ex-companheiro estrangeiro sem perder a guarda de seu(s) filho(s) e serem submetidas a violências morais, verbais e físicas diariamente. Por não encontrarem apoio dos cônsules brasileiros, dado que o órgão "parece incapaz de tomar medidas eficientes capazes de protegê-las" (Reinke; De Menezes; Simioni, 2015, n.p), as mulheres brasileiras se vêem desamparadas e sem alternativas para encontrar serviços de apoio quando estão diante desse tipo de problema no exterior. Quando, com muita dificuldade, e por intermédio de projetos como a REVIBRA, apresentado anteriormente, o Mães de Haia[4] e o Grupo de Apoio à Mulheres Brasileiras no Exterior (Gambe)[5], conseguem levar o caso adiante, essas mulheres são questionadas acerca do nível de idioma e integração à sociedade de acolhida, grau acadêmico, enquanto a sua priorização no cuidado da criança é deixada de lado. Esse fator está diretamente associado ao sexismo e à xenofobia incutida nos processos,

[4] O Coletivo Mães de Haia tem como objetivo trazer informações e suporte para as mães que se encontram atualmente refens da Convenção de Haia sobre os Aspectos Civis do Rapto Internacional de Crianças. Ver: https://www.instagram.com/maesdehaia/

[5] O Gambe é uma rede que promove a igualdade de gênero, atua na prevenção e no contraste da violência contra mulheres migrantes no exterior e realiza atividades de comunicação e conscientização para desconstruir estereótipos de gênero, étnicos e culturais. Ver: https://www.instagram.com/grupogambe/

considerando que um homem local, por mais que coloque a mãe e a criança em risco, terá vantagem em relação à uma mulher brasileira imigrante.

Mais uma vez, ressaltamos que a oportunidade dada pelas criadoras de conteúdo entrevistadas por meio de suas páginas, podcasts e grupos é imprescindível para o reconhecimento da violência vivida numa relação abusiva e para a apresentação de formas para que as mulheres brasileiras, vítimas dessas situações, consigam se desvencilhar de forma segura e conseguir o apoio necessário de outras mulheres e de projetos específicos que intermediam os trâmites.

5) O Instagram enquanto rede de apoio

Por fim, entramos na última dimensão, a *Produção de conteúdo*. O espaço digital vem sendo utilizado como uma esfera de denúncia e crescimento do ativismo feminista devido à sua principal característica de difusão de informações e facilidade para atingir uma grande parcela de usuários, amplificando o debate e promovendo a conscientização social. Essa rede atua de forma individual ou coletivamente organizada jogando luz às demandas de diversos grupos minoritários e marginalizados socialmente. Ao se apropriarem dessas ferramentas, as criadoras de conteúdo estudadas enxergam uma possibilidade de publicizar seus projetos numa rede digital e mobilizar uma rede de apoio entre as brasileiras imigrantes, dando visibilidade e encontrando suporte às causas que, apesar do seu crescimento, ainda requerem apoio e discussão. Essas pautas, que não necessariamente se iniciam, mas se propagam no Instagram, são capazes de impulsionar mudanças e ações efetivas fora das redes e interferir de forma prática nas relações públicas e políticas, entre poder e cultura (Lamartine; Silva, 2022). O que essas criadoras fazem é usar da capacidade do coletivismo para compreender e documentar o impacto da migração internacional sobre a vida de suas compatriotas e abrir espaços para fomentar a reflexão sobre suas próprias necessidades ou desafios (Silva, 2008), destacando que muitos desses projetos visam encontrar, em conjunto, soluções para eles.

> Eu acho que [a internet] exerce um papel importante, no sentido de informar, como denunciar e pode ter esse papel muito benéfico, né? De como denunciar e até no reconhecimento de que aquele episódio que a pessoa passou é xenofobia, é racismo ou é algum tipo de discriminação. Muitas vezes a pessoa pode ter vivenciado um episódio de racismo, de xenofobia e ela nem percebeu, mas quando há um relato ela reconhece no outro a violência. Isso é muito importante para poder evidenciar e para poder fazer um reconhecimento dessa violência, porque muitas vezes a pessoa sente um incômodo, mas não sabe por quê. E é quando ela lê o episódio que pode ser parecido com o caso dela, que ela percebe que não, que aconteceu uma coisa

> errada e o que aconteceu é xenofobia. Ela nomeia, né? A partir do outro, ela consegue fazer essa nomeação. Acho que tem esse papel importante, por isso os relatos, eu acho que são importantes por isso e também por evidenciar que de fato, acontece as situações, porque tem muita gente que duvida que acontece. (Entrevistada 1 - Portugal)
>
> Facilita 100% da comunicação e a gente chegar nas pessoas, né? Então pra gente conhecer gente nova, ou caso aconteça [alguma situação que a pessoa precise de ajuda], é 100% a internet, é onde a gente encontra informação, encontra outros relatos, conhece gente. (Entrevistada 4 - Canadá)
>
> Eu sinto que elas querem falar. Então quando elas veem que tem inúmeras páginas na internet com brasileiras, todas unidas ali, elas tendem a entrar em todas, eu percebo, para ver qual tem mais engajamento, onde ela pode encontrar mais apoio e também ler. Parece que, assim, se tem uma frase ou alguém falando "eu também", coisas assim, parece que isso atrai, sabe. Aquela sensação de pertencimento. (Entrevistada 7 - Estados Unidos)
>
> As redes sociais elas vêm para humanizar, apesar de que hoje a gente tem várias críticas às redes sociais porque espalham *fake news*, etc, mas você consegue ver o perfil, você está falando com alguém que você não conhece, mas você sabe mais ou menos quem é. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

A entrada e permanência feminina no ciberespaço é, por si só, uma forma de resistência, devido ao fato de que o uso das tecnologias e suas vertentes por muito tempo foi considerado um privilégio resguardado aos homens (Rocha, 2017). Ao migrarem para as redes digitais, essas mulheres poderiam conquistar o empoderamento que precisavam ao se reconhecerem e trocarem vivências numa rede de sororidade. Faz-se necessário pontuar aqui que a apropriação das TICs entre o público feminino não se estabeleceu linearmente por razão das diferenças sociais, étnico-raciais e territoriais vivenciadas entre elas, elementos que afastam esse grupo do engajamento na luta pelos seus direitos (Rocha, 2017). Afastando-nos dessa parcela da população, observando uma esfera considerada privilegiada, ativa na internet e nas redes sociais, é notório que o crescimento no número de mulheres usuárias das redes sociais destaca-se quando comparado aos homens (Ferreira, 2015). Esse avanço favorece o engajamento de potenciais leitoras e seguidoras das páginas referidas nesta pesquisa.

O movimento de emancipação e empoderamento alcançado pelas brasileiras ao se tornarem protagonistas de suas narrativas migratórias fortalece sua rede de apoio social, abre o leque de possibilidades para a resolução de problemas e tomada de decisões, além de reconhecer as "forças sistêmicas opressoras e engajar-se em ações políticas e sociais, em âmbito individual e coletivo" (Silva, 2008, p. 751) para transformar a sua realidade. Essas mulheres se conectam virtualmente com base em um interesse comum, seja político, ideológico ou cultural, para levar adiante as pautas do ativismo digital que, enquanto fenômeno, abarca

práticas que rompem as barreiras geográficas da rede, culminando em redes virtuais com configurações próprias (Lamartine; Silva, 2022).

É importante mencionar que ao optar por entrevistar mulheres criadoras de conteúdo para mulheres brasileiras imigrantes em países desenvolvidos ao invés de direcionar nosso olhar apenas para o material disponível nas páginas, consideramos que seus relatos tendem a extrapolar as intenções e materialidade desse conteúdo produzido. Como observamos até aqui, seus depoimentos são relatos de experiências pessoais que retratam em grande medida a realidade de um grupo que compartilha vivências semelhantes. É certo que no caso das respondentes, houve uma movimentação no sentido de criar o perfil voltado a construir uma rede de apoio a mulheres imigrantes e, por si só, isso significa que essas mulheres escancaram os obstáculos, inseguranças, violências sofridas, o que provavelmente não reflita a realidade do grupo de forma uníssona devido ao perfil diversificado do próprio movimento feminista em si e da pluralidade dos discursos e sujeitos (Lamartine; Silva, 2022).

> Quando eu saí do relacionamento e comecei a falar para as pessoas a história, assim… de cinco mulheres, eu acho que pelo menos três falavam que estavam num relacionamento parecido, ou que já tinham passado por isso… E aí eu comecei a me assustar, assim, porque é muita gente passando por essa situação e muita gente calada e sem saber o que fazer, sem ter para onde ir, a gente está aqui, sem rede de apoio, né? Então sem família, sem amigos, se, sei lá, tiver que sair de casa, ela vai para onde, né? Às vezes muitas mulheres não falam inglês ainda. Então eu vi que tinha muita gente que tava em situação parecida, não tinha nenhuma rede de apoio, então foi daí que surgiu: "preciso criar um grupo que eu consiga acolher essas mulheres ou que pelo menos a gente consiga se ajudar de alguma forma". (Entrevistada 4 - Canadá)

> Conforme você vai conversando sobre a sua história, sobre o que você já passou, e aí você vê que têm pessoas que vão se inspirando em você e você fica tipo "como assim?". E aí surgiu daí. Dá vontade de espalhar história e dar voz, né? Na verdade, não é nem dar voz, é dar espaço à voz dessas mulheres, de que, como uma mulher qualquer, comum, a gente tem muito a inspirar outras mulheres e também ser um lugar de acolhimento, de quando você escuta tipo "nossa, ela também passou por isso, não foi só eu". Vai desse lugar da gente conseguir aprender um pouco também com a história de outras mulheres, um pouco de ensinamento que a gente não precisa vivenciar tudo para aprender e mudar, mas de ser um pouco dessa rede de apoio. (Entrevistada 3 - Austrália)

> O projeto foi criado para justamente disseminar esses relatos, para as pessoas não se sentirem sós, sentirem que elas estão compartilhando experiências e também trazer as observações, as análises de especialistas. Fora outras questões também, outras dificuldades que a gente compartilha, as coisas que eu já mencionei com você, de ordem afetiva e emocional, sobre alimentação e tudo. Então a gente queria, eu queria, eu sentia essa necessidade de criar uma plataforma, um local pra gente poder se expressar e se ouvir, né. (Entrevistada 5 - França)

> Eu acho que veio muito dessa ilusão (risos) e frustração que eu tive no sentido de acabar não sendo o que eu esperava que fosse, o país e a relação com as pessoas e a maneira que eu esperava ser recebida e que as coisas aqui fossem. E acho que não só minha, mas das minhas amigas também, porque não tem nenhuma que não tenha passado por alguma situação, assim, de xenofobia mais direta ou mais indiretamente. (Entrevistada 6 - Portugal)

> A base do trabalho que eu faço hoje se atou tão bem com meu próprio background, de onde eu venho, sabe, o fato que eu e minha mãe, a gente não tinha os recursos, a gente estava lá numa situação de abuso sem saber para onde ir, sabe? Então eu pensei "ok, tem que existir alguém para suprir essa necessidade e conectar a comunidade com os recursos". (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

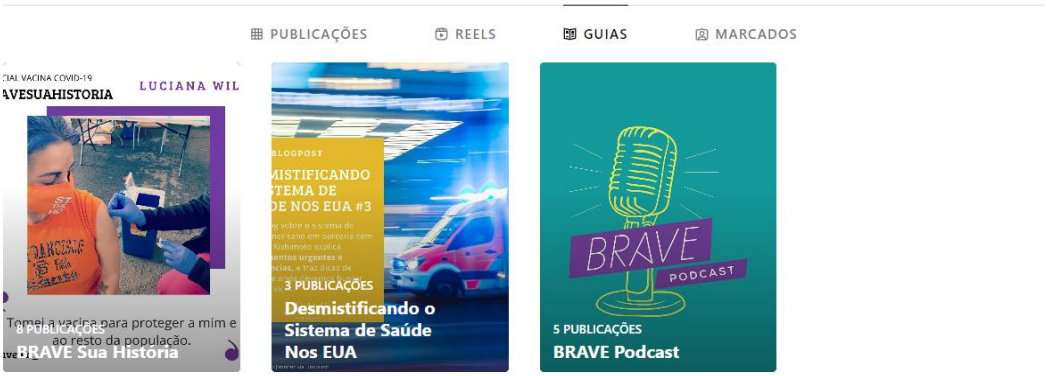
Como destacado nas falas acima, o movimento emancipatório dessas mulheres imigrantes inicia-se numa espécie de análise crítica da vida cotidiana de cada uma, do reconhecimento das dores vividas e na notoriedade dos mesmos percalços durante as trocas com seus grupos próximos, amigas, vizinhas, parentes e comunidade de brasileiras antes mesmo do surgimento de um perfil no Instagram. Só é a partir do reconhecimento das formas opressivas que perpassam suas vivências que passa a ser possível pensar e engajar-se, digitalmente e fora das redes, em ações coletivas visando a transformação dessa realidade. As conversações e trocas fornecem vestígios digitais que "são publicados, arquivados, e portanto, são recuperáveis e buscáveis" (Recuero, 2014, n.p), aspecto que motivou algumas criadoras de conteúdo a iniciarem seus projetos. Essa documentação permite os novos seguidores dessas páginas encontrem facilmente pelo que procuram através dos *Destaques* (figura 12), alternativa que possibilita a criadora de conteúdo salvar suas produções de *story*[6] categorizadas por temas, e as *Guias* (figura 13), que se diferenciam por salvar as publicações do *feed*.

Figura 12- Destaques da página BRAVE no Instagram

Fonte: Página da BRAVE no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/bravewn_/>. Acesso em 11/08/23

[6] Postagens realizadas por meio de fotos ou vídeos disponíveis para a visualização por apenas 24 horas. Para serem visualizados por mais tempo, eles podem ser salvos dos Destaques do perfil. Facilita a humanização das páginas e permite a interação dos seguidores a partir de caixas de perguntas, votações e reações.

Figura 13- Guias da página BRAVE no Instagram



Fonte: Página da BRAVE no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/bravewn_/>. Acesso em 11/08/23

> Estava sempre chegando gente nova. E aí eu falava assim "toda vez que tem uma pessoa nova, a gente não consegue conversar sobre outras coisas, a gente está sempre conversando sobre "ai, onde você mora? Por que você escolheu esse lugar? Onde que você encontra a comida brasileira? Como que você encontra manicure brasileira?". Aquelas primeiras necessidades que você quer manter do seu país, né? E aí eu falava assim "isso tudo podia a gente já estar conversando online, tentar documentar essa troca de experiência para que a gente, quando se encontre, consiga conversar sobre outros assuntos, né? Então a gente não precisa estar sempre dando boas-vindas pra [pessoa] nova. A gente vai ter feito isso online e quando a gente se encontrar pessoalmente, a gente começa a conversar sobre "está fazendo voluntário em algum lugar, o que você está fazendo com o seu tempo livre? Você está pensando em voltar para a sua profissão? Por quanto tempo você vai ficar aqui? O que você precisa fazer para voltar pro mercado de trabalho?", começar a ter umas conversas um pouco mais profundas, né? (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

> Tinha um grupo de amigas recém formado, a gente estava ali, todo mundo se conhecendo, suas histórias e tal, e meio que numa conversa dessa, surgiu uma ideia de fazer um podcast porque o que eu vi vendo aquelas mulheres ali, escutando as histórias delas, como história de vida, o que elas já tinham passado, o que trouxe elas para Austrália e a gente conversando ali, e aí eu vendo, tipo, quanto que a história daquelas mulheres, comuns, ninguém é famosa, ninguém, sabe… mulher como eu, você, como qualquer uma, inspirava outras pessoas. (Entrevistada 3 - Austrália)

Essas ferramentas facilitadoras da documentação e do arquivamento de discussões para recém-chegados às páginas são consideradas recentes, marcando a constante mudança e evolução dos sistemas e das redes sociais. Elas mediam as práticas comunicativas entre autor e público e permitem o surgimento de novos padrões estruturais. Recuero (2009) pontua a adaptação realizada pelos usuários de modo a construírem novos padrões de interação e sociabilidade digital e favorecer a circularidade das informações, uma vez que as redes são fluidas e mutáveis e, considerando que essas mulheres procuram dominar o algoritmo da rede para alcançar o seu público, fator mencionado por algumas respondentes como principal

motivo para criação do seu perfil profissional no Instagram, é necessário que consigam "manter a estrutura social e as interações possam continuar acontecendo" (Recuero, 2009, p. 89). Do outro lado, também é necessário que os usuários sigam as gramáticas das redes (Bastos; Lemos, 2022), ou seja, um determinado padrão de comportamento e interação para que essas produtoras consigam atingir seus objetivos com base na lógica de funcionamento das plataformas.

> Foi alcance. Eu acho que era o jeito mais fácil que eu tinha de juntar as pessoas e de gerar conteúdo. Não necessariamente a pessoa precisa seguir a página, mas se ela souber que a página existe e lá ela tem as referências do que ela consegue achar para mim era isso. Ter um lugar concentrado, de fácil acesso, que as pessoas pudessem ou seguir ou consultar, pelo menos, as coisas e alcançar mais gente. (Entrevistada 4 - Canadá)

> O que eu percebi foi que no contexto da pandemia, as pessoas acabaram usando mais essa ferramenta, né, para se comunicar e tudo, e acho que também eu vi como oportunidade essa mesma questão que eu estava falando, do anonimato. Porque os relatos são anônimos e o que eu sinto também é que as mulheres têm medo de se expor e falarem sobre suas experiências e sofrer algum tipo de retaliação quando se identificam. Então, a partir do momento que eu criei, já pensei nisso também. (Entrevistada 6 - Portugal)

> No começo foi "vou criar por criar, vamos ver o que vai ser, vamos começar a unir essa mulherada" muito foi, tipo, amigas convidando amiga, a gente não tinha muito regras de quem entrava. (...) Na época, não tinha grupo de WhatsApp, "como que eu ia pegar e-mail de todo mundo?", as pessoas já eram amigas no Facebook, então era natural que "cria-se um grupo, as pessoas vão chamando [outras]". Onde eu fui pensar mais em crescimento foi quando a gente foi para o Instagram, né, tipo, como que a gente pode alcançar mais mulheres que não conhecem o projeto. O Instagram era muito pra promover algumas das nossas atividades, ter mais um canal com a nossa comunidade. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

> Alcance. Foi feito por uma necessidade de, literalmente, alcançar a população. Tipo, a população está aqui nessa rede, então é dessa forma que a gente vai alcançar eles, porque é nessa rede que elas estão, sabe? (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

É possível perceber que, em alguns casos, o trabalho *offline* possuía uma lógica imbricada no Instagram com o objetivo de divulgar as ações que estavam sendo realizadas fora da rede e chamar a atenção de possíveis interessadas para se juntarem ao grupo, produzir conteúdos educativos, promover ações tais como encontros, rodas de conversa e de leitura, além de conseguirem um feedback quase instantâneo de suas produções. Nessa busca por driblar os limitantes do Instagram e atingir o público ideal, as brasileiras criadoras de conteúdo atuam diretamente com a experiência algorítmica (Lemos; Pastor, 2020), através de

materialidades como uma biografia detalhada sobre projeto, a publicação de *Reels*[7], uso de hashtags, como #brasileirasimigrantes, #brasileirasnoexterior, #mulheresimigrantes e outras que possam facilitar o acesso à página e torná-la rastreável algoritmicamente. Essas estratégias permitem que os atores sociais produtores do conteúdo estejam mais visíveis na rede e, mesmo sendo aparentemente simples, demonstram um grande potencial de transformação social quando bem utilizados, permitindo a identificação e entendimento, por parte das seguidoras, de situações de variadas violências no seu cotidiano que, por falta de conhecimento e debate nos seus círculos sociais fora do ambiente digital, são neutralizadas (Oliveira; Silva; Silveira, 2020).

Recuero (2009), apoiando-se nos estudos de Bertolini e Bravo (2001), pontua que a visibilidade está diretamente relacionada ao capital social relacional, e mesmo quando analisada individualmente, é um valor por si só. Paralelamente, a visibilidade abre portas para que essas produtoras de conteúdo mostrem seu trabalho, suas frentes de atuação, seus posicionamentos, e, considerando que no Instagram os indicadores numéricos funcionam como uma prova social, acredita-se que quanto maior o número de seguidores, curtidas e comentários, mais relevante seja a página, demarcando a reputação e relevância do seu projeto para a comunidade de brasileiras imigrantes.

Uma parcela das respondentes, exclusivamente as que trabalham com os podcasts, afirmou não explorar as ferramentas que estimulam o alcance e crescimento da página, direcionando seus esforços majoritariamente à qualidade da produção do conteúdo nas plataformas de áudio, onde veiculam suas produções, e dedicando ao Instagram apenas a veiculação de cards e descrições dos episódios, algumas dessas publicações acompanhando hashtags relacionadas ao tema discutido.

> A abordagem que a gente escolheu é uma abordagem bem nichada, a gente fala sobre imigração, mas de uma perspectiva feminista, decolonial, trazendo sempre uma interseção entre gênero, raça, classe, então a gente já não é o tipo de assunto que vai agradar todo mundo. A audiência nas redes sociais, foi… até hoje é um fator secundário, porque o podcast é pequeno, a gente não tem uma página enorme. O número, as estatísticas são um fator secundário, a gente está mais preocupado com o impacto qualitativo do que quantitativo, mas é claro que a quantidade também é importante para a gente furar as bolhas, né? Não falar só pra quem já é convertido. (Entrevistada 5 - França)

[7] Vídeos curtos do Instagram com duração máxima de 60 segundos. Podem ser produzidos combinando áudio, texto e imagens. É um formato mais propenso a alcançar o público, podendo possuir um caráter educativo ou de entretenimento.

> Eu nunca tive a ideia do alcance. Eu, na verdade, me preocupei sempre com a qualidade do material. Então comprei um microfone bom, eu escolho cuidar das pessoas com quem converso e os temas que eu vou desenvolver. O engajamento e buscar engajamento nunca foi [prioridade], e assumindo para você, é porque eu não sei fazer também. Eu não sei como… eu não fico lendo "como conseguir isso no Instagram", "como melhorar suas coisas no Instagram". Eu acho interessante, acho. Mas eu tenho dificuldade. (Entrevistada 7 - Estados Unidos)

Nota-se nas falas que, apesar de pouco utilizarem os recursos oferecidos pela rede, há o reconhecimento do Instagram enquanto uma plataforma que impulsiona a audiência e possui o potencial de angariar novos ouvintes e seguidoras/es para os projetos e suas respectivas páginas. A falta de domínio do uso do Instagram apresenta-se como um impeditivo para o desempenho na entrega dessas publicações, retardando o progresso quantitativo dos perfis e, consequentemente, deixando de chegar para mulheres que buscam por esses conteúdos.

A participação prévia de algumas criadoras em outras comunidades, relacionadas ou não com a temática de imigração, pode ter sido um facilitador ao atuar em suas próprias páginas. Mediar debates e propor iniciativas pode ser mais fácil quando já existe uma referência prévia de como fazê-los, como gerenciar potenciais crises, como se conectar com outras *creators* e projetos e como unir as mulheres que necessitam de ajuda com a solução que elas entregam.

> Eu faço parte da administração de um grupo, de uma rede de grupos de Facebook de mulheres brasileiras ao redor da Austrália e na Nova Zelândia também. E ali a gente já tem um senso muito grande de comunidade e a gente vê muitas histórias serem contadas ali. (Entrevistada 3 - Austrália)

> Eu lembro que quando eu estava nesse processo de me separar, o que me deu o start de perceber "tem alguma coisa errada nesse relacionamento" era um grupo de Facebook feminista que eu participava, e aí eu comecei a ler o relato de outras mulheres e me deu o clique, assim, então foi o que me tirou disso, o que me salvou. (Entrevistada 4 - Canadá)

> Tem aqui uma rede de brasileiras, aqui na França, que é bem estruturada através de um grupo do Facebook que conectou várias mulheres, tem mais de oito mil mulheres nesse grupo. (Entrevistada 5 - França)

> Eu já tinha participado de outras comunidades online que vieram do Orkut, se mudaram para o Facebook, então um grupo no Facebook era uma coisa meio natural para mim. (...) Eu já participei de comunidades, tipo, depois de noiva, foi de mãe, né, de grávidas, participei de comunidade, quando eu estava tentando engravidar, de infertilidade, e era uma comunidade em inglês, e me ajudou muito essa comunidade quando eu estava tentando engravidar. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

Durante as entrevistas e as análises das páginas percebemos que havia uma rede sendo criada entre as próprias entrevistadas. Muitas delas já se seguiam no Instagram e algumas já

realizaram alguns projetos juntas. Recuero (2009) apresenta um conceito de competição que possui um viés de cooperativismo. Diferente do conflito, a competição não está pautada na hostilidade, seu principal objetivo é consolidar a estrutura social através da luta coletiva para um objetivo comum. Da mesma maneira que o Instagram facilita a chegada de pessoas que se identificam com os conteúdos produzidos nas páginas analisadas, ele também permite que pessoas de fora dessa bolha encontrem as produções e, nessas situações, os conflitos são estabelecidos. Esses conflitos são hostis, geram desgaste (Recuero, 2009) e estão atrelados aos comentários de ódio deixados nas publicações. São pessoas, brasileiras e estrangeiras, que discordam do assunto que está sendo tratado, disseminando comentários xenófobos e/ou sexistas direcionados tanto às administradoras quanto às seguidoras. Primo (2005), em Recuero (2009), nos alerta quanto à necessidade de observarmos o conflito nos atentando para os elementos que compõem a mensagem de ódio e de seu objetivo, que apresenta-se exclusivamente "como destruição da estrutura social" (2009, p. 82). A depender da maneira como esse conflito é gerido, pode haver uma desestabilização no equilíbrio estabelecido pelas produtoras de conteúdo em suas páginas e algumas medidas de restrição poderão ser utilizadas, como, por exemplo, limitar os comentários.

> Não, nós nunca tivemos ataques de *haters* para poder derrubar a página, mas nós já estivemos em páginas de extrema-direita, sim, daqui de Portugal com print da página, falando mal… isso que a extrema-direita faz. Falando mal do trabalho, mandando voltar pro país. (Entrevistada 1 - Portugal)

> Xingamentos mesmo, já recebi. Coisa de pessoas usando palavras, mesmo, de baixo calão e me xingando e falando coisas ofensivas. (Entrevistada 6 - Portugal)

> Sim, tivemos um caso não de derrubar a página, mas foi um caso de *hate* muito grande. Uma brasileira ficou com raiva porque a gente tirou ela do grupo, ela estava causando e eu já sabia que ela era reincidente e ela estava com um perfil fake. E, assim, foi muito chato, porque ela começou a tentar descobrir sobre a minha vida, né? E eu tinha filha pequena na época e tinha um outro grupo de brasileiros em São Francisco que ela também começou a fazer *hate*. Ela colocou o endereço do outro moderador do outro grupo, o meu endereço ela não achou. Então ela só falava de mim, mas não tinha nenhuma informação minha que ela estava pondo. Ela falava que ela tinha contato com FBI e tal, mas uma coisa que ela fez que foi muito, muito triste, a gente não conseguiu barrar a tempo foi: a gente tem uma lista de serviços das empreendedoras que promovem no grupo e essa lista de serviço era pública, ficava no nosso website, até pra ser uma página amarela, "ah, eu to procurando uma boleira, tem uma festa, deixa eu ver quais são as pessoas que fazem isso". E ela pegou aquela página de serviço e denunciou várias das empreendedoras. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

A baixa recorrência de comentários negativos nas páginas indica o êxito dessas mulheres em construir uma "bolha", uma rede mútua de solidariedade e segurança para as suas

seguidoras e conquistar o apoio desse grupo para promover a articulação política e social, abrindo um espaço público para que brasileiras ao redor do mundo estejam aptas para reconhecer o sexismo, racismo e xenofobia vividos, seus direitos enquanto mulheres imigrantes e encontrar, em suas compatriotas, o apoio necessário, mobilizando-se para transformar a sua realidade individual e, que é, de certo modo, coletiva. Esse caráter de denúncia foi o que mobilizou algumas criadoras a iniciarem seus projetos.

> Foi justamente por ter percebido, desde logo, essa questão do estereótipo, do imaginário da mulher brasileira aqui em Portugal, relacionada ao corpo e à sexualidade. A gente não pode continuar deixando essas coisas acontecerem, temos que fazer alguma coisa. (Entrevistada 1 - Portugal)

> Eu lembro que um dia eu acordei e tinha uma mensagem de uma amiga no Brasil e uma reportagem que ela tinha visto no Instagram do Hugo Gloss, que era de uma brasileira que estava no Big Brother daqui [Portugal], e que uma portuguesa também estava participando e disse pra ela assim, em rede nacional, que a mulher brasileira já nascia com a perna aberta. E aí eu falei "não, isso tem que ser exposto, as pessoas têm que falar sobre isso, tanto as pessoas que estão aqui [em Portugal], quanto as pessoas que pretendem vir, precisam também ter essa noção de que vão passar por isso". Não que não venham, que no Brasil não tenham problemas, mas que venham sabendo que vão enfrentar também. (Entrevistada 6 - Portugal)

> Antes da pandemia e durante a pandemia, a gente via com frequência relatos de mulheres em situações muito vulneráveis, passando por violência doméstica, passando por abuso de patrão, abuso do empregador, abuso de proprietário do apartamento, né, da moradia, enfim, vários tipos de abuso que você possa imaginar. (...) Conversando com as mulheres brasileiras aqui [na França] a gente vê muitas necessidades que precisam de uma resposta. (Entrevistada 5 - França)

Como agentes de transformação social, as criadoras de conteúdo brasileiras contribuem para o desenvolvimento de vínculos e reconhecimento identitário para aquelas que não haviam encontrado uma rede sólida de amparo fora das redes. Diante disso, as redes de comunicação de mulheres torna-se imprescindível para a difusão de ideias nesse cenário internacional e seu compartilhamento é fundamental para que novas potenciais participantes/seguidoras sejam impactadas.

É importante observar que durante os anos de 2020 e 2022 houve um aumento significativo na exposição de casos envolvendo Violência entre Parceiros Íntimos (VPI) devido ao isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19. Esse tipo de violência caracteriza-se por comportamentos agressivos resultantes em problemas físicos, psicológicos ou sexuais, além de atitudes controladoras, como a restrição financeiras ou a busca por apoio, dentro de uma relação (Pontes *et al.*, 2021). A medida de isolamento forçou muitas mulheres que viviam

relacionamentos conturbados com seus agressores a permanecerem em casa sendo supervisionadas pelos mesmos, diminuindo o acesso a um espaço seguro para a sua integridade física e mental, potencializando a sua vulnerabilidade (Ornell *et al.*, 2020) e impossibilitando as denúncias. As mulheres vítimas de violência doméstica durante o período pandêmico estavam mais suscetíveis a "sentimentos de insegurança, impotência, quadros de ansiedade, depressão e até tentativas de suicídio" (Marcolino *et al.*, 2021, p. 2), quadro que se potencializa quando essas mulheres encontram-se distantes de seus países e ciclos familiares.

Em um relacionamento abusivo, torna-se comum o movimento de afastamento da vítima com a sua rede de apoio informal, aquela composta por vizinhos, amigos e familiares, fragilizando o suporte à medida em que o poder do parceiro sob a mulher aumenta. Assim, a mulher distancia-se dos canais especializados e retarda a busca pela solução (Pontes *et al.*, 2021). Nesse contexto, algumas das páginas analisadas iniciaram suas atividades voltadas à denúncia e acolhimento das brasileiras imigrantes vítimas de violência, enquanto outras as intensificaram, devido ao aumento da busca por informações relacionadas aos seus direitos e por serviços de assistência no ambiente digital. Essa atuação justifica-se também pela facilidade de acesso aos perfis, o que diminui o medo e a vergonha, por parte da vítima, em buscar meios legais de amparo, a exemplo da Delegacia da Mulher. Enxergar que existe uma iniciativa liderada por uma mulher que empatiza com a sua situação, encontrar outras compatriotas passando por situações semelhantes e vislumbrar uma rede de apoio digital é um pontapé importante para o distanciamento da violência. Além de oferecerem a sua página como espaço para denúncia e debate, bem como desenvolverem soluções próprias, muitas criadoras de conteúdo também possuem parceria com redes de proteção não governamentais para a proteção de mulheres em situações de vulnerabilidade de forma gratuita.

> Nós temos nessa página, o trabalho das redes sociais, temos um grupo no WhatsApp que é uma rede de apoio, temos o clube de leitura, fazemos sessões de conversa, de debate e quando aparece pedido de apoio, de ajuda, o que nos aparece muitas vezes, nós encaminhamos para as outras autoridades ou instituições que têm competência por aquele pedido. (...) Se uma mulher brasileira que é vítima de violência doméstica nos liga ou nos manda mensagem pedindo ajuda, a gente vai encaminhar para uma associação qualificada que trabalha com violência doméstica; se a pessoa tem dúvida de como fazer uma queixa, a gente apoia, a gente ajuda a fazer a queixa e se precisar de mais apoio a gente encaminha para as entidades que podem ajudar a ter esse acompanhamento, é basicamente esse nosso trabalho. (...) O trabalho duro de tá ali com as mulheres no dia a dia e criar essa rede de apoio é um trabalho fora das redes sociais, assim, de diálogo, de conversa, de atividade com as outras mulheres. (Entrevistada 1 - Portugal)

> As rodas de conversa, clube de leitura que a gente fazia também todo mês. (...) A gente continua sendo um ponto de apoio, então as pessoas conhecem a gente, às vezes mandam relato, às vezes elas só pedem ajuda "minha amiga está passando por uma situação de agressão, você tem algum contato, alguma coisa assim?". Então aí a gente a gente encaminha, a gente tem mais ou menos uma lista de contato de ONG, que tem estrutura realmente de atender, né? Que oferece serviços gratuitos, que oferecem tradução. (Entrevistada 4 - Canadá)

> A gente tem um projeto que poderia estar mais forte, mas ele existe, que é de violência doméstica, que é o projeto Luana, que veio muito de uma das nossas administradoras. Porque as pessoas já vinham procurar ela, não formalmente, informalmente as pessoas já vinham procurar ela. Então ela começou [a se perguntar] "como que eu posso fazer isso", né? Então a gente fez algumas coisas com o projeto Luana, traduzimos a lista de serviços que existem de violência doméstica, porque a gente quer tentar ser a ponte. (...) A gente tenta fazer muito essa ponte entre onde tem um problema e a solução e a gente com nosso conhecimento pode ajudar essa mulher a chegar nessa solução sem a gente ter que reinventar a roda. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

> Quando as convidadas se sentem confortáveis para compartilhar suas histórias dessa maneira, normalmente algo já foi feito sobre. Por conta do Papo Calcinha, que é a rede de grupos do Facebook que eu ajudo a administrar, ali a gente tem uma rede de contatos de profissionais, de advogada de direito internacional. (Entrevistada 3 - Austrália)

> Teve um período que eu organizei porque eu via aqui que as necessidades eram muito de nível jurídico, assim, das pessoas quererem informação, saber quais eram os direitos, o que poderiam fazer, e a nível da psicologia também porque eu vi que era uma coisa que ia afetando muitas mulheres e como era a minha área, logo no início do projeto eu criei também um grupo de apoio e aí continua até hoje, nós temos reuniões semanais e são online. Então dá para participar de qualquer país, você sendo brasileira imigrante, não só de Portugal. (Entrevistada 6 - Portugal)

> Essas pessoas vêm pra gente procurando o que fazer, né, quais são suas opções, e a gente ajuda a fazer um planejamento, especialmente para as vítimas de abuso doméstico, né, abuso do parceiro, a gente ajuda a fazer um plano sem forçar a pessoa a sair da situação de abuso, essa é uma decisão da pessoa, e sem forçar a pessoa a delatar para a polícia. E a gente conversa também sobre outros tipos de abuso que não são necessariamente físicos, né, abuso financeiro, abuso psicológico, abuso emocional, que é um abuso tão forte quanto a violência, mas a gente só pensa que "ah, se a violência não é física, então não é abuso". Então a gente tem uma conversa sobre isso também. A gente conversa sobre as opções dela, a gente não força a nada, a gente não força a pessoa a sair, a gente não força a pessoa a delatar à polícia o crime, nada disso. A gente fala sobre as opções, a gente fala sobre as opções perante o fato que ela tem filhos com o abusador, as opções perante o fato que ela tem uma situação imigratória que é dependente do abusador, né, que realmente pode deixar de ser dependente. (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

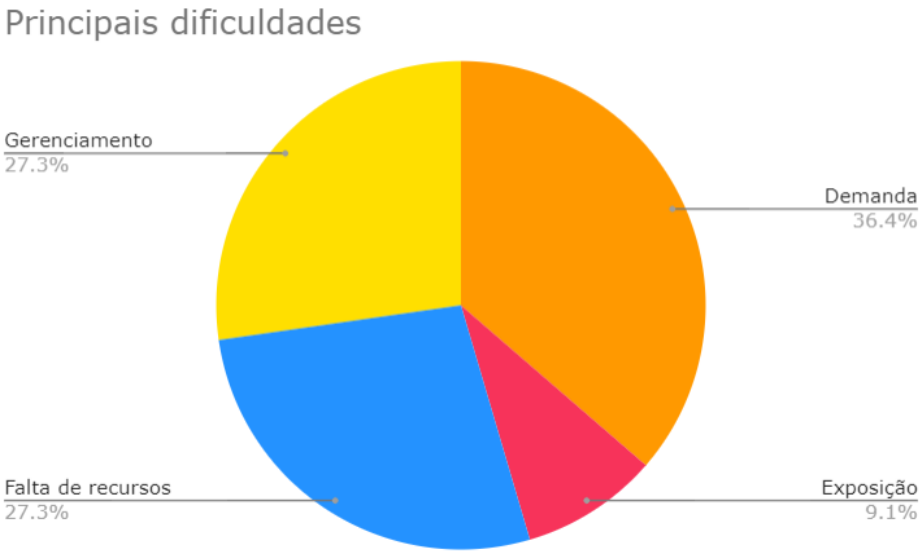
Com base nos relatos, é perceptível que as ações desenvolvidas através da rede de apoio informal facilitam o acesso aos meios de suporte formais para os casos de VPI para mulheres brasileiras residentes no exterior e, mesmo que a situação não seja totalmente solucionada pelas

próprias administradoras das páginas, elas direcionam para instituições capacitadas. A produção de conteúdo e moderação das páginas logo no início da pandemia exigiu que as criadoras buscassem informações seguras tanto para elas quanto para as suas seguidoras. A necessidade de entregar informações corretas e de qualidade, além de iniciar movimentações em prol das pessoas em situação de vulnerabilidade, como campanhas para arrecadação de materiais de higiene, roupas, máscaras e também ajuda financeira, elevou a posição de responsabilidade e liderança das administradoras das páginas, levando em consideração a sua posição de autoridade naquele nicho como influenciador digital, capaz de "modificar comportamentos e mentalidade de seus seguidores" (Gasparotto; Freitas; Efing, 2019, p. 75), ao passo que as afastou de suas próprias questões individuais geradas nesse período.

> Depois do COVID, foi muito assim: 2020 a gente trabalhou muito pela comunidade e ainda pegou uma parte de 2021. E eu acho que com isso a gente… eu tive burnout com certeza, e as minhas moderadoras e administradoras também porque elas falaram "ah, se ela tá de boa, vamos ficar de boa". Então a gente parou com quase tudo. As pessoas esperam isso de você, você vê essa pressão de você exercer um papel de liderança, né, porque as pessoas estão precisando dessa informação, mas, ao mesmo tempo, você também está lidando com aquelas emoções de COVID, de não saber o que vai ser, você também está se sentindo sozinha. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

Gerenciar uma página que lida diretamente com mulheres que passaram por algum tipo de violência não é uma tarefa fácil. Entre as principais dificuldades elencadas pelas entrevistadas (Gráfico 1), a demanda de trabalho se destaca pelo seu volume e pela dificuldade de associá-la com outras atividades laborais. Ademais, relaciona-se à carga emocional advinda do trabalho de ativismo em virtude do teor dos relatos e mensagens recebidos diariamente pelas influenciadoras, denunciando situações de sexismo, racismo e xenofobia.

Gráfico 1- Principais dificuldades elencadas pelas respondentes



Fonte: Autoria própria (2023).

> O ponto negativo é o trampo em si, assim, de gerenciar um trabalho, em tempo integral, né, então um trabalho CLT, com as demandas do podcast. (...) Tem que organizar agenda, criar pauta, aí tem o dia da gravação em si, criar os posts e, sabe, tudo isso demanda muito tempo e eu gostaria muito de ter mais tempo pra fazer isso, tanto é que a parte da edição eu terceirizei. (Entrevistada 3 - Austrália)

> Eu acho que a maior dificuldade tem sido... eu acho que lidar mesmo com essas questões mesmo quando não são diretamente comigo, mas que eu trabalho ouvindo essas histórias, né?! Então pra mim eu acho que é o que (...) eu tenho dificuldade de ter que estar ouvindo essas coisas e tudo. Isso pesa um pouquinho, de escutar tanta tragédia, tanta coisa que eu acho surreal, assim, tem uns relatos que eu recebo que falo "como é possível que isso acontece?". (Entrevistada 6 - Portugal)

A maior parte das respondentes possui um vínculo empregatício remunerado em paralelo ao trabalho que desenvolvem no Instagram, não necessariamente relacionadas à área em que atuam digitalmente, e, por conta disso, não conseguem se dedicar 100% aos projetos na rede em que atuam sem nenhuma remuneração financeira. A falta de recursos para o desenvolvimento dos projetos é um fator que pode levar à descontinuidade dos mesmos e impactar na disseminação desse tipo de conteúdo, que já é pouco discutido e compartilhado. Os projetos mais consolidados, que atuam como Organizações Não Governamentais (ONGs), enfrentam ainda o desafio de pleitear bolsas de apoio para que consigam levar adiante as soluções desenvolvidas e chegar às mulheres brasileiras que buscam por esses serviços.

> Demanda bastante organizar um projeto como esse, é um projeto totalmente voluntário, a gente não tem nenhum tipo de remuneração, então a gente faz

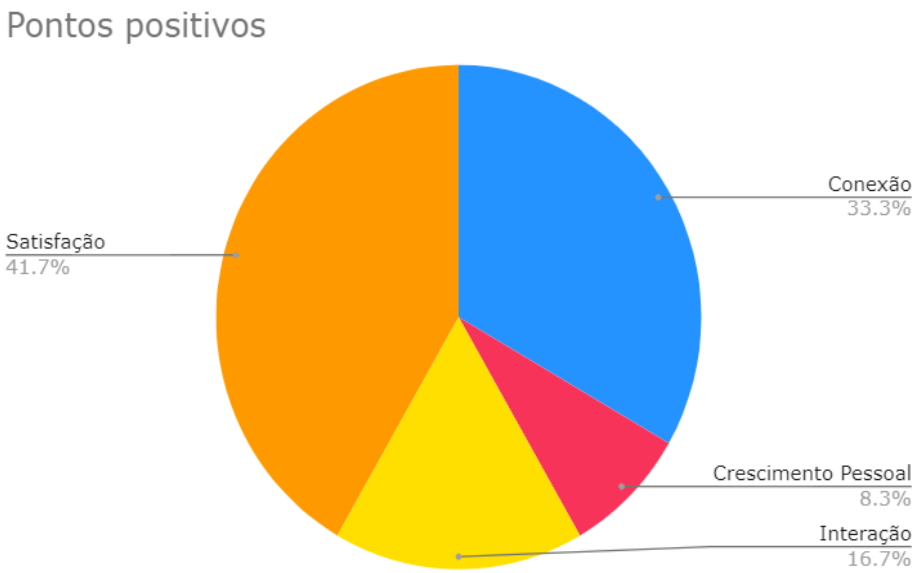
> isso no nosso tempo livre, na nossa pausa do almoço, no caminho para o trabalho, na ida para, sei lá, para um compromisso. É um desafio: conciliar o podcast com as nossas vidas profissionais e pessoais e com as nossas necessidades de pausa, de descanso. Ainda mais que a maioria das pessoas da equipe já trabalha com temas que demandam muito emocionalmente, tem uma carga mental forte, temas humanitários e questões de combate à violência de gênero. (Entrevistada 5 - França)

> Nós somos voluntárias, muitas de nós, acho que todas hoje de nós, ou trabalham e são mães, ou só trabalham ou só são mães. Ninguém tem tempo livre, então você faz aquilo no seu tempo que não é livre, que você podia estar fazendo outra coisa e as pessoas ainda cobram, né? Então essa cobrança às vezes dá um desânimo. (Entrevistada 2 - Estados Unidos)

> Eu não tinha nenhuma vontade, naquele momento, de começar uma ONG, eu queria realmente terminar a escola de direito, passar o teste da ordem e ter um emprego estável, que eu não teria que batalhar todo dia para o meu salário, escrever bolsa para ONG, essa não era a meta, tá? (risos). (Entrevistada 8 - Estados Unidos)

Em contrapartida, os bônus se sobressaem aos ônus e as criadoras enfatizaram a satisfação que possuem ao liderarem seus projetos (Gráfico 2). Ver a mudança acontecendo e mulheres transformando suas realidades através do esforço dedicado às atividades de construção de uma comunidade de acolhimento segura, composta por outras brasileiras imigrantes para o compartilhamento de relatos e experiências, é o que motiva muitas dessas criadoras de conteúdo a continuarem desenvolvendo seus trabalhos, apesar de toda dificuldade que possa surgir durante essa trajetória. Aproximar-se, mesmo que virtualmente, de suas compatriotas e diminuir o sentimento de solidão muito comum no processo migratório, fazendo novas amizades e construindo redes de apoio e afeto também foi um dos pontos positivos mencionados pelas respondentes. Algumas dessas amizades ultrapassaram os limites das telas e se efetivaram fora delas, reforçando a solidez das relações entre essas mulheres por meio de uma cumplicidade e sororidade que apenas outra mulher brasileira que compartilha de seus sentimentos e vivências como imigrante é capaz de dividir.

Gráfico 2- Pontos positivos de administrar as páginas



Fonte: Autoria própria (2023).

> Os pontos positivos eu acho que é o alcance, tem uma comunicação com as pessoas, uma interação com as pessoas, isso é muito importante para poder falar e trazer luz sobre esses temas, porque eles tão tabu de certa forma. (Entrevistada 1 – Portugal)

> Fazer conexões, né? Então, tipo, eu conheci muita gente (...) a gente fez uma rede muito boa de mulheres, então é muito legal para mim mesma, assim. Pra conhecer gente, pra trocar experiência. (Entrevistada 4 - Canadá)

> Eu acho que também é uma coisa que me dá força de continuar fazendo o trabalho que eu faço, eu fui vendo que era um trabalho necessário e importante, eu acho que é uma coisa que me motiva a continuar aqui tentando ajudar essas mulheres que passam por isso. A questão de eu sentir que existe esse propósito aqui para mim, me sentir realizada no sentido da minha profissão e no sentido que eu vou conseguindo fazer alguma pouca diferença na vida dessas das pessoas, na vida das pessoas que estão pensando em vir e construir sua vida aqui. (Entrevistada 6 - Portugal)

A rede digital permite a interação e a troca de experiências de forma direta e praticamente instantânea entre o público e as criadoras de conteúdo, mediando o debate e fomentando a participação das seguidoras. Tendo isso em vista, nenhuma das administradoras mencionou uma previsão de encerramento das suas atividades de ativismo digital. Apesar de alguns projetos terem suas atividades reduzidas por conta da pandemia da COVID-19, as respondentes reafirmaram o desejo de continuar e de expandir as suas atividades utilizando-se da oportunidade de visibilidade possibilitada pelo Instagram, tanto dentro, quanto - e principalmente - fora da rede, onde o “trabalho pesado” acontece. Com o retorno das suas atividades laborais prioritárias, algumas criadoras citaram a necessidade de organização para

equilibrar as demandas e estabelecer uma frequência nas publicações e nas iniciativas que desenvolvem nas páginas.

> A gente está ainda pensando como é que vai se organizar em 2023, porque todo mundo tá cheio de desafios profissionais, mudanças nas vidas pessoais, então a gente está tentando ainda fazer com que ele não pare em 2023, depois talvez conseguir pensar em outra coisa, conseguir expandir. A gente vai precisar talvez de mais membros porque como é um trabalho voluntário, é difícil, né, alocar muito tempo. (Entrevistada 5 – França)

> O plano para o futuro é continuar o trabalho e expandir o trabalho. Nós já estabelecemos aqui um nome e um trabalho em Lisboa e em alguns outros lugares de Portugal, mas o objetivo é expandir o trabalho, por enquanto, a outros lugares de Portugal, que é onde a gente consegue estar mais presente, continuar. (Entrevistada 1 – Portugal)

> Quero voltar pelo menos com as postagens no Instagram agora, pro mês que vem, porque faz falta. A gente posta muita informação mesmo, né, de serviços que estão disponíveis aqui, notícias, enfim. Pelo menos o Instagram e as rodas de conversa mensal eu quero voltar para ontem, o mais rápido possível. (Entrevistada 4 – Canadá)

Perante o exposto e discutido nos resultados, é notória a percepção de que a apropriação do Instagram, e do ciberespaço de modo geral, amplie os debates e a participação social devido à sua característica de fluidez e das mensagens serem facilmente difundidas e consumidas. O ambiente virtual, nesse cenário, caracteriza-se como um "ambiente de encontro, resistência e fortalecimento de diferentes segmentos sociais" (Oliveira; Silva; Silveira, 2020, p. 455), permitindo que mulheres brasileiras ao redor do globo se encontrem nos relatos e denúncias de suas conterrâneas e estejam aptas para reconhecer as violências vividas diariamente, discutir sobre as suas problemáticas e, dessa forma, buscarem, coletivamente, resoluções para as suas pautas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender por meio de uma abordagem qualitativa de que forma acontecem as trocas entre mulheres brasileiras imigrantes que habitam países desenvolvidos através das redes sociais, especificamente no Instagram, e de que maneira as criadoras de conteúdo com esse perfil se utilizam da rede para alcançar o seu público. Devido ao baixo número de trabalhos científicos identificados que se debruçam em investigar as particularidades da imigração brasileira com recorte de gênero, principalmente quando associada à mediação das redes sociais digitais para os debates, nossos esforços se traduziram em achados valiosos para descortinar a questão.

Pautadas pelo desejo e interesse em compreender o fenômeno de modo aprofundado, optamos pela entrevista em profundidade semi-estruturada com mulheres imigrantes brasileiras residentes em países desenvolvidos da Europa, América do Norte e Oceania que se apresentam como criadoras de conteúdo de perfis no Instagram voltados à problemática. Fundamentadas em Bauer e Gaskell (2002), evidenciamos que ao estudar um grupo homogêneo e específico, como é ocaso da pesquisa, o alto número de respondentes não se mostra significativo, e a busca por uma pluralidade interna - como a preocupação em entender a realidade de diferentes países, tempo de permanência como imigrante, variedade de locais de origem, marcadores raciais e faixa etária - se mostra mais relevante. Assim, pontuamos que o número pouco expressivo de mulheres entrevistadas (oito) se mostrou suficiente para os propósitos da pesquisa, ainda que não permita generalizações.

As hipóteses que levantamos na etapa da metodologia foram parcialmente confirmadas. A primeira delas se relacionava com as diferentes condições que poderiam ou não pautar o tratamento recebido pela mulher que se muda para outro país, especialmente para países desenvolvidos. Conforme analisamos na seção prévia, o nível de violência em que as respondentes eram submetidas eram condicionadas por suas condições migratórias. Nível de fluência no idioma, país e região de imigração, flexibilização da própria cultura e abertura para dialogar com o novo são fatores que podem determinar o quanto essa experiência poderá afetar a migrante. É comum também que a falta de referência de algo familiar seja resultante em choques culturais e a inexistência de uma rede de apoio nessas situações intensifica a dificuldade de integração na sociedade de acolhida.

A segunda hipótese diz respeito à motivação para a criação de uma rede digital para a socialização entre outras imigrantes brasileiras. Percebemos que elas são, sim, motivadas

principalmente pela percepção da recorrência da violência entre outras mulheres de seus ciclos sociais, no entanto, não se limitam a isso. A documentação dos diálogos e a divulgação de ações já realizadas fora da esfera virtual também foram alguns dos motivos elencados como objetivo principal da criação da conta no Instagram.

O alcance e facilidade do compartilhamento de informações são características que fazem do Instagram o ambiente favorável para que indivíduos e coletivos possam dividir as suas vivências e necessidades, fomentando debates e buscando por soluções em conjunto. Percebemos, através dos relatos, que as experiências subjetivas constroem vivências compartilhadas. As criadoras conseguem publicizar seus projetos por meio das postagens e passam a construir uma rede segura, nichada e confortável para que mulheres brasileiras imigrantes identifiquem violências até então negligenciadas, conheçam outras mulheres que compartilham dos seus sentimentos, sejam capazes de expandir seu ciclo social e encontrar o auxílio necessário para as suas demandas e sua permanência nos países estrangeiros. Esse movimento iniciado nas redes sociais digitais pode tomar tamanha força que seu potencial é capaz de "estourar a bolha" e levar os diálogos e problemáticas para fora desse espaço, impulsionando ações efetivas na transformação dessas realidades por meio das relações políticas e sociais.

Percebemos haver uma tentativa do país receptor, ao menos em parte da sociedade, em manter a sua cultura intacta, realçando a lógica da distinção, o que resulta em práticas racistas e xenófobas. A dificuldade na recepção de estrangeiros, especialmente nos países colonizadores, aqui representados por França e Portugal, foi notada pelas entrevistadas e muito disso se deve aos traços do colonialismo tão marcados em nossa história. Características notórias da fase colonial, a marginalização e subordinação ainda se mostram presentes nessas relações entre locais e imigrantes brasileiras/os, promovendo ainda mais a segregação e dificultando a inserção dessas mulheres em determinados ambientes. É certo que o processo migratório é transformador para os dois lados, tanto para a imigrante quanto para a nação escolhida para a migração, visto que a volatilidade da cultura as permite levar seus costumes, crenças, idiomas e também aderir ao novo modo de viver como uma forma de troca mútua, ainda que não com pesos equitativos.

Além de promoverem a socialização entre mulheres brasileiras ao redor do globo, as páginas estudadas também são responsáveis por disseminar informações relacionadas às burocracias administrativas necessárias para a regularização migratória, aos direitos

resguardados para o grupo, além de alguns desses projetos auxiliarem com a tradução de documentos e serviços, contribuindo para minimizar os fatores limitantes que afastam as brasileiras imigrantes das políticas públicas que as governam.

Durante a explanação de resultados e discussão sobre os mesmos, é notório que o Instagram, enquanto uma rede social pública, contribui para a idealização e disseminação de estereótipos relacionados à mulher brasileira, principalmente associados ao corpo e disponibilidade sexual, ao mesmo tempo que confronta esses mesmos constructos sociais através de páginas ativistas como as analisadas nesta pesquisa. Como vimos, o estereótipo associado à imagem da mulher brasileira no exterior não parece ser algo que acontece em um país em especial, principalmente porque as denúncias de importunação sexual foram recebidas por todas as moderadoras dos perfis.

De modo a construir um espaço de sororidade reunindo um grupo engajado alicerçado nas pautas levantadas, as criadoras de conteúdo precisam tornar seus perfis rastreáveis algoritmicamente através das ferramentas providas, o que envolve estudo e elaboração de uma estratégia que esteja alinhada com seus propósitos e com a lógica de funcionamento das plataformas, processo que pode ser um pouco dificultoso e deixado em segundo plano por algumas das respondentes. Constatamos que a mobilização social por meio do Instagram se estabelece como uma forma ativa e combativa de resistir ao imaginário hegemônico do perfil da mulher brasileira imigrante e permite a articulação desses grupos minoritários para lidarem com as discriminações, romper as barreiras veladas do preconceito e fortalecerem umas às outras em suas jornadas.

Por fim, ressaltamos a importância deste trabalho para os Estudos Culturais, especialmente alicerçados na migração e no marcador de gênero em concomitância à sua presença nas redes sociais digitais, área ainda pouco explorada nas produções acadêmicas brasileiras. Esse recorte nos permite entender determinadas características da sociedade e de que forma ela é transformada e tensionada pelo mundo globalizado em que estamos inseridas, em particular às mulheres que atravessam as fronteiras geográficas e culturais. Assim, nos esforçamos em compreender de que maneira o fenômeno se apresentava nos perfis do Instagram voltados à conexão, online com repercussão offline, de mulheres imigrantes brasileiras vivendo em outros países, com destaque àqueles considerados desenvolvidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAKER, D. A Pesquisa de Marketing. São Paulo: Atlas, 2004.

BANDEIRA, Karolini. 'Mães de Haia': convenção internacional é usada para separar brasileiras de seus filhos no exterior. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/08/06/maes-de-haia-convencao-internacional-e-usada-para-separar-brasileiras-de-seus-filhos-no-exterior.ghtml>. Acesso em 09/08/2023.

BARBOSA, Priscila Aguiar Maia; OLIVEIRA, Marcela Ferreira. O fenômeno do teto de vidro enfrentado pelas mulheres do Instituto Federal de Brasília. **REVISTA EIXO**, v. 10, n. 3, p. 49-60, 2021.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2002.

BASTOS, Gabriel; LEMOS, André. A Influência das Plataformas Digitais no Trabalho dos *Beatmakers* de Hip-hop de Salvador. **Comunicação & Informação; v. 25 (2022): Comunicação & Informação; 93-113**, v. 24, n. 2, p. 113-93.

BAUER, M. W; GASKELL G. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BESERRA, Bernadete. Sob a sombra de Carmen Miranda e do carnaval: brasileiras em Los Angeles. **Cadernos pagu**, p. 313-344, 2007.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 1998.

BRASIL. Decreto nº 3413 de 14 de Abril de 2000. Promulga a Convenção sobre os Aspectos Civis do Seqüestro Internacional de Crianças, concluída na cidade de Haia, em 25 de outubro de 1980.

CANCIAN, Juliana Raguzzoni. O contexto da diáspora na construção da identidade cultural: a experiência do personagem José Viana, do romance Sem Nome, de Helder Macedo. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação–BOCC**, 2007.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era da informação. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIES, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 02, p. 507-528, 2010.

DA SILVA, Thaís Costa. Surfando nos sofás das minas: Rede de apoio entre mulheres em viagens colaborativas na Europa mediadas pelo Facebook. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 11, p. 75-92, 2021.

DE OLIVEIRA, Mariana Sarro Pereira. AMIZADE E MIGRAÇÃO LATINO-AMERICANA.

DE SOUSA, Isabela Cabral Félix. A integração de imigrantes brasileiras em Roma: conquistas e dificuldades. **Imaginário**, v. 13, n. 14, p. 399-415, 2007.

DIAS, Marly de Jesus Sá; RAMOS, Natália. Mulheres brasileiras em Portugal e violência de gênero: Desafios migratórios em contexto internacional. **The Overarching Issues of the European Space: a strategic (re) positioning of environmental and socio-cultural problems? Um (re) posicionamento estratégico das questões ambientais e socioculturais?**, p. 197-208, 2019.

DO CARMO, Nádia Amaro; DA SILVA RODRIGUES, Ozaias. Minha carne não me define: a hipersexualização da mulher negra no Brasil. **O Público e o Privado**, v. 19, n. 40 set/dez, 2021.

DORELLA, Priscila. Obstáculos à constituição de uma identidade latino-americana no Brasil, em Sílvio Júlio de Albuquerque Lima. **Revista Escritas**, v. 2, 2010.

ESCUDERO, Camila. O protagonismo de mulheres imigrantes na construção de redes sociais para o fortalecimento identitário: o caso das Brasileiras em Chicago (EUA). **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 24, p. 179-196, 2016.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. **Feminismos Web**: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. Dossiê: percursos digitais: corpos, desejos, visibilidades. Cadernos Pagu (44), janeiro-junho, 2015.

FONTENELE, Mayara, et al. Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática. **Perspectivas en Psicología**, v. 18, n. 2, p. 1-14, 2021.

FRANÇA, Thais. Entre reflexões e práticas: feminismos e militância nos estudos migratórios. **E-cadernos ces**, n. 18, 2012.

FRANÇA, Thais; OLIVEIRA, Stefanie Prange de. Mulheres brasileiras imigrantes como estraga-prazeres: revelando racismo no "amigável" Portugal. **Cadernos Pagu**, 2021.

GASPAROTTO, Ana Paula Gilio; DE ALMENDRA FREITAS, Cinthia Obladen; EFING, Antônio Carlos. Responsabilidade civil dos influenciadores digitais. **Revista Jurídica Cesumar-Mestrado**, v. 19, n. 1, p. 65-87, 2019.

GEARA, Diana Maria Palma Karam. O genitor detentor da guarda unilateral dos filhos menores tem o direito de alterar o domicílio dos filhos para o exterior sem a anuência do genitor não guardião?. **Anais do EVINCI-UniBrasil**, v. 1, n. 3, p. 69-69, 2015.

GOMES, Mariana Selister. Marketing Turístico e Violência contra as Mulheres:(des)(re) construções do Brasil como Paraíso de Mulatas. 2009.

GOMES, Mariana Selister. O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação. **Dados**, v. 56, p. 867-900, 2013.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil, 2003

LAMARTINE, Camila; SILVA, Marisa Torres da. O Ciberespaço Como Denúncia: Assédio e Discriminação Vinculados à Colonialidade no Projeto Brasileiras Não Se Calam. **Comunicação e sociedade**, n. 41, p. 209-229, 2022.

LANGNER, Ariane; ZULIANI, C. S.; MENDONÇA, Fernanda. O movimento feminista e o ativismo digital: conquistas e expansão decorrentes do uso das plataformas online. In: **3o Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: Mídias e Direitos na Sociedade em Rede e V Congresso Iberoamericano de Investigadores e Docentes de Direito e Informática**. 2015. p. 3-12.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

LEMOS, André; PASTOR, Leonardo. Experiência algorítmica: ação e prática de dado na plataforma Instagram. **Revista Contracampo**, v. 39, n. 2, 2020.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2010.

MALTA, Renata Barreto; GORDILLO, Inmaculada. Presencia de mujeres inmigrantes latinoamericanas en el cine español. **Revista FAMECOS**, v. 28, n. 1, p. e41576-e41576, 2021.

MARCOLINO, Emanuella de Castro et al. O distanciamento social em tempos de Covid-19: uma análise de seus rebatimentos em torno da violência doméstica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, 2021.

NOVAES, Caio Bradbury; ROSSI, Célia Regina. O corpo das mulheres brasileiras e o seu estereótipo no universo fitness em Portugal. **Cadernos Pagu**, 2018.

NOVAES, E. S. O partido Frente Nacional e a ascensão do discurso xenófobo na França (1982-2017). Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Universidade Federal da Bahia, 2018. 155 f.

OLIVEIRA, Eliany; NETO, Félix Fernando Monteiro; LIMA, Gleisson Ferreira. Redes Sociais: O grupo como suporte para imigrantes brasileiras em Portugal. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 23, p. 115-130, 2018.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré et al. Qualidade de vida de imigrantes brasileiras vivendo em Portugal= Quality of life of brazilian immigrant women living in Portugal. 2017.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré et al. Solidão e qualidade de vida em brasileiras vivendo em Portugal. 2020.

OLIVEIRA, Marilene de; SILVA, Cristiane Moreira da; SILVEIRA, Pollyanna Santos da. As mulheres, os feminismos e as TICs. **Revista Katálysis**, v. 23, p. 449-458, 2020.

ORNELL, Felipe et al. Violência doméstica e consumo de drogas durante a pandemia da COVID-19. **Pensando familias**, v. 24, n. 1, p. 3-11, 2020.

PADILLA, Beatriz; GOMES, Mariana Selister. Empoderamento, interseccionalidade e ciberativismo: Uma análise do 'Manifesto Contra o Preconceito às Mulheres Brasileiras em Portugal'. **Empoderamento, interseccionalidade e ciberativismo: uma análise do'Manifesto contra o preconceito às mulheres brasileiras em Portugal'**, n. 28, p. 169-201, 2016.

PONTES, Luciana Barbalho et al. Redes de Apoio à Mulher em Situação de Violência durante a Pandemia de Covid-19. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 13, n. 3, p. 187-201, 2021.

RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. Revista Fronteiras (Online): Vol 16, p.1, 2014.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura) 191 p.

REINKE, Raquel; MENEZES, Victor Araújo de; SIMIONI, Ariane. A guarda dos filhos no âmbito internacional: Uma análise dos divórcios de casais de brasileiros com estrangeiros que resultaram em guarda unilateral conflituosa. In: SEMANA ACADÊMICA FADISMA ENTREMENTES, 12., 2015, Santa Maria. **Anais [...] .** Santa Maria: Fadisma, 2015. p. 1-15.

REVIBRA. 2023. Quem somos. Disponível em: <https://www.revibra.eu/quem-somos>. Acesso em 13/07/2023.

ROCHA, Fernanda de Brito Mota. A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital. 2017.

RODRIGUES, Alexsandra Gato; GADENZ, Danielli; DE LA RUE, Letícia Almeida. Feminismo. com: o movimento feminista na sociedade em rede. **Derecho y Cambio Social**, v. 11, n. 36, p. 33, 2014.

SALES, Teresa. ONGs brasileiras em Boston. **Estudos Avançados**, v. 20, p. 75-91, 2006.

SALVAGNI, Julice. As caminhoneiras: uma carona nas discussões de gênero, trabalho e identidade. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, p. 572-582, 2020.

SARAIVA, Celio. Conflito cultural e adaptação: a manutenção da identidade do imigrante em "O Xará", de Jhumpa Lahiri. **Alumni-Revista Discente da UNIABEU-ISSN 2318-3985**, v. 1, n. 2, p. 25-33, 2013.

SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS (2010), Relatório de Imigração Fronteira e Asilo. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>. Acesso em 04/07/2023.

SILVA, Alcione Leite da. Pesquisa-ação participante no processo de empowerment de mulheres brasileiras no contexto da migração internacional. **Escola Anna Nery**, v. 12, p. 750-757, 2008.

SILVA, Beatriz Rosa Do Nascimento; MORAES, Camila. Mulheres viajantes: pensando a formação de redes online de mulheres para viagens. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 11, p. 58-74, 2021.

SIMÕES, Isabella de Araújo Garcia. A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. **Revista Eletrônica Temática. Ano V, n**, 2009.

SOUZA, Luana Elayne Cunha de. A influência da categorização pelo sotaque na discriminação. 2014.

SOUZA, Luciana Karine de. Amizade em adultos: adaptação e validação dos questionários McGill e um estudo de diferenças de género. 2006.

SOUZA, Vanessa Pamella Correia de. **"Fenômeno da impostora":(o) pressão de mulheres engenheiras em relação ao lugar de si mesmas no trabalho/profissão**. 2022. Dissertação de Mestrado.

TANCREDI, Leticia di Maio. A dificuldade de incorporação da sociedade brasileira a uma identidade latino-americana. **Contexto Internacional**, n. 41, p. 12-19, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A - CONVITE PARA ENTREVISTA

E-mail contato

Olá, *@administradora*! Me chamo Ana Carolina Paiva e sou estudante do 7º período da graduação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Junto à minha orientadora, a professora Dra. Renata Malta, desenvolvo o meu Trabalho de Conclusão de Curso que busca analisar de que forma a plataforma do Instagram amplifica as vozes de mulheres brasileiras imigrantes no tocante às suas vivências em um país estrangeiro, o que pode englobar desafios, violências, e a falta de apoio de uma comunidade brasileira.

Para o desenvolvimento deste trabalho, gostaria de convidá-la para uma entrevista em profundidade, a ser realizada de forma remota via videoconferência. O objetivo da entrevista é ampliar os horizontes e entender mais sobre o tema com pessoas que, de fato, vivenciam e trabalham, diariamente, com essa realidade.

Haja vista que existem poucos trabalhos acadêmicos que direcionam o olhar para a mulher brasileira imigrante, destaco a importância deste projeto para o campo acadêmico e para toda a sociedade.

Em anexo, o ofício redigido pela orientadora do projeto, a professora Dra. Renata Malta.

Me ponho à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Pela atenção, agradeço.
Ana Carolina Paiva

APÊNDICE B - OFÍCIO PARA ENTREVISTA

OFÍCIO
28 de Setembro de 2022

Venho por meio deste ofício formalizar o convite a xxxx, administradora da página xxx para participar da pesquisa desenvolvida por Ana Carolina Paiva e orientada pela professora Dra, Renata Malta, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFS. O estudo tem como objetivo compreender como projetos e páginas nas redes sociais, com enfoque no Instagram, atuam na comunicação com mulheres brasileiras imigrantes, mapeando diferentes cenários, desafios, obstáculos e ações que possam contribuir de forma positiva para a vida dessas mulheres em terras estrangeiras.

Para tanto, gostaríamos de realizar uma entrevista em profundidade por videoconferência, em data e horário pré-agendado sobre o tema. Evidenciamos que será assinado um termo de consentimento que, com respaldo na ética científica, garante total sigilo das informações concedidas. O conteúdo será gravado, transcrito e analisado, sem que as identidades sejam apresentadas no texto acadêmico. Os resultados da pesquisa podem contribuir de forma significativa para o campo acadêmico e para a comunidade como um todo, considerando que pretendemos divulgá-los em artigo científico, nas redes sociais, nos meios de comunicação locais e regionais, rádio universitária e outros espaços que se interessem pelo tema estudado.

Sem mais, colocamo-nos a disposição para quaisquer esclarecimentos e agradecemos imensamente a atenção e disponibilidade.

Saudações cordiais,

Profa. Dra. Renata Malta

Coordenadora PPGCOM-UFS

E-mail: renatamalta@academico.ufs.br

WhatsApp: +55 (79) 99819-3953

Ana Carolina Santos Paiva

Graduanda em Publicidade e Propaganda - UFS

E-mail: carolinaa.s@academico.ufs.br

Whatsapp: +55 (73) 98134-6857

APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1

Entrevistadora: Ana Carolina Paiva
Entrevistada 1 - Portugal
Duração da entrevista: 37:02

Pra começar, eu queria entender um pouquinho da sua história de imigração. O que te motivou, como esse processo aconteceu e por que você escolheu esse país?
Eu vim para Portugal em 2016 para passar um tempo na Universidade de Coimbra. Então, basicamente, eu vim por questões de estudo, né? Eu tinha acabado de me graduar no Brasil e vim passar um tempo na Universidade de Coimbra, um ano, a princípio. Daí eu resolvi ficar para fazer o meu mestrado e depois o doutoramento e foi basicamente isso.

Você já aplicou sabendo o que queria ir para Portugal ou você estava tentando outras universidades de outros países também?
Não, eu tentei só para Portugal. Era um país que eu queria passar um tempo, já conhecia, gostava muito daqui e acabei vindo pra cá.

Durante esse processo de imigração, quais foram as principais dificuldades que você encontrou?
As principais dificuldades… essa é uma questão curiosa, porque eu vim para Portugal numa época de imigração que as coisas eram relativamente mais fáceis. Tanto que a partir desse ano, a partir de 2016/2017 as coisas começaram a ficar mais difíceis. Quando eu digo coisas, é: para arrendar uma casa, para conseguir alugar uma casa ou um quarto, a economia piorou também. Quando eu vim para cá, não tive um problema, assim, muito grande de adaptação nem muito grande para poder encontrar a casa ou então conseguir me integrar, por dois motivos: eu fui pra Coimbra, uma cidade pequena. A cidade é uma cidade universitária e a maioria dos estudantes internacionais são brasileiros. Então, era quase que.. Eu morava em Viçosa, uma cidade universitária, porque eu fiz faculdade lá, foi quase que transpor para outra cidade universitária, muitos brasileiros, foi um pouco em casa, assim, que eu me senti. Não tive um impacto, não tive choque, me senti muito bem acolhida e integrada. Depois eu me mudei para Lisboa e aí sim, é uma cidade totalmente diferente da minha experiência, tanto no Brasil como aqui em Portugal, porque Lisboa é capital do país, é uma cidade maior, não é uma cidade universitária, tudo mais disperso e, sim, tudo mais difícil. Mas como eu vim nesse período que as coisas ainda não estavam como estão agora, que está muito difícil, eu não tive nenhuma dificuldade. Existe uma coisa comum aqui em Portugal e todo mundo, de certa forma passa, por isso em algum momento da primeira vez que é cada órgão te dá uma informação diferente para você conseguir, sei lá, tirar um documento. Só que aí, mais uma vez, eu também fui pra uma cidade pequena, vim com visto, então as coisas foram muito mais facilitadas. Então eu não senti muito isso na minha experiência particular individual, mas agora na experiência coletiva, de várias mulheres que eu acompanho, o primeiro fator, assim, que chega em Portugal e sente imensa dificuldade é nessa questão da informação. É nessa questão do serviço, do quanto é difícil, quanto tem que ficar a espera, o quanto o serviço discrimina também e tem preconceito. E isso é uma realidade.

E você sabe se tem algum motivo específico para ter toda essa demora da documentação, toda essa burocracia ter toda essa demora?
A burocracia aqui em Portugal, ela é muito pouco informatizada e muito tradicionalista. Os funcionários eles têm dificuldades, isso é até uma área que eu pesquiso aqui, eles têm dificuldade de aceitar a atualização, de aceitar sistemas, eles querem sempre manter aquela lógica, que é uma lógica daquele período do funcionalismo público, né? A gente tem algumas coisas parecidas no Brasil também, só que eu acho que a diferença é que o sistema informático de Portugal ele só avançou um pouco mais por causa da pandemia, então é recente, porque se não fosse levado pro digital as coisas não iriam acontecer, porque estava todo mundo em casa, tinha que estar em casa. E por isso é muito demorado, né? É toda hora um papel, você vai em um serviço, uma pessoa te fala uma coisa, vai em outro, a pessoa te diz outra coisa sobre o mesmo assunto, ou seja, é muito discricionário. Além disso, quando existem sistemas informáticos que funcionam e você pode fazer coisas online, às vezes o sistema não funciona, então você não consegue fazer, você precisa se dirigir ao serviço. Eu acho que essa questão ainda em Portugal está começando agora a se pensar em melhores serviços públicos, assim, e também sensibilizando os funcionários a trabalharem melhor e serem menos discricionários. Mas, muito sinceramente, eu acho que ainda é muito incipiente, vai demorar algum tempo para as coisas funcionarem melhor e o que a gente vê no dia-a-dia é mais essa discricionariedade de o funcionário não saber, sobretudo quando é específico sobre imigração, por exemplo, eles não sabem, os funcionários não sabem quais são os direitos das pessoas imigrantes, por exemplo. Aí às vezes você vai num serviço, a pessoa te nega, porque você é imigrante, porque ela não sabe o que você tem direito. Aí é uma briga, você tem que chamar alguém, tem que fazer uma queixa, isso tudo, esse trâmite da vida ele é muito difícil. E falta também conhecimento aqui, de direito de imigração, o que pode e o que não pode. Tem a questão do preconceito, que é verdade, às vezes nega o serviço, nega o direito, não é porque não sabe, é porque não quer, porque é preconceituoso, tem esse grau e tem esse grau também do funcionalismo público que ainda precisa de muita melhoria aqui em Portugal.

Às vezes a pessoa ela nem reconhece todos seus direitos, ela vai em busca para entender mais e a pessoa ou não sabe ou não quer informar também, aí fica sempre sem desenvolver, né? Sem ir pra frente o processo.
É, e muitas vezes aquele funcionário… é muito problemática essa questão porque o funcionário é o seu ponto de confiança.Se você chega aqui em Portugal, em qualquer lugar que você não conhece, e o funcionário te diz “olha, não pode, você não tem direito”, às vezes a pessoa por não saber também, porque é um processo de aprendizado, todo dia quando você imigra, você está aprendendo, você não tem que chegar sabendo tudo. Às vezes, por você não saber, você vai achar que, de fato, você não tem direito e isso é muito problemático.

E mudando agora, você acredita que você tenha perdido algum aspecto da sua cultura brasileira? Tem alguma coisa que você mantém muito vivo? Ou sei lá, alguma coisa se misturou a Portugal, já adquiriu um novo hábito deles, alguma vivência deles?

Eu acho que é uma mistura, assim, eu acho que eu ainda tenho muito do meu jeito brasileiro, assim, por exemplo: eu vivo há 6 anos aqui e não mudei o sotaque, eu falo do mesmo jeito, com o sotaque como eu falava no Brasil, ainda sou uma pessoa que convive com muitos brasileiros e portugueses também, é bem misturado, assim. Agora também se misturam algumas coisas, obviamente porque é o dia-a-dia. Eu também sou uma migrante interna no Brasil, isso aconteceu um pouco comigo quando eu saí do Espírito Santo para Minas Gerais: usar uma palavra que você usa todo dia, ao invés de falar trem, falar comboio, porque aqui é comboio, não é trem, ou então, às vezes, usar menos gerúndio, ao invés de falar "estou falando", [falo] "estou a falar", e é tudo isso que a gente vai pegando e eu peguei também pelo dia-a-dia, pela convivência, né? Porque você ouve a todo momento aquilo e você lida a todo momento com essas palavras. Antes de morar em Minas, eu não cortava as palavras, depois que eu fui morar em Minas, eu cortei as palavras e corto até hoje, assim. Mas agora o sotaque, o jeito assim de ser e de estar eu acho que eu não mudei, isso de uma forma inconsciente e muito consciente também, porque eu não quero mudar. Eu acho que o meu sotaque, a forma como eu falo e a forma de como eu sou são as minhas características enquanto pessoa também, não é só é trazendo elementos da cultura do país que eu venho, também é a minha identidade e eu acho que é importante para mim, tanto que eu faço esse exercício de manter. Eu quero escrever em português do Brasil, sabe? Eu quero continuar falando com meu sotaque do Brasil e ter o jeito do Brasil. É claro que a gente vai lapidando essas questões, porque tem questões culturais no meio disso tudo. Os portugueses são mais… não é fechado… é um povo mais "para dentro", assim. Nós brasileiros somos mais pra fora, tudo isso respeitando o espaço do outro. Eu acho que tem corrido bem (risos).

Tava pensando aqui, quando você falava sobre isso, que eu acho muito importante a questão de manter essa identidade, se reafirmar enquanto brasileira e não se mudar totalmente. Porque tem essa coisa, né? Tem pessoas que começam a imigrar, e eu não sei o que acontece, talvez você saiba mais do que eu, mas, tipo, esse processo de querer se incluir tanto na cultura que você começa a anular a sua própria cultura para se encaixar em uma sociedade que talvez está lutando muito para te aceitar, sabe?
É porque também esse processo de integração, para algumas pessoas, pode ser muito doloroso. E isso pode ser um mecanismo de defesa, né? Imagina uma pessoa que fala como eu falo, tem sotaque totalmente no Brasil e vai trabalhar num lugar que a todo momento é feito piada com aquele sotaque, a pessoa é discriminada, a pessoa é envergonhada… É claro que de alguma forma, ela vai acabar tentando ser diferente para não sentir tanta dor, não sentir tanto sofrimento. Às vezes a pessoa muda os jeitos de ser, o jeito de estar não é porque ela quer, é até doloroso, é dolorosa essa mudança também, mas é porque ela sofre tanto preconceito, tanta discriminação e esse processo pode ser tão difícil, que às vezes isso é um mecanismo de proteção: "eu vou aqui tentar ser mais igual possível para as pessoas não me discriminarem, para eu conseguir o trabalho, para conseguir ficar aqu". Isso pode acontecer também, é? E muitos processos acabam acontecendo isso. Isso da língua é notório, assim, muitas pessoas, de fato, mudam o sotaque para não serem discriminadas, isso é fato.

E durante esse seu processo de imigração, como foi a sua adaptação à cultura, a comida, o clima, as pessoas? Teve alguma coisa que te chocou muito? Que você não esperava que fosse acontecer?

Eu acho que a adaptação foi boa, assim, tantas as pessoas quanto ao clima, comida, eu adoro a comida portuguesa. O clima eu também gosto por estar no meio termo, assim, né, o verão aqui de Portugal é bem quente, é quase como no Nordeste do Brasil e o frio é frio, mas não é também aquele frio, acho que o sul do Brasil às vezes faz até mais frio do que aqui em Lisboa. Em outros lugares de Portugal neva, claro, né? Mas onde eu estou, para onde eu vim, como não tem essa diferença climática muito grande, assim, como alguns países que são, de fato, muito frios, só faz frio a maior parte do tempo, esse processo de adaptação foi bom, assim, e depois há outros elementos. Eu gosto muito da comida da culinária portuguesa, mas aqui também não é difícil achar Brasil em Portugal. Então há a cultura brasileira, restaurantes brasileiros, é fácil o acesso, não é nada que dá para sentir falta, assim. Se eu quiser comer alguma coisa eu vou achar, só se for uma coisa, sei lá, muito específica, que até eu terei dificuldade de achar no Brasil, por exemplo.

Agora, entrando um pouquinho mais sobre essa experiência enquanto mulher brasileira. Você já sofreu xenofobia alguma alguma vez? Se sim, como foi esse processo e como você reagiu?

Eu… é engraçada essa história, esse ponto. Diretamente, eu nunca sofri nenhum episódio nem de xenofobia e nem de racismo aqui em Portugal, em nenhum espaço que eu tenha ocupado. Mas eu acho… eu acho não. É essa questão do racismo velado. Como o racismo e a xenofobia aqui em Portugal são tão naturalizados, é tão normalizado, a gente ainda tá discutindo se existe racismo, uma coisa muito, ainda, básica, as atitudes com relação ao outro, o olhar ele é muito normalizado. Então, por exemplo, eu nunca sofri uma injúria racial, nunca sofri uma calúnia racial, nada disso, nem xenofobia, mas eu acho que em alguns espaços, da forma como eu sou olhada, a forma como eu sou considerada é sim uma expressão de racismo, de xenofobia. Muito embora seja mais difícil de comprovar, porque acaba sendo mais um sentimento, uma coisa mais individual, que eu estou vendo um tratamento diferente do que aquele racismo que ele é direto, você consegue comprovar e dizer "não, isso é racismo". E eu acho que é onde eu enxerguei racismo e xenofobia foi mais dessa forma. Até porque depois eu acho que há algum constrangimento, porque eu sou uma pessoa que trabalha com essas coisas, então eu acho que dificilmente… só se fosse uma questão de racismo num contexto totalmente fora, de eu ir num restaurante e acontecer isso. Mas eu sou meio protegida porque, nesse sentido da expressão direta do racismo, porque por eu trabalhar com esses temas, as pessoas também sabem que, se cometerem um episódio desse comigo, talvez a reação minha seja um pouco mais direta também a isso. O que é diferente, sei lá, de você sofrer racismo no seu momento de lazer né? Ou você está ou jantando, ou almoçando ou saiu e sofre racismo. As pessoas não te conhecem. ela de fato, ali, está cometendo um episódio por causa da cor da sua pele ou por causa da sua nacionalidade, mas comigo isso ainda não aconteceu. Mas é o episódio que acontece todo dia com um brasileiro aqui em Portugal, [com] uma pessoa negra aqui em Portugal. Todos os dias acontece.

Com o grupo que você trabalha, com as mulheres que você interage, já ouviu relatos, assim, de alguma coisa, tipo, muito explícita que aconteceu com elas?
Todos os dias, todos os dias, tem essa questão do estereótipo da mulher brasileira que está muito ligado à disponibilidade sexual, né, ao corpo e à sexualidade, de uma forma geral. Então as mulheres são assediadas, são discriminadas só por serem brasileiras, por achar que o fato de você está ali o seu corpo está disponível para os mais diversos tipos de violência, tanto ao toque inconsentido, quanto de fato a violência verbal, a violência sexual, ao assédio… Isso todos os dias. Todos os dias a gente tem relato disso.

Hoje em dia, tem alguma dificuldade que você encontra enquanto mulher brasileira imigrante aí em Portugal?
Eu penso que talvez é isso que eu já falei de romper a barreira do velado, assim, da xenofobia e do racismo velado que eu ainda tenho alguma dificuldade de lidar, justamente por ter mascarado. Porque é muito mais fácil… aliás, é muito menos difícil quando… é doloroso, é terrível, mas você se posicionar e você falar contra uma coisa direta, você tem ali um elemento concreto. Agora você falar com contra uma coisa que é indireta, que é muito velada, é muito mais difícil do meu ponto de vista, ter uma reação e me mobilizar e isso acaba me fragilizando mais porque aí é que eu me sinto mais presa, assim, pra poder falar porque é uma coisa, assim, do olhar mesmo, é uma coisa da sensação, é esse racismo velado, é essa forma de tratamento que você sabe que é diferente, é aquele comentário que você sabe que é discriminatório mas é tão naturalizado que como é que você vai falar, sabe? E hoje em dia a minha dificuldade maior nos espaços que eu ocupo é isso.

E quando você percebeu que seria importante criar uma rede de mulheres brasileiras imigrantes? De onde surgiu o seu interesse por isso?
Foi justamente por ter percebido, desde logo, essa questão do estereótipo, do imaginário da mulher brasileira aqui em Portugal, relacionada ao corpo e à sexualidade. E aí eu tive uma pessoa muito próxima que passou por um episódio de violência, uma colega de trabalho, e daí me chamou a atenção e me fez procurar essa área de trabalho. Isso foi logo no início, assim, foi logo no meu início de viver em Portugal. Se eu não me engano, foi em 2017 que aconteceu esse episódio que uma pessoa muito próxima, eu vi o quanto era difícil e a gente conversando, todas [as mulheres] tinham passado por algum episódio e a gente não pode continuar deixando essas coisas acontecerem, temos que fazer alguma coisa. Foi mais daí que surgiu, assim. Não foi nem diretamente a mim. Esses episódios que eu relato, que trago aqui, aconteceram até depois, assim, são até mais recentes. Mas um primeiro momento de mobilização foi por causa de uma outra pessoa.

Entendi. E quais são os pontos positivos e os negativos que você encontra gerenciando uma página no Instagram que tem essa temática?
Os pontos positivos eu acho que é o alcance, tem uma comunicação com as pessoas, uma interação com as pessoas, isso é muito importante para poder falar e trazer luz sobre esses temas, porque eles tão tabu de certa forma, também, não só na aqui na comunidade brasileira que há uma percentagem que considera isso, um não-problema. E também para a comunidade de acolhimento, né? Porque vê isso como um tabu, né? E como eu disse, é tão naturalizado

que não é uma questão. Então é importante trazer a luz, falar “olha, isso é um problema, é uma agressão, outras pessoas estão sendo discriminadas, as mulheres estão sofrendo por causa disso e estão sendo retiradas do direito da sua possibilidade de viver a imigração da forma como querem”. O outro [ponto] também positivo eu acho que são as conexões porque, de fato, cria-se aqui uma rede de apoio, uma rede de afeto. E no meio disso a gente troca várias experiências, conhece várias pessoas e cria-se mesmo conexões. Um outro aspecto eu acho que é a organização mesmo do coletivo, né? Porque a gente consegue, a gente está nas redes sociais, mas o trabalho maior é feito fora dela. Fora da rede digital a gente tem uma área de trabalho que não é exclusiva da rede social. Aquilo ali é o recorte e a gente tem, assim, muito diálogo com as coisas que acontecem no Brasil, agora o trabalho duro de tá ali com as mulheres no dia-a-dia e criar essa rede de apoio é um trabalho fora das redes sociais, assim, de diálogo, de conversa, de atividade com as outras mulheres. Pontos negativos eu acho que a exposição, a gente está muito exposta, tanto eu quanto a Carol que é a outra pessoa que trabalha comigo. A gente está muito exposta e suscetível a todo tipo de comentário de gente doida, porque tem. E também é trabalhoso porque é um trabalho totalmente voluntário, assim, eu tenho o meu trabalho e a Carol tem o trabalho dela e, assim, de fato é um trabalho que nos demanda um tempo fora, então é trabalhoso. A gente tem que ali tentar conciliar e muitas vezes a gente não consegue fazer mais porque a gente não tem a menor condição, somos só 2 pessoas nesse momento a gerir, fora as outras pessoas que estão fazendo outras coisas. Tem clube de leitura, tem grupos, mas são outras pessoas. No núcleo, assim, de pensar, o que que vai fazer somos eu e a Carol. Então é muita pouca gente também por essa questão do ser um trabalho voluntário, né? E acho que é isso. Temos isso de ser trabalhoso e de comprometimento, assim, é difícil você conseguir criar, tem que estar muito comprometido com a causa mesmo porque é um trabalho difícil e é difícil você conseguir criar ali um núcleo duro, sabe, das pessoas ficarem, das pessoas se manterem. Várias pessoas entram e saem, entram e saem porque de fato é um trabalho voluntário e é um trabalho (risos). Infelizmente não temos aqui recursos nenhum e nenhum apoio que entra um pouco disso, né? Às vezes conseguimos, mas é muito esporádico.

Entendi. Quando você percebeu que as redes sociais poderiam ser um aliado para você, sabe? Que poderiam ser essa ponte que uniria o seu propósito de ajudar mulheres, de dar visibilidade, dar voz a causa, e essas mulheres que precisavam de ajuda?
Eu acho que foi desde o início, mas ele se materializou e concretizou a partir da pandemia porque foi quando nós criamos a rede solidária, porque a gente só fez isso na pandemia, não podia fazer mais nada, a gente só criou conexões e ajudou e pedia para as pessoas para se conectarem para ajudar também nesse período. Mas eu acho que foi mais a pandemia, porque como estava todo mundo em casa, só dava para poder encontrar umas com as outras assim, não tinha outra forma. Foi mesmo mais a pandemia.

Aham. E desde o começo vocês já tinham um objetivo muito sólido ou ao longo do tempo você foi delimitando e foi vendo de acordo com a necessidade?
É um pouco dos dois, a gente sempre teve esse objetivo, talvez eu diria como um objetivo estabilizado, objetivo geral, a questão dos direitos das mulheres imigrantes e aí tudo o que envolve isso, e o combate ao racismo e a xenofobia e trabalhando aqui pela igualdade de

gênero. Mas tudo isso é muito maleável, dependendo do que aparece, porque os problemas a gente não consegue prever, né? Às vezes a xenofobia aumenta mais, às vezes tem uma pandemia no meio do caminho, a gente não esperava isso também. Então é um pouco dos dois, assim. Tem essa essa visão que é geral e os valores, que são fixos, a gente tem esse compromisso, tem que ser antirracista, tem ser feminista, e tem que ser pelo direito das mulheres imigrantes. Mas tudo que acontece de atividade, é muito maleável, a gente às vezes não consegue manter todas aquelas atividades então a gente vai fazendo o que dá para fazer mas sempre fazendo, assim.

E atualmente, quais são as frentes de atuação da plataforma? Vocês recebem relatos, vocês advogam, vocês ajudam, assim, de forma mais direta, contatando as autoridades?
Sim, nós temos nessa página, o trabalho das redes sociais, temos um grupo no WhatsApp que é uma rede de apoio, temos o clube de leitura, fazemos sessões de conversa, de debate e quando aparece pedido de apoio, de ajuda, o que nos aparece muitas vezes, nós encaminhamos para as outras autoridades ou instituições que têm competência por aquele pedido. Por exemplo, se uma mulher brasileira que é vítima de violência doméstica nos liga ou nos manda mensagem pedindo ajuda, a gente vai caminhar para uma associação qualificada que trabalha com violência doméstica; se a pessoa tem dúvida de como fazer uma queixa, a gente apoia, a gente ajuda a fazer a queixa e se precisar de mais apoio a gente encaminha para as entidades que podem ajudar a ter esse acompanhamento, é basicamente esse nosso trabalho.

Legal, e vocês têm alguma queixa que se repete com muita frequência?
Essa questão do assédio é muito frequente e essa questão da xenofobia e do preconceito nos serviços públicos é bastante frequente também, eu diria essas duas. E nos últimos tempos aumentou, assim, os episódios de racismo por vários motivos, né? Sobretudo nas redes sociais que as pessoas agora também sentiram mais autorizadas a falar, a cometer episódios de racismo e xenofobia nas redes sociais. Eu diria que são esses três.

E desde o começo que você começou a atuar com a plataforma e até hoje, teve algum, sei lá, ataque de hate, alguém tentando derrubar a página, alguma coisa nesse sentido?
Não, nós nunca tivemos ataques de haters para poder derrubar a página, mas nós já estivemos em páginas de extrema-direita, sim, daqui de Portugal, isso sim. Mas nunca houve um ataque mobilizado para fazer cair a plataforma, mas a página já teve em mais de uma páginas de extrema-direita. Com print da página, falando mal… isso que a extrema-direita faz. Falando mal do trabalho, mandando voltar pro país, enfim, tem muito a frase aqui. Sim, já tivemos isso.

Você chegou a mencionar sobre a equipe que tem você e a Carol, e você consegue falar um pouquinho sobre a área de atuação de cada uma? Em que parte você fica responsável, que ela fica responsável, ou que as outras voluntárias também atuam, você chegou a mencionar que não chega a ser fixo.
A gente é responsável por todo o pensamento da plataforma e ação da plataforma, basicamente, a gente faz tudo, assim (risos). Só que é muito equilibrado. A Carol, ela é do

marketing, né? Então ela tem um pensamento, uma visão muito de como se posicionar nas redes sociais e do que fazer mediante esse trabalho e tudo o que ela pensa do caminho da plataforma vem desse feedback. Eu sou de outra área, sou da ciência política, então eu acho que se complementa e é equilibrado, mesmo, o trabalho. A gente todo ano faz o planejamento estratégico para o ano e a gente tem essas coisas em consideração. A plataforma ela também tem muito esse objetivo, de fato, ser um chapéu, de ter pessoas fazendo trabalhos que estão de acordo com os nossos valores, a nossa visão, mas trabalhos independentes. Então a gente apoia quando a gente pode apoiar. A gente intermedia como pode intermediar e então a gente acaba trabalhando, além das voluntárias, com outras pessoas independentes que é só por causa daquele trabalho estar de acordo com aquilo que a gente acredita e que é um trabalho que pode se se, através do nosso apoio, ter mais espaço, ter mais visibilidade. A gente faz muito isso.

Você falou que você atua na área de ciências políticas, né? Você tem alguma especialização… Já atuou e já trabalha, estuda na área de direitos humanos?
Sim, eu atualmente sou investigadora aqui no Instituto Português de Relações Internacionais e sou vice-presidente da Casa do Brasil de Lisboa, que é a maior organização de imigrantes brasileiros aqui, é a mais antiga. E o nosso trabalho na associação é totalmente do ponto de vista dos direitos humanos, né? No Brasil não é muito comum isso, mas eu tenho um complemento ao diploma, isso do mestrado em Direito Internacional dos Direitos Humanos, é como se fosse a maior e a menor [área], assim, no Brasil a gente não tem isso, assim. Mas eu tive isso no mestrado na área de direitos humanos.

Muito legal. E qual o papel que você acha que a internet hoje exerce em relação às denúncias e a criação de uma comunidade de brasileiras imigrantes?
Eu acho que exerce um papel importante, no sentido de informar, como denunciar e pode ter esse papel muito benéfico, né? De como denunciar e até no reconhecimento de que aquele episódio que a pessoa passou é xenofobia, é racismo ou é algum tipo de discriminação. Porque muitas vezes a pessoa… o fato de ser tão naturalizado é para todo mundo. Muitas vezes a pessoa pode ter vivenciado um episódio de racismo, de xenofobia e ela nem percebeu, mas quando há um relato ela reconhece no outro a violência. Isso é muito importante para poder evidenciar e para poder fazer um reconhecimento dessa violência, porque muitas vezes a pessoa sente um incômodo mas não sabe porque. E é quando ela lê o episódio que pode ser parecido com o caso dela, que ela percebe que não, que aconteceu uma coisa errada e o que aconteceu é xenofobia. Ela nomeia, né? A partir do outro, ela consegue fazer essa nomeação. Acho que tem esse papel importante, por isso os relatos, eu acho que são importantes por isso e também por evidenciar que de fato, acontece as situações, porque tem muita gente que duvida que acontece. E também acho que tem esse papel de informar no sentido de que pode-se denunciar, como denunciar, para procurar ajuda, onde procurar ajuda, que é muito do trabalho que nós fazemos também.

Você falou que as redes sociais são só uma pequena parte das ações que vocês fazem e que a maior parte das ações são nos bastidores. Você pode falar quais são as ações que

vocês realizam para resolver os problemas nessa parte de bastidores, que é onde grande parte das ações acontecem?
Eu acho que é um pouquinho do que eu falei. São as rodas de conversa, os debates, o diálogo com outras instituições, os grupos de apoio, né, que nós temos no WhatsApp, basicamente, é isso. Temos aqui uma produção de material, né? Esse ano lançamos um livro, no final do ano vai ser lançado outro livro também, e é mais esse trabalho de mobilização e com outros coletivos feministas, aqui em Lisboa também.

Em relação aos planos que vocês possuem para o futuro, vocês têm alguma tarefa delimitada, alguma estratégia traçada?
O plano para o futuro é continuar o trabalho e expandir o trabalho. Nós já estabelecemos aqui um nome e um trabalho em Lisboa e em alguns outros lugares de Portugal, mas o objetivo é expandir o trabalho, por enquanto, a outros lugares de Portugal, que é onde a gente consegue estar mais presente, continuar. A gente não tem pretensão de mudar de linha de trabalho e nada disso. Mas é mesmo continuar, expandir e melhorar.

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2

Entrevistadora: Ana Carolina Paiva
Entrevistada 2 - Estados Unidos
Duração da entrevista: 1:08:17

Para começar, eu queria entender um pouquinho da sua história de imigração. Como esse processo aconteceu e porque você escolheu os Estados Unidos?
Então, eu não escolhi muito imigrar, eu na época tava namorando com meu atual marido e ele tinha planos de fazer um MBA no exterior, e no exterior era bem abrangente quando a gente estava namorando. Então eu participei desse processo com ele ainda no Brasil e aí ele passou numa faculdade na Costa Leste dos Estados Unidos, em Darmouth, e ele veio, e eu fiquei no Brasil por um ano. Então a gente namorou a distância, né? E depois eu vim pra fazer esse segundo ano com ele, eu nunca tinha morado nos Estados Unidos, a primeira vez que eu viajei pros Estados Unidos foi para visitá-lo antes do nosso casamento para conhecer, e essa seria a minha experiência de intercâmbio, né? E o plano era voltar para o Brasil depois de formado no MBA. Só que aí ele começou a receber… quando você termina o MBA você faz muitas entrevistas, e ele fez entrevistas pro Brasil e fez entrevistas para os Estados Unidos. E ele passou aqui na HP, na Costa Oeste, na Califórnia. E aí a gente falou "beleza, vamos ter essa experiência" ainda tudo pensando temporariamente, "vamos ter essa experiência, ao invés de estudante e a gente tem essa experiência mais real, trabalhando, morando nos Estados Unidos" e o plano ainda era voltar. Depois de 1 ano aqui a gente teve que começar a tomar algumas decisões, até por conta de vistos, a família [perguntando] "quando vocês voltam?". Por conta de visto… o Tiago veio com F1 e eu, como dependente dele, F2. Quando ele começou a trabalhar na HP, ele estava com um visto que se chama H1B, que é pra trabalhador, só que a esposa do H1B, ela tem o H4, e ela não pode trabalhar, ela pode viver nos Estados Unidos, mas ela não tem permissão de trabalho. E aí a gente tomou a decisão "não, existe a possibilidade da gente ficar, da HP, aplicar para o *green card* então quanto antes a gente tomasse essa decisão, antes eu poderia trabalhar. E foi assim que a gente veio parar na Califórnia, então não foi uma decisão muito pensada, foi uma coisa mais de oportunidades e aí a gente foi ficando. E nesse meio tempo então eu estava com H4, eu estudei, eu fiz voluntários, eu decidi mudar de carreira, porque eu fiz direito no Brasil, queria ser juíza no Brasil, e aqui é muito diferente. Então quando eu me encontrei de falar assim "tá, ou eu começo do zero no direito, ou eu começo do zero em qualquer outra carreira que eu gostaria de atuar neste momento da minha vida", e foi meio que assim que eu fui indo para marketing, porque eu gostava de social media, fiz um curso de social media em Stanford, com isso eu descobri que eu precisava um pouco mais de conhecimento de Business e marketing, fui fazer um curso em Berkeley e aí acabei entrando nessa área de comunicação e marketing, que é a área que eu atuo. Em 2014, foi quando eu consegui a minha permissão de trabalho e desde então eu estou no mercado de trabalho nos Estados Unidos.

Legal, e quando vocês foram pros Estados Unidos? Qual foi o ano?
Eu fui em 2010, meu marido foi em 2009.

E durante esse processo de chegada no país, esse processo de adaptação, quais foram as principais dificuldades que você encontrou?
Então, quando eu fui com ele pra época da faculdade, existe muito apoio da universidade em, pelo menos, organizar e receber esses estudantes internacionais. Então Hanover é uma cidade muito pequena, que neva muito, então o diferencial dessa universidade é falar que a universidade desenvolve bastante a família, né, inclui bastante a família nas atividades, porque você não está numa grande metrópole, você não está num lugar super *hot* de visitar, está no meio do do estado de New Hampshire, onde neva a metade do ano. Então eles tinham um programa que chamava Tuc Partners, tipo as parceiras dos estudantes do MBA e eu também conheci outras brasileiras, a gente tem muito de você se comunicar com essas brasileiras antes de você chegar, com outras mulheres ou esposas ou parceiros que já estejam lá para trocar ideia. E meio que isso, esse apoio que eu tive lá, de encontrar outras brasileiras, eles tinham um livrinho de Tuc Partners de onde sãos os mercados, onde é o DMV, tinha uma lista de distribuição no Gmail, tinha muitos eventos e tal. Apesar do inglês, por conta da língua, né, tinha ainda a barreira, eu não me envolvi tanto com o Tuc Partners no geral, mas eu me conectei muito com as latinas e as brasileiras que estavam lá por conta do Tuc Partners. E essa é a ideia original do projeto. Quando eu vim para Costa Oeste, na Califórnia, eu tentei replicar tudo o que eu fiz lá em Hanover, né, tentando conhecer… o Tiago [falava] "ah, tem um menino que estudou comigo na Unicamp, que tá lá, vamos mandar e-mail? Você manda e-mail para a esposa dele" e aí eu mandei e-mail pra esposa dele, aí depois você vai conhecendo outros brasileiros e aí, com o tempo, eu também fui vendo que faltava essa informação que eu recebi, esse "kit boas vendas" que eu recebi na universidade, aqui. E o ano que eu vim, né, esse ano que a gente veio, entre 2010 e 2013, foi um ano que teve muita contratação de brasileiros pelas empresas de tecnologia tipo Google, Facebook, as grandes empresas. Então estava chegando muito brasileiro, com esposas como eu, em situações parecidas. E foi meio que essa foi a semente que deu origem ao Brasileiras no Vale, que depois virou o projeto como é hoje.

E nessa chegada, assim, teve alguma coisa que te chocou? Algum costume, a forma que você foi tratada, no início teve alguma barreira nesse sentido?
Acho que a barreira para mim, maior, foi a língua e olha que eu estudei em escola particular no Brasil, fiz inglês em escola particular no Brasil, então você acha que você tem aquele conhecimento de inglês, que ele é muito bom para leitura, um pouco de escutar, mas quando eu cheguei aqui e, lá na Costa Leste ainda, e aí você está num ambiente de universidade que tem muito estudante internacional e tem também muitos americanos com diferentes sotaques e por um tempo você não entende nada, tipo, as pessoas falam com você e você só consegue falar, "oh, hi, my name is 'Entrevistada 2'" e não consegue conversar, né? Então essa foi uma grande dificuldade, eu lembro de chegar uma vez e tentar o espanhol, porque eu tinha muitas amigas latinas, eu fui num evento, um *happy hour* com elas e elas falando todo o espanhol eu falava "gente, eu não vou fazer amigos, vou passar um ano aqui sem conversar com ninguém porque eu não consigo falar inglês, não consigo falar espanhol, como eu vou fazer?". Esse é o primeiro choque. E acho que o outro para mim é, vamos pôr assim, outra barreira, foi quando eu mudei para a Costa Oeste, que aí já não é mais temporário, você não poder trabalhar, né? Por conta do visto. Então eu estou numa situação, que dizem, legal, mas eu não podia

trabalhar e essa decisão não ser minha acaba atrapalhando muito, porque no Brasil você é muito, tipo, o que você faz, o cara crachá que todo mundo fala, e aí você chega aqui num ambiente da Califórnia com muitos eventos de networking, ainda mais no começo que a gente não conhecia muita gente, meu marido queria muito ir em evento de networking e a primeira pergunta que as pessoas falam pra você é "o que você faz?" e eu não tinha essa resposta, sabe? Isso fazia eu ficar muito insegura e tira uma parte da sua identidade, isso, então mexe muito com você, você não poder trabalhar e acho que isso foi um trauma tão grande porque depois que eu tive filho as pessoas falavam "você não vai pegar um tempo para ficar com seus filhos?" e eu falei "eu não, a minha parte de não trabalhar, já foi, agora eu tenho medo de sair do mercado de trabalho e não conseguir voltar", então acho que seriam essas duas, assim, a língua com certeza e não poder trabalhar, essa perda de identidade.

Entendi. E tem algum hábito da cultura brasileira, algum traço de identidade que você mantém até hoje, que você quer manter? E se tem também alguma coisa que já se mesclou com a cultura dos Estados Unidos.

Olha, a gente fala português em casa, né, eu e meu marido, a gente tem dois filhos hoje, não é uma de seis e um menino de quatro e a língua principal em casa é o português ainda, e é uma coisa que a gente quer manter muito com eles. A gente sabe que é muito difícil quando eles entram na escola, mas a gente vai fazer esse esforço. Teve vários momentos que meu marido falou "ai, será que as crianças não vão falar inglês? Vamos mudar, vamos começar a falar inglês". Mas a gente manteve eles veem filmes em português, escutam podcast em português, agora já começaram a escutar podcast de inglês também, então já está misturando, mas essa é uma coisa que a gente quer manter muito. Eu acho que o que está mesclando é muito agora que as crianças estão indo para a escola, e aí eu tenho que lembrar que eles são americanos e essa é a cultura que eles vão ser expostos e aí a gente tem que tentar seguir algumas delas e mesclar na nossa, né? Então é Halloween, ela [a filha] tem aprendido muito sobre o patriotismo já na escola, as regras das eleições daqui, então meio que pelas crianças agora, a gente vai começar a consumir ou absorver mais costumes culturais. E eu acho que uma das coisas também, que para mim foi muito interessante, foi na maternidade, né? As pessoas… têm muitos brasileiros que vêm para cá e querem de um jeito trazer o sistema brasileiro de saúde para os Estados Unidos e são completamente diferentes. E eu acho que eu me adaptei bem ao sistema de saúde americano. Tem coisas, óbvio, com ressalvas como a gente tem ressalva com o sistema brasileiro né, mas essa história do: meu pediatra não ficava me dando muito palpite, eu não tinha o telefone do pediatra, tipo, aqui não é normal do telefone do pediatra, você vai lá nas consultas, conversa, está tudo bem, se precisar, tem a linha de emergência. Então tem algumas coisas na maternidade que eu me adaptei muito bem com o sistema daqui. Não sinto falta do Brasil, tipo, não é um negócio que quando eu vou pro Brasil eu preciso ver o meu médico do Brasil ou fazer coisas no Brasil. Não, isso está bem adaptado e uma coisa que foi mudando foi a questão de beleza, né, cuidados com beleza. No começo, toda vez que eu ia pro Brasil eu queria fazer a depilação, fazer minha unha, fazer meu pé, porque era essa coisa que a gente vem do Brasil, semanal, mensal, coisas que você faz e aqui é muito caro. São serviços muito caros, tanto essa parte de beleza até corte de cabelo, né, então não sei se eu deixei ser vaidosa ou uma questão de "me acostumei, não preciso estar com as unhas pintadas da manicure, quando eu quero eu pinto minha unha, a depilação está

do jeito que dá, quando eu quero, quando eu faço, então esse é um costume que a gente, eu, pelo menos, fui me acostumando com daqui, até por ser caro, e aí quando eu vou para o Brasil agora, por conta das crianças, eu tenho menos tempo livre, então eu também não quero ficar fazendo essas coisas lá, né? Então a gente acaba se adaptando.

Bacana. E, assim, quando você chegou, como foi sua adaptação com clima, com comida, com estilo de vida, com o idioma que você mencionou no começo?
É interessante porque a primeira vez que eu vim para os Estados Unidos, conhecendo, porque a gente estava fazendo turismo, eu sofri muito com a comida. Eu chegava no restaurante, eu não sabia o que pedir, não sabia o que comer, "meu Deus, não tem uma comida que eu goste nesse lugar". Mas quando você se muda e aí você tem a sua casa, você começa a fazer as comidas que você quer e isso eu acho que é uma coisa que a gente manteve do Brasil, bem no começo, e agora a gente também já se adaptou um pouco de "ah, vamos fazer um lanche no almoço" que aqui é muito comum, ou então "vou comer uma só uma salada no almoço", mas a gente faz muito arroz, feijão. A comida no começo foi… esse choque de turista foi um pouco melhor quando a gente se mudou para cá, né? Eu acho que esse processo de adaptação, lá em Hanover, teve esse apoio da faculdade e, como era temporário, é uma coisa mais fácil, né, você sabia aquilo tem começo, meio e fim. Então você curte, você fica naquela fase de "deixa eu aproveitar tudo que esse lugar me oferece porque eu vou voltar para o Brasil". Quando a gente veio para a Califórnia e a gente começa a fazer a nossa vida aqui, você tem que começar a olhar com outros olhos, né? Se não, você não se sente feliz naquele lugar e tentar fazer amigos aqui, esse era um ponto pra mim que era muito difícil, era muito ligada com os meus amigos no Brasil, até eu construir a minha rede de amigos aqui e no começo é difícil, porque você conhece brasileiros e essa é a única coisa em comum que você tem com aquela pessoa, é a sua nacionalidade. E aí uma coisa que eu tive [que aprender] é ser aberta a conhecer os amigos desses amigos, até você conhecer o seu amigo e aquela pessoa que, além dela ser brasileira, ela tem os mesmos valores ou os mesmos costumes ou os mesmos pensamentos que você. Então essa foi uma coisa. Você está muito aberta a conhecer gente e é mais difícil você fazer amigo na vida adulta, né, do que aqueles amigos de escola, os amigos do seu trabalho, aqueles amigos que te conhecem a vida inteira. Então você tem que refazer uma vida, então acho que esse é o processo de adaptação. Para mim foi: criar novas amizades, novos laços, nova rede, me reinventar, né, porque eu perdi a minha identidade de trabalho e ter que pensar no que eu vou fazer da minha vida e ir atrás, e nesse processo, né, me reencontrar, eu acho que esse é o ponto. Então, para mim, é ser muito aberto. Quando você muda de país ou você tá numa nova situação, você tem que estar aberto a essas mudanças e eu acho que no fim, através do projeto, né, eu fui conhecendo outras mulheres, foi um jeito muito melhor de eu conhecer outras mulheres, você não se sente sozinha porque você vê que o problema que você está passando não é só seu, da perda de identidade, a perda de amigos, e aí em grupo você começa a se reencontrar e você quer passar isso para frente para que outras mulheres não tenham que sofrer tudo que você sofreu, né? Então acho que esses são os pontos principais, a amizade e se redefinir né, é uma nova identidade que você tem que criar.

É muito legal isso, porque você sabe que tem pessoas que estão passando pela mesma situação que você, e aí isso acaba unindo, sabe, você entende a dor do outro, a dificuldade de se integrar e até ampliar seus horizontes, né? Porque é uma coisa que você talvez não esteja passando, outra pessoa está passando e assim vocês vão trocando essas informações, experiência, é bem bacana isso. E agora eu queria entender um pouquinho mais da sua experiência enquanto mulher brasileira nos Estados Unidos. Você já sofreu xenofobia, assédio, alguma alguma vez? E se a resposta for positiva, como você lidou com a situação?

Eu não. Eu nunca sofri xenofobia, até porque eu acho que eu estou num lugar muito diverso, né? Eu estou num lugar da Califórnia, né, então, eu já estou num estado que é mais aberto, mais social, mais diverso, mas além de tudo, eu tô no Vale do Silício, que é onde vem gente de todos os lugares, né? Nós temos imigrantes da primeira e segunda gerações desses países, então eu não sinto medo de falar o português com os meus filhos na rua, eu não me sinto mal, então eu não sofri nenhuma xenofobia. Já escutei caso, já teve gente com xenofobia, ainda aqui na Bay Area, então, apesar de ser um lugar diverso, existem ainda bolsos que você pode sofrer. Foi com uma brasileira no nosso grupo, ela estava na fila do supermercado na época da eleição, né? Do presidente, do ex-presidente, e [a pessoa] falou, tipo, "volte para o seu país", né? E eu lembro que ela falou "eu fiquei sem reação". Provavelmente seria isso que eu ia fazer. Eu ia ficar sem reação na hora, você não está esperando, né? Você não está num lugar que você sabe que vai ser acuada, né? Mas eu não tive nenhum problema com xenofobia. Eu acho que uma coisa como mulher brasileira, que eu tento hoje, que no começo eu não tinha, é confiança no meu sotaque em, tipo, abraçar o meu sotaque por muito tempo eu tinha medo de falar, eu tinha medo quando as pessoas não entendiam, eu achava que era minha culpa que ela não tava entendendo. E hoje em dia eu já estou muito mais confiante no sentido que se alguém não entende, eu já falo "ah, beleza, porque inglês não é minha primeira língua", porque isso já lembra a pessoa que eu estou falando uma segunda língua o tempo inteiro. Também já tive colegas de trabalho que não entendiam o meu acento (sotaque), eu falava "você precisa abrir, sua mente, hein, você não conhece outras pessoas, o problema está em você" e é verdade, tipo, quando uma pessoa ela tem exposição a outros sotaques, o ouvido dela também melhora. Agora uma pessoa que sempre cresceu ouvindo só o inglês americano, ela vai ter um pouco mais de dificuldade de escutar outros acentos (sotaques), mas eu acho que esse é o ponto, assim, tipo, e eu não sei se era mais as outras pessoas ou eu, né, com essa insegurança deles acharem que eu não era esperta o suficiente por conta do meu sotaque. Hoje eu acho que eu estou numa posição no meu trabalho, as pessoas já me conhecem, que eu me sinto muito mais confiante de pedir para elas repetirem quando eu não entendo e não me culpar quando elas não me entendem, né? Então eu acho que esse é o ponto. Tem uma coisa que eu não consigo que é: aqui eles têm muito costume de quando elas vão falar uma palavra ou um sobrenome e é uma coisa que eu nunca escutei, se eles soletram pra mim é muito difícil, eu não consigo pegar, porque aí eu penso em inglês, em português, minha cabeça dá um nó. No começo eu ficava muito nervosa, hoje em dia eu já falo assim "você pode me mandar por escrito? Você me manda no chat? Você me manda no chat do Zoom? Porque eu não sou boa com sobrenome, eu não consigo essa parte de soletrar" e aí as pessoas normalmente falam "ah, beleza" e me mandam, entendeu? E antes eu trazia uma carga de nervosismo pra mim, primeiro, eu não conseguia pegar o nome e eu ficava pedindo pra

pessoa repetir umas duas, três vezes, então agora eu falo “nem repete, já me manda por escrito porque eu não sou boa nisso”, mas são coisas que você vai descobrir com o tempo e quando você consegue ter essa confiança mais em você e no valor que você traz além da língua, né?

Inclusive seu sotaque é de onde? De onde você vem, aqui no Brasil.
Eu sou de Santos, né, uma cidade litorânea em São Paulo. Morei a minha vida inteira em Santos, quer dizer, eu morei entre Santos e São Paulo, mas a maior parte em Santos e depois eu fiz faculdade em São Paulo e de lá, me mudei pro Estados Unidos, né? Morando um ano em Hanover, New Hampshire, e aí eu estou aqui na área da Bay Area desde 2011, morando em… as cidadezinhas são muito perto, então eu já morei em algumas algumas cidades aqui, né?

Hoje em dia tem algum ponto de dificuldade que você encontra sendo mulher brasileira imigrante?
Assim, não pessoalmente, né? Não vou dizer que eu, ‘Entrevistada 2’, encontro dificuldades? Mas eu sei, eu estou envolvida, né, no grupo de latinos da minha empresa, hoje em dia eles estão criando esses grupos de empregados que eles chamam, né? Employee Business Resource Group. Eu não sei como seria a melhor tradução, provavelmente existe já começando no Brasil e a tradução não é de igual para igual, mas eu sou uma das líderes desse grupo e eu sei que tem dificuldades, nós estamos menos representados, né? Então já começa sendo mulher, nós já estamos menos representadas como mulher, se chegar na mulher latina, então são outros problemas de representação. Então eu não vejo, eu, ‘Entrevistada 2’, assim, eu tenho um ótimo gerente, eu estou numa equipe que me conhece bem, então eu não vejo essas dificuldades pessoal, mas eu sei que essa dificuldade existe. Então não dá para dizer “ai porque eu não sofro a dificuldade não está aí”, pelo contrário, tem, existem vários programas para tentar melhorar a representação, tentar melhorar a inclusão dessas pessoas, mas o problema ainda existe e muito, né? Ainda mais se você sai da bolha do Silicon Valley, vai para outros lugares nos Estados Unidos, você como uma mulher imigrante. E uma conta que a gente quando tá no Brasil não se identifica, né? Eu falo isso muito, tem se falado muito isso, né? Aqui eles falam muito de latinos e hispânicos. A gente acabou de ter um Mês Nacional da Herança Hispânica e agora, incluíram os latinos. Eu não era latina no Brasil, certo? A gente não era latina no Brasil. No Brasil você é brasileira, “virar latina” é só quando eu me mudo como imigrante, aí as pessoas começam a me ler como latina. Até então, eu era ‘Entrevistada 2’, uma mulher branca de classe média no Brasil. Tipo, o meu privilégio estava ali. E aí hoje eu chego como latina e as pessoas às vezes não me leem como latina, mas eu sou latina e muitas brasileiras não querem ser latinas porque não se não se vêem como latinas, mas você é, a partir do momento que você cruzou a fronteira viramos todos latinos. E a gente tem muitos costumes parecidos, né, com os outros países na América Latina, como tem coisas que são diferentes e isso também causa uma barreira para a mulher brasileira, porque as organizações e os eventos que são para latinos, ou eles são inglês ou eles mudam para o espanhol. Então você, como brasileira, acabando de chegar, você não consegue. Por mais que você entenda um pouco espanhol, você acompanhar o espanhol, se não é uma língua que você tem familiaridade, você vai se sentir perdida. Então eu falo muito que o

projeto ele faz esse primeiro abraço, sabe? Tipo, enquanto você ainda não se sente preparada para ir para essas organizações que ajudam os latinos e depois, para você fazer coisas no inglês no geral. Então é o jeito de você manter a língua como o português como língua principal no meu grupo e nessas coisas que a gente faz, nos eventos que a gente faz, é um jeito da pessoa se sentir abraçada e entender e absorver toda essa mudança que está tendo ao redor dela né, então a língua vem desde ser latino e depois até você estar nos Estados Unidos.

E esse processo de ser lida como latina nos Estados Unidos inicialmente foi uma coisa que foi tudo bem para você? Você já sabia que você é latina, que aceitava essa latinidade ou no começo foi meio chocante?
Eu acho que foi meio natural até porque eu sempre me li… tem o projeto que eu quero apoiar mulheres, então me ver como latina é só mais um dos grupos que eu quero pertencer e quero ajudar. Então, eu nunca vi isso. Tipo, faz parte da minha identidade. Eu sou mulher, eu sou latina, como que eu faço pra ajudar esses grupos? E pode ser, até porque eu nunca sofri nenhum preconceito tipo real, né? Ou senti uma ameaça ou senti medo. Acho que vai muito de também aonde eu estou, a empresa que eu trabalho, né? Isso tudo ajuda você a ter uma confiança maior de assumir essa identidade do que, de repente, uma outra pessoa em outro lugar dos Estados Unidos. Mas como são coisas que são minha paixão, tipo, ajudar mulheres, apoiar esse grupo, fica até mais fácil. Tipo, eu sou latina e eu quero continuar ajudando as latinas, as brasileiras e as mulheres.

Legal. E sobre o projeto, como você percebeu essa necessidade? Como você reconheceu a necessidade de se comunicar com outras mulheres, de criar uma comunidade de mulheres brasileiras?
Foi meio sem muito pensar assim, né? Não foi, assim, uma ideia "vou criar uma comunidade". Partiu muito desse bando de gente se mudando para cá, essas mulheres que não podiam trabalhar. E aí você começa a se encontrar né? De tipo "vamos marcar de se encontrar? Porque a mulherada está sozinha". Você vai num café, você vai num happy hour, estava sempre chegando gente nova. E aí eu falava assim "toda vez que tem uma pessoa nova, a gente não consegue conversar sobre outras coisas, a gente está sempre conversando sobre "ai, onde você mora? Por que que você escolheu esse lugar? Onde que você encontra a comida brasileira? Como que você encontra manicure brasileira?". Aquelas primeiras necessidades que você quer manter do seu país, né? E aí eu falava assim "isso tudo podia a gente já estar conversando online, tentar documentar essa troca de experiência para que a gente, quando se encontre, consiga conversar sobre outros assuntos, né? Então a gente não precisa estar sempre dando boas vindas pra [pessoa] nova. A gente vai ter feito isso online e quando a gente se encontrar pessoalmente, a gente começa a conversar sobre "está fazendo voluntário em algum lugar, o que você está fazendo com o seu tempo livre? Você está pensando em voltar para a sua profissão? Por quanto tempo você vai ficar aqui? O que você precisa fazer para voltar pro mercado de trabalho", começar a ter umas conversas um pouco mais profundas, né? E aquela parte do básico das boas vindas, a gente já ter documentado. Então foi assim que eu criei um grupo no Facebook, tipo um dia, criei o grupo. Eu já tinha participado de outras comunidades online que vieram do Orkut, se mudaram para o Facebook, então um grupo no Facebook era uma coisa meio natural para mim. Eu sempre

usei tudo de internet, tipo, usei ICQ, Fotolog, chat da UOL, todos esses, então Orkut, Facebook. E aí a gente criou um grupo no Facebook. Na época era muito limitado. A minha vizinha, que era brasileira, ela começou com "o que você vai fazer com esse grupo?" Eu falava "eu não sei o que eu vou fazer, mas ele está aí" e aí ela veio me ajudar, a gente uniu forças, começou a pensar em melhores [coisas] foi quando a gente criou o website, porque aí depois de um tempo, a gente viu que o grupo era muito limitado para documentar essa troca de experiência, então a gente falou "o que que a gente [fazer?]. A pode ir para um website que a gente pode mandar a pessoa "oh, tá aqui, o básico do que você precisa saber quando você chegar aqui". E aí a gente fez um evento para inaugurar esse website, então foi um evento para 100 mulheres brasileiras em pessoas. Teve muita troca, a gente trouxe 3 mulheres para contar da vida delas, eram mulheres de perfis diferentes, que eram os perfis que a gente tinha achado na nossa comunidade, né? A mulher que não trabalhava porque estava se dedicando à maternidade, a mulher que era empreendedora, e a mulher que conseguiu uma carreira nos Estados Unidos e tinha então enfrentado o mercado de trabalho. E foi muito bacana, a gente fez alguns eventos desse, então a comunidade foi muito pra essa troca, tipo, "como que a gente pode ter um lugar pra se ajudar e começar a trocar figurinhas e de todos os tipos". Então pode ser que, para mim, os assuntos que eu mais gosto é como entrar no mercado de trabalho, mas tem a outra mulher que já passou por várias outras coisas. Hoje em dia a gente tem 6.000 mulheres no grupo e de todos os tipos. Uma das coisas que a gente quis mesmo era abraçar todos os tipos de imigrantes, então a gente tem um grupo diverso de mulheres de todas as classes sociais, eu acho que aqui nos Estados Unidos essa mistura ela acontece muito mais do que no Brasil, pelo menos no quesito brasileiros, né? Não sei se isso se expande para os Estados Unidos no geral. Então a gente tem vários tipos de classe social. A gente fechou o grupo para ser local. Então, diferente do nosso Instagram, que é aberto para qualquer um seguir, o grupo no Facebook é fechado e você tem que morar na região. Começou no Silicon Valley, aumentou para a Baía de São Francisco e hoje a gente cobre o norte da Califórnia, né, então tem uma região abrangente. Então foi bem isso, tipo, qual é o ponto de encontro das brasileiras para que elas se sintam acolhidas de trocar, a gente tem perguntas de todos os tipos no grupo.

Quais são os pontos positivos e negativos que você encontra administrando uma página uma página no Facebook e uma página Instagram que tem esse propósito de conteúdo?
O ponto positivo é que eu aprendi muito a lidar com a minha inteligência emocional e aprender que… até porque quando teve as primeiras discussões eu queria responder, ainda mais se eram coisas de raça, cultura já vinha com sangue nos olhos. E aí, como administradora, você está representando o grupo, né, então você tem que tem se colocar muito bem e tentar ser o mais clara possível e eu aprendi na raça, aprendi a lidar com isso no dia a dia, né? A gente tem, não sei se você já viu, mas tem algumas reportagens do Facebook sobre o nosso grupo, onde eu já dei entrevista pra Meta, né, hoje, o Facebook, sobre como gerenciar o nosso grupo e eu acho que a gente tem um engajamento muito bom e eles vêem por trás da ferramenta, né, porque a gente foi um dos grupos que foi convidado para o primeiro Summit deles em pessoas, em Chicago, na época eu pessoalmente não fui porque eu tinha acabado de ter filho, mas a gente tinha um grupo de administradora voluntárias, né, que não só administravam um grupo, mas todo o resto que o projeto faz, que o Brasileiras do Vale

faz, e três delas foram, então foi muito legal, a gente aprendeu, elas aprenderam muita coisa e validaram muitas coisas que a gente aprendeu na raça, sabe? Tipo documentar coisa, criar um outro perfil para gerenciar algumas coisas. Vamos fazer dez anos de grupo, o Facebook como ferramenta melhorou muito nesses dez anos, né? Mas eu acho que essa é a parte boa e ruim ao mesmo tempo, ter que lidar com gente muito diferente de você, de pensamentos muito diferentes de você, e aí você aprende a gerenciar esses conflitos, aprende a não levar para o pessoal e, no fim, você acaba trazendo isso para várias coisas na sua vida, né? No trabalho, tipo, eu consigo ficar mais "ah, isso daí é fichinha" porque eu já vi e tal. Então a gente teve muitos problemas. O primeiro problema que a gente teve foi um caso de… primeiro, teve um caso de xenofobia contra indiano que foi muito difícil, foi a primeira vez que a gente teve que lidar com isso. Então você tem que aprender. A gente teve uma coisa muito feia, uma coisa muito forte, de racismo que eu deletei na hora eu falei "não, não, não". E aí gente no grupo falando "ai, você é uma ditadora", não sei o quê. E aí você tem que aprender a falar "liberdade de expressão não é você falar o que você quer" então você tem que estudar algumas coisas que você não saberia para você poder responder direito as pessoas. A época das eleições em 2018 foi um momento muito difícil para o grupo da gente ter que… começou a combater fake news, né? Então, a gente vê ali direto as pessoas compartilhando coisas e você fala "o que que eu faço agora", né? Então foi quando a gente mudou, em vez de apagar posts, a gente tem que aprovar posts. Então todos os posts do nosso grupo eles têm que ser aprovados antes de serem postados. No começo o pessoal reclamou, a gente falou "não, isso é muito mais fácil para a gente, para controlar o problema", né, você ver o problema antes de chegar, tem posts que você já sabe que vão ser inflamados, porque você já conhece a sua audiência, então você fala "vamos aprovar e ficar todo mundo prestando atenção", ou então tem uns que a gente fala "ó, melhor você revisar esse post porque, por sua segurança", né, tipo as pessoas falam o status que elas estão nos Estados Unidos. É um grupo de 6.000 mulheres, né, a gente não conhece todo mundo. É bom que as pessoas se preservem, então a gente, como moderadora, tenta também preservar os nossos membros. Então acho que a parte boa é que junta todo mundo, a gente aprendeu muita coisa e a parte ruim é que você lida com todo tipo de gente. É um atendimento ao público e não estamos sendo pagos para isso (risos). Dá vontade de falar "porta da rua é serventia da casa", porque as pessoas cobram da gente e, tipo, nós somos voluntárias, muitas de nós, acho que todas hoje de nós, ou trabalham e são mães, ou só trabalham ou só são mães. Só isso já dá um monte de… ninguém tem tempo livre, então você faz aquilo no seu tempo que não é livre, que você podia estar fazendo outra coisa e as pessoas ainda cobram, né? Então essa cobrança às vezes dá um desânimo, mas ao mesmo tempo a gente vê tantas histórias boas que aconteceram só por conta do grupo e aí a gente como moderadora, quando vê isso a gente normalmente faz um *screenshot* e manda para as outras "ó, gente, para aquecer o coração e daquele gás pra gente continuar trabalhando". Então é bem *bittersweet*, que a gente fala aqui, tem um gosto amargo porque você está ali, mas também tem muita coisa boa, então a gente fala "vamos continuar".

Bacana. Quando você criou seu canal de comunicação você já visava crescimento, você já pensava em estratégia para crescer ou foi uma coisa meio "vou criar por criar e seja o que Deus quiser"?.

No começo foi “vou criar por criar, vamos ver o que vai ser, vamos começar a unir essa mulherada” muito foi, tipo, amigas convidando amiga, a gente não tinha muito regras de quem entrava, aí eu comecei a ver que o grupo estava ficando… tinha gente que ainda estava no Brasil no grupo e a gente não queria isso, a gente queria manter o grupo local, então foi muito aprendendo aos poucos. A gente não faz muita propaganda do grupo, no geral, o grupo no Facebook, onde eu fui pensar mais em crescimento foi quando a gente foi para o Instagram, né, tipo, como que a gente pode alcançar mais mulheres que não conhecem o projeto. Mas o Instagram ele é mais difícil, assim, até hoje o grupo do Facebook, a gente tá com problema de engajamento, mas as pessoas ainda vêm para para fazer a sua pergunta e ainda entram para para responder. Então o engajamento já foi muito melhor, mas ele ainda continua no Facebook. No Instagram. Esse negócio de ficar criando conteúdo e videozinho e não sei o quê não é a nossa praia. Tipo, o Instagram, era muito pra promover algumas das nossas atividades, ter mais um canal com a nossa comunidade. Um canal que a gente teve muito sucesso e que a gente está querendo retomar, porque depois do COVID eu acho que a gente teve um *burnout*, né? As moderadoras, as administradoras. Então a gente deu uma pausa em várias das nossas atividades… era newsletter. Tipo, a nossa newsletter tem um número bom de pessoas *subscribed*, tipo, que assinou a nossa newsletter, mas depois do COVID, foi muito assim: 2020 a gente trabalhou muito pela comunidade e ainda pegou uma parte de 2021. E eu acho que com isso a gente… eu tive *burnout* com certeza, e as minhas moderadoras e administradoras também porque elas falaram “ah, se a ‘Entrevistada 2’ tá de boa, vamos ficar de boa”. Então a gente parou com quase tudo e ficou só focando na moderação do grupo, só tentando manter o grupo funcionando. Então acho que essas foram as estratégias que a gente teve mais, a newsletter, Instagram, o grupo a gente teve eventos para manter as pessoas se conhecendo e a gente quer retomar algumas das atividades, mas a gente também descobriu que a gente quer fazer coisas bem limitantes por causa do tempo, né? A gente ainda é voluntário, eu nunca pensei em ganhar dinheiro com o grupo. A gente agora tem que pensar em como fazer ele ser sustentável pelo menos, sabe, tipo, de que não dependa tanto da força e do tempo de mulheres, mas é difícil, né. Então acho que esse é o ponto, que a gente quer fazer mais coisas, mas ainda com bastante cautela para não ter *burnout* de novo.

Legal. É importante esse equilíbrio, né, porque às vezes você está tão imersa ali nesse conteúdo, de gente relatando o caso e pedindo ajuda que você acaba absorvendo muito disso para você e acaba, ao invés de você ajudar, você fica prejudicado também. Não consegue desenvolver o trabalho da melhor forma, né? Então é interessante.
E por conta do COVID, né, acho que saiu um pouco na reportagem que a gente teve faz umas 2 semanas, né, fizeram uma reportagem com a gente, ficou bem bacana. Não sei se você viu, mas é interessante de assistir. No COVID a gente não sabia o que estava acontecendo, né? As pessoas foram trabalhar de casa, mas tinha muita gente na nossa comunidade que elas não trabalhavam em empresa, elas trabalham de babá, de Uber, de coisas na rua, e essas pessoas ficaram sem trabalho, ficaram sem ganhar dinheiro. Então a gente teve que fazer muitas campanhas de conscientização, tentar traduzir documento que vinha em inglês porque as pessoas tinham direito a receber alguns auxílios do governo que elas não sabiam, teve a ajuda de doação de itens entre umas pessoas e outras. Então a gente fez muita coisa, a gente fez muitos eventos virtuais porque as pessoas estavam se sentindo solitárias, as pessoas não

sabiam que era o COVID, as pessoas precisavam saber fazer máscara. Teve o caso do George Floyd, né? Então a gente quis também abordar o racismo. Então você se vê com essa… As pessoas esperam isso de você, você vê essa pressão de você exercer um papel de liderança, né, porque as pessoas estão precisando dessa informação, mas, ao mesmo tempo, você também está lidando com aquelas emoções de COVID, de não saber o que vai ser, você também está se sentindo sozinha. Mas eu acho que a gente não se arrepende, pelo contrário, foi quando a gente viu o poder da comunidade, tipo, a gente viu que o nosso trabalho de sete anos tinha valido a pena, porque ali as pessoas confiavam na gente, confiavam no nosso trabalho e queriam se ajudar porque elas se sentiam parte daquela comunidade de brasileiros e a gente, por ter esse grupo diverso de mulheres, a gente pôde se ajudar porque tinha as mulheres que a vida delas não mudaram porque elas tinham… o marido continuou trabalhando, elas continuaram trabalhando, e aquelas famílias que estavam precisando de ajuda e aí a gente conseguiu fazer essa troca, né? A gente fez venda de camiseta para conseguir um dinheiro e tentar ajudar com algumas pessoas que precisavam de dinheiro. foi bem baixo, porque a gente não era uma *non profit* (ONG) na época, então a gente queria limitar muito essa troca de dinheiro.A gente fica com medo quando tem dinheiro envolvido acaba, né… dá alguns problemas. Mas a gente fez muitas coisas. Então eu acho que por a gente ter feito coisa todo mês, quando chegou no meio de 2021, que a pandemia estava abrindo, que a gente já estava vacinado, que a gente podia rever nossos amigos, a gente falou "meu, vamos dar uma pausa aí nas nossas atividades do grupo e focar na gente". E aí, agora a gente está sentindo essa retomada, essa vontade de novo de fazer algumas coisas, mas o mais importante é que o grupo continuou. Ele continua lá. A gente fez o mínimo de moderação, de manter o grupo vivo e engajado e uma das coisas que a gente preza é ele ser cordial e respeitoso. Então a moderação vem mesmo, e é ativa nesse sentido para manter a mulherada conversando, né, de um jeito legal uma com a outra, né? Ser amiguinha da coleguinha. E aí a gente está indo bem mas foi… O COVID veio para… (risos).

Imagino. E quando foi que você percebeu que as redes sociais poderiam ser a plataforma que você precisava para dar voz e para unir essas mulheres?
Então como eu falei, né? Eu já tinha participado de grupos em comunidades no Orkut. A primeira comunidade que eu participei e fui muito ativa, foi de casamento, de noivas na minha cidade, lá em Santos. E era uma comunidade muito ativa, as noivas se encontravam nas feiras, elas iam no casamento da outra, mas não, assim, na festa, iam lá ver a noiva na igreja. Então foi ali que eu tive a minha primeira experiência com comunidade, e eu era uma das moderadoras daquela comunidade também, e a gente tinha muita troca de fornecedor. tipo, é um assunto muito específico, né? E é um grupo que ele é temporário, porque depois que você casa, você fica ativa na comunidade um pouco para ajudar a quem tá casando, e daqui a um tempo isso sai da sua cabeça, né? Tipo, você começa a focar em outra coisa. Então, por eu ter essa experiência de noiva, e aí, depois essa comunidade foi para o Facebook, foi dali que eu sabia "não, dá para ter comunidades". Foi meio que pela minha experiência passada. Eu já participei de comunidades, tipo, depois de noiva, foi de mãe, né, de grávidas, participei de comunidade, quando eu estava tentando engravidar, de infertilidade, e era uma comunidade em inglês, e me ajudou muito essa comunidade quando eu estava tentando engravidar. Era em inglês, eu já tinha bem mais familiaridade e domínio

da língua, e me ajudou a entender o sistema de saúde daqui, porque eu estava nova nessa dificuldade de entender o que que é ter infertilidade nos Estados Unidos, como que funciona o tratamento daqui. Então eu sempre me utilizei muito da internet, tipo, eu tive muitos amigos virtuais que viraram amigos, depois, pessoais, foi pela internet que eu mantive contato com os meus amigos do Brasil quando eu me mudei. Então o poder da rede social, para mim, ela sempre existiu, ela sempre foi uma coisa muito natural na minha vida, tem que até tomar cuidado para não abusar dela (risos). Não usar demais o Instagram, não usar demais algumas coisas. Então foi muito natural, não foi uma coisa que eu pensei, não, era, tipo… o melhor jeito de unir as pessoas é através do online, porque pessoalmente, vou ficar mandando carta para as pessoas? Ou então, teve brasileiros que tiveram lista de distribuição, lista de distribuição é no e-mail, nem todo mundo vê. Então as redes sociais elas vêm para humanizar, apesar de que hoje a gente tem várias críticas às redes sociais porque espalham fake news, etc, mas você consegue ver o perfil, você está falando com alguém que você não conhece, mas você sabe mais ou menos quem é, então é uma coisa que foi natural, não foi muito pensado, não.

E os objetivos do projeto nesse início já eram bem delimitados ou você foi construindo ao longo do tempo? Foi testando o que funcionava e o que não funcionava?
Eu acho que no começo era "vamos unir essa mulherada e ter um único canal de se falar", né? Na época, não tinha grupo de WhatsApp, "como que eu ia pegar e-mail de todo mundo?", as pessoas já eram amigas no Facebook, então era natural que cria-se um grupo, as pessoas vão chamando. Ele foi tomando forma, tendo missão, tendo objetivos, tendo regras. Hoje a gente tem regras muito bem delimitadas, né, tipo, de convivência, mas elas foram criadas a partir de problemas, tipo, tinha um problema e aí você fala "puts, eu não pensei nisso, como que eu vou resolver esse problema? Como é que eu faço para ele não acontecer de novo?", cria-se uma regra, né? Então a gente brinca igual até, tipo, o Congresso, que tem as leis com o nome das pessoas que criaram, agente tem umas regras que a gente brinca "ah, essa é a regra X por conta dessa pessoa que ficou fazendo isso e a gente teve que pensar numa regra". Então a gente tenta sempre ponderar essas regras. A missão foi pensada também aos poucos, quando o grupo foi tomando forma, quando a gente foi conhecendo a nossa audiência. Então muito de missão e objetivos e as regras foram criadas ao longo do tempo e até hoje a gente ainda tem que adaptar algumas regras, algumas regras que faziam super sentido há sete anos atrás, hoje já não faz tanto, porque a gente tem outras funções do Facebook que ajudam a controlar aquele comportamento. E aí você tem que criar uma nova regra porque criou-se uma nova função no Facebook que está atrapalhando o engajamento. Então a gente está sempre tentando olhar e ir adaptando à nova realidade, não é uma coisa que você faz e está certo pra sempre, você tem que estar sempre revisando.

Entendi. E hoje quais são as frentes de atuação do projeto? Vocês têm essa comunidade para trocar informação, vocês advogam, vocês acionam autoridades competentes para resolver algum caso? Como funciona isso?
O nosso caso é bem mais a comunidade. Eu acho que a nossa linha de frente é unir a comunidade, né, tipo, fortalecer. Essa é a palavra que a gente usa na nossa missão. Como que a gente fortalece a comunidade de brasileiras na Califórnia? A gente já tentou fazer em outros

lugares, mas a gente acha que por a gente ser local daqui, por conhecer os problemas da situação daqui, que faz o grupo ter sucesso, né? Pra ele ter sucesso em outros lugares precisaria ter gente morando nesses lugares que querem criar, fortalecer essa comunidade. A gente não tem uma relação muito forte com o Consulado, já teve pessoas que trabalham no consulado de são parte do nosso grupo, mas nada oficial. As nossas frentes hoje, né, a gente tem um projeto que poderia estar mais forte, mas ele existe, que é de violência doméstica, que é o projeto Luana, que veio muito de uma das nossas administradoras. Porque as pessoas já vinham procurar ela, não formalmente, informalmente as pessoas já vinham procurar ela. Então ela começou [a se perguntar] "como que eu posso fazer isso", né? Então a gente fez algumas coisas com o projeto Luana, traduzimos a lista de serviços que existem de violência doméstica, porque a gente quer tentar ser a ponte. Acho que esse é o maior princípio do projeto, é ser a ponte com coisas que já existem. A gente não vai criar um abrigo de violência doméstica. Não, a gente quer ajudar essa mulher a saber que ela tem a opção de ir pra um abrigo de violência doméstica. A mesma coisa com o grupo, né? Não, eu não preciso fazer um fundo para ajudar no aluguel, não, isso já existe na Califórnia. Qual é o problema que essa mulher tem? "Ah, ela não consegue ler o inglês, então como que eu traduzo isso?" de repente, tem uma brasileira que vai ajudar ela a navegar isso. Então a gente tenta fazer muito essa ponte entre onde tem um problema e a solução e a gente com nosso conhecimento pode ajudar essa mulher a chegar nessa solução sem a gente ter que reinventar a roda.

Bacana. Inclusive ontem, na conversa que estava tendo com a 'Entrevistada 7', ela chegou a mencionar esse projeto. E aí, é bem legal que a gente tá meio que todo mundo meio que conectado aqui, eu falando com você e ela te conhece também, já tem essa interligação. Então cada entrevista eu pego um pontinho diferente, eu fico "eu vou conversar com essa mulher também". Então a rede se formando aos poucos.
Sim, a 'Entrevistada 7' entrevistou a Raissa que é a idealizadora do projeto Luana, a Raíssa é uma pessoa de coração muito grande que a comunidade já vê ela desse jeito aqui, ela ajuda muitas mulheres, ela acabou de ter filhos, então não sei se ela está com tempo, mas foi daí que surgiu. Ela fez uma entrevista muito bacana para a 'Entrevistada 7'. A 'Entrevistada 7', a gente se segue, a gente já conversou e é muito interessante, né? Tem bastante podcast de vivência hoje, acho que tem mais um novo. A gente já tentou fazer podcast, mas a gente viu que a gente não é muito criador de conteúdo assim, né, a gente não se vê como criadoras de conteúdo ou influenciadoras. A gente tem muito essa mentalidade de criar nossa comunidade, "como que a gente ajuda a nossa comunidade?", de repente é só compartilhando um conteúdo que já existe, é traduzindo uma solução que já existe, é muito fazendo essa curadoria ou essa ponte, né, a gente se vê muito fazendo isso para ajudar a nossa comunidade.

E nesse meio tempo você percebeu alguma queixa, algum relato que se repetia? Você mencionou na violência doméstica, mas não sei se já teve outros que você percebe que vira e mexe tem gente sempre falando desse assunto, pedindo ajuda com isso.
Teve da violência doméstica… Eu acho que não é um problema recorrente, mas até uma solução. O que acontece é: brasileiras vêm para cá por motivos diferentes, né? Cada uma com a sua razão. E o grupo promove muito dos *business* e não são *business*, porque são negócios, são produtos, são serviços, é aquela empreendedora de casa, né? É a brasileira que fez alguma

coisa no Brasil, ela tinha uma profissão, mas ela vem para cá, ela não pode trabalhar, ela começa a fazer bolo para brasileiro ou ela começa a fazer brigadeiro, ela começa a fazer aquela comidinha para o brasileiro e é ali no grupo que ela promove o negócio dela. A gente é um grupo que a gente tem regras quanto a promoção porque a gente, logo no começo, percebeu que muitos dos grupos que existiam eles pediam engajamento, porque as pessoas só estavam lá para promover elas ou um negócio que ela estava fazendo. Então antes você podia promover seus negócios a cada 15 dias. Por conta do COVID, a gente tirou essa regra e falou que eles podiam promover os negócios dele uma vez por semana. Então toda segunda-feira as pessoas podiam promover o seu negócio, o seu serviço, o que elas fazem elas podem promover. E aí a gente manteve. A gente viu que não atrapalhava o engajamento ter toda segunda-feira a propaganda, né, a gente fala que é o dia de propaganda. E existe até hoje, segunda-feira é o dia mais ativo do grupo, porque as pessoas realmente vêm promover. Então a gente tem a fotógrafa, tem a cozinheira, tem a boleira, tem a mulher que faz brigadeiro, tem a mulher que faz limpeza, a mulher tem o podcast dela, a mulher faz o vídeo dela, a que tem o blog e ali que ela promove e as pessoas compartilham, e sabem e vão. Então acho que veio de ser uma coisa assim, o problema existiria se a gente não tivesse espaço. Muitas mulheres conseguem ser conhecidas ou atingir um público alvo delas, porque elas estão no grupo, né? Então acho que essa é uma… ao invés de ser um problema recorrente, é uma solução recorrente.

Que bom que você conseguiu criar essa rede de pessoas e apoiando, mulheres se apoiando e consumindo produtos de outras brasileiras, porque acho que isso é um problema assim que elas se mudam, né? Tipo, eu tinha um emprego lá, tinha a minha vida e aqui talvez as pessoas não vão consumir da mesma forma que os brasileiros consumiam. Então, encontrar uma rede de brasileiros que possam, sim, consumir esses produtos é bem bacana, é bem importante até para a segurança financeira dela, mais estabilidade financeira.

Sim! Muitas mulheres, né? E aí, tem *day cares* que são de brasileiras e aí tem as brasileiras que só querem colocar no *day cares* de brasileiros. Está ali, né? Tipo, você tá com um público que é o seu, então tem muitas situações dessa e a gente gosta, né? Acho que essa é uma coisa super benéfica do grupo. Existe um pouco desse estigma de brasileiros que chegam, porque não querem falar com brasileiros, que não confiam em brasileiros e às vezes tem uns comentários desses, a gente tenta educar, responde esses comentários tipo “não são todos brasileiros, dê chances para brasileiro”, sabe? Eu sou muito do contrário, tipo, eu só me adaptei nos Estados Unidos pelos brasileiros que eu conheço, porque eu tenho a minha bolha de brasileiros num lugar dos Estados Unidos. Hoje em dia a minha bolha está expandindo porque meus filhos tão indo pra escola, eu tenho os meus amigos do trabalho que não são brasileiros, mas aonde eu sinto em casa são com os meus amigos brasileiros e foi através de outros brasileiros que eu conheci. Então às vezes as pessoas vêm com essa mentalidade, eu acho que essa mentalidade de não conhecer brasileiros ou tentar ficar com os americanos, é bom ser temporário, porque aí você quer aprender a língua então você tem que absorver aquela cultura o máximo que você quer. Agora, se você está aqui no longo prazo, tenha brasileiros, né, da sua cultura, pessoas que você confia, porque são eles que vão te ajudar. Se acontecer uma emergência, é um brasileiro que você vai ligar, né? Tipo, até porque está todo

mundo no mesmo barco, tipo, você não tem família aqui, então na hora do aperto, é um brasileiro que ajuda, né? Então acho que essa essa coisa assim, a gente não faz isso muito consciente, né? De educar os brasileiros para se abrir para outros brasileiros, mas sempre que tem a oportunidade no grupo a gente tenta trazer uma frase, uma situação, para as pessoas não serem elas mesmas preconceituosas com os brasileiros.

Bacana. Nesse tempo de atuação você já teve algum caso de hate na página do Facebook ou do Instagram? Alguém tentando derrubar a página?
Sim, tivemos um caso não de derrubar a página mas foi um caso de *hate* muito grande. Uma Brasileira ficou com raiva porque a gente tirou ela do grupo, ela estava causando e eu já sabia que ela era reincidente e ela estava com um perfil fake. E, assim, foi muito chato, porque ela começou a tentar descobrir sobre a minha vida, né? E eu tinha filha pequena na época e tinha um outro grupo de brasileiros em São Francisco que ela também começou a fazer *hate*. Então ela ia na página dela, porque ela tinha sido deletada, né, dos dois grupos. Tivemos que fazer uma limpa, ela tinha mais de cinco [perfis] fakes em cada grupo, e a gente foi conseguindo. Então, quando ela viu que ela não tinha mais acesso aos dois grupos, ela ficou doida. E aí ela começou na página dela falar um monte de coisa. Ela colocou o endereço do outro moderador do outro grupo, o meu endereço ela não achou. Então ela só falava de mim, mas não tinha nenhuma informação minha que ela estava pondo. Ela falava que ela tinha contato com FBI e tal, mas uma coisa que ela fez que foi muito, muito triste, a gente não conseguiu barrar a tempo foi: a gente tem uma lista de serviços das empreendedoras que promovem no grupo e essa lista de serviço era pública, ficava no nosso website, até pra ser uma página amarela, "ah, eu to procurando uma boleira, tem uma festa, deixa eu ver quais são as as pessoas que fazem isso". E ela pegou aquela página de serviço e denunciou várias das empreendedoras. A gente quando percebeu, tirou a página do ar, né? Pra ela não ter acesso àquilo, mas eu acho que ela já tinha printado ou sei lá o que ela tinha feito, né? E aí, algumas brasileiras receberam denúncia. E foi um caso muito triste, porque as pessoas estão ganhando o pão dela e ela estava fazendo aquilo só porque ela estava… *hate*, né? Porque está com ódio, não tem explicação. E por bastante tempo, eu fiquei com medo de ela descobrir onde eu morava, eu cheguei a falar pra babá da minha filha "se alguém perguntar se essa é a filha da 'Entrevistada 2' você fala que não, "que 'Eentrevistada 2?"", porque você não sabe quem é, tipo, as pessoas me conhecem, tipo, meu rosto está público, né? Eu tenho uma certa disposição. Hoje em dia eu nem sei o que ela tá, o que ela mas a gente sabia quem era, mas foi um caso muito triste, assim, acho que foi o maior caso que eu me senti mal de pensar "porque que eu estou nessa situação?" e pelas empreendedoras que foram denunciadas. Não deu em nada nenhuma das denúncias. Mas eu sinto que muitas delas, até hoje, têm um pouco de medo de anunciar os serviços delas fora do grupo, elas anunciam ainda no grupo. Mas foi uma coisa que mexeu muito com a comunidade no geral.

Muito triste porque vocês estão criando uma coisa que é totalmente pra ser o contrário disso, né? Pessoas que se ajudam e ver uma situação dessa eu acho que acaba deixando as coisas um pouco frágeis, né?
E, assim, gente ruim tem em todo lugar, né? Então a gente tem que tentar barrar isso, cortar o mal pela raiz. Se alguém fala do status, a gente fala "não fala, a gente não sabe quem é", tem

gente ruim em todo lugar, mas a gente tenta, sempre que tem essas oportunidades, mostrar que a gente é maior que isso, que o bem vence o mal e no fim, tipo, a comunidade se ajuda, a comunidade se protege, né, tipo, "como que a gente pode ajudar a comunidade se proteger?". Mas é sempre bem triste. Ainda bem que foi um caso isolado, de uma pessoa, espero que nunca mais se repita. Que ela nunca leia o seu TCC porque é capaz de ela achar que ela atingiu os objetivos dela (risos). Mas é importante ilustrar situações como essas.

E hoje em dia você tem ajuda de uma equipe no projeto? E qual a área de atuação de cada uma?

Eu sempre tive ajuda. Eu sempre tive uma equipe. Eu acho que essa é a parte mais legal, é essa troca com essas mulheres que são da equipe do projeto. A gente teve uma equipe que foi, por muito tempo, a mesma equipe, né, desde a fundação com a minha *co-founder*, né, que a gente era sócia, e aí a gente tinha outras mulheres ajudando. Aí por conta de vida, tipo, elas às vezes se mudam daqui, acontece alguma coisa na vida delas que elas têm menos tempo, hoje a gente tem uma outra equipe. Algumas das mulheres da nossa equipe atual já ajudavam pontualmente em outras [coisas] e aí hoje elas ajudam mais. A gente está nessa discussão, assim, de qual o papel de cada uma. Mas a gente trabalha meio que todas… *all hands on that*, que fala aqui, todo mundo faz tudo, todo mundo faz um pouquinho, o que precisa a gente faz. Hoje a nossa maior área de atuação é a moderação do grupo, mas a gente está querendo retomar outras atividades, então, dependendo de quando você falar comigo, vai ter uma equipe que focava no Instagram, a que focava na newsletter, a que atualiza mais website. A gente tem, às vezes, gente da comunidade que fala "ai, eu quero escrever um texto, um artigo, porque esse é meu conhecimento", aí ela vem e só escreve um artigo. Então são mulheres que se ajudam, né? Então essa equipe é toda voluntária, todo mundo que faz o projeto faz para ajudar outras mulheres, é o único benefício que elas tiram.

Bacana. E para a gente encerrar, só queria entender se você tem algum plano para o futuro, quais são os projetos, o que você está pensando daqui para frente?

A gente está muito no momento, né? A gente virou uma *non-profit*, no meio do COVID a gente aplicou para ser uma *non-profit* e aí por conta desse negócio de "vamos pausar, porque a gente fez muita coisa", a gente estava meio cheio de coisa na cabeça, trabalho, famílias vindo. A gente está retomando isso agora como equipe de voltar e pensar o que a gente quer continuar fazendo, quais são os programas que a gente vai fazer, fazer uma releitura da nossa missão, se ela ainda se relaciona com o que a gente quer fazer. Então a gente está nesse momento mesmo. A gente está se reencontrando, se enxergando, mas vai fazer dez anos ano que vem, tem dez anos que a gente fundou o grupo. Então, no mínimo, nós vamos fazer alguma campanha, algum evento para celebrar que a gente é um grupo que já tem dez anos, né? Não é fácil manter por dez anos, já tivemos vários altos e baixos. A gente brinca que a gente vai para modo tartaruga e depois a gente vai para o modo lebre, porque no COVID a gente faz muita coisa. Então a gente vai mudando conforme a nossa situação e eu acho que isso que é o bom, também. Eu senti um pouco de pressão quando a gente virou uma *non-profit* mas eu acho que o melhor é a gente fazer as coisas sem pressão. A gente faz porque a comunidade precisa ou porque a gente está com o tempo para fazer alguma coisa do que ter que fazer por fazer, né. Então acho que ainda mais por sermos voluntárias.

APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 3

Entrevistadora: Ana Carolina Paiva
Entrevistada 3 - Austrália
Duração da entrevista: 31:33 + 37:06

Então, para começar, eu queria entender um pouquinho da sua história de imigração. O que motivou, como esse processo aconteceu e porque você escolheu a Austrália?
Bom, o processo começou no começo do terceiro colegial que eu, na verdade, eu não sabia o que estudar na faculdade e a minha irmã mais velha ganhou… então eu venho de uma família de classe média, a minha irmã ganhou um carro quando ela fez 18 anos e eu já sabia que eu não queria um carro. Eu fiz o colegial técnico em turismo e já tinha uma ideia de que eu queria talvez seguir nessa área. E aí então, ao invés de ganhar o carro, eu gostaria de ganhar um intercâmbio que naquela época, que seria para acontecer em 2006, então, naquela época, o dólar australiano, estava um pouco melhor, né? O real estava mais valorizado, os preços não estavam tão caros, então dava mais ou menos ali a mesma coisa. E então, mais ou menos do meio do terceiro colegial em diante, a gente começou ativamente a planejar e de começo tava olhando aqueles programas de au pair para os Estados Unidos. Eu tenho uma irmã mais nova, bem mais nova que eu, então eu tinha ajudado bastante nos cuidados dela, mas confesso que nunca tive vontade de ir para os Estados Unidos. A única coisa que tinha que ser, né, que era um requerimento meu, por exemplo, do intercâmbio, que tinha que ser um lugar de língua inglesa que eu já tinha estudado inglês por muitos anos, então queria aprimorar o inglês para ir passar só, tipo, um ano fora, no máximo, e aí poder voltar, arranjar um emprego, porque eu ia ter no currículo "morei fora" para conseguir arranjar um emprego que conseguisse pagar a minha faculdade, e aí nesse tempo fora eu ia conseguir, né, ter uma inspiração, luz divina que ia me mostrar para que que eu ia é prestar o vestibular, porque minha mãe pagava a faculdade da minha irmã mais velha na época e não ia ter como pagar duas faculdades. Aí, enquanto estava nesse processo de procurar a au pair pros Estados Unidos, um colega de trabalho da minha mãe havia ido para a Austrália com uma agência e nesse meio tempo que ela me deu esse contato dessa agência, o meu namorado na época tinha falado "lembra do fulano?" que era um colega nosso de escola dois anos mais velho "ele está na Austrália, não quer falar com ele?" me passou o Orkut dele na época, trocamos mensagens, aí eu falei "ah, interessante" aí entrei em contato com essa agência e se transformou pro projeto Austrália: língua inglesa, o clima parecido com o Brasil e tem a facilidade de estudante poder trabalhar até 20 horas por semana. E na época, tipo, minha mãe ia custear uma parte do intercâmbio mas é aquela coisa, o 'se manter' aqui precisava vir de mim. E aí acabou que foi Austrália. O meu visto era acho que de 1 ano e meio, mais ou menos, mas eu só vim falando que eu ficar 6 meses. Com 1 mês aqui, eu já tinha falado que eu ia ficar a duração do meu visto inteiro (risos). E passou mais um pouco, eu já falei que eu ia renovar o meu visto para estender e ficar mais. Eu fui ficando e segunda-feira agora já vai fazer 16 anos que eu tô aqui (risos).

Então, de um intercâmbio que você chegou no primeiro mês e "vou ficar aqui um ano e meio" 16 anos.

É, pobre ilusão da minha mãe… E isso é uma coisa assim muito comum de a grande maioria das pessoas, mulheres e homens que a gente conhece por aqui, todo mundo vinha falando que ia ficar 6 meses até as pessoas que vieram mesmo com visto de 6 meses, todo mundo vem falando que vai ficar 6 meses e… nossa, tem gente que está aí também, 15 anos, 10 anos, 1 ano, mas muita gente com a grande ilusão do "vou ficar 6 meses" (risos).

E nesse processo de chegada, quais foram as principais dificuldades que você encontrou?

Olha, mesmo eu falando inglês, chegar aqui… o ensino de inglês no Brasil de escolas de inglês mesmo são muito focados no inglês americano, né? Com sotaque americano e algumas um pouco com sotaque britânico. E aí você chega aqui e é longe disso e não só é longe disso, como aqui é um país muito multicultural, então tem muita gente e cada pessoa tem o seu sotaque e tem certos países por terem uma língua x, acabam… a grande maioria das pessoas daquele país falam de um certo jeito. E aí você chega aqui, você nunca foi exposto a esse tipo de sotaque e eu já tinha feito inglês por 5 anos, o meu último ano de inglês foi só conversação, então eu tinha confiança. E eu cheguei aqui… na verdade eu não tinha nem chegado aqui, eu estava fazendo escala na Nova Zelândia. O cara da… ali quando você desce do avião, tem que passar as malas no raio X e tal, aí o cara pediu… e eu tinha uma garrafa de água na mochila, e o cara pediu pra eu tirar a garrafa d'água e eu não tinha entendido. Eu fiquei "cinco anos de inglês jogado no lixo" (risos). Me senti uma incompetente. E é uma coisa que a gente não é muito exposto. Mesmo nas aulas de conversação que tinha a parte de mais voltada a escutar não é muito comum. E aí você vem aqui e é exposto, tipo, a um grande caldeirão de pessoas do mundo inteiro. Então, ter que aprender a lidar com diferentes nacionalidades então, muito sotaques, muitas coisas, muitas culturas diferentes, então é complicado. E aí essa parte de culturas diferentes tem sempre, né, o lado positivo que você aprende… é como se você pudesse visitar aqueles tantos países sem sair do lugar, né? Então você conhece muitas pessoas diferentes, entende um pouco mais como aquelas culturas funcionam. Mas, em contrapartida, você também é exposto a muitas culturas que, e aí, falando especificamente da mulher, e incluo a cultura australiana nisso também, que perpetua muito machismo. E uma coisa que muitas mulheres brasileiras que já entrevistei ou amigas que eu converso já vivenciaram de certa forma isso que é quando um homem pergunta de que país você é e você fala Brasil e você percebe, e quem é mulher sabe quando o sorriso ali tem aquela malícia por trás, e era sempre "ah… Brasil" já com um interesse, não, tipo "ah, Brasil, que legal, nossa, me conta mais" não, já é com o interesse de cunho sexual e você já se sente, sabe, invadida e só quem é mulher consegue entender ou imaginar o que esse sentimento, mesmo sem ter saído do Brasil, porque a gente passa por lugares e a gente sente os olhares. É esse tipo de olhar. E de pessoas de países diferentes. Da Ásia a Estados Unidos, Austrália, sabe? Mas principalmente o homem branco né, então, dos países colonizadores, era muito recorrente essa fala, esse jeito deles, de você já se sentir… e isso era o tipo de comentário que eu recebia quando tinha 18/19 anos, que foi com a idade que eu vim para cá.

E, assim, hoje em dia você acredita que você mantém algum traço da identidade cultural brasileira muito forte, uma coisa que você mantém? E o que foi que você acha que se mesclou com a cultura australiana?

Nossa… uma que mesclou muito, que uma amiga minha fica me zuando, eu sou a pessoa da agenda, do calendário. E eu programo as coisas. E vai ter a copa de futebol feminina aqui no ano que vem. Vai ser aqui e na Nova Zelândia. E uma amiga comprou ingresso, eu mandei para um outro grupo, falei "gente, vamos comprar", já comprei ontem e coloquei no meu calendário. E aí é uma delas falou assim "gente, já está marcando coisa para julho de 2023. Eu não sei se eu vou no jogo de futebol no fim de semana. Você é muito australiana nisso". Pra mim eu sou baseada aqui na agenda, porque aí tem muitos eventos, tem amizade, então para organizar. Então, se eu vou querer me encontrar com vocês, eu vou olhar na minha agenda "ah está disponível no fim de semana x?" "ah, tô" "eu também, beleza" e já coloco na minha agenda. É assim que eu funciono. Eu tenho algumas amigas que também trabalham, operam do mesmo jeito e essa minha amiga, ela falou "gente, nossa, muito australiana, sua brasileira já foi completamente embora" (risos). E a parte brasileira, talvez assim observando, né, tipo coisas da minha família e tal, eu adoro receber gente em casa e cozinhar para as pessoas. Daquelas que quer preparar tudo e igual casa de vó, que faz vinte mil coisas e quer fazer tudo e, sabe, "deixa que eu faço". Adoro essa coisa de receber pessoas em casa, né, que a gente faz muito ou pelo menos, né, a minha lembrança. Isso é uma coisa que eu estava conversando com o pessoal do trabalho ontem, daqui 2 anos vai ser exatamente metade da minha vida no Brasil e metade da minha vida aqui. E aí, dali pra frente é só, tipo, a minha vida adulta inteira é aqui, eu não tenho referência de vida adulta no Brasil. Então talvez é isso, que os traços brasileiros que eu tenho são só de infância e adolescência e acabam por aí.

E como foi esse seu processo de adaptação ao clima, à comida, ao estilo de vida?
Olha, eu lembro de um baque muito grande logo que eu cheguei. E aí fiz amizade, e aí fui encontrar com esse meu amigo que a gente ia sair de balada e era um dia de semana, ia num num pub x, e aí a gente tinha marcado de se encontrar às 8. Eu lembro que eu cheguei um pouco mais cedo e o ponto onde a gente ia se encontrar era na frente de um shopping, aí eu falei "bom, o que vou fazer? Eu vou entrar no shopping e bater perna, ficar olhando as lojas, né, matar o tempo no shopping, gente quem não faz isso?" e eram 8 horas da noite, numa quarta-feira e o shopping tava fechado.Todas as lojas estavam. O shopping em si estava aberto porque o mercado estava aberto, tinha mercado dentro do shopping e o mercado estava aberto. E como era um shopping muito grande, com muitas lojas, são duas torres, a gente até brinca que tem o lado dos pobres e o lado dos ricos, porque, tipo, o lado dos ricos, as lojas, tudo de grife, assim, Gucci, Prada, para cima. E aí tem um corredor bem extenso, então eles fecham, eles colocam tipo umas barreiras, assim, fecham o acesso aos corredores e só deixam o acesso para o supermercado aberto. Eu falei "gente eu não posso nem bater perna no shopping, como assim 8 horas da noite o shopping está fechado?", achei aquilo um absurdo. Por um lado, né, depois de um tempo aqui, você começa a ver que, cara, é qualidade de vida. Tá, tudo bem que quem trabalha em certos horários, acaba se restringindo um pouco mais, né, em questão de poder fazer coisas após o horário de trabalho, mas dá para ter um balanço ali, um equilíbrio, né. Um shopping no Brasil fica aberto até às 10 da noite e aquela época de Natal e Ano-Novo, nossa, coitada da galera. E aqui, não. Fica aberto… é basicamente um sentido, assim, de trabalho do escritório, das 9 às 17h que o shopping fecha e aí de quinta-feira, fica aberto até às 21h da noite, fim de semana fecha mais cedo e a gente acaba se acostumando com isso, a vida é assim. E prezo muito nessa coisa da qualidade de vida, de

você acordar cedo, se exercitar. E aqui onde eu moro não tem mais… o estado onde eu moro não tem horário de verão. Então, é 4 e pouco da manhã e já está claro. Então era 15 para as 5h da manhã, já estou andando com os cachorros na rua, você já vê gente, sabe? A vida aqui acontece muito também fora. Então consigo apreciar muito essa coisa de ter espaços públicos para as pessoas passearem, então, tipo, parques. Eu sou de São Paulo e tem um parque muito grande perto da casa da minha mãe e eu fui correr lá quando eu fui para o Brasil, agora em março e, nossa, que tristeza ver o parque tão mal cuidado e não só, tipo, o bebedouro tava quebrado, não, a rua em si, muito esburacada, sabe? Tudo tão descuidado e ainda vendo uma atividade muito grande de pessoas ali e aí você fica "puta, que merda isso", né, porque a gente já não tem um… por exemplo, São Paulo não tem praia e aqui se você for para a beira da praia, você anda aí, tudo bem, então as pessoas precisam desses espaços para poder ter um pouco de contato com natureza e aqui a gente vê muito disso, o quanto esse contato com a natureza faz parte do estilo de vida, eu acho isso incrível. E você poder ter esses espaços tão perto de você, ajuda muito. E aí vai a minha referência de apenas vida de criança e adolescente no Brasil: a gente não tem cachorro como parte de dentro de casa. A gente não leva cachorro para passear. Vejo que isso tem mudado por relatos de amigas que estão aí, e está começando isso. Então tudo isso é baseado na *Entrevistada 3*, até 18 anos, não era… imagina levar cachorro para passear, cachorro dentro de casa, cachorro dormir na cama. E aqui tem parque para cachorro, tem restaurante, café, bar, que você pode levar cachorro. Eu procuro por esses lugares, tem praias que você pode levar o cachorro para entrar no mar. E eu vejo, assim, o quanto que eu procuro por esse tipo de coisa para integrar os meus cachorros, porque eu quero que eles estejam ali junto comigo. Então acho que me adaptei muito (risos) ao jeito australiano de ser, mas tem muita brasilidade em mim também. Essa coisa, tipo, adaptação aqui da comida. Não existe comida australiana, culinária australiana, não existe. E uma coisa muito interessante aqui, por essa coisa dessa multiculturalidade, tem gente do mundo inteiro. Então tem muitos restaurantes de muitos lugares. Comida indiana e tailandesa e acho que comida chinesa também, além de pizza e hambúrguer, são as mais populares. Então, na verdade, uma das minhas comidas preferidas é comida tailandesa que eu experimentei muito antes de ter visitado a Tailândia, eu já conhecia a culinária. E é quando eu paro para pensar no Brasil, eu falei "nossa, eu nunca fui, nem sei se tem restaurante tailandês em São Paulo" a nossa referência de culinária internacional é muita comida árabe, italiana e japonesa. Acaba aí, né? Comida chinesa também, japonesa, comida em si, né? O China in Box cresceu um pouco. Aí chegar aqui foi, nossa…começar a experimentar coisas mesmo. E eu era uma pessoa bem frescurenta, mesmo, com comida quando eu cheguei e fui ampliando muito, ali, os horizontes. Acho que foi uma experiência muito incrível, ali, com 18 anos. Eu falei "então tá, se você quer comer, você vai ter que cozinhar" e eu já ajudava muito a minha avó, aí eu falei "não, mas aí tem hora que você vai experimentando muita coisa". E sim, fast food é barato? É. Mas não é tão gritante quanto o que eu vejo, tipo, de coisa nos Estados Unidos que é extremamente caro, frutas, verduras, legumes. Aqui, nem tanto. Agora, né? Vamos esquecer esse momento atual que está… os preços estão muito caros em qualquer parte do mundo. Mas no geral, não é, assim, três vezes mais caro você comer saudável né, comer comida natural. Mas é, a adaptação que comida australiana não existe, é *fish and chips*, né, peixe frito com batata, é uma… como se fosse uma versão da empadinha e só. Não tem, não tem comida australiana, bem pobre de cultura.

É, e entrando mais a fundo da sua experiência enquanto mulher brasileira aí, você já sofreu xenofobia, assédio alguma vez? E, se sim, como aconteceu? Como você reagiu? Isso é uma pergunta que eu, de certa forma, faço para as minhas convidadas no podcast e eu sempre fico pensando assim "e eu? Será que eu teria alguma coisa para contar?". E eu não lembro de ter sofrido nenhum caso, assim, explícito de xenofobia. Mas essa coisa de assédio que hoje em dia a gente enxerga como assédio, de ser tratada desse jeito, quando falar que era brasileira, de você já sentir, então, um certo… quase que tipo uma permissão por eu ser brasileira, que a outra pessoa sentiu uma permissão de, sabe, dar um avanço, principalmente no ambiente de trabalho, quando trabalhava como bartender. Eu tinha 18/19 anos e aí você vê um cara de 30 e tantos anos, né, que abria aquele sorriso bem malicioso, sabe, querendo fazer perguntas. E eu lembro de uma vez que eu estava trabalhando nesse bar e tinha aquelas câmeras de bronzeamento artificial, Jesus amado… a pessoa morando num país que é o maior buraco da camada de ozônio, maior índice de câncer de pele, mas, gente, 18 anos, né, vai falar o quê? E eu lá fazendo um bronzeamento artificial. Por que não, né? Porque não dava tanto tempo de ir para a praia torrar. E aí eu estava… e no bar a gente trabalhava todo de preto, e eu tinha um biquíni vermelho e aí eu estava com biquíni por baixo, fui, fiz a minha sessão de bronzeamento e fui trabalhar. E continuei com biquíni por baixo da roupa e a calcinha do biquíni era vermelha e eu estava com a calça jeans, que deve ter abaixado minimamente quando eu abaixei na geladeira para pegar alguma coisa que o infeliz tinha pedido. Não lembro exatamente como foi o comentário, mas ele comentou sobre. E eu iquei meio ali, desconcertada e daí eu falei alguma coisa. Sabe, ficou assim. Mas pequenas coisas desse jeito. E, na verdade, infelizmente, já teve vezes em festas brasileiras de alguém querer me chamar pra dançar e tudo bem, né, falei que não, e da pessoa continuar insistindo, tipo, pegando na mão e aí já, tipo, "meu, para", sabe? Ele estava total no direito dele de pedir, mas não encostar em mim, que é isso já me incomoda. Já teve uma vez, um caso velado de xenofobia com meu ex-marido, quando a gente se mudou para a casa que eu moro agora. A gente mudou de estado. O estado que a gente morava antes era para o sul e aqui, esse estado, essa cidade, é mais quente, então, para ter um pouco de, assim… comparando a nível de Brasil é que aqui o país é quase tão grande quanto o Brasil, mas tem poucos estados, então é como se fosse o nordeste inteiro, um estado, e, tipo, o sudeste inteiro, um outro estado. Então morava no sudeste e me mudei para o nordeste. Aí o vizinho me perguntando, tipo, conversando com meu ex, que na época ainda era marido, viu que a gente tinha acabado de mudar, "ah, de onde vocês são?" e aí ele [o ex-marido] respondeu "ah, viemos do sudeste". Só que por mais fluente, e isso é uma coisa que a gente consegue aprender muito aqui na Austrália, fluência em uma língua não significa não ter sotaque. Todo mundo tem sotaque, inclusive os australianos, que cada parte do país, e às vezes até de cidade diferente, tem sotaque, da mesma forma aqui no Brasil, todos falamos português, mas temos sotaques diferentes de regiões. E, né, nós fisicamente, também não nos parecemos com os australianos, que também é uma outra grande balela, porque brasileiro não tem cara de nada, e ele "ah, mais mexicanos que cruzaram a fronteira" porque "brincam-se" um pouco que a galera que vem do sudeste são os mexicanos em busca de uma vida melhor aqui, porque é mais quente, a qualidade de vida melhora, é mais barato e tudo mais. Então foi um caso de um pouco de uma xenofobia velada aí, com esse vizinho filho da mãe (risos).

E hoje em dia tem alguma dificuldade que você identifica, assim, que você enfrenta, por ser mulher brasileira?
Eu especificamente não. Eu me sinto muito privilegiada quando eu escuto histórias de amigas e convidadas falando dos desafios delas em serem mulher imigrante aqui e eu penso "caraca…". Eu acabei não fazendo faculdade mas eu tenho um trabalho, uma carreira muito bem sucedida, ganho muito bem e eu fico pensando "cara…". E, tipo, aí fica um pouco daquela síndrome da impostora, assim, "como é que eu consegui tudo isso?", sabe, fico até um momento, assim, tipo "que horas que vai chegar aqui alguém falando assim, "não, acabou, acabou, pegadinha do malandro, já deu pra você, vamos voltar a ralar o cu na ostra aí e sofrer um pouco"". Nossa, eu (sou) muito privilegiada, mas eu tenho muitas amigas e convidadas que sofrem muito, sim. Ontem mesmo uma amiga falando que tiveram enchentes em Sydney e algumas subprefeituras são elegíveis a você pedir um auxílio do governo se o seu local de moradia foi impactado, de certa forma, por isso. E ela tem um parceiro australiano e ela é brasileira. Eles escreveram a aplicação juntos, é uma aplicação individual, mas eles escreveram exatamente as mesmas palavras, basicamente foi Control C/Control V, copia e cola. A dele foi aprovada, a dela não. Aí já fica o questionamento, por quê? Eu até perguntei "ah, mas é um auxílio individual ou é um auxílio que eles chamam da casa, né, do endereço? E ela "não, é um auxílio individual". Qual que é a diferença? Não tem diferença nenhuma.

E aí, sobrenome, alguma coisa assim e eles [barraram].
É um nome completamente não australiano, o nome dela. Porque se fosse o meu, *Entrevistada 3*, é um nome comum, então, tipo, se eu tivesse um sobrenome qualquer, no escrito no papel, dá para passar, mas meu sobrenome é 'Dos Santos', então tipo assim, não tem como (risos). Mas era, assim, era um nome dela muito não australiano. Por mais que já tenham muitas gerações de pessoas de outros países, né? Então, tipo, chineses, vietnamita tailandeses, grego, nossa, uma comunidade grega muito grande aqui na Austrália também. Então, de certa forma, eles estão um pouco mais habituados a terem pessoas que são australianos, porque nasceram aqui, mas eles não se consideram. Eles ainda falam da ascendência deles, então, assim "ah, eu sou grego" mas assim, é a terceira geração nascida aqui, sabe, alguma coisa do gênero. Mas são gregos, não falam que são australianos. Italianos, libaneses, mesma coisa.

E de onde surgiu o seu interesse por criar uma rede de mulheres brasileiras? Quando você percebeu que estava na hora e que era necessário?
Nossa.. eu estava num processo de autoconhecimento ali muito foda. E estava fazendo uma mentoria com uma amiga minha e aí foi surgindo perguntas ali de "ah, o que você gosta de fazer?" e eu ficava parada, assim, olhando pra ela e falava "eu não sei". E eu faço parte da administração de um grupo, de uma rede de grupos de Facebook de mulheres brasileiras ao redor da Austrália e então na Nova Zelândia também. E ali a gente já tem um senso muito grande de comunidade e a gente vê muitas histórias serem contadas ali. E eu demorei muito para me render à mídia podcast, para escutar. Ai, achava um porre, "ah, esse povo falando, como que você concentra, está fazendo as coisas" e demorei muito. E aí, alguém tinha

encaminhado algum episódio do Mamilos Podcast e ali foi minha porta de entrada e aí eu virei a doida do podcast. Assim: estou correndo, escutando podcast. Tomando banho, lavando louça e escutando podcast, tipo assim, tudo. Eu parei de escutar música por um tempo, sim, total, que depois eu tive que… "nossa eu preciso balancear um pouco". E aí, numa dessas, eu estava recém… tinha um grupo de amigas recém formado, a gente estava ali, todo mundo se conhecendo, suas histórias e tal, e meio que numa conversa dessa, surgiu uma ideia de fazer um podcast porque o que eu vi vendo aquelas mulheres ali, escutando as histórias delas, como história de vida, o que elas já tinham passado, o que que trouxe elas para Austrália e a gente conversando ali, e aí eu vendo, tipo, quanto que a história daquelas mulheres, comuns, ninguém é famosa, ninguém, sabe… mulher como eu, você, como qualquer uma, inspirava outras pessoas. E aí, nesse meu processo de autoconhecimento na mentoria, eu fui vendo o quanto que eu, pessoalmente, por muito tempo, me senti apagada, sabe, que a minha voz não importava, tanto dentro do relacionamento quanto, sabe, fora. Não me achava nada interessante, que eu não tinha nada para contribuir. E conforme você vai conversando sobre a sua história, sobre o que você já passou, e aí você vê que tem pessoas que vão se inspirando em você e você fica tipo "como assim?". E aí surgiu daí. Dá vontade de espalhar história, e a voz,e dar voz, né? Na verdade, não é nem dar voz, é dar espaço à voz dessas mulheres de que, como, né, uma mulher qualquer, comum, a gente tem muito a inspirar outras mulheres e também ser um lugar de acolhimento, de quando você escuta tipo "nossa, ela também passou por isso, não foi só eu". E a gente acaba vendo muitas similaridades de vivência de mulheres de outros países. Então, eu só morei na Austrália e só morei no Brasil, então eu só tenho lugar de fala, de experiência desses lugares. Mas através das entrevistadas, tem coisas que a gente vai percebendo que é coisa mundial. Essa coisa de falar "ah, eu sou do Brasil" e você sentir o olhar malicioso, inúmeras convidadas de muitos países já reportaram a mesma coisa. Então tem coisa que você vai vendo que é parecido. E vai desse lugar da gente conseguir aprender um pouco também com a história de outras mulheres, um pouco de ensinamentos aí que a gente não precisa vivenciar tudo para aprender e mudar, mas de ser um pouco dessa rede de apoio, de certa forma, de escutar um "eu também passei por isso, eu não tô sozinha". E às vezes, de ser uma inspiração para uma outra mulher, dependendo da situação que for. Então tem mulheres que já passaram por situações de relacionamentos abusivos e violência doméstica e mostrar, né, que existe vida após. A mulher que teve depressão durante a gravidez e como que enfrentou isso. A mudança de carreira, sabe, tem inúmeras coisas e possibilidades que essas mulheres já passaram, que de alguma forma pode servir de inspiração. É basicamente ser uma plataforma de voz para outras mulheres conseguirem se ver e criar até uma rede de networking também. Já tenho convidadas minhas que entraram em contato com outras convidadas e assim vai criando (risos).

Bacana, e quando você percebeu que a internet teria esse poder de unir essas mulheres e ser um espaço para elas compartilharem?

Venho muito dessa rede de grupo do Facebook que com algumas das administradoras nós criamos uma amizade muito antes da gente ter se conhecido pessoalmente. A gente ter se conhecido pessoalmente, depois de um tempo, foi apenas um mero detalhe, eu já considerava amigas minhas, assim, muito queridas e aí foi só se reafirmando através de outro grupo de amigas que eu fui criando depois disso, que foram mulheres que a gente se conheceu online,

devido a alguns é interesses em comum. E aí foi quando eu falei "não, realmente tem um poder, a internet é um lugar maravilhoso, as redes sociais têm um poder incrível". Quando a gente consegue filtrar e usar para esse bem. Eu conheci mulheres maravilhosas que, por conta do podcast, eu não teria conhecido e algumas dessas viraram amigas minhas. E, de novo, não teria conhecido se não fosse o podcast. Já teve, na verdade, até, no Canadá, uma amiga minha mora lá, e ela foi um dos primeiros episódios e aí, uma menina escutando, entrou em contato, elas também se conheceram, criaram uma amizade ali e eu falei "puta, que massa" (risos), porque de algo que eu criei e isso, assim, sei lá, uma visão que eu tenho podcast, sabe, tipo, é que seja algo além de mim, que seja isso, que ele tenha vida própria nesse sentido, que seja, sei lá, de alguma maneira um ponto de encontro e de suporte, uma rede de suporte e comunidade para mulheres imigrantes.

E no começo você já criou ele pensando em visibilidade, em potencial de crescimento ou isso foi meio secundário? Se você começou só para jogar a ideia para fora?
Ele começou meio sem rumo nesse sentido de eu só queria escutar e que que essas mulheres fossem escutadas, queria colocar aí e que fosse crescendo, sabe, organicamente. Claro que, infelizmente, podcast, tipo assim, tem contas a pagar porque precisa ser hospedado em lugar, e aí comprei equipamento, e aí comecei a ficar muito atarefada no trabalho e tal, então comecei a ter uma empresa para poder editar. Mas, assim, eu faço completamente… é um projeto que eu não tenho vontade nenhuma de parar. Se crescer, ótimo, né? Ninguém vai tá reclamando. E o interessante é que para mim, quando eu penso em crescimento, o meu objetivo não é no sentido de "ah, publi de não sei que marca e ganhar milhõe", não. Eu gostaria muito que o podcast se mantivesse por ele mesmo, e eu quero alcançar mais pessoas, não porque eu quero ser conhecida e famosa, porque eu quero espalhar… porque eu quero que as histórias dessas mulheres sejam conhecidas. Vem, desse lugar. Tipo, meu desejo por crescimento… sim, eu quero que seja escutado em todos os países do mundo para que as histórias dessas mulheres sejam conhecidas e elas sejam fontes de inspiração e que outras pessoas escutem, nesse sentido, não porque eu quero ser, associada à marca Mulheres Imigrantes, sabe, tipo, eu quero que o podcast em si seja conhecido. O meu desejo de expansão vem desse lado.

E você consegue identificar pontos positivos e negativos de gerenciar um projeto como esse, que tem esse peso, assim?
Olha, o ponto negativo é o trampo em si, assim, de gerenciar um trabalho, em tempo integral, né, então um trabalho CLT, com as demandas do podcast. E por mais que seja um podcast de entrevista, eu não faço corte, no sentido de editar fala da da convidada ou algo do gênero, pausas muito longas ou, tipo, o erro de gravação que a gente teve ali "ai, nossa, espera aí, o cachorro está latindo" então faço cortes nesse sentido, ajusto qualidade de som mas tudo isso demanda tempo. E tem que organizar agenda, criar pauta, aí tem o dia da gravação em si, criar os post e, sabe, tudo isso demanda muito tempo e eu gostaria muito de ter mais tempo pra fazer isso, tanto é que a parte da edição eu terceirizei, não estava muito contente com a prestação de serviço na segunda temporada, então na terceira temporada falei "vou economizar gastos e vou fazer eu mesma". Não tô dando conta de novo. E aí tá começando a atrasar e eu não fico legal com isso. Mas os pontos positivos são que, nossa, eu conheci

mulheres incríveis, tanto convidadas quanto “apenas” seguidoras e ouvintes, e eu tenho muita sorte. Na verdade, não, eu tenho um grande privilégio, como uma amiga minha, diz “não é sorte, é resultado do nosso esforço, do nosso trabalho” de que eu tenho uma base de ouvintes muito compreensivas, então, quando tem atraso nos episódios, por qualquer motivo que seja, nossa, todas muito compreensivas e quando elas perguntam “ah, quando volta?” quando eu dou a pausa, né, entre as temporadas, é sempre num lugar não de cobrança negativa, tipo, nada desse nível, é assim “ai, estou ansiosa, estou com saudade, quando vai ter de novo?”. E você acaba criando essa rede, sabe? Semana que vem eu vou viajar para o outro lado do país e vou encontrar com ouvintes lá que a gente já se sente íntima da pessoa e se conhecer pessoalmente vai ser apenas um detalhe, porque a rede social, quando a gente usa de uma maneira positiva, a nosso favor, acaba providenciando isso, né? Então pra mim o lado positivo é, assim, a lista é imensa. E quanto eu cresci, também, como pessoa e consegui… nossa, é uma atividade terapêutica (risos), de várias coisas da terapia, tenho que ir lidando ali comigo mesma, então síndrome da impostora, essa coisa do controle, de ter que pedir ajuda são coisas que eu tenho um grande dificuldade é ali, né, se mostrar vulnerável, “olha gente, não estou dando conta, então ou é isso ou é aquilo”. E a gente vai levando. Os pontos negativos, é só isso. Eu até brinco, né? Falei “gente, queria ser herdeira ou ganhar na loteria, que eu não jogo, para eu ser apenas atleta e podcaster, que tipo assim, o podcast pra mim é… Enquanto eu estiver podendo mentalmente fazer eu vou fazer (risos).

Que legal. Em relação aos relatos das suas entrevistadas, tem alguma coisa que se repete com muita frequência, alguma queixa, alguma coisa nesse sentido?
Olha, a dificuldade em se comunicar com a língua é algo recorrente e uma coisa que às vezes a gente observa, em bastante delas, é que às vezes as pessoas do outro lado, que já falam a língua, sejam eles nativos daquele lugar, é ou não, não têm empatia e na verdade, às vezes, falta muito respeito também em compreender, tentar ajudar a pessoa de alguma forma. Já teve casos aí de xenofobia mesmo de falar “você está aqui, você deveria falar a língua ou se esforçar mais” mas assim, se a pessoa veio com o visto de estudante para fazer um curso naquela língua, a pessoa acabou de chegar e tenha um pouco de empatia, se a pessoa pediu pra falar um pouco mais devagar, sabe, tenha um pouco de cuidado, não… manda voltar para o país e é bem complicado isso. E tem uma coisa que eu achava, que eu pensei “nossa, gente, já deve ter parado isso, né?” não. Vários relatos de convidadas que moram ou moraram em Portugal e como os casos de machismo e xenofobia lá são terríveis. É de você ficar com ódio mortal, de não conseguir ou ter muito mais dificuldade para conseguir acomodação, né? Então, de você alugar um apartamento, uma casa para você, de ser destratada em loja, família de parceiro para quem acabou se relacionando com pessoas do local. É muito triste isso. Eu, de novo, falei que tive muita sorte com isso, mas percebi que, por exemplo: quando eu mudei de estado, quando eu morava em Sydney, tinha muita gente do mundo inteiro lá, as pessoas estão mais acostumadas com diversos sotaques e pessoas de outro mundo e quando eu vim para cá mexeu um pouco comigo de uma forma que eu tava aqui já há 14 anos e meio e aí foi o que eu falei, né, fluência não significa não ter sotaque, são duas coisas diferentes. Porém, eu não tenho um sotaque tão forte de brasileira quanto outras pessoas e apenas um fato que relaciona a história aqui. E eu troquei de emprego, né, troquei de cidade e aí eu me vi nesse novo ambiente de trabalho tendo que repetir muitas vezes o que eu falava, porque as pessoas

não estavam entendendo, pessoas australianas. Eu falei “puta que pariu, gente, mas eu nunca passei por isso”, sabe. E era numa numa empresa que tem pessoas de outros lugares do mundo com um nível de proficiência de inglês menor do que o meu, ou outras mais fluentes, sabe? Então era uma grande mistura ali. Mas foi uma coisa que eu senti muito mudando para cá, de que tem… a fama que esse estado tem de ser um pouco mais, grandes aspas aqui para relacionar coisas no Brasil que a gente conhece “mais caipira” são os “mais brutos” e “sem conhecimento” que é o que eles falam mal da galera desse estado, em certos pontos eu tava ali vivendo e comprovando que era verdade. Eles não têm tanto contato com pessoas de outros lugares e o pior ainda foi certos momentos você vê que não tem tanto interesse, não tem esforço. E eu conversando com uma colega australiana que eu a conheço de Sydney, o marido dela é brasileiro, ela morou… ela nasceu numa cidadezinha pequena x, aí morou em Sydney muitos anos, se mudou para Melbourne, que é outra cidade, em outro estado e lá é assim… é um caldeirão de cultura. Lá é maravilhoso, tem gente do mundo inteiro. E aí se mudou para cá recentemente, tem quase um ano, uns seis meses por aí e ela é australiana. Ela tem um filho que está para fazer um ano e ela me falando no fim de semana, duas semanas atrás, eu falando pra ela o quanto eu estava achando difícil, desde que eu me mudei para cá, tem um ano e dez meses que estou aqui, o quanto eu estava achando difícil fazer amizades com não brasileiros. E ela falou “se não fosse a comunidade brasileira…”, que ela mora numa cidade vizinha, ela falou assim “não fosse a comunidade brasileira daqui, eu não teria amigos”, e ela é australiana. Ela estava em algum lugar, café, sei lá, em grupo de mães, alguma coisa assim e ela falou “ah, me perguntaram de onde eu era, eu falei que era de Melbourne” “ah não, mas de onde você é?” “Sidney” “não, mas de onde você é? Tipo, quero saber de que país?” “sou da Austrália” “não, porque você tem um sotaque”. E ela é maravilhosa (risos), ela falou “ah, por que? Porque eu falo inglês corretamente?” (risos), porque a galera daqui, eles falam muito assim, parece que eles estão, eles são muito anasalados, gente, é terrível, sabe? E aí ela sentindo ali, de certa forma, o que é ser imigrante e a dificuldade que a gente tem de se relacionar e ela falou “em Melbourne eu tinha amigas africanas, vietnamita, australiana, brasileira” sabe, ela foi elencando. E o lugar onde ela trabalha todo mundo branco, ela é branca, ruiva, assim, cabelo laranja de tão… sabe? Então ela tá ali mas, de certa forma, ela ainda é vista como uma pessoa de fora. Ela falou “entrou uma pessoa negra no escritório recentemente e todo mundo olhou” e ela falou “não foi com um olhar racista, foi tipo “nossa como essa pessoa veio parar aqui?”” porque, tipo, destoava muito daquilo tudo. E ela falou assim “você não vê, de certa forma, o interesse das outras pessoas de saírem um pouco de sua bolha” e eu falei “é exatamente isso que eu sinto, que eu gostaria de ter de volta um pouco esse contato com outras culturas, ter amizades de outras culturas, religiões e cores e eu estou achando difícil” e aí não sei também se a idade, né, aquela coisa, a gente fala assim “como que a gente faz amizade depois dos 30? Quando a gente não estuda mais, quando você só trabalha?”. Agora a gente vive numa época que quando a gente vai para academia, tá todo mundo com seu fone, eu, inclusive. Que está cada um no seu mundo, que você não se abre também para conhecer pessoas, que relacionamentos acabam se formando e criando através de aplicativos, né? A gente não conhece mais as pessoas lá fora no mundo. E tenho sentido isso no campo da amizade também. Eu gostaria muito de não andar só com brasileiros. Mas a realidade não tem sido essa (risos).

E hoje você mora onde mesmo?
Moro em Brisbane, é a terceira maior cidade daqui, que para mim é uma cidade do interior, tem 1 milhão e pouco de habitantes, mas a nível de Austrália é a terceira maior (risos).

E aí, o seu podcast, ele tem uma frente de atuação de, tipo, encaminhar… caso surja algum relato que precise ser encaminhado para autoridades, você faz essa ponte, você só compartilha o relato mesmo, ajuda com o idioma? Como funciona isso?
Não, é apenas um lugar de contar histórias. Na verdade, não tive nenhuma necessidade nesse ponto. Quando as convidadas se sentem confortáveis para compartilhar suas histórias dessa maneira, normalmente algo já foi feito sobre. Então o caso de violência doméstica ela compartilhou que, né, ela procurou ajuda na polícia, fez o… eu não lembro como que é o nome do negócio que você faz na polícia pra pessoa não vir perto de você, num raio de x distância [*ordem de restrição*]. Então, fez isso. Mas não foi nada que eu tenha precisado. Porém, por conta do Papo Calcinha, que é a rede de grupos do Facebook que eu ajudo a administrar, ali a gente tem uma rede de contatos de profissionais, de advogada de direito internacional, então tem muitas mulheres com casos de filhas ou filhos que tem pai brasileiro ou não e tem problema querendo viajar e tal. Então eu tenho, assim, uns contatos que, caso surja a necessidade, eu sei para quem recorrer.

Legal. E já teve algum ataque, assim, de *hater* ou de alguém tentando derrubar a página ou te xingando?
Nossa, não. E aí de novo que eu falo "gente, eu tenho muita sorte e privilégio de que eu criei uma bolha tão bonita" que até quando teve… não foi nem discussão ou nada, mas eu postei algo, compartilhei alguma coisa de uma atleta, que é uma mulher trans, e compartilhei e veio uma pessoa com uma opinião contrária, e aí eu falei "então tá, o que você veio falar agora achei um pouco, assim, raso. Conversa comigo, quero entender porque você tem esse ponto de vista", a pessoa veio aí e compartilhou. E teve uma outra vez também, algo que eu postei de um protesto pró Palestina, e aí tem uma menina que é de ascendência israelita, de Israel e aí veio conversar. Mas foram pouquíssimas ocorrências que tiveram nesses dois anos e ainda, eu tenho muito privilégio de que essas interações ainda foram de maneira muito respeitosa. Já recebi muito mais hate sendo administradora desse grupo, do Papo Calcinha do que com o podcast. Já fui chamada de nazista por coisa de administração, porque o que acontece com o grupo é o seguinte, nós temos regras e se você descumprir as regras pela primeira vez, eu te mando uma advertência, se você descumpre pela segunda vez, você é banida do grupo. É assim que funciona, quando você entra no grupo você lê as regras, está ciente. E eu tenho o desprazer de ser a pessoa responsável por essas atividades no grupo (risos). Para facilitar minha vida, eu já tenho ali montado o negocinho que eu só coloco o nome, por que que você está levando advertência e só. E, nossa, já fui chamada de tanta coisa. Eu já recebo muito mais *hate* sendo administradora de um grupo de mulheres do que sendo completamente pró feminista, e direitos humanos e tudo que os minion reclamam, eu boto lá na página e não tenho nada de *hate*, nada. Aí a pessoa vai mandar ali, na moralzinha, falo "oh, miga, você pisou na bola aqui, essa regra você descumpriu, por favor, releia. Se não, vou te banir do grupo", "é porque que não sei o que, fica me ameaçando me tirar do grupo, eu saio mesmo". Gente… nesse nível

E já falando desse negócio de direitos humanos, você já fez algo preparatório, nesse sentido? Administrando o podcast, você sentiu a necessidade de se preparar, de estudar alguma coisa mais profunda sobre mulheres, sobre imigração?
Ainda não, mas tô sentindo que tem… porque às vezes eu convido mulheres pensando numa pauta específica, então, que eu sei que aquela mulher já passou por uma situação de violência doméstica. Então dou pelo menos ali uma procurada para saber, sabe, um pouco mais de fatos aqui do país ou do país que ela está passando. Mas ainda não me aprofundei muito em leis imigratórias, pelo menos a da Austrália eu tenho bastante conhecimento por ter passado pelo processo, mas acho que… e é isso que é o problema: falta tempo! Porque eu gostaria de fazer tanta coisa, de me aprofundar tão mais em tantos assuntos para trazer para cá mas eu não consigo. No momento, eu sou uma euquipe e a euquipe ela sofre com horário limitado (risos).

E acho que é isso. A gente já está se encaminhando para o final. Eu só queria entender se você tem planos para o futuro do podcast, já tem alguma coisa traçada, enfim.
Olha… planos mesmo é de conseguir achar alguém bacana, ponta firme para editar o podcast, gostaria de crescer o time porque essa parte das redes sociais, de fazer post e tal, eu gostaria muito de crescer isso e de escrever mais e é como eu falei, com o intuito de atingir mais mulheres e criar mesmo, assim, uma comunidade. De poder ter essa oportunidade de fazer crescer, que vire um grupo em si e quem sabe um dia conseguir diminuir um pouco as minhas horas de trabalho e poder dedicar mais. Mas gostaria de sair, mesmo, de ser uma euquipe e ter um time (risos).

APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 4

Entrevistadora: Ana Carolina Paiva
Entrevistada 4 - Canadá
Duração da entrevista: 37:09

Então, pra começar eu queria entender um pouquinho da sua história de imigração. Então o que motivou a sua imigração, como esse processo aconteceu e por que você escolheu o Canadá.
Então, na verdade, foi… eu tava num casamento, num relacionamento que já era ruim, mas enfim só fui descobrir depois, na época não era uma vontade minha, era uma vontade do meu ex marido e meio que fui indo, sabe? Fui com o fluxo, assim. E o Canadá foi basicamente porque era o que dava a opção mais fácil pra imigrar mesmo, pra virar residente permanente. E nenhum dos 2 tinha nenhum passaporte europeu, nem nada. E o Canadá, dá opções de imigração, realmente. Então assim, dentre as opções de países de língua inglesa, porque a gente também só falava inglês, o Canadá era o "mais fácil". Mas eu vim, eu vim por causa dele, não queria vir para cá não, na verdade.

E há quanto tempo você mora aí?
Eu estou aqui já vai fazer 6 anos, tem 5 anos e meio. É. 5 anos e 8 meses, 9 meses.

Legal. Durante esse processo de imigração, quais foram as maiores dificuldades que você encontrou? Durante o processo de chegar aí nesses primeiros meses ou primeiros anos, quais foram as dificuldades que você mais enfrentou?
Bom, o idioma com certeza. Então a gente vem, eu vim com o inglês de escola tipo CNA no Brasil, né? Eu estudei escola pública, então a base era quase zero, né? De inglês. Então eu também fiz escola assim, de baixo custo, né? Vamos dizer assim, no Brasil. Então eu vim com um inglês meio que intermediário, mas é outra história quando a gente chega aqui mesmo para resolver, sei lá, abrir conta em banco, uma coisa que a gente não tem vocabulário, né? O idioma com certeza é muito difícil. O frio aqui, especialmente, é muito complicado. Nunca me adaptei, não acho que eu vou me adaptar um dia. Então o frio é um saco, um inferno, muito difícil. Eu acho que a cultura tem isso também, viu? Eles são muito diferentes. E aqui, aí você é imigrante, já era, né? Se é imigrante, assim, é o básico do básico, assim, tipo eles tão nem aí. Se é mulher é menos ainda e se é latino também… aí danou-se de vez (risos).

Em que sentido você fala que a cultura deles foi prejudicial, né, nesse caso?
Eu acho que a gente é um povo muito… a gente está acostumado com relações próximas assim, né? Então a gente faz amizade mais fácil, a gente se ajuda mais. Aqui eles são muito distantes, assim, então a gente não tem uma aproximação. A gente entra no elevador ninguém nem responde o seu bom dia, assim, sabe? Eles já não falam e se você fala, eles não respondem. Então é bem… é muito complicado, assim. E eles meio que querem que você se adapte ao que eles esperam, sabe? Então eles não gostam de barulho, eles não gostam de… sei lá, é não gostam que seu cachorro late. É bem complicado. E até hoje, assim… É que no

começo, quando a gente chega, você tem medo de tudo, né? Você não bate de frente, a gente fica muito inseguro, a gente também se sente inferior, né? Mas hoje em dia, não, hoje em dia eu discuto, enfim, eu respondo. Mas no começo é bem difícil assim porque muda 100%.

Uhum. E quais aspectos da cultura brasileira você sente que você ainda mantém vivos e quais você acha que meio se misturaram com essa cultura canadense desses 6 anos que você mora aí?
Eu sou 100% brasileira, não tenho nada de canadense. Nadinha de nada, não me misturei nada. Eu sinto muita, muita, muita, muita falta do Brasil. A maioria dos meus amigos aqui hoje são brasileiros, a grande maioria. No começo, eu até tentei, fiz amizade com canadense, até com outros imigrantes, mas, assim, é muito difícil, eles são muito distantes, assim, muito frios. Então, assim, eu tenho 100% da cultura brasileira: eu falo alto, eu cumprimento as pessoas da rua, eu gosto de festa, eu gosto de dançar, eu ajudo as pessoas. Então assim, se alguém… um desconhecido está precisando de alguma coisa, eu vou lá, eu ajudo. Então acho que é um senso de comunidade que eles não têm aqui, assim, sabe? Eu não me misturei muito não pra falar a verdade (risos). Tudo que tem de festa de brasileiro, eu tento ir, assim, dependendo do estilo também, porque é bem complicado. Mas eu vou bastante, assim, porque olha… é triste, viu? O Canadá é um lugar… todo mundo acha que eles são muito educados e não sei o que. Mas olha, é difícil. Eu estou com uma amiga passando um tempo aqui e ela tá vendo assim, tipo: "nossa eu tinha uma visão completamente diferente do Canadá e do canadense", sabe? Quando você vem mesmo é difícil, bem difícil então não me misturei. Sou 100% brasileira, não peguei nada.

E desde que você foi para aí, você voltou pra cá pro Brasil alguma vez?
Voltei, então eu vim pra cá em 2016, aí voltei pro Brasil em 2018 e voltei agora no final do ano passado (2012), fiquei 2 meses no período de férias.

Entendi. E aí agora eu queria entender um pouquinho mais a fundo das suas experiências, né? Você já falou um pouco por cima, mas eu queria entender um pouquinho mais da sua adaptação à cultura, idioma, comida, clima, pessoas. O que te pegou? Se você ficou meio travado no começo, se você se sentiu meio acuada…
Aham. Bom, eu acho que, no meu caso especificamente, tinha um tinha um fator a mais que era estava num relacionamento abusivo, então eu tinha ainda o que vinha de casa, assim, eu me sentia inferior já de dentro de casa. Então eu saía na rua e eu tinha mais medo de falar inglês porque se eu errasse, ele ia me corrigir na frente das pessoas e de forma rude, né, desrespeitosa. Então assim, o que eu já era travada, porque, assim, eu sempre tive dificuldade, apesar de eu ter aprendido inglês relativamente fácil falar para mim era assim… impossível, muito difícil mesmo. Tinha muita vergonha, no começo era eu ir no mercado e não querer passar no caixa, sabe? Eu ia no caixa que você mesmo paga e tal. Então era muito difícil. Pras coisas mais burocráticas, assim, eu dependia 100% dele. Se eu fosse abrir conta no banco, comprar um chip de celular, fechar o contrato do apartamento, assim, sabe? Essas coisas básicas do dia a dia… contratar a internet. Então eu fiquei por muito tempo dependente 100% dele, assim, para fazer essas coisas. E eu vim para fazer… eu fiz 2 anos de faculdade aqui, né? Que é o College que seria, tipo, um curso técnico, né, no Brasil. E eu não fazia

contato visual com as pessoas para evitar que elas falassem comigo, assim, sabe? (risos) Eu me enfiava numa bolha, assim, não queria… não olhava pra cara de ninguém para ninguém vir falar comigo porque eu eu travava 100%, assim, o idioma para mim no começo foi bem difícil. Eu acho que demorou pelo menos aí um ano para eu conseguir, assim, desenrolar um pouco mais, mas porque eu era obrigado por fazer faculdade, eu tinha que apresentar trabalho, tinha que me comunicar de alguma forma. Mas se não fosse isso, eu acho que eu tinha, assim, eu ia estar penando até hoje. Então o idioma foi bem difícil para mim no começo, assim. Aí hoje em dia assim, eu já sou… eu continuo errando um monte de coisa, obviamente, mas eu já desencanei disso. Então, hoje em dia eu sei que eu não vou falar que nem eles, que eu não sou nativa, então eu nunca vou chegar nesse nível de inglês e eu vou errar. E se eu passar a mensagem e eles entenderem, é o que importa. Se está certo, errado, eu já meio que entreguei, assim… dá certo. Mas no começo é impossível, assim, eu me sentia horrível, péssima. Isso em relação ao idioma, né? O frio, só Jesus. E depois você entende que, assim, o importante é passar a mensagem. Se chegou a mensagem, ótimo. Se estava errado, se estava certo, se estava bonito ou se estava feia não importa. E é assim que a gente vive. Em Toronto… uma vantagem de Toronto que eu vejo, comparado com outras grandes capitais, assim, de língua inglesa, é que aqui 50% da população é imigrante. Então, mesmo que seja difícil ainda, eu acho que é menos difícil do que em outras grandes cidades ou do interior, por exemplo, que tem bem menos imigrante, então eles estão muito acostumados a contratar imigrantes, a ouvir sotaques diferentes… É difícil mesmo assim, mas eu acho que ainda assim… você anda na rua, você vê muita gente falando outros idiomas, então você sabe que tá ok pra você também. Então eu acho que é uma vantagem, eu diria, tem muito imigrante, mas mesmo assim o inglês é difícil.

E mais sobre a sua experiência enquanto mulher imigrante brasileira. Você já sofreu xenofobia alguma vez? E se já, como você reagiu, quais foram os sentimentos?
É… já, a xenofobia, sim, várias vezes. Principalmente, assim, por ser mulher e latina eu acho que pega mais, porque se eu fosse mulher européia, não é bem assim, sabe? Se eu for para mulheres australianas, não é bem assim. Mas por ser latina é todo um outro processo, assim, então a gente é sexualizada sempre. Ambiente de trabalho… eu já ouvi de uma gerente minha que ela tinha muito orgulho da família dela, porque ela era sei lá qual geração de canadense puro e ninguém se misturava, ninguém da família dela casava com imigrante e ela falou, assim, para mim. Mas eu acho que a gente fica tão… tipo, em choque, que eu não tive reação nenhuma, só, tipo… eu fiquei, assim, 100% sem saber o que falar, sabe? Porque ela era minha chefe, canadense, bem canadense mesmo, assim, loira, olho azul, bem… bem estereótipo e ela falando assim pra mim, a gente no trabalho… eu fiquei assim "não é possível, não pode ser". Então, assim… acontece, sempre. Mas eu fico sem reação. Honestamente, nunca consegui rebater. E já vi acontecer com outras pessoas também de tipo, tá na fila do mercado e "volta pro seu país", maior bizarrice. Já ouvi "não… é muito bom, eu sou super a favor dos imigrantes e tal… acho que tem que vir mesmo. O país tem que abrir as portas, até porque quem ia trabalhar no Starbucks?" Tipo assim. Para mim é tão surreal, sabe? Enfim, essa coisa de de ser latina, de, ai então porque você é brasileira, você fala espanhol. Primeiro é isso que eles sabem: que a gente fala espanhol e que a gente gosta de samba e que a gente tem a bunda grande, então é basicamente isso. Então tem bastante. Aqui eles são

mais… eu diria que eu acho que eles são mais velados, assim, mais disfarçados, né? Não é tão escrachado. Mas tá aí, né?

E hoje em dia, esse continua sendo um desafio para você ou você meio que deixou passar e encontra outros desafios, enquanto mulher brasileira imigrante?
É… não, eu acho que pra mim ainda é um desafio, tanto que eu tenho muita, muita dificuldade de trabalhar numa equipe assim, por exemplo, só de canadense. Meu último emprego eu estava só com canadense, me dava uma ansiedade, assim, bizarra, porque é uma [fala xenofóbica] atrás da outra, assim. Tipo, mesmo que sejam coisinhas pequenas, é uma atrás da outra, sim, outros desafios vão surgindo, mas acho que esse ainda existe. Hoje, a minha sorte é que eu trabalho numa equipe que, sei lá, acho que 50% pelo menos é brasileira ou latina, assim, sabe? Então, é… Nossa, é muito mais tranquilo. Meu chefe é argentino, então, assim, é outra outra experiência. Então acho que ainda continua [sendo um desafio], mas hoje eu também estou mais "escrachada". Então hoje se acontecer, vou rebater, tipo, hoje eu vou discutir. No começo, não. Você fica muito acuado, né? Você acabou de chegar, você tem medo de tudo. Mas é… vão aparecendo outras coisas também. Hoje eu estou mais… eu diria mais adaptada no geral. Mas tem coisa que não muda. Ser mulher latina não muda. Frio não muda. O resto vai ficando mais fácil.

E de onde surgiu esse seu interesse de criar uma rede para conectar mulheres brasileiras? Quando você percebeu que essa comunidade precisava ser criada?
Então… Quando eu consegui me separar, né, do relacionamento que eu estava, eu percebi… primeiro que eu demorei muito tempo porque eu estava aqui recente, não tinha amigos, assim, que eu confiava suficiente para falar uma situação dessa, então eu demorei muito, sofri muito sozinha, não queria falar pra ninguém do Brasil porque não queria preocupar ninguém porque não tinha muito o que fazer, enfim. Então demorei muito para conseguir sair. E aí quando eu saí do relacionamento e comecei a falar para as pessoas a história, assim… de 5 mulheres, eu acho que pelo menos 3 falavam que estava num relacionamento parecido, ou que já tinham passado por isso..E aí eu comecei a me assustar, assim, porque é muita gente passando por essa situação e muita gente calada e sem saber o que fazer, sem ter para onde ir, a gente está aqui, sem rede de apoio, né? Então sem família, sem amigos, se, sei lá, tiver que sair de casa, ela vai para onde, né? Às vezes muitas mulheres não falam inglês ainda. Então eu vi que tinha muita gente que tava em situação parecida, não tinha nenhuma rede de apoio, então foi daí que surgiu: "preciso criar um grupo que eu consiga acolher essas mulheres ou que pelo menos a gente consiga se ajudar de alguma forma".

Quais os pontos positivos e negativos que você encontra administrando uma página no Instagram que tem esse tipo de conteúdo?
É… pra mim… assim, a gente está até parada tem um tempinho, mas preciso voltar. Ano passado/esse ano foram bem complicados, assim… Mas eu amo. É uma coisa que me preenche. É muito bom saber que você está ajudando de alguma forma uma mulher a ou sair de uma situação ou encontrar a luz no fim do túnel. Às vezes elas só querem falar, sabe? Só querem conversar. Então eu amo, amo mesmo, sou todos ouvidos. Se precisar acordar de madrugada, eu acordo e a gente vai atrás. Então para mim, é muito bom ver que de uma

experiência ruim eu consigo ajudar de alguma forma, assim, sabe? Nem que seja pouca coisa, mas, assim… é muito bom. E fazer conexões, né? Então, tipo, eu conheci muita gente pelo Casa. A gente faz encontros mensais, então, assim, a gente fez uma rede muito boa de mulheres, então é muito legal para mim mesma, assim. Pra conhecer gente, pra trocar experiência. Então eu amo, amo mesmo. O desafio maior, eu acho que é não ter tanto poder para fazer as coisas. Então eu não consigo resolver a maior parte dos problemas. Eu consigo indicar para onde ir, mas eu queria ter o poder de pegar na mão e resolver, sabe? "Olha, tem um advogado aqui, vou te levar lá". Infelizmente não tenho, então às vezes a gente fica triste de ver que não pode fazer mais assim, sabe? Fora que tem uns relatos também que são muito pesados, né? De agressão, de mulher que perdeu a guarda do filho... É puxado, mas é um trabalho que eu amo fazer, amo mesmo. Se eu pudesse fazia só isso… Infelizmente ainda preciso pagar as contas, mas se eu pudesse… (risos).

Fora disso você trabalha com o quê?
Eu sou formada em turismo. Trabalhei mais de 10 anos com eventos corporativos. Hoje eu trabalho com atendimento ao cliente numa empresa de jogos, não tem muita coisa a ver não, mas… (risos).

E o que te motivou a criar uma página em uma rede social? Foi alcance, visibilidade, poder de atrair mais pessoas…
Sim, foi. Foi alcance. Eu acho que era o jeito mais fácil que eu tinha de juntar as pessoas e de gerar conteúdo, assim, sabe? Informação mesmo. Então, ter um lugar que pode… não necessariamente a pessoa precisa seguir a página, mas se ela souber que a página existe e lá ela tem as referências do que ela consegue achar para mim era isso. Ter um lugar concentrado, de faço acesso, que as pessoas pudessem ou seguir ou consultar pelo menos as coisas e alcançar mais gente, com certeza. Tanto que a gente fazia clube de leitura ou até as rodas de conversa e tinha gente do Brasil que ficava sabendo por amigos e tal. Mas na pandemia a gente começou a fazer online, então elas podiam participar também.

E quando você percebeu que essa rede poderia ser uma ponte que te conectaria com as mulheres imigrantes? Teve inspiração em algum lugar ou você só imaginou mesmo que teria um grande alcance?
Não, eu só… eu tinha esperança de chegar nas pessoas (risos). Basicamente isso. Como o objetivo não era lucro, né? Não era um objetivo comercial, eu fui fazendo e deixando acontecer, assim, sem muita pretensão. Então, se eu tivesse, sei lá, 50 pessoas, eu já estava feliz, assim, que é uma [pessoa] fica sabendo, fala para outra… então de repente chega em alguém que está precisando. Mas eu fui despretensiosa. Não tinha… nem imaginei que fosse chegar a tanta gente, não, mas eu fico muito feliz.

Eu ia te perguntar exatamente isso. Você tinha um objetivo definido no começo, se você tinha muita ideia do que você queria fazer ou as coisas só foram se encaixando ao longo do tempo com a prática, com a experiência?
Foi acontecendo, foi ao longo da prática mesmo, assim, o que que a gente faz, o que funciona, o que não funciona. Quando eu comecei, eu sabia que a única coisa que eu queria,

que eu sabia que eu queria fazer, era roda de conversa de mulheres uma vez por mês. Aí, como é que é chegar nessas mulheres, como é que eu ia chegar nos temas foi vindo. E aí eu tenho a minha cunhada que é voluntária fazendo as artes, então isso também faz muita diferença, porque a identidade visual toda é dela, praticamente. Tem uma coisa ou outra que não. Mas fica uma página bonita, fica atrativo também para as pessoas seguirem. E o conteúdo eu fui meio que planejando aos poucos. Eu não entendo nada disso de rede social, fui fazendo, assim, da minha cabeça.

E hoje, quais são essas frentes de atuação? Você só recebe relatos, você encaminha as mulheres para outras redes, você fornece alguma ajuda com idioma?
É… hoje, hoje, a gente está meio parada com as atividades regulares, que eram as rodas de conversa, clube de leitura que a gente fazia também todo mês. Por motivos pessoais, foi bem pesado, enfim… Mas a gente continua sendo um ponto de apoio, então as pessoas conhecem a gente, às vezes mandam relato, às vezes elas só pedem ajuda "minha amiga, está passando por uma situação de agressão, você tem algum contato, alguma coisa assim?" Recebi esses dias. Então aí a gente a gente encaminha, a gente tem mais ou menos uma lista de contato de ONG, que tem estrutura realmente de atender, né? Que oferece serviços gratuitos, que oferecem tradução. E aí hoje é basicamente isso que a gente faz. A gente recebe e encaminha para os para as melhores opções de serviços para cada caso.

Tem algum tipo de relato que se repete com frequência, alguma queixa?
Olha, essa, de agressão, tem bastante e a guarda do filho quando o pai é canadense também é recorrente. Tipo, o pai não quer deixar a mãe levar o filho pro Brasil, ou pra passear mesmo. Briga judicial por causa do filho, quando o pai é canadense, tem bastante.

Entendi. E durante essa trajetória sua, você já teve algum ataque de alguém enviando hate ou tentando derrubar a plataforma?
Não, surpreendentemente, não. Porque honestamente eu já estava preparada porque não é só isso, a gente se posiciona politicamente também. Então eu estava pronta. Mas não, ainda não chegou nada.

Além da sua cunhada e você, você tem mais alguma equipe ou só vocês duas?
Na verdade sou eu e Tainá na frente que pensa no conteúdo, que vai atrás das coisas, que marca… a gente está em todas as reuniões, todas as rodas de conversa e em todos os clubes de leitura, tudo. Sou eu e ela basicamente. E a Glenda também, mas mais eu e a Tainá, e a minha cunhada que faz a arte. A Glenda, ela está comigo e com a Tainá. A gente abriu uma ONG, ia transformar em ONG, em non-profit. Então estavam as 3 sócias. É que a Glenda tem uma agenda um pouco mais complicada, então ela ajuda a gente, assim… 100% das vezes que ela pode, ela é super participativa e presente, mas não tão presente quanto eu e a Tainá, mas mais por conta da agenda dela mesmo, ela tem 2 filhos, então é outro processo. Mas as 3 têm basicamente o mesmo papel: conteúdo, entrar em contato, se a gente tinha alguma convidada, por exemplo, para as rodas de conversa, as 3 pensavam juntas, as 3 faziam o planejamento.

Você tem alguma formação na área de direitos humanos ou você fez algum curso nessa área? Se preparou de alguma forma?
Eu não fiz nada. Inclusive por um bom tempo eu adiei de começar a o projeto porque eu falava "gente, mas eu não sou ninguém, como é que eu vou me apresentar? Eu não sou nada, não sou psicóloga, não sou nada, como é que eu vou começar um negócio desse?" Mas eu sempre li muito, continuo lendo muito, estudo muito, mas livre assim, né? Não tenho nenhuma formação acadêmica, formal em nenhum desses assuntos não.

Como você acha que a internet impacta hoje em relação às denúncias e na criação de uma comunidade para ligar essas mulheres brasileiras?
Eu acho que mudou sim, 100%, né? É o que a gente tem hoje, a ferramenta mais importante que a gente tem hoje é a internet de alguma forma. Se não, o Instagram, é Facebook ou WhatsApp. Facilita 100% da comunicação e a gente a chegar nas pessoas, né? Então pra gente conhecer gente nova, ou caso aconteça [alguma situação que a pessoa precise de ajuda], é 100% a internet. Eu lembro que quando eu estava nesse processo de me separar, o que me deu o *start* de perceber "tem alguma coisa errada nesse relacionamento" era um grupo de Facebook feminista que eu participava, e aí eu comecei a ler o relato de outras mulheres e me deu o clique, assim, então foi o que me tirou disso, o que me salvou, e eu acho que hoje em dia é o que salva mesmo, é onde a gente encontra informação, encontra outros relatos, conhece gente… 100%.

E ainda nessa pegada, como você acha que a sua página ajuda a criar essa rede? Você acha que as mulheres se sentem mais confortáveis a compartilhar os relatos nessas rodas de conversa?
Sim, eu acho que principalmente o idioma, tem muita gente que vem para cá e ainda não fala inglês. Então proporcionar um ambiente que elas possam falar português e que estejam só mulheres e que estão no mesmo barco, assim: a gente é tudo mulher, tudo imigrante, tudo latina e não fala inglês direito. Eu acho que tudo isso acaba criando uma rede segura, né, um ambiente seguro para elas falarem, então eu vejo isso também 100% com as mulheres que participam nas atividades do projeto . É isso, precisa ter uma comunidade, sua, assim, sabe? Que você se sente parte da comunidade, não adianta eu mesma ir falar num grupo de canadenses. Elas não vão entender nada, mesmo que o meu inglês seja perfeito. Precisa, sabe, o seu grupo, a sua comunidade. E o projeto acaba que hoje é uma referência, fico muito feliz. É uma referência para as mulheres daqui.

Vocês participam de entrevista em TV, de outros coletivos, como organização mesmo, sabe? Se mostra presente nesses eventos?
Sim, eu participei de uma entrevista para um jornal aqui de uma emissora portuguesa. Eu participei de alguns podcast já. A maioria dos eventos que tem alguma temática envolvendo mulheres, envolvendo imigrantes, eu sempre participo como convidada e, se não, eu vou no evento, com certeza, sempre.Então eu sinto que a gente está bem presente assim, sabe?

Você acha que isso ajuda na visibilidade da da organização de vocês?

Eu acho que ajuda, mas eu acho que o principal ainda é o Instagram. Ajuda, porque acaba que não tem tanto brasileiro aqui ainda né, então bom para para conhecer e tal, mas eu acho que o Instagram é o que faz mais diferença.

Você mencionou que vocês estão parados por agora, mas você tem algum plano para o futuro? Está organizando alguma coisa?
Sim, eu estava esses dias mexendo nas minhas coisas para a gente voltar, porque finalmente eu consegui me estabilizar. Eu estou em um emprego que eu estou estável, porque eu tava até agora… estava uma loucura, porque, aparentemente, só depois de 5 anos que você é imigrante, que a sua vida começa andar para frente. Então eu fiz 5 anos no final do ano passado, tá andando pra frente, então agora eu consigo pensar, planejar de novo. Quero voltar pelo menos com as postagens no Instagram agora, pro mês que vem, porque faz falta. A gente posta muita informação mesmo, né, de serviços que estão disponíveis aqui, notícias, enfim. Pelo menos o Instagram e as rodas de conversa mensal eu quero voltar para ontem, o mais rápido possível.

Você tem mais alguma coisa a acrescentar sobre a vivência da mulher imigrante no Canadá, especificamente, já que você tem essa vivência?
Eu acho que é como tudo, o mundo é feito para os homens, inclusive na imigração também. Então para a mulher vai ser sempre mais difícil, a gente vai ser sempre estigmatizada, as pessoas não vão acreditar na gente. Sendo Latina, pior ainda porque tem a sexualização. Então, assim, não é fácil. Eu acho que todo mundo tem uma visão muito romantizada do Canadá, da imigração como um todo, mas principalmente do Canadá. Eu acho que é importante pensar muito bem antes de sair do Brasil, assim, sabe? Não importa qual seja o plano, porque não é assim tão bonita a coisa depois que você chega aqui. É muita limpeza que a gente faz, é muito, sapo que a gente engole, sabe? Mas fora isso, eu acho que o contrário é que a gente é muito forte assim, a gente aguenta muita coisa, a gente corre atrás. Eu vejo bem a diferença da mulher brasileira no ambiente de trabalho, o quanto que a gente se destaca dos canadenses, porque a gente é muito preparado para fazer, para dar conta de tudo. Então, assim, ruim, não queria, mas já que estou aqui, eu dou conta, então acho que é isso. Em geral, a gente é boa.

APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 5

Entrevistadora: Ana Carolina Paiva
Entrevistada 5 - França
Duração da entrevista:

Para começar a querer entender um pouquinho da sua história de imigração. O que te motivou, como esse processo aconteceu e por que você escolheu esse país?
O que me motivou a migrar, bom, eu fiz uma graduação em Relações Internacionais no Brasil, foi a primeira turma da UFF, fiz parte dessa turma que foi desbravar o curso de Relações Internacionais enquanto ele estava se construindo e acho que, naturalmente, quem estuda Relações Internacionais já tem uma certa aptidão a querer explorar mais o mundo, pensar em possibilidades internacionalmente. Então acho que isso veio… acho que a própria escolha desse curso foi guiada por essa vontade que eu já tinha desde antes de me projetar em outros lugares. Então, como eu estava ali naquela fase de final do ensino médio, eu pensei em outras carreiras, acho que eu cheguei a pensar em comunicação, jornalismo, mas o que acabou aparecendo para mim, dessa forma, assim, mais forte, foi as Relações Internacionais. E aí eu acabei conseguindo uma vaga na UFF. Então a vontade de morar fora ela já existia, mas os meios não, né? (risos). Na época não tinha programa de Ciência sem Fronteiras para essa área de Relações Internacionais, eu acho que o programa já até existia, eu comecei a faculdade em 2008, o programa já existia, mas ele não cobria esses cursos, eram bem mais voltadas para engenharia, esses cursos mais técnicos, então a gente não conseguiu, eu e os colegas da minha turma, nenhum de nós conseguiu ser beneficiado no Ciências sem Fronteiras. Então a gente foi buscar outras possibilidades de fazer um intercâmbio, ter uma experiência fora e a possibilidade de que apareceu pra mim foi através de um intercâmbio voluntário de uma organização estudantil chamada AIESEC, não sei se você conhece, uma organização internacional e aí eles propõem intercâmbios, pelo menos na época, era intercâmbios sociais, intercâmbios profissionalizante de estágio e eu acabei escolhendo um intercâmbio social que era para fazer uma experiência de dois meses trabalhando numa ONG em algum projeto de cunho social/humanitário. E era bem mais acessível do que um intercâmbio tradicional, daqueles em que você vai só para fazer aulas na faculdade, que não tem nenhum tipo de remuneração em contrapartida, porque esse intercâmbio pela AIESEC era não remunerado, mas oferecia hospedagem e alimentação no local do projeto, que no caso era a ONG Cáritas. E aí eles propõem diferentes organizações, diferentes serviços. Eu escolhi a Cáritas porque foi um projeto que me interessou, Cáritas no Egito, na cidade do Cairo. E aí eu fui pra lá, então, em janeiro de 2011 foi quando estava terminando a graduação. E aí foi minha primeira experiência, então, vivendo fora do país. Foram… foi muito curto, né? Dois meses, mas foi uma primeira oportunidade de me sentir como imigrante, estrangeira, tendo uma rotina, né, porque não era uma viagem de turismo, a gente tinha ali um compromisso de segunda a sexta e acabou criando alguns laços mais profundos. Então eu acho que essa primeira experiência foi o que confirmou esse desejo de passar algum tempo em outro país. Aí quando eu voltei para o Brasil, comecei a estruturar mais essa ideia, já tinha terminado a graduação, porque isso foi em 2011, na verdade, foi 2012, perdão, 2011 foi o ano em que eu terminei as aulas e no início de 2012 a gente teve a formatura e terminou. E aí eu fui, então,

consolidando essa ideia e comecei a pesquisar os cursos de mestrado, pós-graduação, fora do Brasil. Uma porque no Brasil, a área que eu queria fazer pós graduação, que é direitos humanos, ela era muito voltada para o meio acadêmico, para dar aula e eu nem queria, eu queria uma proposta mais profissionalizante e aí eu descobri que aqui na Europa tem alguns cursos que forneciam esse tipo de abordagem e a França é um país bem forte em ação humanitária, tem muitas organizações que foram fundadas aqui e tem muitos cursos, também, de graduação com essa abordagem profissional. Então eu acabei tentando alguns cursos aqui, tentei uma bolsa que era uma bolsa do governo francês, mas não consegui porque eles dão prioridade, mais uma vez, para os cursos de economia e… (risos) aqueles cursos mais clássicos. Mas apesar de não ter conseguido a bolsa, a instituição, a universidade em si, me encorajou a vir, eles disseram que, enfim, eles me mostraram um pouco mais do programa do curso, era um curso de dois anos e meio, mas que tinha uma grande parte que era estágio remunerado e essa remuneração ia me ajudar a bancar uma parte dos meus custos. Então a vontade de ir pra França ela se confirmou aí nesse momento em que as portas se abriram, né? Que eu tive esse contato estabelecido com a instituição. E aí eu acabei vindo, então, em 2014. Eu fiquei dois anos preparando essa vinda, né? Entre tentativas de bolsa e frustrações, e a bolsa não sai, a bolsa não dá resposta. E, finalmente, quando vem a resposta, foi uma resposta negativa e eu cansei de esperar, falei "não, é esse ano que eu vou e tudo bem, vou sem a bolsa mesmo" e a França é um país que subsidia bastante ensino superior. Acho que agora isso mudou, infelizmente, em 2020 ou 2019 teve uma reforma, mas quando eu vim, em 2014, a França cobrava a mesma tarifa para estudantes europeus e não europeus. Então, eu, como brasileiro, tinha direito à tarifa básica, que era 400 euros o ano letivo, entendeu? Você pagava 400 euros e isso já incluía uma parte de seguro de saúde, que é um seguro obrigatório, que tem que ter e os 200 e poucos euros que eram de taxas administrativas da graduação, isso numa universidade pública, que foi o que eu fiz aqui, eu não sei das universidades privadas, das *école*, aí é outra realidade. Mas nas universidades públicas era assim. Então, foi o que me permitiu vir. Esse custo acessível, vários auxílios, também, do governo francês, o governo francês subsidia bastante a educação. Então eu tive direito a auxílio moradia, o auxílio cobria acho que 40% do meu aluguel, tive a remuneração do estágio, né, quando a parte do estágio começou durante o curso, eu tinha um estágio remunerado, então também me ajudava cobrir meus custos de vida e fui fazendo também trabalhos extras, né? Isso é bem comum aqui na França de estudantes que fazem graduação, pós graduação, e que fazem também um trabalho que ele chama aqui de *jobs étudiants*, uns trabalhos extras como recepcionista, garçonete, no turismo, sabe, essas áreas assim que precisam de mão de obra e que tem uma alta rotatividade. Então foi o que eu fiz durante um tempo. *Voilá*. Não sei se respondi a sua pergunta, ficou alguma coisa de fora?

Não, ficou não. Você inclusive acrescentou muitas coisas interessantes e eu já percebi que a França realmente ajuda muito, né, estudante assim que estão desenvolvendo trabalhos, projetos. Eu participei de uma iniciação científica esse ano também, que tinha parceria com uma instituição da França e aí dava pra ver bastante que eles incentivavam bastante os estudantes e forneciam uma segurança financeira para o projeto muito grande, né? Então eles valorizam bastante, bem legal isso. E durante o seu processo de chegada ao país, você encontrou alguma dificuldade?

Muitas, tenho uma lista para te dizer (risos). O pior processo, acho que foi o idioma porque eu já falava francês, tinha um nível C1, acho que eu fiz a prova no Brasil e eu consegui o nível C1, aquele TCF, que é um exame de francês oficial. Mas quando eu cheguei aqui eu descobri que meu francês era um francês de sala de aula porque o francês do dia a dia não era bem aquilo que eu tinha aprendido nas aulas de francês do cursinho. Então, essa dificuldade de entender principalmente o que os meus colegas na sala de aula falavam, as expressões, as gírias. Os professores eu entendia bem porque eles usavam uma linguagem mais formal. Mas saindo num supermercado já era difícil às vezes, entendeu? E com os colegas, então, bem difícil. Então essa foi a primeira grande dificuldade que eu senti, de não conseguir me comunicar como eu queria, né, entender e ser entendida. Depois, claro, a dificuldade também emocional, de estar longe num país que eu não conhecia ninguém, que eu não tinha amigos, que eu tinha uma pessoa que eu conhecia, mas que estava assim no outro ritmo de vida, não tinha muito tempo para dedicar a mim. Claro, quando você tem uma vida estabelecida, você tem sua rotina e seus corres mas, felizmente, fui fazendo amizades aqui e fui criando laços. Dificuldades administrativas, também, porque no começo não entendi nada, se precisa ir ao médico, como é que faz? Como é que funciona? Aqui o sistema de saúde é bem diferente do Brasil, existe uma seguridade social mas existe também um plano privado que complementa a seguridade social. Então, até entender tudo isso foi uma maratona e receber os documentos também é uma maratona, porque você precisa aguardar uma carteirinha, que tem que chegar, essa carteirinha depende de um órgão que é super incompetente, que perde seu dossiê e você tem que enviar os documentos não sei quantas vezes o são histórias que eu já ouvi, assim, repetidamente. Então essa dificuldade também. Então principalmente administrativa, emocional, e linguística. A questão, também, da moradia foi uma barreira, mas quando eu vim eu consegui alugar um quarto na casa de uma moça, de uma francesa que tinha um espaço na casa dela para para disponibilizar, então no primeiro momento não foi uma dificuldade tão grande quando eu cheguei, mas depois, quando eu quis sair da casa dela, foi difícil achar um lugar para morar. Foi muito difícil. Ainda mais aqui na região de Paris, que é muito disputada, existe uma concorrência muito grande, e chega a ser surreal, os apartamentos são muito caros, às vezes muito mal conservados, precários e têm uma concorrência louca. Então acho que seriam essas as dificuldades. As principais.

Quais aspectos da cultura brasileira você sente que você mantém vivos até hoje e quais você acha que já se mesclou com a cultura francesa?

Aspectos da cultura… que mantenho vivo, a língua. Eu falo mais português do que francês na minha vida privada, no trabalho não, no trabalho eu trabalho com colegas em francês e inglês, um pouco em português também, porque algumas colegas minhas de trabalho hoje são brasileiras, eu trabalho com uma organização que tem outras funcionárias brasileiras, mas na minha casa, por exemplo, eu só falo português, quer dizer português com um toque de francês, porque tem umas expressões em francês que a gente acaba enfiando nas frases. Mas o meu companheiro é brasileiro também, então nossa língua em casa é português. A nossa alimentação eu acho que mudou um pouco. Se puder falar de um fator da cultura que foi invadido (risos) pelos hábitos franceses, foi a alimentação, a gente hoje come bem menos carne vermelha, carne branca, qualquer tipo de carne, comemos muito mais vegetais, muito mais saladas, legumes, champignon… Queijo também, né, porque aqui na cultura francesa, é

bem forte. Eu achava que essa era uma coisa que eu nunca ia me adaptar, não comer arroz e feijão todo dia, no Rio de Janeiro a gente come arroz e feijão todo dia (risos), quando é do subúrbio. E hoje eu vivo bem sem esses alimentos, assim. Adoro, continuo amando arroz e feijão, mas eu não faço mais toda semana que nem eu fazia antes. Então isso, alimentação. A dança é um aspecto que eu conservo muito, a questão da música brasileira é muito viva no meu dia a dia, eu ouço muita música brasileira, MPB, tento ouvir também um pouco de outros ritmos, rap, estou vindo mais rap. Acho que nas vestimentas também. Eu costumo comprar minhas roupas no Brasil, ainda tenho um pouco de dificuldade de comprar roupa aqui, o estilo, alguma coisa não me agrada muito, aí eu compro nos brechós, quando compro ou dificilmente acho alguma coisa, mas acabo trazendo mais do Brasil. Uma questão que, para mim, acho que adquiri bem da cultura francesa é a separação de vida pessoal e vida do trabalho. Eu não sei como é que está isso no Brasil hoje. Mas quando eu morava no Brasil, até 2013/2014, as coisas eram um pouco misturadas, né? A vida pessoal, do trabalho, o que é até penoso, né, pros funcionários, pros trabalhadores, e aqui na França existe uma cultura de se separar melhor, nem sempre isso é respeitado, infelizmente, mas alguns lugares respeitam. E, então, isso é uma coisa que eu levo, quero levar para a vida. E também essa cultura de trabalhar menos e se dar o direito de desfrutar da vida, de ter boas férias, de ter um final de semana sem olhar o e-mail do trabalho. Acho que esse aspecto é bem forte. A questão de cuidados com a casa, aqui na França você não tem a figura da empregada doméstica, né? E no Brasil isso ainda é muito recorrente. Então, aqui pra você chamar alguém para limpar sua casa custa caro, não é caro, né, é um valor correto, um valor que remunera o serviço da pessoa que está fazendo esse trabalho de cuidado. Mas, assim, não custa uma mixaria, como custou muito tempo no Brasil, sei como é que é hoje. Mas, então, para você ter alguém que cuida da sua casa, a pessoa não vai todos os dias da semana, ela provavelmente vai funcionar por horas, e aí você vai pagar a pessoa para cuidar da sua casa duas horas por semana, três horas por semana e você tem que pagar ela por hora. Então você não vai ter alguém ali a sua disposição de segunda a sexta, como acontece no Brasil. Eu nunca tive isso em casa, mas algumas famílias têm no Brasil e isso é uma grande diferença aqui, que eu acho excelente, que o trabalho de cuidado seja um pouco mais valorizado também, não está ideal ainda mas tá mais perto. A mesma coisa para babá, que é por hora de trabalho. Então isso eu acho que é muito bom que é essa maior valorização desses serviços. Ai acho que já falei bastante (risos).

E a sua adaptação à cultura, à comida, ao clima, às pessoas, estilo de vida, como foi?
A comida eu já falei um pouco, né? No começo era difícil não achar alguns alimentos, não achar arroz e feijão muito fácil, mas depois eu fui aprendendo a comer, feijão substituir por lentilha, substituir por grão de bico, aprendi a comer menos carne e hoje como cada vez menos carne animal e cada vez mais queijo que é péssimo (risos) muito gorduroso, mas é gostoso. Em relação às pessoas… é um pouco complicado em relação às pessoas, porque hoje o meu círculo aqui de amizades ele é majoritariamente de brasileiros, e brasileiras, principalmente. Mas não é porque eu encontrei pessoas muito difíceis de conviver, eu acho que é porque simplesmente as afinidades com outros imigrantes são mais fortes e a gente acaba tendo mais pontos em comum e mais interesses compartilhados. Porque eu encontrei muita gente francesa gentil, colegas da faculdade super abertos, inclusive colegas franceses filhos ou netos de imigrantes, que viveram em outros países, que têm uma vivência

internacional também, mas por algum motivo, as amizades não se consolidaram, alguns, inclusive, saíram de Paris, então a gente acaba perdendo também o contato porque a pessoa foi embora, foi morar em outro país, outra cidade. Eu acho que eu diria que não é fácil, para mim até hoje não é muito fácil fazer amizades, no sentido profundo da palavra, porque conhecer gente, a gente conhece um monte de pessoas, né, tem vários círculos aí, mas de amizades mais profundas, de laços, de rede de apoio em si, a minha rede de apoio aqui é brasileira, majoritariamente, assim, sei lá, acho que é 90% brasileiro.

E foi fácil pra você se adaptar com o frio francês ou… saindo do Rio de Janeiro encontrando temperaturas bem [baixas].
Ah é. Não, isso não foi fácil, não. Principalmente no começo que eu morava num apartamento que tinha um aquecimento muito precário, não tinha isolamento, porque aqui os prédios precisam ter um isolamento para funcionar melhor o aquecedor, porque, se não, você aquece e o calor se dissipa, se perde todo, então, no começo onde eu morava, era péssimo, vivia com frio, era muito doloroso para mim estar dentro da minha casa, no local onde eu deveria estar confortável, sentindo frio, sofrendo. Então foi muito difícil. Hoje onde eu moro aqui, eu tenho um melhor sistema de isolamento, então tenho esse conforto a mais. E aí por isso eu acho que consigo conviver melhor com o inverno lá fora (risos). Mas hoje eu acho que eu sofro menos com o inverno, estou sofrendo menos do que no começo. No começo era bem difícil, principalmente os dias que escurecem mais cedo, o tempo chuvoso, que acaba ficando mais chuvoso aqui no inverno. Mas aí a gente consegue achar estratégias, né? Tem aqui uma rede de brasileiras, aqui na França, que é bem estruturado através de um grupo do Facebook que conectou várias mulheres, tem mais de oito mil mulheres nesse grupo, e a gente recebe, por exemplo, conselho de naturopatas, de nutricionistas falando sobre alimentação, os alimentos que são importantes a gente usar para reforçar durante o inverno para combater a depressão invernal, que é uma realidade, é um fato. Então, fazer suplemento de vitamina D, comprar uma luz, tem uma espécie de luz aqui que simula uma luz solar, isso é importante para pessoas que sentem essa falta de contato com o sol, enfim. Tem algumas estratégias que a gente vai usando, vai aprendendo com o tempo para ajudar a enfrentar isso, entendeu?

Bacana. **Nesse período que você está aí, de 2014 até hoje, teve algum ponto que te chocou muito e continua chocando ou chocou por algum tempo, mas você já acostumou?**
Tem uma coisa que me choca muito (risos). Bom, é uma anedota, mas me choca até hoje, que é o fator higiene. Em alguns pontos é mito, em outros pontos não é tão mito assim. Por exemplo, a questão de rato. A gente até gravou um episódio sobre isso no podcast, foi uma anedota de um quadro que é um quadro de contação de histórias, por que ratos aqui são animais que às vezes compartilham espaços com humanos (risos) e tem gente que não vê problema nisso, eu vejo muito problema nisso (risos). Mas já aconteceu no local onde eu trabalhava, por exemplo, já apareceu um rato e eu ficava desesperada, né, pensando que é uma questão de insalubridade, e as pessoas me perguntaram “mas é um ratinho ou é um ratão? Qual o tamanho do rato?” (risos) e coisas desse tipo, porque aqui eles fazem uma diferença entre *souris* e o *rat*, o *rat* seria a ratazana e o *souris* é um ratinho mais… é tipo

aquele do filme Ratatouille. Pra mim não tem menor diferença (risos) e eu não quero contato nenhum com rato no local onde eu habito, um local que eu frequento. Então essa é uma coisa que me choca, me chocou bastante. Uma coisa que me choca positivamente aqui é a questão do custo de vida para coisas do dia a dia. Por exemplo, no mercado você com 20 euros, 30 euros, consegue comprar bastante coisa. E para te falar, o salário mínimo aqui hoje eu acho que é 1500 euros, aqui na França. No Brasil hoje é 1200 reais. Então a diferença não é tão grande se a gente pegar números absolutos, né? Sem falar relativamente, número absoluto. Então o salário mínimo aqui, que o bruto acho que é 1500 mas o líquido deve ser 1200 euros e com 20 euros, 30 euros, você faz uma ótima compra no mercado, talvez não o mercado de luxo, que eu nem frequenta, mas o mercado de subúrbio, o mercado popular, você consegue comprar bastante coisa alimento, assim, para a semana inteira, sem falar de artigos de luxo, mais uma vez. E no Brasil eu sei que a situação hoje está terrível, né, inflação está altíssima, então, às vezes eu fico impressionada e chocada positivamente com a acessibilidade das coisas, estou falando de compras, mas também cultura, por exemplo. A cultura aqui é bem acessível, né? Um show… eu tenho ido aos shows agora que acabou… acabou, não, né? Agora que a pandemia está se dissipando, vamos dizer assim, né, esperamos, eu tenho voltado a frequentar shows e às vezes a gente compra ingresso para shows a 30 euros, 40 euros, pensando num país onde o salário mínimo é, mais uma vez, 1200-1500, 1500 são o bruto. No Brasil você não compra acho que show nenhum. Eu andei olhando show para ir aí quando eu tiver em dezembro e tudo 180 (reais), talvez 100 reais alguma coisa, 80-100 reais, o que já é bem caro para uma família que ganha um salário mínimo, né? Então isso é uma coisa que me deixou chocada positivamente aqui, chocada negativamente com o Brasil. E mesmo antes dessa crise já era assim. Eu lembro que em 2011, sei lá, quando eu ia para um festival, já era bem caro. Agora está pior mas sempre foi caro. As coisas sempre foram inflacionadas aí no Brasil, né? Sempre, desde que eu me entendo por gente. Então é, acho que isso, se eu tiver que citar um ponto positivo negativo de choque, são esses.

Bacana. E aí eu queria entender um pouquinho mais, agora entrando já no tema da pesquisa mesmo, sobre a sua experiência enquanto mulher brasileira imigrante aí na França. Você já sofreu racismo, xenofobia, assédio alguma vez? E se sim, qual foi a sua reação, como você se sentiu?

Sim, mas sempre foi de forma sutil e velada aqui na França. Não sei se você conhece, se você já entrevistou alguém em Portugal, pessoas em Portugal, talvez a resposta das pessoas em Portugal, principalmente uma brasileira que se pareça comigo, uma pessoa negra, seria diferente, mas a minha realidade aqui na França é de situações mais veladas, né? Nunca ninguém falou "volta para tua casa", como falam em Portugal, "volta pro teu país" essas coisas, mas acontece de uma maneira bem… como ele chamou aqui, bem *poli*, bem educada e até… talvez até inconsciente, em alguns casos eu acho que foi até inconsciente, mas são coisas do tipo "nossa, mas você fala tão bem essa língua para uma pessoa que veio de tal país" ou então "nossa, mas você conhece tal autor, tal autora?". Teve um episódio que aconteceu, mas a pessoa não sabia que eu era brasileira, eu fui marcar um exame de saúde e eu queria que fosse com uma médica mulher. Foi logo depois daquele caso de abuso sexual de uma mulher na sala de parto aí no Brasil, eu fiquei bem chocada com isso e por outras questões também eu preferia ser atendida por mulheres e aí fui tentar marcar um exame com

uma médica mulher num centro de saúde com vários profissionais. E eu liguei perguntando se eu poderia saber com que horário tinham médicas mulheres atendendo e a funcionária simplesmente me disse que não poderia me dizer o sexo da profissional e aí eu expliquei que era por uma questão de necessidades pessoais minhas, e ela me disse que não poderia fazer nada e que eu devia não fazer um exame, nesse caso. Falou pra eu não fazer o exame e bateu o telefone na minha cara, e aí eu enviei um e-mail de reclamação para o Serviço de Atendimento ao Cliente desse centro de saúde e aí dois dias depois eu recebi uma ligação de uma outra funcionária e pedindo desculpas pelo que aconteceu. E aí eu expliquei com um pouco mais de detalhes, né, a questão de traumatismos sexuais e de abuso sexual que podem acontecer nessas situações e esse receio, e ela me disse que a colega dela tinha achado que eu não queria ser perdida por um homem por questões religiosas. Então a colega quis dizer que se fosse por um motivo religioso, estaria desculpado, mas como é por uma questão de assédio sexual, aí ela entendeu o meu caso. E isso fica muito claro na França, que é um país onde a islamofobia é muito forte, que a xenofobia acontece em várias formas. Nesse caso, a pessoa talvez não sabia que era brasileira, não sei se pelo meu sotaque ela percebeu, certamente percebeu que era imigrante, porque eu tenho um sotaque marcado, não sei se ela pensou que eu fosse árabe ou oriunda de algum país muçulmano, mas esse foi um caso que me deixou bem chocad. E a reação, enfim, na hora não consegui nem reagir, que a pessoa desligou na minha cara, a minha reação foi depois de escrever esse e-mail para o Serviço de Atendimento ao Cliente. E fiquei mais chocada ainda quando a colega quis se desculpar e a emenda saiu pior do que o soneto. E outra coisa que acontece também de uma forma um pouco, um pouco não, bastante velada aqui são os olhares que você percebe no supermercado quando você está falando outra língua que não seja o francês. Quando eu volto a ter mercado com um amigo com meu marido, a gente fala português que é a nossa língua e aí, às vezes, você percebe alguns olhares, dependendo do supermercado que você tiver, do tipo “nossa, eles tão aqui, não falam nem francês”. E eu falo francês, só não estou falando naquele momento o francês, mas eu sei falar muito bem. Então é isso, são são coisas bem mais discretas, mais sutis, nada muito difícil comigo, mas acontecem casos, sim, bem explícitos, que eu já ouvi falar, mas a minha experiência é essa. Talvez outra coisa, também interessante a te dizer em relação a assédio, né? Eu descobri recentemente que talvez um fator que tenha me protegido de assédio aqui é o fato de que eu sou casada e eu uso aliança. Então eu fui saber que mulheres com aliança, aqui, são menos vítimas de assédio. Isso não é um dado oficial, mas isso é uma hipótese que foi levantada em outros círculos e que fizeram sentido para mim, porque acontecem muitos casos aqui de assédio a mulheres, mulheres, principalmente, racializadas como eu, mas comigo [não]. Talvez uma vez, uma coisa, assim, um pouco mais clara. E se aconteceu, não percebi, eu não não consegui ver. Então é isso, mais uma vez é a minha experiência, né, não posso falar por todas.

Enquanto mulher brasileira, hoje em dia você encontra alguma dificuldade aí?
Hoje em dia? Bom, faz oito anos que eu moro aqui, eu cheguei em 2014. Mas dificuldades que eu encontro aqui são mais de ordem afetiva e emocional, não tenho dificuldades hoje administrativas porque já consegui superar algumas barreiras, né, pelo tempo aqui, hoje eu tenho a nacionalidade francesa, né? Então isso me abre algumas portas, eu não preciso mais renovar o visto, por exemplo, que é um grande martírio para quem mora aqui, para quem é

migrante aqui né? Eu tenho um emprego que é relativamente estável, eu tenho alguns benefícios que me protegem. Então acho que o principal, é, claro, a falta de contato cotidiano com tudo o que o Brasil tem de bom para oferecer e isso acaba sendo a dificuldade mas que a gente sabe como lidar e vai quando é possível. Então é isso.

E de onde surgiu esse seu interesse de criar uma rede de mulheres brasileiras? O que te motivou a criar o seu podcast, quando você percebeu que essa demanda precisava ser resolvida?

Conversando com as mulheres brasileiras aqui a gente vê muitas necessidades que precisam de uma resposta. A gente tem esse grupo que eu mencionei, né, um grupo do Facebook que tem oito mil mulheres e há um tempo atrás, hoje isso diminuiu, mas acho que antes da pandemia e durante a pandemia, a gente via com frequência relatos de mulheres em situações muito vulneráveis, passando por violência doméstica, passando por abuso de patrão, abuso do empregador, abuso de proprietário do apartamento, né, da moradia, enfim, vários tipos de abuso que você possa imaginar e fora outras questões também, outras dificuldades que a gente compartilha, as coisas que eu já mencionei com você, de ordem afetiva e emocional, sobre alimentação e tudo. Então a gente queria, eu queria, eu sentia essa necessidade de criar uma plataforma, um local pra gente poder se expressar e se ouvir, né? Então, a ideia de fazer um podcast acho que ela apareceu daí, na verdade, eu já tinha criado um podcast em francês com uma amiga que é italiana e que mora aqui na França também, uma italiana de origem senegalesa, e aí, meio que naturalmente, a gente decidiu fazer também um podcast em nossa língua materna, então o projeto foi criado para justamente disseminar esses relatos, para as pessoas não se sentirem sós, sentirem que elas estão compartilhando experiências e também trazer as observações, as análises de especialistas, porque um dos critérios para a gente, quando a gente cria um episódio, é trazer pessoas que estão falando sim das suas experiências pessoais, mas também que tem dados científicos, que conduziram pesquisas, análises estruturadas, né, que saiam daquele "eu acho, eu sinto" que é muito importante, tem o seu valor, mas que passem também por abordagens mais sistêmicas, né? Porque a gente precisa ter essa visão sobre o sistema para trazer alguma mudança efetiva para a sociedade. Então acho que foi esse o motor pra criar o projeto.

Bacana. E você consegue identificar pontos positivos e negativos administrando um podcast, uma página no Instagram que tem esse objetivo?

Demanda bastante organizar um projeto como esse, é um projeto totalmente voluntário, a gente não tem nenhum tipo de remuneração, então a gente faz isso no nosso tempo livre, na nossa pausa do almoço, no caminho para o trabalho, na ida para, sei lá, para um compromisso. A gente lançou no início deste ano um financiamento coletivo de algumas pessoas que doam mensalmente ou anualmente um valor, mas é uma ação módica, pequena e que não paga, obviamente, o nosso tempo de trabalho, então isso é um desafio: conciliar o podcast com as nossas vidas profissionais e pessoais e com as nossas necessidades de pausa, de descanso. Ainda mais que a maioria das pessoas da equipe já trabalham com temas que demandam muito emocionalmente, tem uma carga mental forte, temas humanitários e questão de combate à violência de gênero que são assuntos que impregnam, né, nosso ser, nosso estado mental de uma maneira muito forte. Então esse é um desafio, é uma dificuldade,

assim, não diria que é um ponto negativo, mas é um desafio, é uma coisa que a gente tem sempre que tá trabalhando para não desestimular, né, para não perder o interesse no projeto, então é preciso fazer momentos de pausa, um momento de descanso. Tem horas que a gente não consegue produzir como gostaria e tudo bem, tem que entender que é uma frustração e que é uma realidade de um projeto voluntário como esse. Agora, os pontos positivos são, de fato, os relatos que a gente vê, que a gente ouve de mulheres que acompanham o podcast, que acompanha nossa página também e que entendem os seus processos de imigração e que aceitam os seus percursos, né, os percalços dos seus percursos e entendem que isso é comum e que é natural e que não é só com elas e que elas não estão sozinhas. E em um grau talvez mais avançado, quando a gente fez aí uma série especial sobre o combate à violência de gênero o fato de ter ouvido mulheres que passaram por isso, que vieram compartilhar com a gente que ouvindo os episódios perceberam umas situações abusivas, ou conseguiram buscar ajuda, conseguiram identificar uma associação, uma organização de juristas ou de psicóloga pra quem recorrer, entende? Então isso é bem gratificante saber que a gente está de alguma maneira contribuindo para quem está sem rede de apoio às vezes nenhuma no país.

E você decidiu criar esse canal de comunicação, esse podcast, já pensando em questão de visibilidade, em alcance? Ou você pensou, assim, só em querer comunicar as coisas, querer comunicar essas vivências e aí a audiência era um fator secundário?
É, a audiência, foi… até hoje é um fator secundário, porque o podcast é pequeno a gente não tem uma página enorme, não sei quais são as outras criadores de conteúdo que você entrevistou, mas você vê que o nosso Instagram, que tem 2000 seguidores, que é um número considerado pequeno, né, em comparação a essas grandes páginas de produção de conteúdo porque também é um tema de nicho, e a abordagem que a gente escolheu é uma abordagem bem nichada, a gente fala sobre imigração mas de uma perspectiva feminista, decolonial, trazendo sempre uma interseção entre gênero, raça, classe, então a gente já não é o tipo de assunto que vai agradar todo mundo. Por exemplo, o nosso público é majoritariamente feminino, mais de 90% são mulheres, segundo os dados que a gente tem, existem alguns homens que houve mas são uma minoria, então isso já corta aí um potencial de público. Então o número, as estatísticas são um fator secundário, a gente está mais preocupado com o impacto qualitativo do que quantitativo, mas é claro que a quantidade também é importante para gente furar as bolhas, né? Não falar só pra quem já é convertido. Então é isso mas é secundário, não é o nosso foco.

E quando você percebeu que as redes sociais, a página no Instagram e o podcast te ajudaria a ser essa essa voz, assim, ajudaria a levar esse conteúdo para outras mulheres?
Acho que desde a concepção do projeto, desde concepção do projeto, porque como eu falei, muita coisa, muitos dos relatos que eu vi ficavam ali numa página do Facebook, que um dia pode acabar, a gente não sabe, né, muita coisa preciosa ali, muitas informações, mesmo, práticas, concretas, mas também relatos objetivos que são importantes, que tem o seu valor até científico, né, porque esses relatos também têm o seu valor para pesquisas, né, como dados qualitativos. Então, desde o começo, quando a ideia surgiu, era de ser uma plataforma para concentrar isso de alguma forma, né, numa pequena escala, conforme as nossas

possibilidades, sendo um projeto voluntário, tem professores limitações. Mas que pode proporcionar isso para algumas pessoas que a gente consegue atingir.

Como foram os primeiros passos? Vocês já tinham um objetivo bem definido ou ele foi se construindo ao longo do tempo?
É tudo ao longo do tempo. É conforme a carruagem vai andando, porque se a gente fosse esperar definir tudo, esse projeto até hoje não ia ter saído do papel, ele ia estar até hoje num canto aí do armário, esperando acertar alguma coisa, alguma vírgula fora do lugar, então conforme a carruagem foi andando.

E hoje em dia, quais são as frentes de atuação e os quadros do podcast? Vocês recebem relatos? Vocês atuam também nos bastidores? Vocês ajudam com outras questões direcionando para serviços?
Bom, a nossa frente é a produção de conteúdo, entrevista com as especialistas, a gente também tem esse outro quadro, que chama Chokito Cultural onde a gente traz mais histórias, é mais contação, né, de fatos, é mais levinho, mais descontraído… nem sempre, né? Depende do caso em si, mas a proposta é ser um pouco mais leves. Então esses são os 2 quadros: episódios temáticos e o Chokito Cultural e as frentes em que a gente atua para além do podcast, na verdade a gente não tem uma atuação consolidada com equipe, mas a gente tem o que cada uma de nós da equipe faz de maneira individual, através do seu trabalho, então eu, aqui na França, estou envolvida nas redes de imigrantes aqui, eu participo também de uma rede que chama New Women Connectors, na verdade, é uma organização, uma associação fundada por uma refugiada paquistanesa que vive na Holanda e que fundou essa ONG, essa associação, que promove encontros com imigrantes na Europa, imigrantes e refugiados para falar sobre políticas públicas sobre o nosso papel na formulação de políticas públicas, sobre o nosso poder de influenciar decisões políticas. Então isso é uma coisa bem importante que foi graças ao podcast que eu comecei a participar dessa rede, mas é uma frente que nem todo mundo da equipe está envolvida, porque as pessoas não conseguem se liberar do trabalho, porque eu agora estou em um momento da minha vida profissional, que eu consigo ter alguns dias de de férias para poder participar dos eventos, eu fui pra Amsterdã agora em setembro para participar de um workshop que foi organizado lá em junho, eu fui para a primeira sessão que foi em Roma, em dezembro a gente vai ter uma terceira sessão em Bruxelas reunindo imigrantes de várias nacionalidades, não estou falando só de brasileiro, a gente está falando de afegãos, paquistaneses, sírias e sírios e venezuelanos, chilenos, imigrantes aqui, todos na Europa, em diferentes países da Europa. Então essa é uma frente em que eu estou envolvida, mas aí eu falo por mim, a Mairê que é a nossa social mídia ela trabalha com combate à violência de gênero para trabalhadoras do sexo em Barcelona e 90%, acho que até mais, do público algo que a organização dela acompanha são imigrantes então ela está atuando muito forte nessa frente. Ela também coordena um site de combate à violência de gênero, eu esqueci agora o nome do site, acho que é Siempre Vivas, siemprevivas.org. Então é basicamente isso, a gente tem as implicações de acordo com as nossas possibilidades também pessoais.

E tem algum tipo de relato, de queixa, enfim, que acontece com uma maior frequência no podcast?

Relato, queixa com frequência… Ah, uma que é muito frequente é a dificuldade de inserção profissional de pessoas imigrantes, principalmente mulheres. Mulheres já têm esse esse obstáculo, esse teto de vidro, né, pelos vários fatores, né, por falta de licença maternidade, a gente procriar se quiser e precisar dessas licenças, e toda a carga mental e física da maternidade e o fato de sermos imigrantes aqui, né? Então, às vezes, um domínio da língua que não é avançado ou o quando domínio é avançado, um sotaque… que é o meu caso. Eu falo francês bem, avançado, mas eu tenho um sotaque e eu acho que eu vou ter sotaque a minha vida inteira (risos) e é normal ter sotaque, isso também é uma coisa que eu aprendi aqui, que todo mundo tem um sotaque, a questão é que alguns tem um sotaque de Paris outros têm um sotaque do sul da França outros têm o sotaque do norte da França e algumas empresas infelizmente não tem essa concepção, essa compreensão e julgam que pelo sotaque a gente não vai poder desempenhar uma certa função, então tem essa barreira. A barreira do sobrenome, também. A gente já viu algumas vezes sobrenome no currículo, um sobrenome que não pareça francês têm menos chances de ser chamado para uma entrevista, e mesmo quando é chamado para entrevista, o fato de perceberem ali uma imigrante acaba sendo um fator que dificulta. Então essa é a maior queixa que aparece, sem dúvida, inserção profissional.

Interessante. Nesse tempo de podcast, de página ativa no Instagram, vocês já sofreram algum ataque de *hate* ou alguém tentando derrubar a página?
Não, nunca, felizmente. Acho que a gente está bem dentro da bolha ainda, não sei se é bom ou ruim, né? (risos). Nunca aconteceu. O que aconteceu, no máximo, foi uma pessoa de um episódio que a gente postou que veio comentar algo, mas não foi… não sei se foi bem um *hater* porque depois ele parou e sumiu. Então não foi nada significativo.

Que bom. E você comentou que você tem uma equipe, né, a Mairê e a Patrícia. Qual a área de atuação de cada uma delas e a sua também?
A gente é meio que faz tudo (risos). Mas assim, bom, eu como sou a idealizadora do projeto, realmente eu acabo fazendo de um tudo, a gente tentasep arar as funções, mas nem sempre é possível. Mas bom, a Patrícia, PK, ela é designer de formação então, quando ela entrou para a equipe foi com o objetivo de ser a designer, de fazer os posts do Instagram e as capas dos episódios. Nem sempre a gente consegue enviar o conteúdo para ela com antecipação suficiente para fazer os designers e quando não dá, a gente faz no Canva mesmo e ela se revira (risos) porque ela fala que o Canva é a prostituição da profissão, mas enfim, eu não sei, eu não consigo lidar realmente com o Photoshop e para a Mairê também é um pouco mais complicado, então a gente usa o Canva quando precisa. Mas então a PK, ela tem essa função de designer e às vezes, ela apresenta também os episódios com a gente, co-apresenta. A Mairê quando entrou para a equipe foi com objetivo de ser social mídia, né, de pensar nas estratégias para as redes sociais mas ela também apresenta episódios, ela co-apresentou vários comigo e vai apresentar mais, se tudo der certo, depende também da vida profissional dela, né? Ela agora está mudando de trabalho, então a gente vai ter que ver as disponibilidades. E tem o Glauco, que é o meu companheiro, que faz a parte de montagem e edição do áudio. Ele nunca aparece nos episódios, mas está implicado na parte técnica e às vezes ele me ajuda também nos roteiros. Ah e eu não falei dessa parte, né? Os roteiros, a

captação de convidadas sou eu que faço, mas eu peço a ajuda da equipe. Então às vezes as pessoas tem alguma ideia de alguém, por exemplo, a Taís França foi graças à Luciana que participou de alguns episódios, ela entrou pra equipe, mas ela está numa fase de pós doutorado por muita demanda, então ela não consegue estar muito presente, mas ela colabora com a gente hoje de maneira mais pontual. E foi graças à Luciana que a gente contactou a Thais França. A Luciana estudou, pegou algumas referências da Thais França durante uma pesquisa dela. Então é isso. Essa é a nossa divisão.

É, enfim, agora a gente está chegando já na partezinha final da entrevista e você mencionou que você tenha uma formação na área de direitos humanos, né? É uma pós graduação, mestrado e qual é o seu currículo nessa área? Assim, se você faz curso para direitos humanos, mas a fundo nesse sentido.

Foi um mestrado que eu fiz aqui na França. Tem uma categoria de mestrado que chama *Master Pro*, é profissionalizante, então tem um *Master Recherche* que é para a pesquisa e o *Master Pro* que é profissionalizante, não quer dizer que quem faz o Master Pesquisa não possa atuar no meio mais prático, né, de terreno e vice versa, mas é porque existe essa divisão para orientar melhor os alunos e eu escolhi o *Master Pro* porque eu queria justamente fazer estágios, ter experiência profissional durante o *Master* e foi isso que me abriu portas para continuar aqui, foi assim que eu consegui um emprego na associação onde eu fiquei trabalhando depois durante 7 anos. E aí foi o *Master* de dois anos e meio. Depois disso eu comecei a trabalhar numa ONG que luta contra a pena de morte e eu fiz alguns cursos através da ONG, alguns cursos sobre gestão de projetos, sobre projetos de sensibilização aos direitos humanos. Hoje eu não estou mais nessa ONG, agora eu trabalho numa outra frente, que é sobre igualdade de gênero na ciência e tecnologia, incentivando mulheres e meninas que trabalham ou que gostariam de trabalhar ou de fazer um curso na graduação, na área de tecnologia, ciência, matemática e engenharia. O *gender gap*, a diferença, o abismo ainda é muito grande, né, entre mulheres e homens nessas áreas tecnológicas científicas, então esse projeto em que eu trabalho ele busca diminuir esse abismo. Os cursos que eu fiz, as formações que eu fiz foram pelo meu trabalho, entende? Foram cursos de uma semana, mas tudo através do trabalho. Não me inscrevi em outros cursos de graduação, universitários, não.

Bacana. Qual sua opinião, o que você acha, como você percebe a importância e a atuação da internet hoje em dia para criar uma comunidade brasileira e para ser um espaço para denúncias e relatos?

É essencial e ainda mais pra gente que é imigrante que não está aí no Brasil, no terreno, no dia a dia, a nossa forma de estar mobilizado é através da internet, é graças à internet, principalmente, né? Claro, existem outras formas, contribuição financeira e de recursos materiais, mas a internet é uma forma que é bem cotidiana, tá presente no nosso bolso o tempo todo, né, no computador. Mas a gente ainda está muito aquém da extrema direita, né? A gente está muito atrás, né, nesse domínio dessas ferramentas de comunicação. A extrema direita se apropriou muito bem disso, então acho que a gente que está nesses grupos progressistas têm que aprender a comunicar de uma maneira mais assertiva com as pessoas de fora da nossa bolha, por isso que eu falo muito de bolha, né? Porque eu percebo que é muito difícil furar, é muito difícil chegar em quem pensa diferente, é muito difícil pregar para não

convertidos. A gente cai muitas vezes facilmente no conforto de falar para quem já compartilha dos nossos valores e assim a gente não consegue transformar, né, e criar impacto positivo, que é o que a gente mais precisa. Então acho que a internet é essencial. É graças à internet que a gente criou o podcast, né, e no meio digital, é uma plataforma totalmente digital mas que tem repercussões concretas na vida das pessoas, seja de forma subjetiva, ou seja também de forma prática, né? Por exemplo, agora a gente está há menos de uma semana das eleições e a gente está se mobilizando para quem ainda não conseguiu hospedagem, poder vir votar aqui nas capitais, por exemplo, aqui na França, o único colégio eleitoral é Paris, talvez em Marseille, mas eu nem sei, acho que não, acho que esse ano só em Paris, então quem mora em outra cidade, quem mora no sul da França em vir para Paris votar, e isso requer recursos, né? Pagar uma passagem de ônibus, uma hospedagem e aí a gente já tava no privado conversando com algumas ouvintes sobre isso, eu aqui em Paris posso receber, a PK também, a Mairê em Barcelona não sei se ela vai poder receber, mas enfim, tem amigas que podem receber e tem outras ouvintes também, ouvintes que moram, sei lá, na Noruega, na Dinamarca, na Nova Zelândia, que podem receber pessoas. Então isso a gente está coordenando, a gente vai fazer um post inclusive hoje à noite, para quem ainda não conseguiu, poder entrar em contato com quem tem disponibilidade. E *voilá*. É uma maneira de fazer também algo de concreto, né? Usar as redes para trazer a impacto concreto aqui para fora das redes (risos).

Legal e eu ia te perguntar exatamente isso, né? De que forma você acha que a sua plataforma hoje em dia ajuda a criar uma rede de brasileiras que se apoiam, que se ajudam para além do contar [as vivências] e isso já é suficiente, eu acho, né? Já é muito, na verdade, contar essas suas vivências e compartilhar experiências. Mas assim, além desses quais eram as formas que você percebe que a sua plataforma ajuda a criar uma rede?
Eu acho que esse é um exemplo. Outro exemplo também é indo além do projeto em si, mas o que eu falei mais cedo sobre outras organizações, a gente tem uma parceria com a REVIBRA, que é a Rede Europeia de Apoio a Vítimas Brasileiras de Violências de Gênero. E esse episódio, essa série de episódios que nós fizemos sobre violência de gênero foi em parceria com a REVIBRA então não só a rede se estrutura em torno do projeto, mas também ouvintes nossos puderam conhecer a REVIBRA e membros da REVIBRA puderam conhecer o podcast. Então, essa ponte também entre redes que já existem, já estão mais ou menos estruturadas. A gente tem um projeto também de um dia promover um encontro de ouvintes, mas precisa de orçamento para isso, então isso é um projeto mais lá pra frente, promover encontros, promover trocas, mas por enquanto, está no papel. Quer dizer, tá na cabeça, nem no papel tá (risos)>

E além desse projeto para o futuro, vocês já estão estruturando outras coisas pro podcast, outros quadros ou outras ações pra fora no off né, nos bastidores?
Não, pra ser sincera, não. A gente está ainda pensando como é que vai se organizar em 2023, porque todo mundo tá cheio de desafios profissionais, mudanças nas vidas pessoais, então a gente está tentando ainda fazer com que ele não pare em 2023, depois talvez conseguir pensar em outra coisa, conseguir expandir. A gente vai precisar talvez de mais membros porque

como é um trabalho voluntário, é difícil, né, alocar muito tempo. Por enquanto, a gente tá tentando sobreviver (risos).

APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 6

Entrevistadora: Ana Carolina Paiva
Entrevistada 6 - Portugal
Duração da entrevista: 1:07:09

Pra começar eu quereria entender um pouquinho da sua história de imigração. O que te motivou? Como esse processo aconteceu e qual o motivo que você escolheu esse país?
Eu já tinha essa vontade de morar fora, assim, de ter essa experiência intercultural, de viver em outro país. E aí, na minha universidade… eu comecei a graduação no Brasil e a minha área é psicologia… Aí a universidade tinha acordos, assim, de intercâmbio com outros países e eu aproveitei a oportunidade e me inscrevi, acabei passando no processo seletivo que eles tinham e vim para cá. E aí eu terminei… o programa intercâmbio durava um ano. Só que aí depois eu decidi ficar e continuar aqui e terminar aqui a graduação, porque aqui nós conseguimos em menos tempo a licenciatura e mestrado. No Brasil são 5 anos de… pelo menos da psicologia, 5 anos de licenciatura mais 2 de mestrado. E aqui são só 3 de licenciatura e 2 de mestrado. Então com 5 anos eu já estava com mestrado também. E aqui também você não precisa fazer prova pra entrar no mestrado. Se você já tem… se você está na licenciatura e depois quer continuar na mesma universidade, você tem que fazer a matrícula, praticamente, no mestrado. Não tem nenhum processo seletivo como no Brasil, que é mais concorrido e tudo. E aí eu fui vendo essas questões, assim, que eram um pouquinho mais fáceis nesse sentido. E acabei decidindo ficar para terminar tudo. E aí eu fiz a licenciatura, eu pedi transferência do meu curso no Brasil, terminei a licenciatura, depois já comecei o mestrado, fiz os 2 anos e terminei o mestrado. E fui ficando, ficando, ficando e além da facilidade nesse sentido, né, de conseguir ser mais fácil para um mestrado, eu acho que também pesou muito na minha decisão de continuar, foi a questão da segurança no sentido de poder andar na rua sem o medo de ser assaltada. Só que por outro lado, uma coisa que eu noto, que eu não sabia quando eu vim para cá, eu escolhi Portugal e escolhi vir pra cá por causa da questão do idioma que se eu fosse pra um outro país, com um programa de intercâmbio, eu ia ter que fazer uma prova de idioma e ter um nível específico de fluência em espanhol ou inglês e pela questão da nacionalidade também, né, da documentação que aqui com 5 anos você consegue nacionalidade, depois… consegue teoricamente, né, você pode dar entrada. E aí, assim que eu cheguei, eu estou aqui por 5 anos, estava demorando mais ou menos um ano para esse processo e agora, com a quantidade de brasileiros vindo, demora mais ou menos dois, do que a senhora lá na conservatória, que é o tipo de cartório que a gente faz o pedido, explicou, ela disse que agora está demorando dois anos. Mas aí quando eu vim, eu tinha essa questão da facilidade do idioma, da documentação e essa visão que eu tinha também que aqui tudo ia ser muito melhor do que no Brasil que aqui teria segurança em todos os sentidos, assim, só que depois eu fui vendo que não era bem assim, né? Que tem a questão da xenofobia muito forte, tem a questão do racismo muito forte. No Brasil eu sei que obviamente, também sem esses dois problemas, mas acho que no Brasil a gente já está… agora retrocedeu, né, (risos) com o governo atual, infelizmente. Mas eu acho que a gente já está mais avançado em relação aos debates, sabe? Conseguir enxergar que a sociedade é

racista e conseguir debater isso. Racista e xenófobo, machista, misógino… E aqui em Portugal eu não vejo muito isso, eu acho que ainda é um tabu muito grande de se falar, de se discutir. O que também impede que exista avanços no sentido de combater essas violências. E aí no começo eu tinha essa visão que era tudo muito seguro. De fato, é seguro no sentido de você conseguir sair com com seu telefone e voltar para casa com ele. Mas por outro lado, para a mulher é muito complicado de ter essa segurança. O que eu sinto é que existe mesmo uma falsa sensação de segurança para mulher voltar tarde da noite para casa, coisas assim. Comigo diretamente nunca… aconteceu uma vez de eu estar com amigas, assim, saindo de uma boate e ser seguida por um grupo de homens depois te escutaram o sotaque e viram que nós éramos brasileiras de seguirem, assim, começar a gritar "brasileiras, brasileira". Mas para além disso nunca aconteceu nada muito mais grave, mas de outras mulheres eu já escutei, assim, de estupros a estar andando na rua voltando do trabalho e um cara abordar e perguntar se a mulher fazia oral e, tipo, mostrar o pênis, abaixar a calça, coisas assim. Eu sei que também acontece no Brasil, mas é uma coisa que aqui, como eu estava falando, né, não se fala muito, não se discute, acontece, mas todo mundo se cala e passa essas sensações de segurança mesmo. O que eu vejo é que, como as pessoas também não denunciam, e eu percebo perfeitamente, porque você vai reviver esse trauma, tendo que relatar para um desconhecido, que geralmente é um homem que vai te julgar por você ser mulher. Se você for brasileira, vai te julgar por você ser brasileira também. Então eu sinto que não existem… eu sinto e eu vejo, que não existem muitos dados por isso, porque as pessoas não se sentem seguras, mesmo, para denunciar, e as que se sentem e vão eu também eu escuto relatos que foram vitimizadas na delegacia, que foram culpabilizadas e, as vezes até que os policiais se recusaram a registrar queixa que a pessoa acabou desistindo nesse processo de revitimização. E aí acho que por isso também acaba não existindo muitos dados e passando essa imagem de que é um país super seguro e tranquilo pra se viver, para a mulher também e não é bem assim.

A falta desses dados também implica em falta de políticas que ajudem a prevenir esse tipo de situação.

Sim, e o que eu vejo também é que no papel é tudo bonito. Eu fiz estágio em uma associação na graduação que trabalhava justamente com isso, com pessoas que foram vítimas de algum crime. E o que eu vi, assim, era que as pessoas que conseguiam denunciar… existe um papel aqui que o nome é Estatuto de Vítima, quando você vai denunciar um crime que você que você sofreu, você recebe esse papel e tem um específico que é o Estatuto de Vítima Especialmente Vulnerável. E aí nesse documento, quando você sofre, por exemplo, violência doméstica, e eu acho que é abuso sexual também, quando é um crime assim, mais… que eles consideram que é mais delicado, você recebe esse outro estatuto que é um estatuto mais especial e confere alguns direitos. E aí, quando você vai ver no papel, tipo assim, são eu acho que uns 5 folhas, mais ou menos, com todos os direitos que você tem, mas quando você vê na prática, não funciona. É só no papel, assim, pra pessoa conseguir… não são todas que conseguem, infelizmente. Acho que… a ideia que se tem e o que se tenta passar é isso também, que existem políticas, e que a mulher está muito amparada e que você tem que denunciar mesmo. Mas por outro lado não funciona muito efetivamente.

Acho que você chegou a mencionar, mas não consegui entender direito. Há quanto tempo você mora em Portugal?
Há 5 anos e alguns meses.
E durante esse período, você percebeu que tem algum aspecto da cultura brasileira que você ainda mantém muito forte e quais são também os que acabaram se mesclando com a cultura portuguesa?
Eu acho que o que eu mudei muito foi… eu acho que, infelizmente, perdi um pouquinho do meu sotaque, falo com as pessoas, assim, geralmente (elas) têm dificuldade de identificar e de perceber da região e de onde eu sou. Acho que o modo de me relacionar com as pessoas também no sentido de ser mais fechada. Só que também é uma coisa que depende do contexto. Se eu tiver num contexto, com pessoas que são brasileiras, eu consigo ser a mesma pessoa que eu era no Brasil e ter essa abertura e essa relação diferente. Se eu estou no contexto com pessoas portuguesas, eu tendo a ficar mais fechada e esperar que as pessoas me deem essa abertura para que eu consiga também ser mais aberta e tentar estabelecer uma intimidade maior. Eu acho que o que mudou, principalmente, foi a maneira de me vestir, assim, até em relação às cores, assim. No Brasil acho que usávamos mais roupa colorida e depois que eu vim para cá, passei a usar cores de roupas mais neutras. Acho que porque é uma coisa que que faz aqui, eu peguei esse hábito. E de evitar mesmo, também, assim, mostrar mais o meu corpo, embora aqui eu vejo que as mulheres, principalmente europeias, tipo alemãs e de outros países, assim, mais do Norte da Europa, usam, assim, roupa curta e principalmente no verão você vê mulheres com com shorts muito curtos, com tops e andam, assim, no transporte público tranquilamente ninguém diz nada, mas também porque são magras, então acho que a sociedade confere isso: se você tem mais curvas, você não pode usar certas roupas porque você chama atenção, se você é super magra, você pode usar um short mais curto e que mostre a "polpa da sua bunda" e um top e tudo bem, ninguém diz nada. O que não é problemático no sentido de "mulher tem direito de andar como ela quiser", mas o problema está nessa diferenciação que se faz: mulheres com corpo de um jeito não podem usar tais roupas e mulheres com corpo de outro podem usar. E aí eu acho que comecei a usar roupas também mais fechadas e um hábito que eu tinha no Brasil e que tento manter aqui, mas embora acho que teve um período também que eu não conseguia muito fazer isso, é aqui as pessoas têm muito o hábito de a cultura de ir ao ginásio, academia no Brasil, aqui chama de ginásio, não é tão forte como é no Brasil. Tipo, aqui não se tem muito esse cuidado com o corpo e essa exigência que existe no Brasil, o que é bom e eu sinto isso também, até por exemplo… No Brasil a gente tem mania de usar… tem mania ou é socialmente obrigada, imposta a fazer isso, andar de salto alto se você for no numa boate, num lugar assim. Aqui não tem muito isso, as mulheres vão de tênis e vão confortáveis e está tudo bem. No começo achei isso super estranho e depois eu me acostumei. Hoje em dia tenho pouquíssimos sapatos de salto e não saio mesmo. Até porque as calçadas aqui também são mais complicadas de andar de salto, enfim… Voltando… Aqui, eles não tem muito esse hábito, mas existe a academia. Só que o que eles fazem diferente, pelo menos da época que eu estava no Brasil, não sei se hoje isso mudou. Mas aqui as pessoas não andam muito com a roupa da academia na rua, tipo, não tomam banho em casa e depois do treino tomando o ginásio, na academia, tipo, vão com a roupa de trabalho, seja o que for, troca lá, depois toma banho e volta para casa com a roupa. Só que eu acho, pessoalmente, meio nojento tomar banho na academia,

então eu prefiro ir com a roupa e voltar com a roupa, só que eu vejo que as pessoas me olham diferente na rua e tento cobrir, tento colocar um casaco alguma assim. Teve um tempo que eu meio que tentei me obrigar a fazer isso, ir com a roupa normal, trocar e tomar banho lá, só que eu via que eu perdia muito tempo, até porque, às vezes, quando eu chegava em casa, principalmente no verão agora, eu já tava suada de novo, e tinha que tomar outro banho, era perda de tempo, assim, não era funcional para mim. E aí eu acabei tentando adotar esse hábito, mas não funcionou e aí eu voltei para o que eu era. Eu acho que essa questão de saltos também, que eu falei, que mudou, assim, que acabou mesclando com a cultura deles aqui.Eu não sei se tem mais alguma coisa, mas que me vem à cabeça agora são essas questões.

E tem algo que você se "recusa" a mudar, algum traço da identidade brasileira que você quer manter, assim, para mostrar que você é brasileira?
Eu acho que o meu modo de falar, eu me recuso, assim. Tem umas palavras aqui que eles pronunciam. tem palavras que muda um pouquinho a pronúncia, mas é uma coisa que não faço questão, embora eu falei, que já tinha perdido um pouco, né, por causa da convivência com as pessoas aqui, acho que não dá para manter 100%. Mas meu sotaque, jeito de falar é uma coisa que eu tento manter, acho que até pelo meu meio aqui ser mais de brasileiros também, eu tenho algumas amigas portuguesas mas a maioria são brasileiros, então, acho que também não é uma coisa que eu vá perder com facilidade que eu preciso lutar muito pra não perder.

E como foi a sua adaptação à cultura, ao clima, às pessoas, à comida?
Para mim, acho que mais difícil foi o clima porque eu cheguei a conclusão que no nordeste não havia inverno (risos), não havia frio, depois que eu vim para cá. Mas eu acho que além do clima, essa questão mesmo da xenofobia, de muita gente enxergar brasileiros e africanos aqui como sendo um povo inferior e como se ainda tivessem esse poder colonial de tratar brasileiros e africanos, (ou) de países que Portugal colonizou, como se fossem inferiores, como se fossem menos inteligentes. E a questão do estereótipo também das brasileiras que são prostitutas, que vêm pra cá para roubar marido, coisas assim… Pra mim foi difícil porque eu não esperava isso. Eu vim e visão que era passada para mim era aqui o pessoal era acolhedor, que era primeiro mundo, era Europa… E depois eu fui vendo que não era bem assim. Acho que foi a coisa que mais me chocou daqui.

E o seu processo de imigração, do momento que você foi como estudante, você teve alguma dificuldade neste começo ou foi tudo meio parecido?
Eu tive… acho que a primeira dificuldade que eu tive foi logo em relação ao idioma, porque embora seja a mesma língua mas eu lembro que na primeira semana, quando eu estava na universidade, nas primeiras aulas os professores falavam e eu não conseguia entender nada mesmo porque aqui eles falam com a boca mais fechada e tem essa questão do sotaque que é diferente, então não conseguia mesmo entender. A professora falava e eu pensava que, sei lá, era outro idioma (risos), não entendia mesmo. Teve uma situação engraçada também, que assim que eu cheguei eu fui ter uma reunião com a minha coordenadora do curso e ela começou a falar, tava eu e ela na sala e ela começou a falar: "Ah porque a *Entrevistada 6*" e tipo, falar alguma coisa, só que a *Entrevistada 6* que ela tava falando era eu e eu não

conseguia entender que era eu porque no Brasil a gente não faz isso. Se a pessoa está presente você não diz o nome da pessoa, só se ela não estiver. E aí depois que ela falou umas três vezes, foi que eu vim entender que a *Entrevistada 6* era eu. Tiveram outras coisas assim também, de palavras mesmo, não existem no Brasil e que eles usam aqui que eu demorei um pouquinho a perceber o que era e depois fui percebendo. Acho que na primeira… Mas isso foi só na primeira semana também. Acho que não demorou nem uma semana de conseguir ir pegando isso do sotaque, do que eles falavam. Mas outra coisa que eu senti dificuldades foi também a recepção das pessoas na sala de aula. No Brasil acho que a gente recebe muito bem quando é um estrangeiro, principalmente se é um estrangeiro europeu, americano. E aqui eu não me senti acolhida, as pessoas na turma não falavam comigo, eu tinha dificuldades de conseguir grupo para fazer trabalho. Eu lembro que eu também, assim que eu cheguei eu morei com três meninas que eram do mesmo curso que eu, ou seja, psicologia, então supostamente eram pra ter uma empatia diferente, e na casa eu lembro que quando elas muito me cumprimentavam era um bom dia, um boa tarde, mas nada muito além disso. E fora do contexto da casa, se elas me encontravam na universidade, que elas também tinham aula, inclusive algumas matérias comigo, parecia que, assim, não conhecia. Quando muito davam um tchauzinho mas na sala de aula ficavam entre elas e não faziam o menor esforço para tentar me conhecer e saber com quem elas estavam morando, quem eu era e aí tentar… não sei, ter curiosidade, mesmo, da minha vivência, das questões do Brasil, de ter essa troca de cultura, não havia. E foi uma coisa porque aqui eu estudei em mais de uma universidade: primeiro quando eu vim fazer o intercâmbio foi em uma e depois eu mudei e fui para outra. E nas duas eu senti muito isso, assim, as pessoas que eu consegui me juntar eram brasileiras (risos) mas os que estudavam aqui não, e no mestrado eu lembro que tinha um grupo de pessoas que eu fazia trabalho e que a gente tinha um grupo no WhatsApp e conversava ainda de vez em quando, mas também não era amizades de tipo, marcar de sair, de conhecer a vida do outro, era uma coisa mais da universidade, de assuntos assim. Então eu não me senti acolhida. As amigas que eu tenho que são daqui são mesmo desse outro estágio que eu fiz, não eram da universidade, mas que por eu encontrar elas frequentemente, quase todos os dias da semana e estar muito tempo no mesmo espaço, acho que isso também facilitou um pouco de poder conhecer melhor e lidar com as frustrações também da profissão, essas coisas assim, acho que isso aproximou a gente um bocado. Mas fora elas não tem, assim, outras pessoas, o resto são todos brasileiros e que eu conheci também no contexto da universidade, só que de outros cursos. Mas aí depois nós ficamos amigos, assim, somos amigos até hoje. Tem um grupo grande de pessoas e aí um foi conhecendo outro e foi apresentando outro e o grupo foi crescendo e são os amigos que eu considero, assim, mais próximos, que eu precisar de alguma coisa eu sei que eu posso contar. Mas acho que tiveram essas dificuldades e também eu presenciei algumas situações de xenofobia, assim, na sala de aula de professores perguntarem… não foi comigo mas foi chocante, assim, de ver acontecer na sala de aula e nem eu consegui fazer nada, tipo, a pessoa que passou não conseguia fazer nada, eu não consegui fazer nada, porque eu fiquei assim "isso está acontecendo?" e acho que as pessoas da sala também tiveram a mesma reação que eu, de ficar aquele silêncio constrangedor e, tipo, ninguém conseguir falar nada e confrontar o professor. Mas eu lembro que teve um que perguntou à menina se ela falava português porque ela não sabia o que era reprografia, uma palavra que a gente não usa no Brasil, e que é tipo xerox, de tirar cópia. E aí ela não sabia, né,

porque não é uma palavra que se usa e ela foi perguntar a professora o que era e a professora falou “ah mas eu não tenho que ensinar tudo, e você fala português” e todo mundo ficou tipo “o que tá acontecendo?”. Teve outra também que foi com essa mesma menina. Depois, infelizmente ela ainda desistiu do mestrado. Não sei se por isso, por que ela não conseguiu se adaptar… Eu ainda tentei conversar com ela, assim, depois que isso aconteceu, né? E falar que “é assim mesmo mas as coisas vão melhorar e você vai conseguir, daqui a pouco, entender e ter menos dificuldades de entender as palavras que são diferentes” mas depois ela acabou desistindo. Teve uma outra situação que ela chamou a professora de “você” e aqui eles tem muito isso de tratamento. Você não pode tratar uma pessoa por “tu”, porque é muita intimidade, eles se ofendem. Você tem que pedir permissão da pessoa se quiser tratar ela por “tu”. E a menina chamou a professora de “você” só que outro professor depois explicou porque ela foi perguntar o professor em outra aula e esse professor era diferente e explicou pra ela o porquê e aí eu entendi também. Ele explicou que quando é uma pessoa mais velha, você não usa o “você” porque também é desrespeitoso, tipo, a palavra mesmo. Você conjuga os verbos usando o “você”, mas você não usa o “você” diretamente. E aí, como ela usou “você” diretamente pra professora, a professora se ofendeu, parou a aula toda, assim, pra dizer que não era para chamar ela assim. E aí todo mundo ficou, também, constrangido, e a menina ainda foi se justificar e falar “não, professora, mas é que eu sou brasileira e no Brasil a gente fala assim” e tal. E aí a professora ainda queria saber mais do que ela, que é brasileira, que nasceu lá, e começou a corrigir e falar “não, porque eu já fui no Brasil e vocês não falam assim” e ficou um tempão nisso, assim, ela tentando constranger a menina. E depois foi engraçado que conheci no estágio uma outra menina, que também é brasileira e começou depois de mim… Aí a gente estava conversando porque ela é da mesma universidade, ela agora está fazendo esse estágio, e ela estava me contando que essa história do “você” e da da professora ter parado a aula até hoje corre nos corredores de universidades, que os alunos foram espalhando, assim, e hoje a professora está aposentada. Mas foram duas situações, assim, que eu acho que me marcaram mais no contexto de sala de aula.

E assim esses relatos só por existirem, já são muito chocantes. Mas teve alguma outra situação ou algum outro, sei lá, hábito português que tenha te chocado muito? Assim, como se não fosse suficiente o racismo, a xenofobia e o sexismo “velado”. Teve outra coisa que te chocou nesse período?

Eu acho que o mais chocante foi isso mesmo, essa questão desse pensamento ainda colonial e essa falta de interesse de receptividade que eu esperava ter e que a gente tem no Brasil e que não tive. Acho que talvez eu esperasse que por, não sei, por Portugal ter colonizado o Brasil, a gente teria hábitos mais parecidos nesse sentido de receber bem, de ser mais acolhedor. Mas depois que cheguei aqui eu vi que não. Acho que são essas 2 coisas assim por agora, não me vem mais nada para mim. E também muito essa questão de tratamento, né? De você falar com outra pessoa e não poder usar o “tu” e até um costume que eles têm aqui também, que eu acho um pouco estranho, é tratar as pessoas por doutor e doutora. Só que não são só, por exemplo, advogados, que a gente usa isso no Brasil, e médicos. Qualquer pessoa que tenha diploma universitário de nível superior eles chamam de doutor/doutora e às vezes, até uma amiga minha que ela agora está no doutorado, e ela disse que aqui eles têm o costume de fazer isso e ela acabou fazendo também para poder conseguir, de certa forma, ser mais

respeitada também, porque ela também é brasileira, de colocar no cartão de crédito (risos) o doutor e o doutora. Antes do nome dela tem o título de doutora. É uma coisa que no Brasil eu nunca vi, acho que não existe. Mas que aqui eles têm muito esse cuidado do título e do jeito que você se refere a outra pessoa.

Acho que você acabou mencionando na sua fala, mas você não sofreu nenhuma situação de xenofobia, né, você mesma, ou já?

Eu já sofri não na universidade, mas no estágio que eu fiz. Uma vez uma senhora ligou pra lá porque precisava de ajuda, ela se recusou a ser atendida por mim, queria ser atendida por uma portuguesa primeiro quando ela ligou, porque nessa associação pra estar fazendo esse trabalho que eu fazia, nós tínhamos que fazer uma formação e você recebe o título de técnico, "técnico de apoio à vítima", que é pra trabalhar com essas pessoas que foram vítimas de algum crime e que precisam desses apoios que lá eles dão. Ela ligou pra lá aí a secretária atendeu, passou a chamada e aí quando eu comecei a falar com ela, super bem disposta, assim, disponível pra ajudar, aí perguntei do que ela precisava, como eu poderia ajudar e ela disse "ah, eu quero falar com uma técnica", como se que porque eu sou brasileira eu não pudesse ter a formação. Aí eu falei pra ela "ah sim, pois não, eu sou a técnica aqui" aí ela falou "ah não, mas eu quero falar com uma colega sua que seja portuguesa, não quero ser atendida por uma brasileira". Na hora eu fiquei assim… em choque, e pedi pra ela esperar um pouquinho na linha, né, coloquei a chamada em mudo aí falei com uma das colegas que estava lá, que depois a gente acabou virando amigas, nessa época a gente já era próximas e cada vez fomos nos aproximando e ela é portuguesa, e aí ela falou "desliga a chamada, diz a ela que não tem nenhuma outra disponível e desliga" e aí foi o que eu fiz. Eu disse a ela "se a senhora se recusa a ser atendida por mim, infelizmente eu vou ter que encerrar essa chamada porque não temos outra técnica aqui, com licença" e desliguei. Aí ela ligou de novo em seguida, eu acho que pra tentar me prejudicar, eu acho que ela esperava que a instituição me penalizasse de alguma forma mas eles foram, assim, impecáveis e ficaram do meu lado, depois todo mundo me perguntou se eu tava bem, se eu precisava de alguma coisa e tudo e até se ofereceram pra denunciar ela porque lá também tem advogados e tudo, eles falaram "olha, nós temos aqui os dados dela, se você quiser a gente até denuncia, porque isso que ela fez é discriminação, como que ela liga pra cá, que é uma associação que trabalha com pessoas que foram vítimas de crime, pra cometer um crime?" e aí eu disse que não precisava porque não valia a pena, pra minha saúde mental isso ia ser muito desgastante ter que lidar com essa denúncia. Mas aí ela ligou de novo em seguida, acho que pra tentar me prejudicar, e ai falou com a recepcionista de novo, disse que eu tinha desligado a chamada na cara dela, começou a dizer que… a minha colega que é recepcionista falou que… porque eu contei que a moça ligou, ela já sabia da situação, aí ela disse "ah eu soube que teve algum problema, que a senhora não quis ser atendida por uma técnica brasileira" e ela falou "ah, é, porque ela não tá conseguindo entender o que eu falo", ela jogou essa como desculpa e aí essa minha colega falou "é, no momento não tem nenhum outro técnico aqui pra atender a senhora, ligue pra outra linha", que eles têm lá, linha de apoio que é mais genérica, e aí passou o número pra ela ligar. Foi uma situação que aconteceu mais diretamente comigo e que foi... porque tem outras situações que vão acontecendo que são mais sutis, então a gente não tem como ter certeza de que eu sou brasileira embora eu tenha a sensação de que aconteceu por eu ser brasileira e pela

maneira que aconteceu. Mas (foi) uma situação que aconteceu que foi mais direta, assim, da pessoa mencionar e se recusar a ser atendida e teve essa situação, assim, que ocorreu mesmo comigo.

E, hoje em dia, qual a principal dificuldade que você encontra enquanto uma mulher brasileira aí em Portugal?
Eu acho que é cansativo ter que estar lidando com isso todo dia, mas que por eu vir de um contexto que eu consegui ter acesso a estudo e estar numa posição de mais... não sei se a palavra é privilégio porque todo mundo deveria ter esse direito, mas nesse contexto de ter conseguido estudar e não ter precisado... embora teve um tempo que eu também fui trabalhar num café, só que aí eu só passei um mês lá, e como não era uma coisa que eu precisava mesmo ficar porque meus pais sempre ajudaram no dinheiro, assim, eu acabei ficando só um mês mas também tive experiências negativas, assim, não tão diretas como eu tava falando, mas de começarem a perguntar se eu tinha vindo pra cá sozinha, o que era que eu fazia, se eu era casada... coisas assim que você vê que é por causa da sua nacionalidade porque a sua nacionalidade, no imaginário das pessoas, está associada a outras questões, assim. Mas da minha experiência em relação a isso e o que eu vejo é que, em cafés e empregos que você tem que lidar mais com o público, que são... que requerem menos estudos e coisas assim que as pessoas não valorizam muito, por exemplo, trabalhar com restaurantes, servindo mesa e coisas assim, que geralmente, infelizmente são os empregos que são destinados aos imigrantes que vêm pra cá porque eles precisam dessa mão de obra, as pessoas acabam sofrendo mais, então call center, porque tem muito essa questão que aconteceu também de certa forma comigo, nessa chamada que eu atendi. Mas as pessoas acabam sofrendo mais discriminação porque acho que as pessoas que discriminam sentem que podem fazer isso e que vão ficar impunes porque são pessoas que, no imaginário deles, tem menos educação e tem menos dinheiro, então não vão ter poder pra fazer muita coisa em relação a isso, acho que se sentem mais confortáveis pra discriminar e pra violentar essas pessoas. Mas da minha experiência eu acho que a maior dificuldade tem sido... eu acho que lidar mesmo com essas questões mesmo quando não são diretamente comigo mas que eu trabalho ouvindo essas histórias, né?! Então pra mim eu acho que é o que por um lado eu tenho dificuldade de ter que estar ouvindo essas coisas e tudo, mas por outro lado eu acho que também é uma coisa que me dá força de continuar fazendo o trabalho que eu faço, porque acho que se não fosse isso não teria um objetivo mesmo aqui, não teria... não sei se sentido é a palavra, mas... é, talvez seja, não teria tanto sentido em ficar aqui, acho que eu já teria voltado pro Brasil pra até tentar evitar de sofrer esse tipo de coisa, mas como depois eu fui vendo que era um trabalho necessário e importante, eu acho que é uma coisa que me motiva a continuar aqui tentando ajudar essas mulheres que passam por isso.

E agora já entrando nessa parte do seu trabalho, mesmo, de onde surgiu esse interesse de criar uma rede de brasileiras? Quando você percebeu essa necessidade?
Eu acho que veio muito dessa ilusão (risos) e frustração que eu tive no sentido de acabar não sendo o que eu esperava que fosse, o país e a relação com as pessoas e a maneira que eu esperava ser recebida e que as coisa aqui fossem. E acho que não só minha, mas da das minhas amigas também, porque não tem nenhuma que não tenha passado por alguma

situação, assim, de xenofobia mais direta ou mais indiretamente, e também surgiu muito, assim, no contexto da pandemia eu tinha aula por vídeo e ficava muito tempo em casa e acho que isso foi também uma oportunidade de tentar desenvolver algum projeto nesse tempo que eu estava mais em casa e tinha mais tempo. E aí acho que a gota d'água, assim, o gatilho, o estopim mesmo foi quando… eu lembro que um dia eu acordei e tinha uma mensagem de uma amiga no Brasil e uma reportagem que ela tinha visto no Instagram do Hugo Gloss, que era de uma brasileira que estava no Big Brother daqui (Portugal), e que uma portuguesa também estava participando e disse pra ela assim, em rede nacional, que a mulher brasileira já nascia com a perna aberta. E aí quando ela mandou aquilo pra mim foi tipo assim "Mari, você viu que que isso aconteceu?" não sei o quê… E aí eu fiquei mais revoltada ainda e aí eu tentei canalizar minha revolta, minha frustração e essas coisas todas assim, esse misto de sentimentos de, na época já estava aqui há três anos, de três anos de vivência para isso. E aí eu falei "não, isso tem que ser exposto, as pessoas têm que falar sobre isso, tanto as pessoas estão aqui quanto as pessoas que pretendem vir precisam também ter essa noção de que vão passar por isso". Não que não venham, que no Brasil não tenham problemas, mas que venham sabendo que vão enfrentar também. E aí eu lembro que eu criei a página Instagram e no Facebook, depois saí mandando para para minhas amigas aqui, todas que eu conhecia e pedi para elas irem mandando para outras mulheres também. Aí fui recebendo histórias, assim, no começo eram histórias que dava pra ir postando. Eu acho que eu recebia umas duas, três por dia, então ainda conseguia postar tudo que eu recebia naquele dia. Mas depois chegou um momento que já não dava porque era muito. E aí depois eu fui vendo que tinha mesmo a necessidade de criar outros apoios. E teve um período que eu organizei porque eu via aqui que as necessidades eram muito de nível jurídico, assim, das pessoas quererem informação, saber quais eram os direitos, o que poderiam fazer, e a nível da psicologia também porque eu vi que era uma coisa que ia afetando muitas mulheres e como era a minha área, logo no início do projeto eu criei também um grupo de apoio e aí continua até hoje, nós temos reuniões semanais e são online. Então dá para participar de qualquer país, você sendo brasileira imigrante, não só de Portugal, mas tem outras meninas que participam e já está com mais de dois anos, né, que é o tempo do projeto, assim. E aí, depois outras mulheres foram entrando em contato, advogadas para oferecer ajuda para as mulheres que precisavam, porque eu comecei a receber também, além dos relatos, pedidos de ajuda e orientação. Só como não é a minha área, não sabia como ajudar e aí fui fazendo essa ponte entre as pessoas que tenham interesse em fazer esse voluntariado, de prestar esse apoio pra dar informações pra essas mulheres e as mulheres que pediam ajuda. E depois também foram aparecendo psicólogas que também estavam interessadas em dar este apoio de forma gratuita. E aí eu fui fazendo essa intermediação e a gente conseguiu ainda criar uma rede. Teve um tempo também que no site a gente divulgava mulheres estavam precisando de emprego, tipo, com as informações e qual a área da pessoa. Teve um tempo também que a gente tentou fazer uma parte lá do site para divulgar casas, assim, para alugar, porque também é coisa que existe muito aqui essa dificuldade de alugar para brasileiro, para imigrantes, porque eles ou não aceitam, ou, por exemplo, querem que você pague o aluguel do ano todo o que, pronto, é caríssimo você pagar o aluguel do ano de uma vez, né. É, e aí teve esse grupo também. Teve outro grupo que era para encontros presenciais,assim, justamente para mulheres que não tinham muita rede de apoio aqui, que estavam precisando fazer amizade. E aí foram surgindo

vários projetos, assim, durante esses 2 anos, só que depois eu também terminei o mestrado e aí tive que me dedicar muito à minha tese. E parou a questão da pandemia, ainda bem, então foram surgindo outras coisas e assim, a nível profissional também não tinha muito mais tempo pra está conseguindo gerir esses apoios todos. E aí acabou que hoje só tem mesmo os relatos, né, que as pessoas me enviam e que eu vou colocando lá, e que trazem essa reflexão, assim, para as pessoas que querem vir, para as pessoas que estão aqui, que já passaram por alguma situação, e o grupo de apoio, que é o que eu consigo gerir, porque sou eu que faço, é dedicar uma horinha ali da minha semana para isso, e aí eu consigo, mas os outros apoios todos, infelizmente por enquanto não deu para continuar.

Era uma coisa que eu ia te perguntar, inclusive, porque eu acompanho a página já faz um tempo. E teve uma época, eu entrei no site que realmente tinha várias frentes de atuação, e eu entrei recentemente, estava mais só, tipo, recebendo relatos ou entrar em contato pra alguma coisa e aí você realmente parou de atuar nessas outras frentes porque você não conseguia dar conta de tudo, porque não tinha pessoas para atender?
A demanda sempre tem, infelizmente. Mas eu não conseguia mais gerir mesmo tudo isso. E aí acabou ficando pesado e eu realmente não dei conta. Aí eu tive que escolher e, por enquanto, abri mão dessa parte da rede de apoio.

Quais são os pontos positivos e os pontos negativos que você encontra gerenciando uma página que tem esse tipo de objetivo.
Nos postos positivos, eu acho que é como eu estava te falando, a questão de eu sentir que existe esse propósito aqui para mim, me sentir realizada no sentido da minha profissão e no sentido que eu vou conseguindo fazer alguma pouca diferença na vida dessas das pessoas, na vida das pessoas que estão pensando em vir e construir sua vida aqui porque eu sei que no Brasil também não está fácil, acho que por isso também, por causa do do governo que tem muita gente e querendo sair… enfim. E os pontos negativos, eu acho que está muito ligado ao que eu tinha falado antes também, de ter essa carga emocional, de estar o tempo todo lidando com essas questões, embora sendo psicóloga também, é uma coisa que eu estou acostumada, que eu vou levar pro resto da vida por causa da profissão que eu escolhi mas que também é demanda que eu tenho que carregar como pessoa, né, como sujeito, que, pronto, antes da psicóloga também tem a *Entrevistada 6* que é um sujeito, e isso pesa um pouquinho, de escutar tanta tragédia, tanta coisa que eu acho surreal, assim, tem uns relatos que eu recebo que falo “como é possível que isso acontece?”. Para além disso, eu acho que… pronto, voltando para os pontos positivos, também tem o feedback das pessoas que vão dando… alguns, né, que eu recebo que eu vejo que eu ajudo de fato, assim, não é uma coisa que está ali só para expor nas redes sociais, mas principalmente agora, nesse grupo de apoio que estava te falando, eu tenho um feedback muito positivo, assim, das mulheres participam e que conseguem sair dali sentindo mais fortalecidas, emocionantemente, de sentir que o peso fica um pouquinho mais leve porque é dividido com com outras, né? Mas agora voltando para os pontos negativos além dessa questão da demanda das coisas, né, que eu vou escutando, também tem o outro lado do feedback, que não é positivo, das pessoas que são contra e que acham que eu to difamando o país delas, que voltam para aquela questão que eu estava falando no começo, dessa dificuldade que eu vejo muito aqui que eles têm de falar sobre as

coisas que são ruins, de debater, existe muito essa resistência ainda. Então, acabo recebendo muita mensagem, assim, de pessoas falando que eu to difamando o país ou que vão me processar porque o que eu estou fazendo é crime de ódio (risos) contra os portugueses, coisas assim que não são agradáveis de receber, então… xingamentos mesmo, já recebi. Coisa de pessoas usando palavras, mesmo, de baixo calão e me xingando e falando coisas ofensivas. Mas acho que a internet também acaba propiciando um pouco disso, né? Porque existe, de certa forma, um anonimato, se você quiser, você cria uma página aí, anônima, e tipo, supostamente ninguém sabe que é você, a não ser que a justiça resolva quebrar o sigilo e fazer alguma coisa nesse sentido. Mas para pessoas normais… para pessoas comuns, e que não têm esse acesso que a justiça teria, acaba que fica muito fácil de você xingar outra pessoa, e criar um perfil ali que ninguém vai saber que é você. Você pode ameaçar, você pode xingar e, teoricamente, assim, não acontece nada, porque mesmo que a gente denuncie, mas daqui que encontre aquela pessoa e que seja feita alguma coisa… Acho que são poucos os casos que de fato são levados à frente que a pessoa acaba sendo penalizada. Então tem esse outro lado também, assim, para para gerir: as pessoas que vão comentando e me ofendendo e fazendo ameaças.

E nesse tipo de ataques assim, já teve alguma tentativa mais séria de, sei lá, tentar derrubar página ou sei lá, te ameaçar mesmo, saber onde você mora.
Não, até hoje não. O máximo que já chegaram foi falar mesmo que estava indo à polícia (risos) pra me denunciar, mas até hoje…

E o motivo que você criou esse canal de comunicação foi por conta de alcance, você achou que, sei lá, as redes sociais poderiam ajudar a chegar nas pessoas ou teve outro motivo, assim, que ajudou a motivar, a dar o pontapé inicial?
O que eu percebi foi que no contexto da pandemia, as pessoas acabaram usando mais essa ferramenta, né, para se comunicar e tudo, e acho que também eu vi como oportunidade essa mesma questão que eu estava falando, do anonimato. Porque os relatos são anônimos e o que eu sinto também é que as mulheres têm medo de se expor e falarem sobre suas experiências e sofrer algum tipo de retaliação quando se identificam. Então, a partir do momento que eu criei, já pensei nisso também. Eu acho que deu mais segurança e as pessoas acabaram se sentindo mais à vontade para contar as suas histórias, assim, de uma forma que se sentissem seguras e que não iam ser prejudicadas no sentido de alguém tentar entrar em contato, ameaçar, acaba que isso acaba vindo um pouco para mim, né, que sou a pessoa que faz a gestão, mas para as mulheres que que vão denunciando, pronto, fica tudo anônimo e as pessoas não sabem quem foi. Então acho que foram essas duas coisas que acabaram motivando mais que a primeira ideia fosse mesmo essa de criar essa página.

E ao longo do tempo, você foi criando frentes de atuação, você foi delimitando o melhor objetivo da página ou desde o começo você já tinha um objetivo inicial bem delimitado?
Não, no começo a ideia era mesmo só criar essa página e expor esses relatos, e aí depois, à medida que eu fui recebendo o feedback das pessoas, os pedidos de apoio e outras pessoas também se oferecendo para fazer parte e ajudar… teve um outro grupo, assim, nessa rede de apoio que também era dar aula de inglês, acho que teve espanhol e francês durante um tempo.

Teve outra menina que também se disponibilizou para oferecer aulas de ioga, então várias pessoas também foram acho que se inspirando um pouquinho com a ideia e tentando oferecer o que podiam, assim, de acordo com a profissão, com a disponibilidade de tempo. E aí foi muito legal quando eu tinha tempo para gerir isso tudo, né? Mas foi uma coisa que foi acontecendo e eu fui me adaptando e também vendo quais necessidades que iam aparecendo, não foi uma coisa que eu planejei e nem esperava que tivesse o alcance que teve, eu sabia que existe esse problema todo, mas não que nós estamos da dimensão, não sabia que era uma coisa tão comum e tão forte, e não esperava mesmo, assim. Foi acontecendo tudo. A rede de apoio, o crescimento da página e também fui recebendo muitos pedidos, assim, para dar entrevista em jornais e acho que isso também foi ampliando a visibilidade do projeto. Jornais, ou como você, assim, para a pesquisa de mestrado e doutorado, licenciatura… Foram parecidos, muitas pessoas interessadas nesse tema e que queriam falar sobre isso. E acho que isso também impulsionou aí que as pessoas fossem me conhecendo e se envolvendo também, tendo noção dessas coisas que acontecem que antes não tinham ou não tinham tanta.

Você tem alguma queixa que se repete com frequência, algum relato, denúncia?
A maior parte dos relatos que eu observo são muito ligados a essa questão do assédio sexual, assim, do corpo e desse esteriótipo que se tem da mulher brasileira, de imaginário colonial da mulher brasileira ser um corpo que é público e que está destinado mesmo aos homens daqui, que (as brasileiras) vêm porque querem se relacionar com um português ou querem (risos) roubar o marido de uma portuguesa. E o que eu vejo que você repete muito são essas questões, assim, em vários contextos. O que muda é muito o contexto, mas dos relatos eu acho que é o que mais acontece. E aí vai mudando no trabalho, na universidade, na escola, no transporte público, na rua, nos relacionamentos…

E você atualmente trabalha com alguma equipe fixa e, se sim, qual a área de atuação de cada um?
Não, no momento só sou eu.Por isso que é muita coisa para fazer.

Você falou que você é psicóloga e você tem algum recorte, assim, dentro da sua formação ou até mesmo fora, algum curso extra na área de direitos humanos, em relações internacionais, direito migratório, alguma coisa nesse sentido?
Não, o que eu fiz mais parecido com isso foi esse curso que eu tinha te falado, que é de técnica mas que é mais voltado para a realidade daqui, então dá para ter uma noção um pouco da leis daqui, dos apoios de como funciona, onde que a pessoa tem que ir se foi vítima de algum crime, mas uma noção, assim, muito geral. Mais específico que isso, uma coisa que seja mais de direito internacional, e coisas assim nesse sentido eu nunca fiz nenhuma formação, nenhum curso mais voltado pra isso.

Além das rodas de conversa que você proporciona hoje em dia e da possibilidade das mulheres exporem os relatos, de que forma você acredita que a sua plataforma ajuda a criar uma rede de brasileiras imigrantes?
Criar uma rede, eu acho que a gente consegue fazer isso de uma forma mais direta através desse grupo de apoio, porque as mulheres têm contato mesmo entre si, tiveram outros

projetos na página que eram voltados para isso, esses encontros presenciais que de fato eram pra mulheres que queriam fazer amizade e tudo. Mas em relação específica além desse grupo de apoio, eu acho que o que existe é você conseguir identificar no relato de outra mulher ou de tentar pensar como você reagiria se estivesse naquela situação, ou de você ver a história e… se foi uma história que a mulher conseguiu reagir e conseguir fazer alguma coisa, ter mais uma noção e alguma forma conseguir trazer isso para sua experiência, claro que quando você vivencia não dá para se prever a reação que vai se ter, até porque são coisas inesperadas e ninguém espera passar por isso. Mas eu acho que lendo os relatos e vendo os comentários também, o que as pessoas falam que "ah, já passei por isso e fiz isso" ou "nesse caso você pode fazer isso", tem pessoas também que vão comentando e eu acho que acaba criando esse vínculo,não tão direto, mas outra coisa que eu vejo também é algumas mulheres às vezes comentarem "ai eu eu moro em tal país e isso aconteceu comigo" ou "aconteceu algo parecido com alguém que eu conheço" e aí, outra mulher que está no mesmo país e que não tem apoio comenta tipo "ah, você mora aqui também?" e pede alguma informação ou combina alguma coisa, de me mandar mensagem no privado para se conhecer e se encontrarem, coisas assim. Então eu acho que também acaba criando um pouco disso, mesmo que seja de uma forma indireta.

E quando você ainda recebe relatos de, sei lá, pedindo ajuda jurídica e tal, como você atua nessa frente. Você direciona pra órgãos ou comunidades, para instituições que ajudam nesse sentido?

Quando nós tínhamos esse apoio eu encaminhava para as voluntárias, mas agora que não temos, uma coisa que eu fiz também foi pesquisar nessa área e ver quais os apoios que existiam. E aí existe uma organização que é a Support Victims e tem tanto na Europa como em alguns países, por exemplo, Estados Unidos, eu acho que tem também, e alguns outros países fora da Europa. É uma organização que reúne associações ou instituições que prestam apoio à pessoas que sofreram algum crime e aí cada país vai ter a sua específica e vai variar, a lei acaba variando de país para outro, mas o que eu fiz foi ter acesso à informação e tentar disponibilizar pras pessoas nas próprias descrições da das publicações. E aí, lá tem que o relato foi enviado por uma pessoa, aí tem acho que do grupo de apoio também, se a pessoa precisa de algum apoio emocional e um dos tópicos que eu coloco sempre é esse também, "se você foi vítima de crime no exterior você pode acessar" porque como cada pessoa está num país, você acessando o link dessa organização lá pelo site você consegue colocar o país e ver as entidade do país, e aí, pronto, é um apoio que a pessoa pode tentar ter, que não é diretamente a página que oferece, mas tem uma coisa que existe que a pessoa pode tentar contar com isso. E não como são nos outros países, mas aqui em Portugal a associação, que faz parte dessa organização também tem um setor que é justamente para apoiar pessoas que são imigrantes. Não sei se nos outros países também têm isso, mas aqui pelo menos tem. Então eles vão dar informações e vão oferecer apoios mais específicos de acordo com cada país que é uma coisa que, pelo menos no momento, não consigo fazer e não sei se eu vou conseguir porque é um trabalho pesado e que requer investimento nas pessoas e muitos outros… muitos acessos que eu não tenho. Mas existindo, é uma forma também de dar pelo menos uma orientação às pessoas de onde buscar ajuda.

E teve uma vez que eu já entrei no site, eu encontrei um relatório que você tem lá, número de onde está vindo a maior parte das denúncias, qual é o gênero da denúncia, como a gente ajuda e tal. Hoje em dia você ainda alimenta esse relatório? Tem algum documento que você consiga fornecer com insights, com dados?
Não, eu fiz isso no primeiro ano de projeto, que foi mesmo quando eu tinha tempo (risos) e agora eu infelizmente não tenho mais, mas de contar assim, mesmo, de um por um qual era o país e qual que era cidade e aí também em relação à rede de apoio, né? Quantas mulheres nós apoiamos em cada área dessas que eu tava te falando dos projetos que tem. E aí eu tenho isso do primeiro ano porque eu consegui mesmo documentar e para contar, mas já do segundo para frente já não tem. Não sei, se for relevante para a sua pesquisa eu posso te mandar, mas eu só tenho do primeiro ano, não tenho contabilizado do resto.

É relevante sim, adoraria, se você pudesse enviar, acho que seria uma fonte de informação muito preciosa. E pra finalizar, queria entender um pouquinho quais são seus planos para o futuro. Se você planeja continuar nessa mesma linha, você pretende expandir, contratar a equipe?
É uma boa questão (risos). Eu acho que vai depender muito de como eu vou estar profissionalmente, porque agora eu ainda estou tendo que fazer mais um estágio. E aí é uma coisa que também tem ocupado muito o meu tempo, porque aqui, além de fazer um estágio curricular da universidade, que é obrigatório no mestrado, pelo menos para psicologia, eu acho que isso varia de profissão a profissão. Quando você termina, você ainda tem que fazer um outro estágio que a gente não tem isso no Brasil, você vai direto, quando termina o curso, né, você se inscrever pra Ordem. Aqui não. Para você conseguir se inscrever pra Ordem dos psicólogos você ainda tem que fazer esse estágio de um ano. E aí é o que tem ocupado, assim, 99% do meu tempo e também não tem me permitido fazer outras coisas e me dedicar tanto ao projeto como eu gostaria e como eu me dedicava antes, porque eu tenho as minhas coisas pra fazer. Mas eu acho que vai depender muito de como eu voltar, quando terminar esse estágio, a nível profissional, se eu vou ter mais tempo de fazer as coisas, se vai ficar só nessa parte do apoio emocional e psicológico, se eu vou conseguir voltar para essa outra rede que tinha. Eu acho que vai depender. Eu queria muito poder fazer uma coisa maior, né? Porque eu vejo que existe muita necessidade, assim, muita demanda. Mas não sei se no futuro vou conseguir ter essa capacidade toda de fazer tanto.

APÊNDICE I - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 7

Entrevistadora: Ana Carolina Paiva
Entrevistada 7 - Estados Unidos
Duração da entrevista: 1:16:19

Então, para começar, eu queria entender um pouquinho da sua trajetória de imigração, o que te motivou, como esse processo aconteceu e porque você escolheu esse país?
Eu vou começar com a escolha do país, porque é uma coisa interessante, quando eu era mais nova, eu falo que eu nem visitaria os Estados Unidos e hoje eu moro aqui. Então claramente a minha escolha, não foi, né, o país. O meu motivo de mudança por muito tempo eu negava qual era o motivo real, mas hoje já tá sempre muito claro que é por amor, eu vim por causa do meu namorado na época. O ponto é: a gente namorava há dez anos, então não era um namorado de um, dois anos "ah meu Deus, uma paixão", era algo que a gente realmente sabia o que estava fazendo. Então… a gente se conheceu quando eu tinha 17 anos e ele estudava em outra cidade, ele é da minha cidade, mas ele estudava em outra cidade, e ele é da área do design, então ele depois trabalhou em vários lugares no Brasil e descobriu que Motion Graphics aqui era o lugar de estar. E, claro, né, você pensa assim "puxa, a pessoa tem que realizar o sonho dela". Ele veio e eu fiquei no Brasil. A gente ficou assim por um ano, antes de eu me mudar para cá. Então eu vim, visitei ele, e depois eu vim de mudança. E o processo de decidir vir não foi nada fácil porque eu sou muito apegada a minha família, então eu tinha essa dificuldade de me desvincular deles, então, como seria isso? E outra coisa que passava pela cabeça: "será que o meu namorado vai me convidar a ir morar em outro país?" e esse convite nunca aconteceu e de certa forma, eu acho ele correto, porque a decisão tem que ser pura e simplesmente sua. Claro que ela é feita em conjunto, mas a hora de falar assim "eu vou ou não vou" é individual. Então isso acaba sendo um problema no futuro, porque se você tem algumas dificuldades, fala "poxa, porque eu fiz essa escolha?", e é natural. Mas eu acho que é um jeito de valorizar também os seus motivos. Então esse foi meu processo, de forma bem sucinta. A forma que eu decidi vir foi sem vínculo com o visto dele, porque os Estados Unidos é um dos países com maior dificuldade para você conseguir visto de residente. Então eu não queria vir com o vínculo com ele, eu queria fazer minhas próprias conquistas, isso era muito importante para mim. Então eu vim com o visto de estudante, estudar inglês mesmo, apesar de eu ter estudado muito inglês no Brasil, já tinha um bom nível, então eu consegui ir pra um nível intermediário/avançado, e aí se eu quisesse ir para a universidade e tudo, esse curso me prepararia e preparou. E depois eu fiz um preparatório para o TOEFL, para poder continuar aqui, né? Na verdade, eu nem queria gastar esse dinheiro, mas eu tinha que fazer o TOEFL e eu falei "ai, já tem que renovar visto" porque esses vistos duram 3 meses, por aí, e não é barato. Então "peguei" e mudei de escola e fui fazer esse preparatório, fiz a prova do TOEFL e decidi estudar Produção na UCLA, produção de filme e TV, porque daria outro visto mais longo e no final com possibilidade de trainee. Então, tudo pensado, assim, nunca imediato, eu sou essa pessoa que eu penso futuro, eu sou ansiosa, então eu penso no futuro (risos) e sempre planejando tudo. Então a gente concluiu que esse era um curso que ajudaria e na hora que eu saísse eu teria emprego, dito e feito, consegui um emprego, outro visto. E por que que eu estou falando do visto? Porque em algum momento eu não consegui evitar o ter o

visto de esposa. Então todo esse processo, né, por mais que eu tenha tentado sair do Brasil sem vínculo com ele, em um momento caiu naquele vínculo. Tem gente que já vêm com visto de esposo, tem gente que acaba acontecendo isso, pelo menos eu me senti um pouco mais fortalecida de saber "eu fiz uma história minha aqui". Então responde, assim, sua pergunta? Tem algum detalhe do processo que você gostaria de saber em detalhes? Porque se não, depois disso acho que eu entro já na vida aqui mesmo, sabe?

Acho que seria legal você falar essa parte sobre o visto de esposa. Em que momento ele entrou? Como você lidou com esse processo?
Bom, eu já… então, quando eu terminei o curso da UCLA, que é a universidade da Califórnia, é um curso de extensão, né, então não é um curso de graduação, é como se fosse uma pós no Brasil. Eu saí e fui trabalhar numa empresa que era um dos nossos amigos, tinha acabado de abrir e eu falei "nossa, que boa oportunidade, porque eu vou poder aprender muito" porque era uma área que eu não… eu era advogada no Brasil, eu não tinha experiência nenhuma com produção, só que eu tinha um conhecimento da área por causa do meu marido, então o que ele contava eu sabia, então eu falei "tá bom, posso trabalhar nesse lugar" e aí eles fizeram o meu visto, né?! Eu acho que aqui tem uma questão de relação com o trabalho também, da nossa sensação de vulnerabilidade quando você tem um *sponsor* com seu visto, você se sente muito atrelada e muito responsável pelo que você vai fazer dentro daquele lugar porque "nossa, eles fizeram o meu visto", entendeu? "Eu posso estar aqui porque eles me acolheram". Você tem que ter muito cuidado com essa parte, porque você também está oferecendo algo a eles, né, não é só dar, não tem nada dado. E eu trabalhei lá, então de 2015 a 2018, três anos, mais ou menos, e aí eles não queriam fazer o visto que eu gostaria, que eu tinha preferência, e também outros vistos eu não me enquadrava, então ficou um pouco complicado nisso, eu não estava tão satisfeita nesse trabalho mais e sem… e eu sofri assédio moral lá, e eu não estava nem um pouco preparada para ir em busca de outro trabalho que precisasse pedir visto. E eu e o Daniel, que é o meu marido, a gente já tinha planos de solicitar o *green card* naquele ano de 2018, porém ele precisou de mais tempo. Isso foi um conflito entre nós, assim, porque eu falei, "puxa, e eu?", mas ele falava "eu não tenho segurança de enviar esse processo", mesmo com advogado e tudo mais, ele queria esperar um prêmio que ele recebeu e ele acredita que isso foi o que ajudou muito. Eu tenho as minhas dúvidas porque como advogada, eu tinha uma opinião também, mas enfim, o processo era dele e ele fez assim, a gente conversava mas a escolha era dele, tudo bem. Então esse tempo adiou o meu plano de ter um *green card* e ir trabalhar livremente. E aí, foi aí que entrou o visto de esposa de 2018 até 2020, né, que foi o início da pandemia, quando o green card chegou: Pandemia! Ai, que ótimo, né? (risos). Então eu acabei ficando mais tempo do que eu queria com esse visto de esposa, que é de acompanhante, né, ele não tem esse nome, a gente apelida ele com esse nome. No meu caso é o O, existe esse visto específico que é de pessoas extraordinárias, é até um nome muito… exagerado, mas é porque você realmente precisa de prêmios e de cartas de recomendação, então é um visto muito difícil de conseguir e a esposa não tem direito a trabalhar com esse visto, a acompanhante, porque teoricamente é um visto que você vem, faz seu trabalho e volta para o seu país. Só que muita gente utiliza esse visto para estar aqui, principalmente os artistas. Então a esposa acaba sendo prejudicada nesse tipo de situação. Então eu acabei caindo com esse visto. Foi bom porque eu podia ficar, né? E que

a gente tinha esse privilégio que eu não tinha que trabalhar para gente complementar a renda em casa, então é algo que favorecia, porém entra na parte emocional, né, você se sente bastante…. eu também encontrava trabalhos voluntários para fazer, comecei a escrever no Brasileiras pelo Mundo, você vai tentando ocupar o seu espaço de alguma forma, né? Então, foi assim que esse visto é, chegou na minha vida, assim.

Legal, e você foi pros Estados Unidos em que ano mesmo?
Eu vim era… 2013, foi quando eu vim. Março de 2013.

Legal. E durante esse processo de imigração e chegada no país, quais foram as maiores dificuldades que você encontrou?
É, então…. Para mim, o idioma, no início, ele não foi um problema, assim. Era engraçado que, claro, a pessoa nos restaurantes tem costumes né, já vem te perguntar o que você quer beber, então eles falam como se a gente falasse "e aí, tudo bem?" que a gente já nem pronuncia direitinho, né? Você fica olhando pra pessoa tipo "o que?" né? Então tinha um pouco disso, coisas super comuns, assim, nada grave, às vezes era se você queria Coca-Cola, falava Coca-Cola e você não consegue entender, sabe, porque tá no meio de palavras, então eu não colocaria a linguagem no início. Ela veio depois com vocabulários um pouco mais complexos ou de situações de trabalho que eu me sentia fora, então referências culturais, todo mundo ria, você não ri… então isso foi. Então quando eu cheguei… isso foi para frente, quando eu cheguei mesmo, para mim, foi a solidão, não tem ninguém, eu não tenho ninguém com quem conversar, com quem me apegar. E aí você fala "poxa, mas eu tenho que chegar aqui e imergir nessa cultura e viver o que está aqui, então não vou conversar tanto com as pessoas do Brasil" aí eu me isolei, me isolei do Brasil e me isolei daqui porque por mais que você tente, você não vai fazer amigos com qualquer um na rua, não é possível, não é assim acontece, né? Então seus amigos passam a ser num curso que você vai fazer, seja de inglês, seja de outro lugar, eles passam a ser seus amigos, só o que acontece? Eles vão embora. Então acaba que a solidão para mim foi a maior dificuldade. Eu não sou uma pessoa muito sociável, eu converso muito bem de um para um, mas grupos eu não me dou muito bem, eu fico na minha, sabe? Eu não me sinto muito confortável, então isso atrapalha também, porque muitas vezes você "ah, vou aqui num MeetUp", né? Se você não se posicionar, você não vai ser visto. Então eu tinha um pouco de dificuldade com relação a isso. O que mais? Primeiro a solidão. Mas eu não… em termos, por exemplo, se a gente falar "ai, não consigo tirar a carta", "eu não consigo fazer coisas práticas ou mercado" e tal, eu não achei isso muito difícil, mas porque eu tinha inglês, né? Então… e eu vim para um país que fala inglês e, o que eu acho muito importante, para um estado dos Estados Unidos que é diverso, que é liberal e que é aberto a quem não é daqui. Eu tenho certeza que outras regiões, talvez como North Carolina, ou regiões do norte que não é Nova Iorque, mas outras mais conservadoras ou que o pessoal vive mais no interior, acredito que as pessoas tenham mais dificuldade do que eu tive. Então, por exemplo, eu estava… coisas boas, né, eu estava com uma salada de frutas na minha mão porque eu estava indo para um piquenique da escola, né, da UCLA, na época do curso de inglês e eu tinha que pegar meu dinheiro para pagar o ônibus, (risos) e eu não tinha que fazer, assim, um rapaz falou assim "deixa eu segurar a sua salada de frutas", a cabeça de brasileira tava assim "você vai sair correndo com essa minha salada, né" (risos), "o que ele

vai fazer com isso?" Aí ele segurou, me ajudou, me devolveu, e eu entrei no ônibus. Então fiquei surpresa porque isso no Brasil nunca aconteceu comigo, entendeu? Então esse senso de comunidade eu percebi muito mais forte aqui. Então é interessante porque a minha dificuldade ela foi muito individual, sabe?

E é muito interessante você falar isso porque alguns relatos das entrevistadas que eu estou conversando falam muito sobre isso. Da individualidade da pessoa estrangeira, sabe? No seu caso, foi ao contrário. Você teve uma receptividade maior.
Foi, foi. Eu tento muito sorrir para as pessoas na rua, sabe? Eu tenho um pouco disso de ajudar e talvez por conta disso, eu sempre recebia ajuda, aí no Brasil também, às vezes, assim, eu tava lá no meu estágio de advocacia e eu não sabia para onde ir em São Paulo, num fórum lá que era enorme, vem um advogado e falou "tá precisando de ajuda?" eu "preciso" (risos), sabe? Eu acho que por eu ser receptiva e dar isso, eu acabo recebendo sem pedir, nesse caso. Então, acabou que no exterior isso se refletiu também, tanto que meu marido fala "seu mundo é completamente diferente do meu" (risos), mas acho que é por conta da personalidade, sabe, assim, vai de cada um. Mas, é, eu acho que a individualidade ela acaba sendo o que mais pesa, sim. Foi o que foi mais difícil. Tinha pessoas brasileiras, você acaba recorrendo à elas, no começo também, que é que é assim "ai o que você fazia quando você precisava de tal coisa?". Só que eu tenho um pouco daquilo de "vou me virar sozinha", então entrava na internet, eu procurava ali, vou lá e tal. Eu evitei um pouco dessa troca de dicas, uma coisa que é muito comum para outras pessoas, sabe? Mas é, eu ficaria com essa como a minha resposta.

E quais aspectos da cultura brasileira você acha que você ainda mantém muito forte e quais você acha que meio que se mesclaram com a cultura dos Estados Unidos?
Bom, eu sou do interior de São Paulo, Batatais, perto de Ribeirão Preto e muito perto de Minas Gerais. Então você vai reparar que o meu sotaque ele é muito caipira e o "porta", né, ele é próximo de Minas, não é o sotaque que você encontra em São Paulo, então eu me sinto muito da cultura mineira. Então eu gostava de sertanejo, mas não universitário, então era aquele mais raiz, assim, sempre gostei de axé, sempre gostei de dançar essas músicas ao mesmo tempo que na mesma época também gostava de outros estilos e de músicas estrangeiras. Então não foi muito complicado, né, vir aqui falar "nossa, olha essas músicas", então eu incluo sempre, desde sempre tem música brasileira. Até ontem mesmo a gente estava cantando e curtindo umas músicas aqui ontem de noite, porque alegra muito a nossa vida, é muito diferente realmente de você querer simplesmente ouvir a música que está tocando no momento. Eu acho que você ouvir músicas da sua infância, que você ouvia quando criança, traz esse senso de pertencimento para dentro do seu universinho, eu falo, que a sua própria casa. E para mim, ajuda muito ter um marido brasileiro da minha cidade, porque ele sabe qual era a igreja, a quermesse que a gente ia (risos), a saudade que a gente tem dessas coisas e nosso costume que era, porque a minha família é de origem italiana, então aquele costume de ir na casa da vó no domingo, comer com todo mundo, aquele monte de gente fazendo barulho e bagunça e ninguém se entende porque está todo mundo falando mesmo tempo. Então essas coisas a gente compartilha e consegue matar essa saudade contando memórias. Isso é um jeito. Eu amo Festa Junina. Então quando eu fiquei sem o…

eu já falava, né? Eu sou mais da Festa Junina do que do Carnaval e talvez faça sentido pela minha região, né (risos) caipira. E eu falava assim “nossa, sinto falta da Festa Junina”, então eu inventava umas festinhas entre nossos amigos pra gente fazer bolo de milho… Eu trouxe meu vestido de Festa Junina, para você ter noção (risos). E eu fiz duas festas juninas para arrecadar fundos para uma organização que trabalha com imigrantes, então eu quis trazer americanos para minha Festa Junina, contar pra eles o que é isso, porque que tem. E é difícil explicar às vezes porque né… mas eu conseguia e eles gostavam. Eles gostavam do sabor da comida, a gente só não fez a quadrilha porque explicar como é que a gente ia dançar não ia dar muito certo (risos) “olha a cobra” não vai rolar (risos). Então a gente não teve quadrilha, mas eles perguntavam se tinha e ficou linda a decoração, tudo. Algumas pessoas me ajudaram, porque você nunca faz nada sozinho. Então essas são minhas formas de trazer e viver essa cultura. Por muito tempo eu evitava comer comida brasileira até que um momento eu falei “isso é meu, pão de queijo faz parte do meu dia a dia, da minha vida”, eu não como sempre assim, né, mas tem sempre no freezer. Então eu falo que a melhor forma de representar a minha "brasileirice", eu chamo de brasileirice, eu sei que é brasilidade, mas eu gosto desse outro termo, assim, é o pão de queijo, é o que mais me identifica e eu conto pra todo mundo e todo mundo aqui nos Estados Unidos agora já conhece pão de queijo, tem nos mercados, tipo Target, Trader Joes, nesses que são deles mesmo, então isso é muito, muito legal, sabe? Acho que essa é minha forma.

E tem algum hábito que você pegou muito dos Estados Unidos que hoje você fala “não consigo viver sem fazer isso” ou já virou parte da sua rotina?
Assim, programas eu gosto muito de ouvir em inglês eu acho que realmente, se eu voltasse, eu continuaria buscando o idioma, tem hora que eu me identifico muito e que não. Ah, queria só acrescentar que recentemente eu tenho ouvido mais CBN, acho que por conta das eleições, mas acrescenta aí ouvir rádio e podcast. Mas o que eu não deixo da cultura americana assim… a cultura em si eu não sei te dizer, nem sei se eu conheço direito ao ponto de falar, mas uma coisa que eu gosto que eu percebi… eu acabei de fazer uma viagem para Europa e aí lá o pessoal fica mais perto, assim, e eu notei que isso me incomodou e é uma coisa muito daqui, você tem seu próprio espaço. Então, se eu estou aqui, você toma cuidado, não vem muito perto de mim (risos), e daí eu acho que é isso, no Brasil às vezes eu ficava “gente, essa pessoa tá muito perto”. Até tem uma situação que eu estava com a minha mãe na Renner, aí no Brasil, eu estava vendo Havaianas e a mulher entrou na minha frente e eu fiquei assim “como assim? Eu estou aqui olhando pra prateleira”, sabe? (risos). Então eu acho que isso já incorporou. Eu colocaria essa a resposta, é a melhor (risos).

Cara, que legal (risos). É muito isso, né? Você tipo… aqui a gente tem essa vibe mais calorosa e todo mundo colado e um abraço, um negócio… Um sol quente e a pessoa colada, gente dá um espaço, por favor (risos).
Eu gosto do calor, mas vamos respeitar (risos). Eu não ligava, sabe? Mas agora tem sido “não…” acho que a gente vai ficando mais velho também, sabe, você fala “não, deixa um espaço” (risos).

E você falou um pouquinho que depois de um tempo, você teve um pouco de dificuldade com o idioma por causa dos termos mais técnicos e tal. E como foi a sua adaptação ao longo do tempo? Com isso, de idioma, com comida, clima, com estilo de vida.
É… clima primeiro, é muito curioso, porque aqui teoricamente é para ser fácil, né, só que no início eu senti muito frio e escurece às quatro da tarde de novembro para frente, assim, você fala "como assim?". Então se sente falta do sol, do calor, isso eu achei difícil e muda muito o meu humor, se está nublado, assim, eu estou nublada também, é fato, é muito óbvio isso. Com o tempo vai melhorando, mas no início foi bem ruim, assim. Eu sou uma pessoa friorenta, então se está frio eu não vou ficar feliz com o frio. Mas é relativamente fácil aqui porque não tem neve, né? Então se sofre menos com isso. O idioma… no início eu sentia muita tranquilidade de conversar com qualquer um, eu não me importava se eu não falava uma frase certinha ou no tempo verbal certo, só que meu marido ele é uma pessoa que gosta muito do inglês, ele estudou, tem proficiência e tudo mais, e ele me corrigia e nisso eu fui perdendo um pouco dessa confiança natural que eu tinha, sabe? Meio que eu começava a pensar que eu tinha que responder certo e aí eu já desistia de falar e tal. Em algumas situações da empresa dele, a pessoa vinha conversar comigo e eu tinha alguma dificuldade de comentar ou de ser mais leve, a pessoa simplesmente virava as costas e ia embora. Então isso é bem rude, assim você fala "poxa, o que que eu fiz errado", sabe?. Tem um pouco do costume aqui da conversa ser curta mesmo, de só vim falar "oi, beleza?" "beleza" e sai, mas me marcou muito isso, não foi legal, então eu fui perdendo essa confiança mas eu tenho que admitir que parte de mim tem um lado do medo e que eu me expus menos do que eu poderia ter me exposto, então por conta disso, eu não evolui tão bem quanto eu poderia ter evoluído na minha forma de comunicar e aumentar a qualidade do meu vocabulário, da minha capacidade de compreensão, dos termos mais específicos das áreas nas quais eu trabalhei. Então, rolou, assim, aquela insegurança de autoestima com a do "não vou enfrentar porque vou errar, a pessoa não vai gostar, então é melhor não fazer". Isso é uma característica de algumas pessoas também com ansiedade, eu tenho um quadro de ansiedade, então é muito característico. Mais uma vez a Califórnia é muito fácil para alimentação, você encontra muita comida, muita verdura, muita coisa que você consegue comer bem e não é muito caro, então você só não vai comer bem se você não quiser. Então para mim foi tudo bem. Claro, você tem suas épocas de procurar mais tranqueira, essas coisas, vai ser normal, porque é emocional, mas de forma geral, não digo que foi difícil, não. Eu acho que poderia ter sido bem mais difícil, dependendo do país para onde eu tivesse ido. Estilo de vida, esse sim, foi difícil porque eu tinha as pessoas que eu sabia que eu encontraria no Brasil, então eu marcava um cafezinho, marcava as coisas, saia do trabalho e ia fazer um pilates, tinha curso que eu ia estudar. Aqui não tem mais nada disso, então você tem que criar tudo de novo, construir tudo de novo, então eu acho essa parte da construção da vida social muito difícil, mesmo com brasileiros, porque às vezes ele é brasileiro, a pessoa é brasileira mas você não tem afinidade com ela, então não é porque a pessoa brasileira que você tem [afinidade]. Então a gente tem essa coisa de falar assim "ai, se não fosse aqui, eu não seria amigo dessa pessoa", entendeu? Porque não é bem assim, só que como você não quer ficar sozinho, você acaba relevando algumas outras coisas, porque aquela pessoa está te recebendo, né? Está sendo legal com você. Você acaba perdendo o contato às vezes, mas ela foi muito receptiva e muito boa para você naquele momento. E acaba sendo assim, você vai construindo sua rede bastante com

brasileiros e depois com pessoas de trabalho ou lugares que você estudou. E ainda assim, é muito difícil, que nem eu te falei, a maioria dos meus amigos iam embora eles acabavam o curso e iam embora, assim, de novo. Quantos e quantos ‘tchaus’, eu tive que dar, sabe? É muito difícil dar tchau porque você se apega, a gente é ser humano e principalmente, se você for mais afetivo, né, você vai se apegar e vai sentir falta daquela pessoa. Então isso para mim foi e outra coisa que eu queria comentar é a roupa, o estilo de se vestir assim. Eu não sou a pessoa mais vaidosa, só que eu sempre gostei, tipo, do vestido colorido, um sapato bonito, assim, mas não é que eu tenho um monte ou que, assim, eu vou muito atrás disso, mas eu gosto. E aí você chega aqui, tudo é liso, tudo é meio sem graça (risos) e tu… não se veste tão bem, sabe? Então demorou muito tempo para eu gostar das roupas daqui e agora eu estou usando mais liso, sabe, mas era muito interessante que na rua a pessoa parava “de onde é seu sapato?” e eu “do Brasil” e eu estava feliz da vida que era do Brasil, né? (risos), ou num vestido que eu estava usando a pessoa perguntava de onde era, então você pode ver que eu fui muito bem recebida, muito difícil de contar uma história que alguém me tratou mal, mas eu conheço pessoas, que até depois eu posso te contar uma história. Mas então, assim, estilo de vida eu achei que melhorou, tem passeio ao ar livre aqui, muita coisa ao ar livre, então, andar de bicicleta, fazer caminhada na montanha, né, que são os hikings, tem a praia, então você tem uma diversidade muito grande. Então “ah, o que eu tô afim de fazer hoje? Ah, eu vou ali”. É uma cidade grande, Los Angeles, então tem museu, tem um monte de restaurante. Assim, eu falo que é fácil gostar de Los Angeles (risos). Tem gente que fala "ai, eu quero morar aqui só por pouco tempo” e eu falo “então não mora mais de 2 anos porque depois não vai querer ir embora, é “fácil” morar em Los Angeles”, entre aspas, obviamente, porque é caro, você tem que conseguir o seu trabalho lá. Mas uma vez que você consegue, isso é uma cidade fácil, sabe? É fácil, eu amo esse estilo de vida.

E agora entrando um pouquinho mais sobre essa experiência nesse tempo, você já sofreu alguma situação de xenofobia ou de assédio? E, se sim, como você reagiu, como você lidou?

Olha, xenofobia, não. Não me lembro assim, não passei por isso, então me considero uma pessoa de sorte. O assédio nunca foi por eu ser brasileira, então foi o que eu te falei, foi no trabalho, e eram brasileiros, então não se enquadra aqui para você. Mas tem um [caso] que eu acho legal comentar. Hoje ele é marido dela, né, ele é da China e eles gostariam de morar no Texas, eles moram aqui ainda, ela é do Texas, Austin, e ela gostaria de estar lá para ficar mais perto da família. Então ele foi procurar um trabalho por lá, sabe? Aqui ele não teve problema de encontrar trabalho, tanto que ele tá super bem onde ele está trabalhando, mas lá no Texas… e ele trabalha com automóveis, essa área. Ele foi para uma entrevista e o entrevistador dele falou “pode parar de falar, eu não aguento mais o seu sotaque chinês”. E ele me contou, então você vê, assim, a tristeza, sabe, com a qual ele conta isso e o motivo dele não querer mais nem procurar emprego. Então, quando você passa por algo assim, você questiona por que você está fazendo isso, por que você foi para esse país, você não tem que passar por isso, sabe? Então é um descaso muito grande com a diversidade quando essa pessoa age dessa forma, totalmente despreocupada com a capacidade dele, porque um som o incomodava, né, a ponto dele nem querer saber de onde essa pessoa é. Então, um bloqueio muito grande com aceitar isso. Então ele passou por isso e os Estados Unidos é um país muito

grande, igual ao Brasil é, e dividido como hoje o Brasil está, né? Infelizmente. Então a gente vê que é muito presente essa vontade de alguns, de manter as coisas como são de forma muito fácil, na minha opinião, de "não vou mudar o que já está aí, não vou mudar porque eu vou ter que cutucar alguma parte que me incomoda". Enquanto tem esse monte de gente diferente, vindo trazer riqueza para o país, porque há diversidade, há riqueza, né? E esse país, os Estados Unidos, principalmente, as universidades, se você olhar, tem gente do mundo inteiro, por isso que é tão incrível. Então, eu sempre vi esse contraste aqui nos Estados Unidos, entre coisas muito boas e muito ruins ao mesmo tempo e meio que misturado, sabe? Então é difícil. Eu falo que a minha experiência que ela é *bittersweet*, né, meio boa e ruim ao mesmo tempo porque você fala "nossa que incrível o que eles fazem aqui" e "nossa que lixo, não acredito que tratou alguém desse jeito" então vai por esse lado mas eu mesma nunca tive essa experiência.

Entendi. E hoje em dia você consegue identificar alguma grande dificuldade ou alguma dificuldade notória que você percebe sendo mulher brasileira aí nos Estados Unidos?
Não. Como experiência, eu acho que eu nunca passei nada, pelo contrário, sempre foi mais fácil. Eu não sinto que eu tenho que cruzar a rua porque tem alguém. Eu já estive numa situação em que tinham dois rapazes vindo e eu tinha que passar, eles eram brasileiros, um falou para o outro alguma coisa e eles resolveram falar "ah ela sim, essa é meu tipo sim", o outro "ah não, eu prefiro mais 'assado'". Mas é brasileiro, não serve, sabe? (risos). É uma porcaria de um brasileiro que veio aqui fazer isso comigo, mas assim, você já sabe que é desse jeito, então… Com americanos eu sempre senti muito respeito, eu sempre fui muito bem tratada e às vezes que eu não fui, eram brasileiros, entendeu? Então eu não consigo compartilhar isso. O que eu gosto muito aqui, eu construi muito mais uma visão feminista aqui. As minhas amigas todas são feministas e a gente tem um clube do livro onde a gente conversa sobre isso e onde a gente lê, às vezes, livros feministas traz isso pro assunto e debate, debate como é nas nossas casas, o que a gente gostaria que modificasse, o que a gente percebe resistência eu já falei sobre muitas mulheres que fizeram história, então aprendi muito com isso e tenho isso comigo. Eu tento levar isso pra minha mãe, tento notar o comportamento do meu pai e ver que ele "opa, agora ele se trava assim às vezes". Só que não aqui, sabe, mas eu tenho muito comigo que o fato de eu ter primeiro saído de Batatais, que é uma cidade conservadora do interior de São Paulo, para São Paulo já foi um salto. E aí quando eu saí de São Paulo e vim para Los Angeles, foi um salto ainda maior. Então que influência que isso tem, né? Na verdade, amplia o olhar, você fala "ah, quer dizer que o mundo não é o mundo que eu conhecia, quer dizer que tem essas outras coisas, onde eu me encaixo?". Porque nem tudo do feminismo eu concordo, nem tudo… nada radical, né? É sempre aquela coisa "ah, você me apresentou essa ideia, deixa eu avaliar ela", "ah, tem essa outra ideia, hoje eu concordo mais com esse outro lado, será que um dia a gente consegue vir?". E observando esses movimentos e eu acho que ele só foi possível para mim, 'Entrevistada 7', porque eu sou imigrante.

Eu não consegui verificar se você tem algum episódio que você conversa com algum entrevistado homem, mas de onde surgiu esse interesse de criar uma rede para falar com pessoas imigrantes, em sua maioria mulheres brasileiras também?

A gente tem uns três… acho que três episódios com homens, mas realmente a maioria é mulher. Acho que o motivo de ser mais mulher é identificação, eu me identifico muito mais, acho mais gostoso conversar com mulheres também, mas sempre que eu penso, eu gostaria de incluir mais homens, só que é isso que eu falei, assim, conheço mais mulheres também, então a praticidade traz o fato de ter mais mulheres. O projeto não começou por conta de querer só falar com mulheres. O projeto era: eu queria ter um podcast. Desde que eu ouvi o Mamilos eu me identifiquei muito com comunicação, eu falava assim "gente, eu consigo fazer isso, sabe?". Porque eu não era apaixonada pelo direito, daí eu fiz produção de filme e TV, eu gostava de algumas coisas e não gostava de outras, as partes técnicas… é muito chato. Mas eu gostava disso: "quem que eu vou chamar?" "ah, essa pessoa é boa para isso" e entrar em contato, essa parte eu amo, falar com as pessoas, obviamente, e também tirar ideias, "o que que eu vou falar?". Isso me encanta porque eu sou uma pessoa que gosta de ler. Quando você lê as ideias vêm na cabeça mesmo que você não queira, então isso é muito legal. Eu pensava isso "gente eu acho que eu consigo fazer". Só que eu não tinha o ímpeto de fazer sozinha, assim. E aí um dia eu conheci uma pessoa que tinha acabado de chegar em LA, ela era jornalista e o marido dela veio para trabalhar na empresa que meu marido, já não trabalha mais lá, aí a gente se conheceu por conta disso, duas esposas e as duas meio que não tem o que fazer, né? Aí "vamos fazer um podcast?" "Vamos fazer um podcast". Aí a gente começou a conversar que assuntos que interessavam a gente e era imigração, né, porque o que mais que a gente sabe, assim, que a gente pode compartilhar experiências? Imigração. E aí foi assim que surgiu. Eu sou uma pessoa mais ativista do que ela era, então ela tinha um lado mais assim "vamos contar umas coisas mais pro lado sensacionalista" e eu "não sou a favor, vamos trazer realidade assim, sabe?". Então a gente meio que divergia nisso mas ainda assim entrava muita coisa em alinhamento até que ela saiu e aí eu falei "bom, então agora eu consigo trazer mais tópicos que são mais relacionados a mulher". Então teve uma temporada toda, uma oficina toda, só sobre bem-estar, que atinge mais mulheres. Um episódio sobre o trabalho voluntário contra a violência doméstica, porque eu fui conhecendo pessoas e porque na minha caixinha (de perguntas, nas redes sociais) uma vez eu falei "que temas que vocês gostariam de conversar?" e violência doméstica veio três vezes e era pandemia. Aí foi quando eu percebi, assim… então o meu canal, ele traz um pouco dessas pessoas que precisam realmente de acolhimento, de serem compreendidas na dor, né? Muito mais do que compartilhar uma experiência, uma história do que aconteceu com ela como imigrante, eu acho que a identificação delas comigo se deve ao fato de eu ter vindo por causa de alguém e não como um projeto meu, do meu trabalho, do meu crescimento pessoal, "ai, porque eu preciso trabalhar nessa empresa" igual era o caso do meu marido, né? Não foi o meu e muitas pessoas se mudam por conta disso, né, pra acompanhar a família, pra melhorar a vida, porque acredita que o outro país vai permitir ela viver melhor dentro daquilo que ela se propõe para a vida. Então eu fui percebendo que a identificação ela é gerada por conta da minha dor, das experiências ruins que eu vivi. E aí eu abracei isso, assim, sabe, falei "então, tá, então vamos conversar sobre coisas que não são fáceis, vamos conversar sobre temas que não são tão populares mas que a gente precisa conversar porque existe uma dor e a gente tem que olhar pra ela". E é mais mulher que passa por isso no processo de imigração, é ela que sente mais, ela que fica mais sozinha porque é ela que fica em casa, é ela que talvez tenha deixado tudo e todos para trás por um… na verdade, no início, é por uma crença, né? Por acreditar que

aquilo que vai vir vai ser melhor para ela. Então, foi assim que surgiu. E o projeto ainda se transforma. Eu sinto que eu ainda não encontrei a linha perfeita do que é, então ele vai se transformando e eu vou fazendo experiências ao longo de cada temporada e é muito especial.

Legal. E quais são os pontos positivos e os negativos que você encontra administrando o podcast e uma página do Instagram que está relacionada a ele?
Bom, o ponto positivo é muito fácil, né, assim, você falar com pessoas e você compartilhar uma dor e perceber que você não é a única pessoa, isso é muito *healing*, né? Como a gente fala em português? Ele cura, ele traz aconchego, ele traz empatia, então essa é a parte mais positiva de você ver que você não está sozinho. É muito gostoso você chegar em alguém e a pessoa falar "nossa, claro, eu quero muito conversar com você", sabe? Porque ela se percebeu vista e você pode reparar que eu não procuro pessoas muito conhecidas, só, às vezes sim, às vezes não, mas porque aquela pessoa tem uma história única dela, sabe? E que é especial, e tem algo ali. Eu tenho que encontrar histórias simples algo importante, então eu acho que esse é o lado mais positivo, é você falar "oi, eu estou te vendo, sabe, quer vir aqui?" E a maioria das pessoas são muito legais. Eu tenho dificuldade com rede social, eu não sou uma pessoa que fica muito em rede social, então eu peco um pouco nesse sentido, então acho uma parte difícil. Tenho medo de passar uma informação errada, então eu acabo… quando posso, ter muita certeza do que eu coloquei, sabe, Carol, eu sou muito cuidadosa com isso, eu acho que podia ser menos um pouco, mas vem do lado jurídico (risos). Eu falo "se eu falar uma coisa e uma pessoa não me autorizar, imagina o processo que eu vou levar" (risos) e aí já quero evitar isso. Então eu acabo prendendo um pouco as ideias, explorando um pouco menos por medo da ofensa, sabe, assim, do que pode me acontecer. Eu acho isso difícil porque a rede social, ela te permite o mundo todo de pessoas mas ela também traz muito ódio, muita raiva, ela pode querer ser maldosa gratuitamente e inveja e isso ainda me bloqueia para explorar coisas ainda mais importantes, partes mais delicadas que nem a Camila [da página Brasileiras No Mundo] faz. Eu acho que ela é muito corajosa e gosto muito do trabalho dela, porque ela 'pega' e fala e acredito que ela já tem mais experiência de como se posicionar, então acho que ela faz um trabalho muito bom e eu estou tentando encontrar qual é a minha voz dentro do acolhimento com um pouco de ativismo, tipo, onde está a conversa difícil mas eu. não vou ser tão direta, eu quero carinho aqui junto, entendeu? Então esse é o meu ponto e às vezes é difícil encontrar a linha certa, então acho que eu estou no caminho e por isso que eu acho difícil. Não sei se ficou confusa essa parte, mas é por aí que eu acho difícil.

Entendi. Você falou dessa parte negativa da internet ser meio que terra sem lei, sabe, que pode qualquer pessoa chegar lá na sua página. E você já recebeu algum tipo de ataque, gente nos comentários ou tentando derrubar a página? Alguma coisa nesse sentido?
Minha página ela ainda é pequena, então relativamente ela não atrai olhares para quem queira roubar a página, isso eu nunca tive, e de pessoas falando mal também, por eu tomar tanto cuidado não me surpreende que eu não tenha recebido isso, entendeu? Então é meio que a consequência de atitudes minhas do correr pouco risco. Mas já aconteceu de uma pessoa que foi mencionada num episódio falar assim: " meu nome foi mencionado sem eu deixar". E ela

se sentiu mal, ela não queria que o nome dela tivesse sido citado e eu conversei com ela e a gente resolveu. Tentei, assim, só ouvir “você tem razão, como que você gostaria que eu procedesse e vou fazer” e assim foi feito, porque não gostou do seu nome presente, tá tudo bem, é você, é sua personalidade, vamos respeitar. Então isso aconteceu e ela veio agressiva para mim “olha o seu episódio ‘não sei das quantas’ falou meu nome sem eu deixar, por que isso?” veio meio nesse sentido e eu “me desculpa”, né, então você já se coloca no lado de quem errou e pede desculpa, acalma os ânimos e resolve o problema. Então eu acho que fiz isso bem. Essa foi a maior dificuldade que eu tive até hoje.

E no início, assim, além de você já querer ser essa essa porta-voz, sei lá, unir pessoas e compartilhar experiências, você teve uma proposta, assim, já no começo, de querer ter um alcance muito grande, uma visibilidade, crescimento, você já pensava nisso e trabalhava já em prol desse alcance?

Eu nunca tive a ideia do alcance. Eu, na verdade, me preocupei sempre com a qualidade do material. Então comprei um microfone bom, eu escolho cuidar das pessoas com quem converso e os temas que eu vou desenvolver. Eu acredito que esse tipo de trabalho ele é lento porque você quer construir reputação, você quer deixar claro que você é um profissional sério, né, que você tá ali não por hobby e não por seu próprio crescimento, mas que é algo que vai além daquilo, e para isso ser possível, leva tempo e não é a quantidade de pessoas que me acompanham vão corroborar isso, sabe? Na verdade, é um com tempo e quem vem e quem gosta de vir conversar comigo, que me diz isso. Então, quando eu conversei com a moça desse episódio que eu te falei, que é o da violência doméstica, eu falei pro meu marido “eu vou fazer o melhor trabalho que eu puder, porque ela vai abrir portas para mim, porque ela vai perceber que eu sou séria”. Daí eu consegui falar com a REVIBRA também sobre separação, então elas, pessoas que trabalham com isso, conversarem comigo e depois sugerirem assuntos para serem tratados, falarem assim "eu gostaria de ver esse assunto no seu podcast”, pra mim isso tem mais valor do que a quantidade de pessoas me seguindo na rede social porque eu acredito que na hora certa vai acontecer e aí o engajamento vai existir, então eu sou preocupada com a qualidade. E eu ainda não considero que meu trabalho é 100% profissional, eu acabo fazendo muita coisa sozinha mas eu estou evoluindo, fazendo cursos e indo atrás, então… Eu gostaria de me posicionar como uma pessoa com conhecimento de imigração de pessoas que passam por dificuldades e alegrias dentro desse mundo, do que apenas trazer histórias pra contar que, eu acho muito bom e muito válido e muito divertido, e tem pessoas muito boas fazendo isso já, não acho que é o meu espaço. O meu espaço acho que ele é um conjunto de compreensão da nossa vida aqui com um acolhimento. Então o engajamento e buscar engajamento nunca foi (prioridade), e assumindo para você, porque eu não sei fazer também. Eu não sei como… eu não fico lendo “como conseguir isso no Instagram”, “como melhorar suas coisas no Instagram”. Eu acho interessante, acho. Mas eu tenho dificuldade, então eu vou focar em uma coisa que eu tenho dificuldade, não vou. Vou focar no que eu posso melhorar, entendeu? Então, meio que a escolha foi essa, nunca foi atingir rapidamente muitas pessoas.

Em que momento você percebeu, então, que as redes sociais, que a internet, poderia ser uma ponte que conectava essas mulheres imigrantes e o seu trabalho, a sua realidade, com a delas?
Essa é uma pergunta muito boa, né, porque muitos podcasts sobre esse assunto surgiram na pandemia, então não deve ser por acaso. Claro que foi um boom de podcast mas todo mundo tinha tempo né, a gente se viu com muito tempo. Então você contatar as pessoas "pode amanhã?" "posso", porque ela está em casa, né? Então isso foi muito gostoso, a gente conseguia fazer várias entrevistas, assim, muito rápido, foi ótimo. Então é uma ponte de conexão, assim, a internet fez o mundo, que já não era tão grande, ficar ainda menor, porque eu consigo falar com qualquer pessoa, a gente só fala assim "onde você está?" "eu tô aqui" "qual é a nossa diferença de horário?" "é tanto" "então [pra] você é de manhã, eu sou a noite", beleza. Eu tive que fazer um, tipo, 5 ou 4 da manhã, porque a pessoa estava na África, sabe, assim. Então a gente ajeita no horário, dormir, gente, depois dorme, vamos fazer, sabe? (risos). Então eu acho que foi muito legal poder buscar essas pessoas de lugares diferentes. Para mim, o mais… Claro, eu poderia falar com pessoa da Europa, simples, mas, para mim, eu percebi que tinha muitas pessoas da Índia ouvindo o meu podcast, eu falei "gente, na Índia?". Chamei uma moça da Índia para conversar numa live comigo. E aí depois eu queria… "queria uma de cada continente" e achei uma moça na África do Sul, "vamos fazer essa live", fizemos essa live. Essa conexão com pessoas em lugares que não são populares, sabe, em lugares que você fala "ah, por que que eu vou saber desse lugar, sei lá, não penso em ir pra lá". Então a internet deixa todo mundo mais próximo, que é uma resposta óbvia, mas expande a ideia, para mim isso é mais interessante. Então assim "nossa, tem gente da Índia ouvindo um podcast. Você fala português na Índia?" tem não quer que fala, sabe? Eu não sabia. Então, essa possibilidade de aprendizado com outros em lugares que você nem sabia que tinha brasileiro e aí você vai aprendendo cultura. Com essa moça da Índia foi muito importante, ela não conseguiu que o marido ficasse com a criança, que já é uma coisa cultural, então ele atrapalhou muito a gente e uma amiga veio me falar assim "nossa, que live legal, né?" e deu pra ver como a cultura é, porque o pai apareceu, deu oi e nem pra catar a criança e deixar a moça livre (risos) pra gente poder conversar. Não, a criança, ficava… era a moça e a criança aqui [indicando a criança na frente da moça], sabe. Então ficou muito característico da cultura. Eu acho que é por esse lado que fica importante a internet.

E é bacana porque foge desse eixo, assim, Estados Unidos e Europa, que é mais famoso, né? As pessoas focam muito nisso e, assim, tem brasileiro em outro canto do mundo também, sabe, que têm suas individualidades lá também, que passam por experiências lá que eles não têm, não teriam em outros lugares do mundo, né? Então são coisas importantes de serem ouvidas também e serem compartilhadas. No começo do podcast você já tinha uma linha muito bem definida ou você foi delimitando essas linhas ao longo do tempo, delimitando quadros?
Olha, a primeira e a segunda temporada elas foram… o tema muito óbvio pra mim porque eu não estava nessa casa, eu morava ainda no outro apartamento. Eu adoro esse tipo de caderninho para anotar, né? [mostra o caderno]. Eu sentei com um desse e comecei a escrever. Era como se eu precisasse tirar aquilo de mim. Então a linha editorial não posso te dizer que eu tinha exato que ela seria. A gente sabia que a gente queria fazer como se fosse

um livro, então por capítulos. Então, o que a gente começaria com a decisão de mudar, depois com pertencimento, e aí foi trabalho, né? Então, uma vez que você sai, pelo que você passa, e daí você vai ter que achar uma forma de você sobreviver, depois a gente queria falar sobre saúde, amor… E por aí a gente iria descobrindo coisas que são muito características da nossa vida, né, provavelmente a gente traria cultura. Só que eu percebi, né, eu achei que a primeira e a segunda temporada elas eram extremamente importantes e fizeram todo sentido ser nessa linha de dez episódios, aprofundando cada tema. Já o de trabalho ficou meio maçante, só trabalho, só trabalho e depois foi amor que eu acho que ficou linda e que não é só sobre a vida fora, sabe, é uma coisa mais humana que nós, pessoas, passamos por isso e em algum momento da vida a gente vai passar por todos os tipos de amores, na minha opinião. E aí então que começou, "vou falar só sobre imigração, sobre decisão de morar fora?" ao longo do tempo fui percebendo "gente mesmo que a gente mora fora, a gente não se restringe a isso. Por que que eu vou falar só especificamente sobre imigração?". Então, por isso as *off seasons*, né? Deixa eu falar sobre outras coisas que também são interessantes e também tem a ver, mas ainda com pessoas morando fora, às vezes sim, às vezes não. A temporada do amor tem gente que nunca morou fora. Então ampliando esse cenário, porque eu acho que o nome do podcast ele é para ser amplo, ele é para mostrar que cada um é de um jeito, porque sotaque não é igual e ele mostra sua história, sua vida e eu acho que ele permite a diversidade do tema e eu acho ele muito rico e espero muito que um dia sejam sobre muitas coisas que ajudam a gente a se aceitar como a gente é. Então eu sabia que o nome sempre me permitiria amplitude, isso eu sabia. Eu pensei nele e falei "é isso", eu senti, sabe quando você sente, assim. Aí eu contei pra Márcia e ela "que legal" (risos) e aí a gente fechou no nome. Mas o que conversar é, faz parte, eu acho, mudar, sabe, porque você vai percebendo o que as pessoas estão precisando conversar, o que que é o assunto que está incomodando e aí estudar um pouquinho sobre aquilo, aprofundar, descobrir quem gosta de falar sobre o assunto e aí sim, trazer, sabe? Eu acho que é por aí e ele vai mudar. E eu estou fazendo um curso com elas dos Mamilos [podcast] e elas falaram que o Mamilos foi desse jeito, foi mudando e eu sinto que o meu também. Eu não tenho quadros, né, dentro da temporada. Mas eu estou pensando em ter, não dentro dos episódios que eu faço nessa linha, mas ter algumas outras coisas que eu acho que podem ser muito legais, então vamos ver (risos).

E apesar de cada temporada ter um tema diferente, tem algum relato que você escuta com muita frequência, alguma queixa, algum tipo de experiência que tem uma repetição?

Eu acho que a principal é pertencimento, eu acho que essa nossa necessidade de ser de algum lugar, de saber que a gente tem pontos em comum são muito reais. Acho que ela fica ali, disputa o primeiro lugar. O choque cultural também é bem comum com as pessoas com quem eu converso. Eu acho que para mim foi por aí, assim. E o questionamento se a decisão foi certa.

Você falou que você veio do direito, né? E você tem alguma especialização, alguma linha de estudo ou de formação que você trabalha com direitos humanos? Ou você fez algum curso à parte sobre isso para se preparar pra ouvir as histórias?

Ai, sonho isso, né, bom, desde quando eu estudava direito constitucional essa parte brilhou para mim. Eu fiz um curso em São Paulo, específico de constitucional e tinha foco em direitos humanos. E eu queria que a minha tese tivesse sido sobre direitos humanos, mas o assunto que eu escolhi, ele era na verdade direitos fundamentais, então eu tive que ficar com direitos fundamentais. Mas eu quis falar sobre a bioética então eu tive que estudar direitos humanos por causa do TCC, mas o tema recaía em direitos fundamentais porque está na Constituição, né? Então eu lia, ao longo da minha vida eu fui lendo coisas sobre direitos humanos, mas eu não tenho especialização sobre isso, tenho minhas dúvidas se eu devia ir, se eu não devia ir (risos), vou ver, provavelmente uma temporada muito importante vai vir sobre assunto nesse âmbito. Mas eu acho difícil que hoje eu vá entrar no direito de novo, acho que a base que eu tenho do direito em si me ajuda a ler e entender leis, a acompanhar notícias e tudo mais, mas não fazer nada específico, acho que se eu for atrás disso eu vou para comunicação, vou tentar entrar por esse lado para que eu consiga levar informação de uma forma mais fácil do que aplicar ela, entendeu, ler a lei e entrar em processos ou fazer coisas desse tipo, acho que não é mais a minha a área, é mais "vamos interpretar essa lei?" "como está sendo usada?" "olha os seus problemas". Acho que ali é onde eu entro mais.

Você falou um pouquinho sobre essa questão de gerar uma rede de mulheres e a sua plataforma ser um lugar para elas compartilharem as informações e tal. E você faz algum tipo de ação fora das redes, nos bastidores? Caso de ouvir ou receber denúncias, receber pedido de ajuda, alguma coisa assim. E se você recebe, como você procede?
Não faço, né? O que eu já fiz foi, quando pediram na caixinha, o que eu deveria falar, uma live sobre o assunto foi violência doméstica, então eu conversei com a Raíssa, que é da Brave Women, Elas tem o programa Luana, que é especificamente para ajudar… elas ficam em São Francisco, aqui nos Estados Unidos., e é especificamente para ajudar a orientar mulheres que sofrem violência doméstica. Então conversei com ela, coletei 2 depoimentos de mulheres que passaram por isso, tá lá na live também. E nos episódios aqui eu falo "quem precisava de entrar em contato". Nunca aconteceu de alguém "eu ouvi seu podcast aqui e preciso, de orientação sua". O que eu percebo que acontece muito na verdade, ou quando tem uma convidada, as pessoas vão na convidada. Então eu não sei com a Raíssa, por exemplo, aconteceu da pessoa buscar ela por lá ou com a… a outra chama Rayssa também, interessante que os nomes são parecidos, se aconteceu, ela está na Polônia. Então não sei se teve alguma coisa assim, e uma que eu conversei recentemente no de amor que era sobre separação, ela falou "se alguém vier me procurar, eu te aviso", ela ainda não falou, foi recente, assim, foi esse ano, então nunca aconteceu de vir direto até mim. A única vez foi "que assunto conversar?" "conversa sobre isso" e eu trouxe, fiz questão, levei pro podcast. Então foi por aí, assim, então eu não tenho como te contar como eu faço, mas se eu recebo, eu saberia como encaminhar, sabe? Conversaria, daria atenção, "você quer conversar mais, quer contar sua história? De que forma eu posso te ajudar? Qual ajuda você gostaria?". E aí eu encaminharia, já faria a ponte "olha fala nesse e-mail ou nesse telefone". Poderia fazer isso com certeza, ficaria feliz de ajudar.

Você falou um pouquinho como a internet ajudou a sua sua colocação, assim, de levar essa essas informações para as mulheres, mas, de maneira geral, como você acha que a

internet ajuda, hoje em dia, a criar uma comunidade, de fazer pessoas se encontrarem em diferentes lugares?

Eu percebo que elas gostam muito dos grupos fechados. Então quando eu tentei ter um Telegram, algumas pessoas entraram. E uma me contou "ai, estou passando por uma fase difícil de depressão, acabei de me mudar e logo vem a pandemia" e tal. Então eu sinto que elas querem falar. Então quando ela vê que tem inúmeras páginas na internet com brasileiras, todas unidas ali, elas tendem a entrar em todas, eu percebo, para ver qual tem mais engajamento, onde ela pode encontrar mais apoio e também ler. Parece que, assim, se tem uma frase ou alguém falando "eu também", coisas assim, parece que isso atrai, sabe. Aquela sensação de pertencimento que eu te falei. Então se ela não encontra na cidade que ela tá, ela encontra na rede social, ela encontra ali, "olha quanta gente que também está fora" e aí o que acaba acontecendo, né? Esses grupos, que eu acho que tem no Facebook também, eu acompanho pouco, mas acho que acabou que aconteceu bastante das pessoas ali falarem "vamos se encontrar no parque?". E aí elas se encontram no parque, sabe, então uma coisa que sai da internet vira uma coisa real. Devem ter lindas histórias sobre amizade. Até é uma boa de ter um episódio sobre isso, amizades que surgiram de conhecimento pela internet, relacionamento pela internet ai, que legal, vou anotar depois (risos). Eu acho que é uma das melhores formas, sabe? Redes. E provavelmente elas vão por hashtag, elas vão por comentários de pessoas. Eu faço muito isso, né? Eu vejo quem está ali, quem comentou alguma coisa, eu olho para ver quem é essa pessoa "que legal ela faz isso, ela faz aquilo", e você quer gente que fala a sua língua. Às vezes você tem um problema de dente, se você quer cuidar da sua pele, porque às vezes o produto que você usou que é para alguém daqui, não dá certo na sua pele "pelo amor de Deus, alguém me ajuda porque não estou conseguindo" (risos), sabe? Então eu acho que é dessa forma, é a melhor forma que a internet ajuda, que essas plataformas ajudam, e acho que elas chegam por meio de outras. Então "a minha amiga está seguindo essa daqui" e tem um podcast que chama Mulheres Imigrantes, eu acho que ela começou depois de mim, eu adoro também o que ela faz. E aí às vezes eu falo assim "puxa, olha só, já conseguiu mais engajamento do que eu" e às vezes eu penso: só fato do nome ser Mulheres Imigrantes já faz a pessoa clicar lá em *follow*, às vezes ela nem leu um post, mas ela é uma mulher imigrante, então ela quer ser parte daquele lugar, entendeu? Eu acredito, não estou desmerecendo o trabalho dela não, por favor (risos), eu acho que é um trabalho muito bonito, os textos dela são lindos, de verdade, eu acompanho ela, mas eu fiquei tentando pensar isso, assim "que identificação é essa que essa pessoa sentiu?", "olha Mulheres Imigrantes, eu sou uma, eu quero ficar aqui (risos), eu quero estar aqui. Então um pertencimento, entendeu? Pertencimento e identificação, ser parte de alguma coisa é nosso, é do ser humano, então eu acho que é assim.

APÊNDICE J - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 8

Entrevistadora: Ana Carolina Paiva
Entrevistada 8 - Estados Unidos
Duração da entrevista: 32:37+36:54

Para começar, eu queria entender um pouquinho da sua história de imigração. O que motivou, como se processo aconteceu e por que você escolheu os Estados Unidos?
A minha mãe imigrou. A minha mãe imigrou, ela casou nos Estados Unidos. Então porque ela estava aqui, né, ficou determinado que eu vinha, porque eu era menor de idade. Eu vim morar nos Estados Unidos com a minha mãe quando eu tinha 14 anos, em 97. Então, naquele ponto, realmente não foi a minha decisão de vir morar aqui, tinha uma certa frustração, né, quando a gente tem aquela idade, a gente não admira muito ter que desistir dos amigos, deixar os amigos no Brasil, nos anos 90 a gente não estava tão conectado quando a gente está agora. Então, realmente foi uma energia de deixar as coisas para trás mesmo e viver uma nova vida completamente diferente. Então essa não foi a minha a minha escolha (risos).

E o que te fez permanecer nos Estados Unidos, então?
Certo, eu vivi aqui o resto do segundo grau, né, terminei a escola aqui e recebi uma bolsa para cursar universidade na Califórnia. Então eu me mudei para a Califórnia, não estava mais com a minha mãe ou com a família, estava sozinha na Califórnia e decidi naquele ponto, inclusive fui ao Brasil, minha primeira vez de volta foi quando eu tinha 19 anos, depois do primeiro ano da universidade e entendi mais sobre mim, entendi mais aonde eu queria que minha vida fosse e que eu tinha uma oportunidade única agora que eu tinha aquela bolsa universitária e que eu teria que trabalhar dobrado para conseguir no Brasil, né. E então eu falei "eu vou ficar aqui, pelo menos para universidade e ver daí pra onde vai a minha vida". Então eu fiquei na universidade aquele ponto, aproveitei a minha bolsa e depois disso, durante a universidade, eu comecei a namorar bem sério e quando eu terminei a universidade eu casei e o meu namorado, marido agora, é americano e nós estamos já juntos há… nossa… vinte anos juntos. Vinte anos juntos e dezessete de casados. Então, assim, agora eu não vou para lugar nenhum (risos). Estou nos Estados Unidos, é fato (risos).

E, assim, como foi esse processo de chegada no país? Como você se sentiu? Porque de uma adolescente que já tinha os amigos aqui no Brasil e ter que largar tudo e ir pros Estados Unidos… Como foi esse processo de chegada? Quais foram as dificuldades que você encontrou?
Muita dificuldade de adaptação, muita dificuldade com a língua. Na época, eu já vinha fazendo aulas de inglês no Brasil desde os dez anos. Minha mãe também é professora de inglês no Brasil, então ela me ensinou bastante desde a primeira série, desde que eu tinha seis anos, uma coisa assim. Ela vinha me ensinando palavrinhas em inglês, né, e as minhas notas em inglês eram sempre excelentes. Eu me lembro que minha mãe também tinha uma colega que também ensinava na mesma escola de inglês e depois que minha mãe partiu, que foi para os Estados Unidos, essa colega dela me ensinava mais inglês. Então, assim, eu tinha essa ideia de que quando eu chegasse no Estados Unidos, eu ia saber falar inglês porque eu sabia

muito bem estrutura da frase, eu sabia várias palavras e eu não fazia a mínima ideia que a pronúncia é completamente diferente, que a destreza com que pessoal fala e a rapidez é completamente diferente, de que certas regiões dos Estados Unidos têm certos sotaques diferentes e quando você vem daquela região não é esse inglês que se ensina na escola, o inglês do sul dos Estados Unidos não é inglês que se ensina nas escolas, o inglês das áreas urbanas e periféricas não é o inglês que se ensina nas escolas. Então eu fiquei um pouco chocada porque eu consegui entender, assim, metade das pessoas (risos), sabe, e a minha mãe era casada aqui, então, assim, tinha membros da família que eu não conseguia entender, então eu estava me sentindo um pouco peixe fora d'água. E tinha uma dinâmica de abuso no casamento da minha mãe, né, que eu via e que me fazia me sentir muito inconfortável e insegura da situação dentro da qual estava vivendo, né? Porque eu não tinha amigos aqui ainda, os familiares eram os familiares dele, então não sabia… uma estratégia de fuga eu não tinha, sabe, não tinha onde me sentir segura somente com a minha mãe, né? E a situação da minha mãe era um pouco insegura, então, assim, eu não tinha muita certeza absoluta do meu futuro, do meu presente e foi uma era difícil. Eu acho que o que fez funcionar para mim, né, de chegar de um ponto A ao ponto B, foi que me concentrei na escola e nas atividades escolares, nas atividades extra escolares. Então, assim, aprendi a me comunicar, conseguir ter amigos, amigos muito bons, que são meus amigos até hoje. E a escola estimulou o meu crescimento bastante que foi legal. Foi legal tá numa escola que via que o seu potencial é independente da sua habilidade de falar inglês, sabe? Porque acho que muitas vezes as pessoas têm uma presunção que porque você tem uma dificuldade de falar inglês, então você tem alguma outra dificuldade, possivelmente uma dificuldade mental, que você não tem uma habilidade de se comunicar ou você não tem uma habilidade de aprender só porque você não está falando inglês. E isso realmente não é verdade. A gente entende isso hoje como xenofobia, né, mas na época, eu acho que os anos 90, não tinha tanto debate e entendimento, eu acho, quanto existe hoje. Mas é, eu me concentrei bastante nos estudos, na época, a nossa escola tinha um time de líder de torcida, que eu fui parte. Amei, adorei ser parte de um time, né, ser parte de uma dinâmica de colegas, né, de amigas, e todo mundo trabalhando para a mesma meta. E eu fazia balé também, né. Minha mãe estar casada veio com certos privilégios, inclusive um privilégio de estar naquela escola e privilégios de fazer balé e ter essa vida rica fora do ambiente familiar. Então, assim, eu cresci bastante, me proporcionou uma habilidade de, realmente, fazer um currículo, né, para chegar na universidade, para poder mostrar às bolsas, concorrer para bolsas, concorrer para a universidade e entrar.

Bacana. E hoje em dia você acha que tem algum traço da identidade brasileira que você mantém vivo até hoje? E alguma coisa, ou algumas coisas, que se mesclaram com a cultura dos Estados Unidos nesse período?

Nossa, é muito difícil, eu acho, da gente sair do corpo da gente dessa forma e virar antropóloga da própria vida, né? (risos). Deixa eu pensar aqui… Eu confesso que realmente escuto bastante música brasileira, mas não é necessariamente as coisas novíssimas, né, são as coisas realmente mais velhas dos anos 90. De vez em quando eu acho alguma coisa [nova]. Tipo, agora, nesse momento, tem uma moça chamada Rachel Reis. Estou apaixonada por ela, ela é de Feira de Santana, escuto ela 24 horas por dia, então, assim, de vez em quando eu acho uma coisa nova que eu me apaixono. Mas, geralmente, o meu processo mesmo de “ah,

vou escutar música brasileira" são coisas mais velhas ou versões novas de músicas velhas (risos). E, sei lá, eu acho também que o Brasil é mestre de colocar uma nova roupagem nas coisas mais velhas também. Tem música que tem 70 anos, tá rolando como nova. Então tudo bem, né? Não tenho a oportunidade de comer comida brasileira muito frequentemente, tem bastante restaurante aqui que servem, mas, assim, não é muito a minha escolha ir para restaurante brasileiro com frequência e também eu moro longe da cidade de Nova Iorque, eu moro 1 hora, 1 hora e 10 minutos, por aí, da cidade de Nova Iorque. Então, assim, lá tem bastante disponibilidade, a comunidade é bem robusta, mas por causa da pandemia a gente estava trabalhando de casa, agora eu realmente vou para a cidade uma ou duas vezes por semana, eu tenho um cachorro bebê agora, então tem que voar para casa para ver o cachorro. Então, assim, eu não passo tempo depois do expediente lá na cidade, curtindo, sabe? Não sei… são escolhas (risos). Mas eu acho que esse aspecto de música, sim, continua muito vivo. Não tem muito espaço aqui em Nova Iorque para curtir, na minha opinião, para curtir, eu acho, danças brasileiras, né. É interessante. Tem uma comunidade que faz forró, tem uma comunidade que faz samba, mas não… eu detesto dizer isso, porque muitos deles, na comunidade de samba e forró, também são meus amigos, então, assim, eu não quero tirar o crédito de uma comunidade que luta tanto por sua voz, sabe? Mas eu me sinto tipo peixe fora d'água lá também, sabe? E eu acho que possivelmente, eu não sei se é porque eu tô há muito tempo na comunidade americana, mas, assim, eu não sinto que o forró que toca aqui é como o forró que toca em Salvador, sabe? Eu sou de Salvador (risos), eu não te disse isso. Eu sinto… estranho, mas, assim, eu sinto que o pagode que toca aqui não é o pagode que toca em Salvador, sabe? Então, assim, eu me sinto… tipo, eu vou, eu curto e me divirto, mas não é a mesma coisa em termos de realmente tirar a saudade, em termos de ter uma experiência como uma brasileira… não é a realidade. É uma terceira experiência. É uma experiência que não é uma experiência americana, não é a experiência brasileira, é a experiência imigrante brasileira, porque é diferente. É uma terceira categoria.

Bacana. E, assim, como foi a sua adaptação, assim que você chegou, à cultura, à comida, ao clima, às pessoas…

Eu cheguei para morar em Las Vegas. Las Vegas é muito diferente de Salvador em termos de ambiente, mas também em termos de cultura. A adaptação foi difícil porque… isso quando eu falo assim "processo de adaptação" às vezes eu não quero nem dizer os primeiros três meses. Tipo, os primeiros três meses são radicais, você está concentrada somente em se comunicar e a aprender a língua para poder se comunicar. Mas a partir desses três meses, você continua se adaptando pelos próximos três/quatro anos. Foi muito difícil para mim me adaptar numa sociedade, e eu não posso falar sobre Las Vegas agora, porque realmente já tem um tempo que eu não passo tempo suficiente lá para poder absorver a cultura, entender a cultura, mas na época, a cultura de masculinidade tóxica era muito forte em Las Vegas, muito forte mesmo. Tipo, todos os anúncios tinham mulheres quase não vestidas, sabe? Vestido o mínimo de roupa possível para ser legal colocar no anúncio, né? E isso em tudo: revista, em grandes placas, quando você vai dirigindo na rua… Então, assim, para mim era difícil ficar encarada com essa definição do que é ser mulher, isso não me satisfazia, eu queria ser mais do que isso e eu não sentia que em Vegas eu ia ter essa oportunidade de ser algo mais. Eu ia sempre ser olhada como "é mercadoria de açougue? Sim ou não? Se não, vai para lá, a gente não quer

muito te olhar", sabe? É algo para ser olhado, sabe? Então, assim, essa parte da adaptação eu acho que nunca aconteceu. Eu sempre tentei sair de Vegas por causa disso. Claro que nem todo mundo acha que não é empecilho. Eles acham que é outro.. alguma coisa fora deles mesmos, eles podem ser quem eles querem ser, ou elas, elas podem ser quem elas querem ser mesmo com esse clima. Para mim era muito difícil. E não é muito frio em Las Vegas, mas, para mim, era. Pra mim era super difícil não ver árvores e plantas, as plantas lá tem que ter um cuidado extremo para a planta realmente crescer. Aí no Brasil crescem em qualquer lugar, aqui em Nova Iorque crescem em qualquer lugar, por isso estou muito mais feliz aqui (risos), é muito mais verde aqui, lá em Vegas realmente é um deserto, tem uma crise séria de água. E também lá eu não tinha, assim o direito de ir e vir como eu tinha no Brasil. No Brasil, eu pegava um ônibus e ia para qualquer lugar que eu queria. Nos Estados Unidos, particularmente em Vegas, você não pode… tudo é uma longa distância, né, e os ônibus não vêm com frequência, vem, assim, um ônibus por hora. Então, se você perdeu aquele ônibus, você não vai sair para outra hora. E os ônibus só andam numa rota, né, que é norte ou sul ou leste e oeste. Se você quer chegar numa linha diagonal, ponto A é aqui na frente e ponto B é aqui atrás [simula com as mãos], você tem que pegar dois ônibus: o ônibus que vai para cá e o ônibus que vem pra cá [simula com as mãos], então são duas horas, no mínimo, né, para chegar qualquer lugar, então não vale a pena, então tem que ter alguém pra te dar uma carona, né, você depende exclusivamente dos seus pais para te levarem nos lugares até você conseguir a sua carteira de motorista, né, tem que ter 16 anos para fazer a carteira de motorista. Então, assim, os dois primeiros anos de, realmente, dependência total nos pais foi meio estranho para mim porque isso não era a minha experiência no Brasil. Lá no Brasil eu pegava um ônibus pra ir pra escola, pegava um ônibus pra ver meus amigos, ia sozinha mesmo, não sei como está a situação hoje em dia, né, em termos de segurança, se alguém está tranquilo deixando uma menina de 12 anos no ônibus (risos), mas na minha época era boa (risos).

E nesse período, qual foi o ponto que mais te chocou? Pode ser em qualquer âmbito, pode ser de choque, pode ser de experiência, enfim, o que você achar pertinente.
Eu acho que a parte que mais me chocou daquele primeiro processo de imigração na época foi a quanto a gente ficou em estado de vulnerabilidade por não saber a língua completamente, não conseguir dominar a língua completamente, no meu caso, né, e não saber sobre as instituições, o sistema jurídico e como isso causa, realmente, um estado de extrema vulnerabilidade. Quando as coisas estão mal dentro de casa, como você pode sair dessa situação se você não trabalha, se o inglês é limitado, no meu caso, a idade era um aspecto de vulnerabilidade. Eu sei que essa não é a experiência de muitos brasileiros, né, mas no Brasil eu me sentia mais forte, e quando eu me mudei para os Estados Unidos eu me senti bem vulnerável por muito tempo, até eu conseguir me mudar para a universidade, consegui a minha bolsa e realmente estar numa situação de estabilidade lá, né, lá na Califórnia, eu não me sentia segura, eu não sabia do dia de amanhã, né? E isso, para mim, foi uma nova maneira de viver que me veio como um choque.

Entendi. Eu estava conversando com outras entrevistadas e aí uma coisa que surgiu foi a dificuldade desse sistema, que deveria ajudar o Imigrante, em fornecer informações.

Tipo, de te falar o que você deve fazer, ou de, sei lá, falar que não consegue te ajudar de forma nenhuma, sendo que, sim, tem é forma de ajudar. Você enfrentou esse desafio também de, tipo, não saber onde encontrar ajuda ou eles se recusarem a oferecer ajuda?

Sim, era de não saber onde conseguir ajuda e também nos anos 90, né, não tinham muitas agências, e eu não posso falar da experiência de Vegas nesse momento porque eu não sei mais, mas na época não tinha muita agência que ajudasse com uma situação de abuso doméstico, né, e a gente nem sabia a quem pedir ajuda, aonde ir, sabe? Quando a polícia se envolveu, quando virou uma coisa séria o suficiente para ter envolvimento policial, a polícia indicou certos recursos e daí adiante, nós seguimos os recursos, mas se comunicando em inglês consistentemente, né? Se virando para se comunicar em inglês. E uma coisa que eu acho interessante é: minha mãe falava inglês muito bem mas o sotaque dela, né, é muito pesado e existe uma dificuldade muito grande em se comunicar sobre uma situação tão delicada, né, tão séria, de alta relevância não somente para você e para sua segurança, mas de sua filha menor, né, mas você está tentando se comunicar exclusivamente em inglês, uma língua nova, sabe? Você não está se comunicando na sua língua "natal" [nativa], que aconteceria mais naturalmente, não é? Tem também um aspecto cultural de confiança, quando a gente consegue falar com uma outra pessoa brasileira, que realmente não tinha possibilidade de ocorrer na época porque todo mundo trabalhando nesses setores de providenciar serviço em ONG só falava inglês ou falava espanhol, mas assim, tipo, espanhol? Com respeito, é uma terceira língua, sabe? Não é um meio termo entre português e inglês, é uma terceira língua, sabe? Então, assim, pedir que uma pessoa que está lutando por sua vida, por sua segurança, consiga se comunicar numa terceira língua é como se você tivesse dando para ela um quebra-cabeças "olha, você vai conseguir viver em paz se você resolver esse quebra-cabeça aqui, antes de resolver o quebra-cabeça a gente não vai falar com você". Poxa… (risos).

Sim. E a sua experiência enquanto mulher brasileira aí, nos Estados Unidos, você já sofreu xenofobia, assédio alguma vez? E se sim, qual foi a sua reação?

Não é somente o assédio de ser mulher brasileira, porque por causa do meu rosto, da cor da minha pele, geralmente a presunção não é "ela é brasileira", a presunção é "ela é latina" e "ela é latina" realmente vem com uma carga de estereótipo, né? Todo lugar que eu morei, isso não é só em Vegas, não é só em Los Angeles, não é só aqui em Nova Iorque, mas eu estou na intersecção de ser mulher e de ser latina. E quando você está na intersecção o problema maior não é andar na rua e receber a cantada, sabe? O problema maior é não ser promovido no trabalho, porque você não se dá bem com o grupo executivo, né? "Ah, não. A *Entrevistada 8* não é de jogar golfe, então ela não vai ser promovida" ou "a Stefanie é latina, então ela não vai poder supervisionar as pessoas, os homens, especialmente, que são latinos, eles não vão se permitir ser supervisionados por uma latina", sabe? Então tinha o que eu vivi muito… claro que tem as cantadas na rua, claro que quando as pessoas descobrem que você é brasileira, tem certas presunções sexuais, estereótipos, mas eu tenho mais jogo de cintura para lidar com isso do que eu tenho com o racismo e sexismo sistêmico que me impede de acessar certos níveis da minha carreira ou de acessar um melhor nível de vida, sabe, ou um aumento de salário. Eu vejo meu marido, e meu marido é branco, a gente casou em 2005, né, a gente

casou quando a gente tinha 22 anos, eu e ele. E no mesmo momento, inclusive eu acho que foi no mesmo mês, na mesma semana, nosso primeiro mês de casado, literalmente a gente se formou em um dia, daí acho que uma semana após a gente se casou e, depois disso, uma semana, a gente estava entrevistando [fazendo entrevistas], né? Eu estava entrevistando para uma bolsa para fazer um mestrado na Europa na época, e ele estava entrevistando para um trabalho técnico de apoio de vídeo, câmeras, TV e tal, que é a área dele, na Disney, no parque da Disney, nós entrevistamos ao mesmo tempo. Três pessoas iam ganhar essa bolsa e eu era, assim, estava no finalzinho com, assim, as nove últimas concorrentes, né? Então eram, assim, três pessoas para cada bolsa disponível, né? Eu estava no final e eles tiveram um evento para gente, tipo um coquetel e [disseram] "tragam as famílias". Eu estava em Los Angeles, minha mãe estava em Las Vegas, eu não ia trazer minha mãe, então trouxe o meu novo marido, né, para esse evento, então o pessoal conheceu meu marido e tal e no dia seguinte era a nossa entrevista final. Eu recebi dúzias de perguntas sobre meu marido e pouquíssimas perguntas sobre meu trabalho, meu estudo, as minhas metas quando eu chegasse no mestrado. Várias perguntas sobre meu marido, a pergunta sobre a minha expectativa de ter criança, eu com 22 anos, tipo, não era nem um pensamento. Eu me senti como uma bomba relógio, né, que ia explodir criança, sabe, (risos) e não ia servir para nada. Então, assim, eu não tinha… de novo, isso era no ano de 2005, eu acho que no ano de 2005 a gente dialogava muito menos sobre esse sexismo implícito que tinha em tudo, né? E eu não ganhei a bolsa e no mesmo dia meu marido falou "como foi a sua entrevista?" e eu falei para ele da minha entrevista, né, ele falou "não se preocupa, vamos esperar a decisão" e blá blá blá. Daí alguns dias mais tarde, ele foi… as entrevistas para Disney foram uma série de entrevistas, né, e as últimas entrevistas eles já sabiam que ele era competente profissionalmente, aí alguém viu o anel de casado dele no dedo, daí falou "você é casado?" daí ele falou "sim, sou casado, eu acabei de casar" daí eles falaram "nossa, que respeitoso, que homem responsável, que incrível que você já é casado. Tão jovem, casado". Ganhou o trabalho na hora (risos).

A perspectiva totalmente diferente, né? Enquanto você era "casada? Como assim?" para ele era "parabéns! O homem do ano" (risos).
Sim, exato! E depois a gente se mudou para Nova Iorque, eu fiz a escola de direito aqui em Nova Iorque, né, e a trajetória da carreira dele em Nova Iorque foi uma carreira de muito sucesso, sempre, enquanto a minha, toda vez que eu ia trabalhar, eu tentava trabalhar, a minha indústria é a indústria de sem fins lucrativos, né, de ONG mesmo, eu realmente me deparei com milhões de entrevistas onde as pessoas sempre falam "nossa, você é muito qualificada, seria muito boa para esse trabalho", mas aí não me contratam. E a gente acaba ficando com essa ideia mesmo… todas as pessoas me entrevistando eram brancas, tá? Ninguém latino me entrevistou. Então, assim, você começa a ficar com essa ideia que "eles estão achando que eu não vou caber no clube deles, a gente não é um grupo que vai se dar bem, porque, sei lá, eu como feijão e arroz?" Eu não sei, não sei (risos).

Eu ia te perguntar se hoje, enquanto mulher latina, mulher brasileira, você encontra alguma dificuldade ainda nesse cenário de trabalho ou em qualquer outro âmbito da sua vida?

Sim. Eu acho que eu sempre vou encontrar enquanto estiver procurando um trabalho novo. Eu sei que a gente se conheceu através do meu trabalho com o projeto, né, e eu venho investindo nesse trabalho desde 2010/2011. Mas antes de eu investir nesse trabalho, quando eu estava procurando outros trabalhos, e algumas vezes procurando um segundo trabalho, enquanto [estava] com o projeto, eu me me deparei realmente com essa situação de as pessoas se recusarem a investir no meu trabalho por questões de sexismo e racismo. Vou te dar um exemplo: tinha um pessoal para quem eu trabalhava, né, uma ONG, e tinha uma vaga no setor de imigração, né, e eu tinha bastante experiência, né? Eu tinha mais experiência do que a pessoa que estava concorrendo para a mesma vaga comigo. Eu falo espanhol bem, eu falo português e eu falo inglês, os dois, eu e ele somos advogados, mas eu me formei primeiro, então tinha mais experiência do que esse rapaz. Eu falo três línguas, ele fala zero línguas. A vaga era do setor de imigração, de direito de imigração, então a gente está lidando com pessoas estrangeiras que falam outras línguas o dia inteiro e ele foi contratado e eu não. Aí a única diferença é que ele é homem e branco, e eu não sou as duas coisas (risos). Então, assim, é difícil de dizer que eu não sou qualificada para a vaga, é difícil dizer que a vaga é melhor para ele, sabe? Quando a qualificação inteira, eu sou a foto da qualificação, sabe? Então, assim, eu acho que até esse ponto da minha vida, isso aconteceu em 2011, eu acho, até esse ponto da minha vida eu pensava que se eu fosse a melhor de todas, se eu fosse a pessoa que ganhava todos os casos, se eu fosse a pessoa que se comunicava da melhor maneira com todos os clientes, se eu fosse a pessoa mais dedicada ao trabalho, se chegasse no trabalho primeiro e saísse por último, que o meu trabalho seria reconhecido. Eu ia ser a melhor e esse status de ser a melhor ia dar esse reconhecimento ao meu trabalho espontaneamente e eu não ia precisar lutar tanto quanto eu tenho que lutar, sabe? E eu acho que ficou claro. Era como se eu acreditasse que eu estava acima "ah, eu sei que existe sexismo, eu sei que existe racismo, mas se eu trabalhar bem duro, eu vou ficar acima, acima do sexismo, do racismo", sabe? E a realidade é que não é. Não tem jeito. E eu acho que foi naquele momento que caiu realmente a ficha que me deixou saber que eu estou realmente trabalhando dentro de um sistema tóxico e eu tenho que fazer algumas escolhas aí para a minha vida e ter um entendimento que algumas coisas não vão ser tão fáceis quanto eu vejo ser pro meu marido, porque eu também tenho o camarote vip da carreira dele, sabe? (risos).

Entendi, e qual foi a sua motivação para criar o projeto, né? Quando você percebeu essa necessidade de fornecer apoio para mulheres e criar uma rede de mulheres brasileiras? Quando eu estava na escola de direito, entre 2006 e 2009, algum ponto nessa época, eu acho que foi ou no meu primeiro ano ou no segundo ano, 2007/2008, eu acho, que isso ocorreu, mas eu fui para uma feira de ONGs. Para a escola de direito eles fazem tipo uma feira empregatícia, mas só com ONGs e só para o pessoal estudante de direito que está interessado em fazer esse trabalho de serviço público, né? Então, é só ONG e governo que vai para essas feiras, né? O propósito é esse, uma feira empregatícia. Lá eles têm entrevista e lá todo mundo, toda ONG, tem uma mesinha e você vai na mesinha, pega os panfletos da ONG e conhece eles melhor e tal. E eu fui numa dessas bem cedo, eu tive algumas entrevistas e tal e eu era nova em Nova Iorque, recém-chegada em Nova Iorque, então o meu intuito era conhecer tantas ONGs quanto possível para eu entender as avenidas de entrada nesse setor, né, no terceiro setor aqui que é muito forte em Nova Iorque. Não estava naquele momento

pensando em trabalhar com brasileiro de jeito nenhum. E eu conheci uma ONG, conheci a diretora executiva da ONG lá nessa feira, né, e ela falou para mim "a ONG lida exclusivamente com vítimas de violência doméstica" e era a única que eles faziam, e essa pessoa ela era americana, mas era casada com um rapaz brasileiro. Então ela estava acho que mais conectada com essa ideia que brasileiros existem, brasileiros estão aqui, sabe, do que o americano normal, pela virtude de estar casada com um rapaz brasileiro. E ela me perguntou "ah, *Entrevistada 8*, nossa, você é brasileira, que prazer te conhecer! Vem cá, tenho uma pergunta para você: eu fundei essa ONG" a ONG eu acho que na época, eles eram a maior ONG lidando com assuntos de violência doméstica na cidade de Nova Iorque inteira, ela falou "*Entrevistada 8*, eu não vejo uma mulher brasileira. Aonde estão as brasileiras? Porque eu sei que as brasileiras estão migrando para Nova Iorque, Nova Iorque é uma cidade enorme, é um foco de imigração, eu vejo imigrantes de todo o planeta. A situação de violência doméstica ou abuso doméstico estatisticamente existe em todas as comunidades imigrantes, assim como em comunidades não imigrantes, né, não depende de religião, da existência de religião ou não existência de religião, não depende de situação financeira, é uma coisa que realmente é ocorrente em todos os aspectos. Então, eu sei dessa sabedoria acadêmica, eu sei que existe também na comunidade brasileira. Então, cadê elas?". Daí eu também na escola anterior, na faculdade, antes de entrar para escola direito, eu também… aqui você tem que fazer três anos de faculdade e depois três anos da escola direto, não pode fazer os dois ao mesmo tempo e não pode substituir um pelo outro. Então na faculdade, eu tinha estudado violência doméstica bastante e eu sabia disso também, que ela estava me dizendo, daí eu falei "super concordo. Realmente eu sei que tem uma comunidade brasileira bastante grande em Queens, que é um bairro em Nova Iorque, e eu realmente não sei o que impede as pessoas de acessar esse recurso" daí ela, falou "*Entrevistada 8*, a gente tem tradução em português através da linha telefônica, que é uma linha de tradutores que a pessoa pode acessar, então a barreira da linguagem não existe, uma vez que a pessoa vem pra gente, e eu estou com medo que as pessoas estão lá, passando situações de abuso e não acessando os recursos". Daí isso ficou na minha cabeça, literalmente, para sempre e é a base do trabalho que eu faço hoje, porque se atou tão bem com meu próprio *background*, de onde eu venho, sabe, o fato que eu e minha mãe, a gente não tinha os recursos, a gente estava lá numa situação de abuso sem saber para onde ir, sabe? Então eu pensei "ok, tem que existir alguém para suprir essa necessidade e conectar a comunidade com os recursos". Então esse foi o dia que a semente foi plantada. Eu não tinha nenhuma vontade, naquele momento, de começar uma ONG, eu queria realmente terminar a escola de direito, passar o teste da ordem e ter um emprego estável, que eu não tinha que batalhar todo dia para o meu salário, escrever bolsa para ONG, essa não era a meta, tá? (risos). Daí quando eu terminei a escola, a bolha imobiliária tinha explodido aqui em Nova Iorque, então tinha uma crise financeira bastante grande, ninguém estava contratando ninguém, daí eu comecei a olhar, a procurar sobre… passei no teste da ordem, concentrei nisso, passei no teste da ordem e depois a comecei a me concentrar em oportunidades voluntárias com ONGs, né, já que ninguém estava contratando ninguém, não podia me sentar lá com os braços cruzados, sem fazer nada, sabe? Fui procurar experiência de alguma forma. E nisso apareceu essa ONG chamada Sedan Global, novíssima, tinha acabado de ser criada, eu não sabia quem era o que, e em 2011 eu dei uma passadinha lá para voluntariar, ver o que tinha lá, "vocês precisam de alguma coisa? Eu sou licenciada em

direito, blá, blá, blá". Daí a moça que fundou, Ramona, era filha de mexicano, não brasileira. Entenda isso. Pense aí, considere o engajamento da nossa comunidade, a maturidade da nossa comunidade, quando a pessoa que funda uma ONG para brasileiros é mexicana. Vamos considerar, parar e considerar (risos). Eu sempre falo dela porque sem ela o projeto não ia existir, sabe? Aquela sementinha que foi brotada durante a escola de direito não ia para lugar nenhum porque não era uma meta para mim, literalmente, brigar todo dia pelo meu salário (risos), sabe, através de trabalho de uma ONG, eu queria estabilidade. Mas através do trabalho que a gente estava fazendo no Cena Global, eu entendi que realmente a minha suspeita, que as pessoas brasileiras não estavam chegando aos recursos que existiam para elas, era a realidade e que a pessoa brasileira é altamente desconectada das políticas públicas que os governam, que a pessoa brasileira não tem um entendimento que se você não tomar seu espaço na mesa onde as decisões estão sendo feitas, as decisões vão ser feitas sem você, vão se aplicar a você, você vai viver sob a pressão daquelas decisões, mas você não vai ter uma voz porque você não está se expondo e a nossa comunidade, sendo que está numa situação vulnerável como a gente conversou, né, não está achando esse poder de se levantar e ocupar espaço. Então, por isso eu fiquei com o Cena Global e por muitas razões, mais tarde, a gente resolveu que aquela roupagem velha da ONG tinha que desaparecer e que uma nova organização tinha que sair disso e essa nova organização tinha que ser focado em mulheres, porque antigamente a gente não era, a gente servia homem, a gente servia a qualquer um, até hoje a gente serve, mas o foco em mulher, que significa que a gente, em termos de publicidade, em termos da linguagem, em termos do *branding*, a gente foca muito em mulheres. Essa nova roupagem veio também com… a gente reexaminou e reestruturou a nossa missão para focar em mulheres e para focar especificamente no desenvolvimento econômico e no desenvolvimento político da comunidade. Então, assim, todos os nossos programas têm como finalidade "como a gente está empoderando a mulher imigrante brasileira economicamente, através desse programa? Como a gente está estimulando a visibilidade política da mulher imigrante brasileira através desse programa?". Então isso virou a nossa nova roupagem e foi essa parte que eu fundei. E a gente também tomou um novo nome de *[nome do projeto]*, porque específico sobre aquela coragem que você tem que ter não só para se mudar para esse país, mas para continuar aqui, sabe? Eu vejo muitas imigrantes que quando eu falo "sei que aconteceu X, Y e Z com você. Você quer retornar ao Brasil ou você quer ficar aqui e lutar para ficar aqui?" sabe? É a escolha delas, não é minha, eu sempre espero a resposta, às vezes a resposta muda, tudo bem, mas aquele momento… tem dois momentos de garra: o momento que você decide vir para Estados Unidos e o momento que você decide ficar nos Estados Unidos. E esses dois momentos, especialmente o segundo, é uma decisão que você tem que fazer todo dia "eu quero ficar aqui com essa dificuldade toda?" Sabe? Eu tenho pessoas que realmente estão num processo de imigração delas e não podem ir ao Brasil por cinco anos, cinco anos sem ver a família, né? Foram abusadas aqui, resolveram que querem ficar aqui, mas o custo de ficar aqui e aplicar para um visto através do abuso é que você não vai viajar por cinco anos, vai ficar aqui esperando porque está demorando bastante, sabe? Então, assim, todo dia é uma guerra, é uma guerra institucional, é uma guerra de recursos, é uma guerra com a economia, nesse momento a inflação tá doida, sabe? Então essa é a proposta do projeto. Essa é a razão que a gente começou, sabe, e a razão que eu estou lá até hoje? E Ramona não está mais com a gente.

Ramona nos deixou em 2013 porque era parte também da visão dela, que ela tava criando uma comunidade para brasileiros, uma ONG para brasileiros, era importante para ela deixar isso nas mãos de brasileiros. Então hoje está vivendo uma vida nova fazendo outras coisas, ela tem outra ONG que é sobre fatores financeiras, eu acho que nem é aqui em Nova Iorque, acho que é na Califórnia.

Bacana e já puxando esse gancho, hoje, quais são as áreas de atuação de vocês? Vocês recebem relatos? Vocês advogam, vocês encaminham para autoridades? Como vocês atuam?

Os três, mas esse da autoridade é mais delicado. A gente, em termos de programação, a gente oferece aulas para ajudar o aprimoramento profissional. A gente acredita que se você está aqui e você tá trabalhando… tá subempregada, trabalhando limpando casa ou o que for, não existe vergonha nisso, você pode escolher… tem dois caminhos aqui pra você escolher, mas não são separados, podem ser vividos juntos: um, é você aprimorar esse pequeno negócio que você fundou com o seu próprio trabalho doméstico, então, veja aí como você quer crescer e a gente oferece cursos para você de precificação, de educação financeira, de como abrir o seu pequeno negócio, como manter o seu pequeno negócio, como fazer sobre a sua publicidade online. Tudo isso para apoiar o que você já vem fazendo, o que você quer iniciar. Mas se você quer também, se sua meta é voltar para a escola e para a faculdade, fazer algum outro curso ou ingressar numa nova carreira, a gente pode te ajudar com isso também, mas não são necessariamente caminhos separados, são distintos, mas não são necessariamente assim "ah, você tem que viver um e não viver o outro" sabe? Então a gente procura apoiar nessa avenida. A gente também procura apoiar o pessoal que chega aqui e não tem nenhum tipo de currículo em inglês. Então, assim, a gente fala que ele se esforce para traduzir o seu currículo em inglês daí quando estiver em inglês, a gente tem profissionais vivendo nos Estados Unidos, que contratam outras pessoas para trabalhar para elas, essas pessoas vão revisar o seu currículo e dizer para você onde você tem que trabalhar nesse currículo, sabe? Se você tem uma agência que você quer aplicar, uma firma, o que for, você pode escrever uma carta de apresentação em inglês, porque sua entrevista vai ser em inglês, e a gente revisa, então a gente faz a edição para você. Se você está para entrevistar para uma firma "eu to aplicando agora para várias firmas mas eu quero treinar minha entrevista", a gente tem voluntários que são profissionais em Nova Iorque, que contratam outras pessoas que vão… podem fazer uma entrevista, tipo uma entrevista de mentira com você, mas como se fosse uma entrevista de verdade, para você treinar e saber o que que você vai encarar, o que falar, o que não falar. Se você começar a falar sobre os seus filhos, "ai eu estou amamentando, eu tenho 3 filhos", tipo você não precisa falar sobre essas coisas. Se alguém te perguntar sobre isso é ilegal agora, é ilegal alguém te perguntar sobre quando você pretende ter filhos, quantos filhos você já tem, quantos anos tem seus filhos, sabe, isso não legal mais. Então, assim, é uma coisa que nosso treino ajuda e também a entender os requerimentos culturais, da área profissional, sabe, como o mercado americano de empregos é diferente do mercado brasileiro. Então isso aqui é a partir do empoderamento econômico. Também tem algumas coisas, assim, sobre educação financeira, como salvar, como poupar, porque é importante poupar. A gente fez um *workshop* também, durante a pandemia, de bastante sucesso sobre o LinkedIn, o pessoal estava todo em casa tentando aplicar para emprego de maneira virtual, então a gente fez um sobre como se

apresentar da melhor maneira no LinkedIn. Então essa é a parte empregatícia, né, econômica. Daí tem essa outra parte de liderança e visibilidade política e parte disso se a gente fornece aulas de direitos… por exemplo, os seus direitos como trabalhador nos Estados Unidos, mesmo que imigrante, né. Aqui nos Estados Unidos é lei federal, se você trabalha, você recebe, sabe? A menos que você concordou em ser voluntário. Mas se você concordou a trabalhar por uma troca de dinheiro, você recebe, não interessa se você está aqui com situação imigratória irregularizada, entendeu? E tem muita gente que não entende isso. Então, quando o chefe rouba o dinheiro, quando o chefe fala que vai pagar e não paga, eles pensam que o chefe tem direito de fazer isso, porque eles estão aqui com situação irregularizada ou temporária, "não é para eu trabalhar, então eu não posso reclamar". Isso não é verdade. Então a gente tem aulas sobre os seus direitos dessa forma, a gente tem advogados que vêm de outras ONGs e aí a gente traduz porque realmente é difícil achar advogado pro-bono, né, gratuito, trabalhando no setor organizacional que também é brasileiro. Eu estou esperando ainda para ver esse dia, mas ainda não, não vi. (risos). Vai chegar, nesse momento, só sou eu, nos últimos dez anos, só sou eu (risos). Eu também faço, eu, pessoalmente, faço os direitos de imigração, tipo, como você faz a sua cidadania, como você adquire a sua permanência, como você pode dar a permanência aos seus filhos, ao seus pais… Então, assim, esses *workshops* eu eu faço e tem outras outras coisas de informação que não necessariamente são jurídicas. A gente acabou de fazer um com parceria com o Consulado sobre saúde que foi bem legal, sobre câncer de mama, como prevenir, coisas de risco e tal. E a gente tem um projeto agora de orçamento participativo que a gente tá fazendo parceria com a cidade de Nova Iorque, que a cidade de Nova Iorque tem esse processo agora de orçamento participativo na cidade inteira, né? E o brasileiro não sabe que isso é ideia brasileira, não sabe que o orçamento participativo veio do Brasil, então assim, é bem legal ter essa discussão aqui com eles "você sabia que isso é da gente mesmo e quando a gente está fazendo isso a gente não tá somente sustentando a democracia local, a gente não tá somente nos empoderando para desenvolver as soluções, problemas na nossa comunidades, mas a gente também está agarrando, né, pra gente próprio, nossa própria cultura, algo que a gente inventou, algo que é nosso, que é um sucesso mundial, que a gente importou pro mundo e que a gente não está tomando proveito aqui nesse país", né, é uma oportunidade única da gente ter uma voz, então é uma oportunidade única de tomar algo cultural para nós mesmos aqui em Nova Iorque.

Eu vi seus stories sobre esse orçamento, bem legal que vocês conseguiram e estão participando, então parabéns. Sobre a sua atuação nas redes sociais, porque você decidiu criar um canal de comunicação? Foi alcance, foi potencial de visibilidade?
Alcance. E só pra esclarecer tudo o que foi feito nas redes sociais não são obras minhas, são obras da Danielle. A Danielle está em licença maternidade nesse momento, acabou de ter neném, mas tudo o que foi feito em termos de publicidade veio da cabeça dela, veio do coração dela, não veio de mim. Se eu pudesse fazer esse trabalho no escuro, sem ninguém escutar ou ver eu estava feliz da vida porque eu sou relativamente tímida, não é? Eu não gosto de dar muita informação para muita gente ao mesmo tempo, especialmente através de vídeo e internet, sabe? Então, para mim fica um pouco… eu estou altamente desconfortável colocando vídeos só falando sobre a ONG na internet, a Dani que estimula, sabe. Então, assim, foi feito por uma necessidade de, literalmente, alcançar a população. Tipo, a população

está aqui nessa rede, então é dessa forma que a gente vai alcançar eles, porque é nessa rede que eles estão, sabe? É literalmente isso, se fosse só para dar publicidade a ONG eu não apareceria de jeito nenhum (risos).

E além dela, você tem outras pessoas na equipe que te ajudam voluntariamente? E se sim, qual é a área de atuação de cada pessoa?
Sim, o resto é realmente voluntária. Nesse momento a gente tem a Gigi, que está ajudando com mídia social, tem a Stephanie, que está ajudando no setor jurídico, de políticas públicas, e tem a outra Stephanie, são três Stephanies (risos), a outra Stephanie, a nossa embaixadora, é que a ajuda a gente a se comunicar com outros setores, setor privado, basicamente, ela nos ajuda a comunicar a nossa mensagem ao setor privado, né? A gente chama ela de embaixadora. E tem as nossas quatro… nossa, quase 5… Ok, são três oficiais e duas que vão ser votadas… diretoras de Conselhos são nosso Conselho. Aqui nos Estados Unidos tem esse mecanismo que toda ONG tem que ter um conselho, uma chefia, acima da diretora executiva, o trabalho dessa chefia é voluntário e elas determinam para onde vai a missão e se os programas estão dentro da missão. Então a gente tem essas cinco pessoas, são cinco mulheres, todas imigrantes brasileiras, que nos ajudam nesse aspecto. Tem a Bruna, a Aline, a Helena, a Fátima e a Natália. Inclusive, sem a Natália e Dani não existiria o projeto. A encarnação do projeto, nesse momento, foi uma decisão de nós três. Uma decisão e um compromisso de nós três.

Bacana. Você mencionou que você vem do direito, né? Você tem alguma especialização em direitos humanos ou faz cursos nesse sentido? Direitos humanos ou só destinado para mulheres?
Aqui na escola de direito eles não fazem, assim, geralmente, uma especialização, sabe? Assim, o curso de direito que você faz aqui é uma coisa mais geral, tem uma opção de depois de se formar em direito, você pode fazer um LLM. Um LLM é, na verdade, uma especialização, mas os LLMs não têm aqui na cidade um de direitos humanos, não me interessa, então, realmente não tenho interesse em fazer o LLM, né? Por experiência, literalmente, é o que eu estou profundamente envolvida, inclusive que realmente quando tem cursos disponíveis eu faço e tal, por experiência é o setor de imigração, especialmente a aplicação da lei de imigração às pessoas que estão sobrevivendo a algum tipo de abuso, seja ele doméstico ou sexual ou de tráfico.

E eu acredito que a maior parte das ações do projeto, elas acontecem nos bastidores, né. fora das redes sociais. E você pode listar algumas dessas ações que vocês fazem para resolver os problemas que aparecem, as demandas que surgem?
Sim. Eu acho que a gente mais faz e que realmente nem pode estar nas redes sociais (risos), eu nem sei como colocar isso na rede social, se eu quisesse, é apoio a pessoas que estão em situação de abuso, abuso doméstico, pelo parceiro, sabe, ou abuso pelo empregador, abuso empregatício. Essas pessoas vêm pra gente procurando o que fazer, né, quais são suas opções, e a gente ajuda a fazer um planejamento, especialmente para as vítimas de abuso doméstico, né, abuso do parceiro, a gente ajuda a fazer um plano sem forçar a pessoa a sair da situação de abuso, essa é uma decisão da pessoa, e sem forçar a pessoa a delatar para a polícia. De

novo, essa é uma decisão da pessoa. Quando a pessoa delata o crime à polícia, têm algumas portas que se abrem. Então a gente deixa isso claro para elas, sabe? Mas todas as portas que existem não estão fechadas só porque ela não quer delatar à polícia, sabe? Então, assim, tem outras alternativas se a pessoa não quiser delatar o crime à polícia. E a gente conversa também sobre outros tipos de abuso que não são necessariamente físicos, né, abuso financeiro, abuso psicológico, abuso emocional, que é um abuso tão forte quanto a violência, mas a gente só pensa que "ah, se a violência não é física, então não é abuso". Então a gente tem uma conversa sobre isso também. Então é isso, com as vítimas de abusos, as sobreviventes de abuso, né, a gente conversa sobre as opções dela, a gente não força a nada, a gente não força a pessoa a sair, a gente não força a pessoa a delatar à polícia o crime, nada disso. A gente fala sobre as opções, a gente fala sobre as opções perante o fato que ela tem filhos com o abusador, as opções perante o fato que ela tem uma situação imigratória que é dependente do abusador, né, que realmente pode deixar de ser dependente, dependendo das escolhas dela, sabe? Por exemplo, a gente tem um mecanismo aqui, uma lei que se você é casada com o abusador, que é cidadão americano ou residente permanente, e esse abusador está te agredindo, inclusive agressão psicológica, ameaças, conta, né, você pode fazer a sua aplicação para permanência sem ele, sabe? Então, assim, não precisa sair desse relacionamento, você pode fazer aplicação escondido, claro que você vai ter que adquirir certas evidências, então você vai ter que se abrir mais a certas instituições, não necessariamente a polícia, mas tem que ter uma psicóloga, tem que ter uma agência que te acompanha para poder colocar a evidência do abuso na sua pasta, entendeu? Porque você vai mandar para a imigração. Mas é uma opção. Então a gente conversa sobre isso com as pessoas. Semana passada a gente teve uma vítima de abuso que saiu de casa no meio da noite, né, no desespero porque ela estava sendo ameaçada, o esposo tem um revólver. Daí ela contatou a gente, a gente mandou achou lugar para ela, vaga para ela no abrigo e a gente já está achando programas de apoio para ela não somente ficar no abrigo, mas ela ficar no abrigo com as crianças indo pra escola, com um apoio pra ela, empregatício, pra ela conseguir assistência profissional e aulas de inglês. Ela já conseguiu uma ordem de proteção que afasta o esposo dela, sabe, e as crianças estão protegidas, ela está protegida, então, assim, está tudo encaminhado dentro de uma semana. Esse sucesso é raro, declaração total, um sucesso alto dessa forma é raro, né, tão rápido e tão magnífico, é raro. Mas qualquer sucesso é um sucesso e a jornada geralmente é mais longa do que essa, a gente sempre fala às pessoas, mas a gente está aqui para isso, sabe? A gente está aqui para isso, pra fornecer esse tipo de apoio.

APÊNDICE K - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ E IMAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO GERAL DE IMAGEM E SOM DA VOZ

Eu, _____ (nome completo), _____ (nacionalidade), _____ (estado civil), portador(a) do RG n.º _____, inscrito(a) no CPF sob o n.º_____, residente na Rua _____ n.º __, _____ (cidade) _____ (estado), AUTORIZO o uso de minha imagem e som da voz captados durante entrevista realizada pela estudante do sétimo período da graduação em Publicidade e Propaganda do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe, com o intuito específico de publicação de conteúdo para fins acadêmicos, educacionais ou institucionais, a título universal, em caráter total, definitivo, irrevogável e irretratável, e em especial para compor material de análise científica disposto no *Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe.*

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem e voz na entrevista acima mencionada é concedida à **Universidade Federal de Sergipe** a título gratuito, abrangendo inclusive a licença a terceiros, de forma direta ou indireta, e a inserção em materiais para toda e qualquer finalidade, seja para uso de publicidade, jornalístico, editorial, didático e outros que existam ou venham a existir no futuro, para veiculação/distribuição em território nacional e internacional, por prazo indeterminado.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

_____ (local), ____ de _____ de 2022

_____
Assinatura